

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

Deborah Quintal Vieira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

VIAGEM AO CÉU, DE MONTEIRO LOBATO:
NOTAS SOBRE A FILOGIA AUTORAL

(versão corrigida)

São Paulo
2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

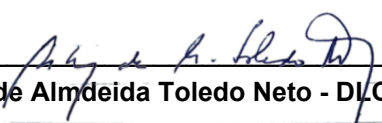
Nome do (a) aluno (a): Deborah Quintal Vieira.

Data da defesa: 20.10.2023.

Nome do Prof. (a) orientador (a): Silvio de Almeida Toledo Neto.

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 21 de fevereiro de 2024.



Silvio de Almeida Toledo Neto - DL/CV - FFLCH

Deborah Quintal Vieira

VIAGEM AO CÉU, DE MONTEIRO LOBATO:

NOTAS SOBRE A FILOGIA AUTORAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto.

(versão corrigida)

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V657v Vieira, Deborah
 Viagem ao céu, de Monteiro Lobato: Notas sobre a
 filologia autoral / Deborah Vieira; orientador Silvio
 Toledo Neto - São Paulo, 2023.
 230 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. LITERATURA INFANTOJUVENIL. 2. PRODUTOS
EDITORIAIS. 3. EDITORAÇÃO. 4. MONTAGEM EDITORIAL. 5.
COMPOSIÇÃO TIPOGRÁFICA. I. Toledo Neto, Silvio,
orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

VIEIRA, Deborah Quintal. *Viagem ao céu, de Monteiro Lobato: notas sobre a filologia autoral*. 2023. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. 308 f.

Aprovado em: 20 de outubro de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sílvio de Almeida Toledo Neto (Presidente)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (Examinador)

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Marcello Chami Rollemberg (Examinador)

Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo

Prof^a. Dr^a Milena Ribeiro Martins (Examinadora)

Departamento de Literatura e Linguística da Universidade Federal do Paraná

A todos que acreditam que um país se faz com homens e livros.

AGRADECIMENTOS

À Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato e a todos os seus funcionários que sempre me atenderam muito bem, em especial a Oiram Antonini pelo entusiasmo lobatiano, a Nelson Somma Junior pela paciência e vasta memória lobatiana e a Antonio Carlos D'Angelo, por permitir acesso a obras raras. Em extensão à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e à Prefeitura da Cidade de São Paulo por manter um projeto tão importante.

À Biblioteca Antonio Candido e ao Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, e a seus funcionários, por permitirem acesso e reprodução de um testemunho. Em extensão ao Governo do Estado de São Paulo, por garantir acesso amplo e irrestrito a obras fundamentais da história do Brasil.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, por permitirem acesso à correspondência que envolve Monteiro Lobato, e pela paciência de seus funcionários cuja prestatividade impulsiona a pesquisa. Em especial ao professor doutor Marcos Antonio de Moraes, cujas aulas e interlocução foram elucidativas para tratar de temas tão delicados como são a Epistolografia e a Crítica Genética.

Ao Ricardo Ferreira, antigo dono da Oficina Finisterre Urupês, outro lobatiano fissurado pelas obras de Lobato e que muito auxiliou esta pesquisa ao prover acesso a dois testemunhos de difícil acesso e cativa e se deixa cativar por qualquer conversa que envolva o autor.

À Alice Mitika Koshiyama, Carmen Lucia Azevedo, Cassiano Nunes, Cilza Carla Bignotto, Eliane Debus, João Luís Ceccantini, José Luiz Ohi, Loide Nascimento de Souza, Magno Silveira, Marcia Camargos, Marisa Lajolo, Milena Ribeiro Martins, Mouzar Benedito, Nelson Palma Travassos, Osni Lourenço, Regina Zilberman, Vladimir Sacchetta e tantos outros pesquisadores e entusiastas da obra lobatiana.

Às professoras doutoras Aline Maria Grego Lins, Alícia Duhá Lose, Cecilia Almeida Salles e Rosa Borges dos Santos, pela importância e seriedade com que lidam com a Filologia e Crítica Genética no Brasil.

Aos professores doutores Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida e Marcelo Módolo por partilharem incondicionalmente seus amplos conhecimentos da área filológica. Ao primeiro pela disponibilidade do diálogo e por apresentar-me à pesquisa acadêmica ao ser meu orientador de iniciação científica; ao segundo, pelo apoio e entusiasmo ao ser apresentado partes da pesquisa ainda em andamento.

Ao professor José Nicolau Gregorin Filho (*in memoriam*), por me orientar no caminho a ser trilhado dentro da Literatura Infantil Brasileira e acreditar no potencial do *corpus* de Monteiro Lobato para o ambiente acadêmico.

Ao professor doutor e meu orientador Silvio de Almeida Toledo Neto, cujo conhecimento, equilíbrio e nível de tolerância são invejáveis dentro e fora da academia.

Aos colegas da academia, que tanto me incentivaram a perseverar na pesquisa, espantaram-se e acompanharam cada descoberta junto a mim: Ana Carolina de Souza Ferreira, Ana Carolina Estremadoiro Prudente do Amaral, Antonio Sergio Ackel Barbosa, Fabio Garcia Dias, Fabio Gimenez, Ivan Douglas de Souza, Maria de Fatima Nunes Madeira, Marina Pessoa, Nicólli de Lima Garcia, Olivia Nogueira de Almeida, Regina Jorge Villela Haüy.

Aos colegas que abriram portas para que eu mostrasse em outros ambientes o andamento da pesquisa e outros assuntos correlatos a Monteiro Lobato, cujas temáticas fui tanto solicitada depois que a obra do autor entrou em domínio público: Lucas de Sena, Maria Carolina Casatti Digiampietri, Pietra Diwan, Thais Travassos.

Aos amigos e colegas do mundo editorial e às casas editoriais por onde passei neste período de pesquisa, por muitas vezes me autorizarem tempo e dedicação à pesquisa acadêmica, com intensa compreensão da importância da contribuição social do mundo acadêmico.

À minha família, a quem devo o que sou: meus pais, Valdez Teresinha Quintal e Jose Mauricio Vieira (*in memoriam*), por apostarem em meu futuro e me ouvirem falar incansavelmente sobre o tema; meu irmão Danilo Quintal Vieira, pela paciência em compreender minhas ausências; meu namorado Ricardo Grego e Giovanni Baraldi Grego, seu filho, pelo apoio e por nunca desistirem de mim nem da minha pesquisa, mesmo nos momentos mais delicados. Ao Paçoca, pelo intenso carinho felino, e à Pretinha, pelo vigoroso amor canino.

Lobato [...] realizou tudo o que desejava, porque para ele a realidade começava e terminava dentro dos limites da ideia. Mostrar o que podia ser feito, o que devia ser feito, e lutar até o momento da aceitação das suas ideias [...].

(Wilson Martins, 1996, p. 88)

RESUMO

VIEIRA, Deborah Quintal. *Viagem ao céu, de Monteiro Lobato*: notas sobre a filologia autoral. 2023. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. 308 f.

Esta dissertação tem como objetivo investigar as etapas de gênese e estabelecimento da obra *Viagem ao céu*, de Monteiro Lobato, com a finalidade de identificar, descrever e analisar as alterações atribuídas ao autor ao longo dos anos. O *corpus* é constituído por 10 testemunhos, publicados entre 1932 e 1948. Partindo dos princípios norteadores da Crítica Genética e da Filologia do Autor, realizam-se, portanto, a recensão de testemunhos e o exame das variantes textuais encontradas. Realiza-se, também, a descrição dos testemunhos de acordo com as determinações da Bibliografia Material. Ao examinar as lições variantes de cada testemunho do texto, foi possível identificar alguns padrões, relacionados à sua classificação e à sua frequência. Identificam-se casos de variação por adição, alteração de ordem, omissão e substituição, além de mudanças na paragrafação e reelaboração textual.

Palavras-chave: *Viagem ao céu*, Monteiro Lobato, Bibliografia material, Crítica genética.

ABSTRACT

VIEIRA, Deborah Quintal. *Viagem ao céu, authored by Monteiro Lobato: Author Philology's Notes*. 2023. Master's Thesis (Master Degree) – Philosophy, Letters and Human Sciences College, São Paulo University, São Paulo, 2023. 308 f.

The main objective of this dissertation is to investigate the settlement and genesis steps of the literary work named *Viagem ao Céu*, authored by Monteiro Lobato, to identify, to describe and to analyze the variations conducted on the text during years by the author. The *corpus* is composed of eight testimonials, published between 1932 and 1948. Considering the guiding fundamentals of the Textual Bibliography and the Genetics, this dissertation shows the resumption from the testimonies and the examination of the variants found in the text. The description of the testimonies was also made according to Material Bibliography rules. During the variant lessons survey from each testimony of the text, it was possible to identify some patterns related to its classification and frequency. It was also possible to recognize variations cases by addition, change of order, omissions, and substitutions, besides paragraph and chapter changes and textual rewriting.

Key words: Viagem ao céu, Monteiro Lobato, Filologia d'autore, Genetics Criticism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Imagem da capa do livro <i>As reinações de Narizinho</i> (1931)	27
Figura 2. Imagem da capa do livro <i>Alice no Paiz das Maravilhas</i> (1931)	29
Figura 3. Imagem da capa do livro <i>A menina do narizinho arrebitado</i> (1920) ..	31
Figura 4. Imagem da capa do livro <i>Narizinho arrebitado</i> (1921).....	32
Figura 5. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1932) (testemunho A)....	70
Figura 6. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1934) (testemunho B)....	71
Figura 7. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1937) (testemunho C) ...	72
Figura 8. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1940) (testemunho D) ...	73
Figura 9. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1943) (testemunho E)....	74
Figura 10. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1943) (testemunho F)...	75
Figura 11. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1945) (testemunho G) ..	76
Figura 12. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1945) (testemunho H) ..	77
Figura 13. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu e O Saci</i> (1947) (testemunho I)	78
Figura 14. Imagem da capa do livro <i>Viagem ao Céu</i> (1948) (testemunho J) ...	79
Figura 15. Peritextual final do testemunho B (p. 116)	81
Figura 16. Peritextual final 2 do testemunho B (p. 117)	82
Figura 17. Peritextual final 3 do testemunho B (p. 118)	83
Figura 18. Peritextual final 4 do testemunho B (p. 119)	84
Figura 19. Peritextual final 5 do testemunho B (p. 120)	85
Figura 20. Peritextual final 6 do testemunho B (p. 121)	86
Figura 21. Peritextual final 7 do testemunho B (p. 122)	87
Figura 22. Peritextual final do testemunho C (p. 122)	88
Figura 23. Peritextual final 2 do testemunho C (p. 123)	89
Figura 24. Peritextual final 3 do testemunho C (p. 124)	90
Figura 25. Sumário do testemunho A.....	93
Figura 26. Sumário do testemunho B.....	94
Figura 27. Sumário do testemunho C.....	95
Figura 28. Sumário do testemunho D.....	96
Figura 29. Sumário do testemunho E.....	97
Figura 30. Sumário do testemunho F	98
Figura 31. Sumário do testemunho G	99
Figura 32. Sumário do testemunho H.....	100
Figura 33. Sumário do testemunho I	101

Figura 34. Sumário do testemunho J	102
Figura 35. Capa da obra <i>O Saci</i>	119
Figura 36. Capa da obra <i>Novas reações de Narizinho</i>	120
Figura 37. Etiqueta da embalagem onde se encontra o testemunho C.....	121
Figura 38. Embalagem onde se encontra o testemunho C	122
Figura 39. Anotação a lápis da página 11	123
Figura 40. Anotação à caneta da página 12.....	123
Figura 41. Anotação a lápis da página 11	124
Figura 42. Indicação de sublinhação no testemunho C.....	125
Figura 43. Indicação de circulação no testemunho C.....	125
Figura 44. Indicação de inversão no testemunho C	125
Figura 45. Indicação de alteração na diagramação no testemunho C	126
Figura 46. Solicitação de substituição por superposição de frase completa pelo sujeito “A negra”	126
Figura 47. Solicitação de substituição por superposição de parte de palavra no testemunho C.....	127
Figura 48. Solicitação de substituição por superposição (“Fada de Pixe?”)...	127
Figura 49. Solicitação de emenda por omissão.....	128
Figura 50. Pedaco de papel colado cujo texto é datiloscrito	128
Figura 51. Solicitação de mudança do nome do personagem Teodomiro	129
Figura 52. Solicitação de omissão em testemunho C	129
Figura 53. Trecho de testemunho D.....	130
Figura 54. Solicitações de substituição em testemunho C	130
Figura 55. Trecho de testemunho D.....	130
Figura 56. Solicitação de substituição em testemunho C.....	131
Figura 57. Trecho de testemunho D.....	131
Figura 58. Exemplo de variante de composição no testemunho C	131
Figura 59. Exemplo de variante de composição corrigido no testemunho D..	131
Figura 60. Exemplo de variante de composição no testemunho C	132
Figura 61. Exemplo de variante de composição corrigido no testemunho D..	132
Figura 62. Solicitações de exclusão em nota de rodapé do testemunho C....	132
Figura 63. Trecho de nota de rodapé de testemunho D.....	133
Figura 64. Trecho de testemunho D onde se constata a omissão de “Fada de Pixe”	133
Figura 65. Imagem da página 43 do testemunho D, cujos conteúdos e imagens foram omitidos em testemunho E.....	138

Figura 66. Colofão dos testemunhos E e F	141
Figura 67. Folha de rosto do testemunho E	142
Figura 68. Folha de rosto do testemunho F	143
Figura 69. Trecho da página 30 do testemunho G com a antepenúltima linha composta de cabeça par baixo e na localização incorreta	145
Figura 70. Trecho da página 84 do testemunho G com linhas repetidas	145
Figura 71. Folha de rosto do testemunho G.....	149
Figura 72. Folha de rosto do testemunho H	150
Figura 73. Colofão do testemunho H.....	151
Figura 74. Trecho da página 34 do testemunho I – frase incompleta.....	154
Figura 75. Página de rosto do testemunho G.....	157
Figura 76. Página de rosto do testemunho J.....	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Edições, anos e editoras de <i>Viagem ao Céu</i> (1932-1948)	53
Quadro 2. Edições, anos, editoras e ilustradores de <i>Viagem ao Céu</i> (1932-1948).....	54
Quadro 3. Testemunhos e suas localizações.....	57
Quadro 4. Encadeamento I	69
Quadro 5. Encadeamento II	69
Quadro 6. Peritextuais finais do testemunho B	80
Quadro 7. Peritextuais finais do testemunho C	80
Quadro 8. Equivalência entre as páginas peritextuais finais dos testemunhos B e C	91
Quadro 9. Testemunhos, números de página e quantidade de linhas máxima na mancha	91
Quadro 10. Testemunhos e seus locais de impressão.....	92
Quadro 11. Sumários do encadeamento I.....	103
Quadro 12. Sumários do encadeamento II.....	103
Quadro 13. Transcrição tabulada do capítulo I do testemunho A (somente linhas onde há variantes no testemunho B).....	105
Quadro 14. Exemplo de troca de ordem entre os testemunhos A e B	106
Quadro 15. Exemplo de substituição entre os testemunhos A e B.....	106
Quadro 16. Exemplo de adição entre os testemunhos A e B.....	106
Quadro 17. Exemplo de omissão entre os testemunhos A e B	106
Quadro 18. Exemplo de paragrafação entre os testemunhos A e B	106
Quadro 19. Trecho de cotejo entre testemunho A e B, com substituição.....	117
Quadro 20. Trecho de cotejo entre testemunho A e B, com adição	117
Quadro 21. Trecho de cotejo entre testemunho B e C, com adição.....	118
Quadro 22. Trecho de cotejo entre testemunho B e C, com adição.....	118
Quadro 23. Transcrição linear da indicação de sublinhação no testemunho C...	125
Quadro 24. Transcrição linear da indicação de circulação no testemunho C....	125
Quadro 25. Transcrição linear da indicação de inversão no testemunho C ...	125
Quadro 26. Transcrição linear com indicação de alteração na diagramação no testemunho C.....	126
Quadro 27. Transcrição linear com solicitação de substituição por superposição no testemunho C	126
Quadro 28. Transcrição linear de solicitação de substituição de parte de palavra no testemunho C	127

Quadro 29. Transcrição linear de solicitação de substituição por superposição (“Fada de Pixe”)	127
Quadro 30. Transcrição linear com solicitação de emenda por omissão	128
Quadro 31. Transcrição linear de pedaço de papel colado cujo texto é datiloscrito	128
Quadro 32. Transcrição linear de mudança de nome do personagem Teodomiro	129
Quadro 33. Transcrição linear de solicitação de omissão em testemunho C efetivada em testemunho D.....	130
Quadro 34. Trecho de testemunho D	130
Quadro 35. Transcrição linear de solicitação de substituição em testemunho C	131
Quadro 36. Transcrição linear de exemplo de variante de composição corrigido	132
Quadro 37. Transcrição linear de exemplo de variante de composição corrigido	132
Quadro 38. Transcrição linear de solicitação de exclusão em testemunho C em nota de rodapé e suas efetivas substituições em testemunho D.....	133
Quadro 39. Capas dos testemunhos D e E	134
Quadro 40. Índice dos testemunhos D e E (imagem).....	134
Quadro 41. Índice dos testemunhos D e E (tabulação).....	136
Quadro 42. Nota de rodapé cujo conteúdo vira uma fala e cujo título da obra citada é trocado	136
Quadro 43. Adição de textos em meio a uma linha.....	137
Quadro 44. Trecho de cotejo entre testemunho D e E, com adição de diálogos.....	139
Quadro 45. Trecho de cotejo entre testemunho D e E, com adição de conteúdos.....	139
Quadro 46. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – nomenclaturas	144
Quadro 47. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – léguas e quilômetros	144
Quadro 48. Trecho de cotejo entre testemunho E e G, com linha composta de cabeça para baixo	145
Quadro 49. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – linhas repetidas	146
Quadro 50. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – grandezas.....	146
Quadro 51. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – anos.....	147
Quadro 52. Trecho do cotejo entre os testemunhos E e G – cócaras/cócoras	147

Quadro 53. Imagens de capa dos testemunhos G e I	152
Quadro 54. Trecho de cotejo entre os testemunhos G e I – cócaras/cócoras.....	153
Quadro 55. Trecho de cotejo entre os testemunhos G e I – variantes de composição	153
Quadro 56. Trecho de cotejo entre os testemunhos G e I – dias de translação de Vênus	154
Quadro 57. Trechos de cotejo entre os testemunhos G e I – anos	154
Quadro 58. Trecho de cotejo entre testemunhos G e I – omissão e composição	154
Quadro 59. Características dos testemunhos G, H, I e J	155
Quadro 60. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I..	159
Quadro 61. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I (data).....	159
Quadro 62. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I (data).....	159
Quadro 63. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição e adição em I (duração).....	159
Quadro 64. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I (data).....	159
Quadro 65. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: omissão em I	159
Quadro 66. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: omissão em I	160
Quadro 67. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: adição em I	160
Quadro 68. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J – variantes idênticas I e J	160
Quadro 69. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J – variantes idênticas I e J	161
Quadro 70. Variantes somente em testemunho J – substituição	161
Quadro 71. Variantes somente em testemunho J – omissão	161
Quadro 72. Variantes somente em testemunho J – adição.....	162
Quadro 73. Variantes somente em testemunho J – omissão e adição	162
Quadro 74. Variantes somente em testemunho J – adição (parágrafo integral).....	162

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1. MONTEIRO LOBATO: AUTOR, EDITOR E EMPRESÁRIO	23
1.1 O homem	23
1.2 O autor	25
1.3 O editor da própria obra	28
1.4 O empresário editorial	36
2 VIAGEM AO CÉU, A OBRA	39
2.1 Enredo	39
2.2 A Biblioteca Pedagógica Brasileira	40
2.3 Inspirações	45
2.4 Impressões e editoras	52
2.5 As variantes de <i>Viagem ao Céu</i>	54
3 OS TESTEMUNHOS	55
3.1 A recensão	55
3.2 Descrição do <i>corpus</i> , digitação e tabulação	57
3.3 Análise visual dos testemunhos	68
3.4 Encadeamento dos testemunhos e definição de texto-base	103
3.5 Agentes envolvidos na montagem da obra	107
3.6 O aparato crítico-genético	111
4 A CRÍTICA DAS VARIANTES	115
4.1 O encadeamento I	116
4.1.1 Os testemunhos A e B	116
4.1.2 Os testemunhos B e C	118
4.1.3 O testemunho C	121
4.1.4 Os testemunhos C e D	129
4.1.5 Os testemunhos D e E	134

4.2 O encadeamento II.....	141
4.2.1 Os testemunhos E e F	141
4.2.1 Os testemunhos E e G.....	144
4.2.2 Os testemunhos G e H.....	148
4.2.2 Os testemunhos G e I.....	152
4.2.3 Os testemunhos G, H, I e J.....	155
4.2.4 Os testemunhos G e J.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
ANEXOS	171
ANEXO A. Cotejo entre os testemunhos A e B (filtro linha)	172
ANEXO B. Cotejo entre os testemunhos B e C (filtro linha)	175
ANEXO C. Edição fac-similar e genética do testemunho C.....	176
ANEXO D. Cotejo entre os testemunhos C e D (filtro linha)	264
ANEXO E. Solicitações do testemunho C efetivados em testemunho D..	268
ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo)	269
ANEXO G. Cotejo do capítulo VII do testemunho D e X do testemunho E (equivalência conteúdo)	281
ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo)	285
ANEXO I. Cotejo entre os testemunhos E e G (filtro linha)	297
ANEXO J. Cotejo entre os testemunhos E e G (filtro linha) ...	299
ANEXO K. Cotejo entre os testemunhos I e J (filtro variantes idênticas) ...	304
ANEXO L. Cotejo entre os testemunhos G e J (filtro linha)	305

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato (1882-1948) foi um importante autor e editor brasileiro. Começou a carreira autoral publicando artigos e contos enquanto ainda era aluno na Faculdade de Direito de São Paulo, alguns sob diversos pseudônimos. Mais tarde, o artigo “Velha Praga” – um dos inúmeros publicados pelo autor n’*O Estado de S.Paulo* –, que apresentava uma queixa sobre o costume perigoso das queimadas nas plantações, foi o que concedeu notoriedade ao seu autor, além de ter sido importante na “decisão final de vender a fazenda e tornar-se um escritor em tempo integral” (HALLEWELL, 2005, p. 315).

Em 1916, já a partir do terceiro número da recém-lançada *Revista do Brasil* – um dos mais influentes mensários da época e parte do mesmo grupo d’*O Estado* – há textos assinados por Lobato (SILVA, 2011, p. 1). *A priori* como colaborador, o escritor torna-se diretor do periódico em maio de 1918 ao comprá-lo.

Em 28 de janeiro de 1917, na edição vespertina de *O Estado de S.Paulo*, conhecida popularmente por *Estadinho*, sob o título “Mitologia brasílica”, Lobato anunciou:

O Estadinho inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou enquête, como diz o Trianon na sua meia-língua. Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o Saci. (ESTADINHO, 1917, p. 1).

As enquetes estavam “na moda, assim como o saci, que foram peça teatral em 1914 e tanguinho em 1915” (LAJOLO, 2014, p. 28-29), reforçadas pelo próprio autor que afirmava ser a forma “mais razoável” para “ventilar uma criação puramente subjetiva”. Lobato então recebeu inúmeras cartas de Minas Gerais, do Estado do Rio e, sobretudo, de diversas regiões paulistas. Algumas dessas cartas – acrescidas de mais alguns contos escritos pelo próprio Lobato – foram publicadas em *Sacy-pererê: resultado de um inquérito*, obra financiada “por Lobato e por alguns patrocinadores que anunciaram produtos em páginas do livro” (BIGNOTTO, 2007, p. 197). O *Sacy-pererê* fez muito sucesso, com “duas impressões esgotadas até princípios de julho de 1918” (HALLEWELL, 2005, p. 352), ou seja, dois meses após o lançamento.

Aproveitando-se do sucesso repentino da obra *A menina do narizinho arrebitado*, decidiu entrar de vez para a literatura infantil em 1921 e, “num momento

de loucura” (HALLEWELL, 2005, p. 352), fez uma tiragem de 50.500 exemplares da obra *Narizinho arrebitado* – uma edição reduzida e em formato escolar de *A menina do narizinho arrebitado* –, o que lhe permitiu fixar o preço da obra (2\$500) e distribuir gratuitamente 500 exemplares em escolas, ato percebido pelo governador do estado na época, Washington Luís, o qual encomendou 30 mil exemplares (HALLEWELL, 2005, p. 374-375). Desde esse momento, Lobato não parou mais de produzir obras infantis.

Como sequência à história de *Narizinho arrebitado*, Lobato publicou os títulos: *O Marquez de Rabico'* (1922); *A caçada da Onça, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Felix, A Cara de Coruja* (1928); *O irmão Pinocchio, O circo de escavalinho* (1929); *Pena de papagaio e O pó de pirlimpimpim* (1930).

Em 1931, Lobato publicou, como primeiro volume da Série I (dedicada à literatura Infantil) da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, *Narizinho arrebitado*, obra “remodelada” (LAJOLO, 1985, p. 47) para entrar nessa série, ou seja: revisada, reorganizada, editada. No mesmo ano e dentro da mesma série, publica-se *Alice no País das maravilhas*, uma tradução/versão da obra de Lewis Carroll feita pelo próprio Lobato. E então, em 1932 e como volume III desta série, a obra *Viagem ao céu* foi publicada.

Viagem ao céu foi, portanto, a primeira obra criada especialmente para essa coleção, sem haver obra que a embasasse anteriormente (seja *Narizinho arrebitado*, publicada inicialmente em 1921 e remodelada para esta coleção, ou *Alice's Adventures in Wonderland*, publicada na Inglaterra em 1865). Depois de sua estadia em Nova York, Lobato percebe que faltava uma obra que apresentasse informações relativas ao progresso cientificista, à modernização, atendendo a temas da Escola Nova: o ensino voltado à “difusão da tecnologia e com um conteúdo programático” (LAJOLO, 1985, p. 49), consequências do começo do processo de industrialização e capitalismo no Brasil.

O enredo da obra, como o próprio título diz, é um passeio dos personagens Emília, Narizinho, Pedrinho, Tia Nastácia, Visconde de Sabugosa e Burro Falante pela Via Láctea, onde aprendem noções de física e astronomia (primeiro na teoria com Dona Benta no Sítio do Pica-pau Amarelo e depois na prática na própria Via Láctea). Retornam ao sítio devido a um grito de Dona Benta, que os chama de volta – compelida por astrônomos que vão até o sítio avisar que havia

“perturbações inexplicáveis” em nosso sistema planetário devidas a “dois meninos, uma boneca, um burro e um sabugo de cartola que andam a fazer estripulias no éter” (LOBATO, 1947, p. 148).

Durante nossa pesquisa, foram localizados 10 testemunhos¹ da obra *Viagem ao céu*, publicados entre 1932 e 1948. A constatação de que esses testemunhos apresentam variantes² substantivas, ou seja, que alteram o sentido do texto de uma edição para a outra, e uma nota de rodapé (MARTINS, 2008, nota de rodapé, p. 209) provocando esta pesquisa motivaram o nosso interesse por fazer um cotejo extensivo, o qual fundamenta o estudo desenvolvido nesta dissertação.

1. MONTEIRO LOBATO: AUTOR, EDITOR E EMPRESÁRIO

1.1 O homem

O ano era 1882, o Brasil ainda era governado por um monarca, D. Pedro II; o país ainda era escravocrata (apesar de a Lei do Ventre Livre haver sido assinada onze anos antes, a Abolição da Escravatura só viria em 1888) e rural, com inúmeras propriedades de terras em mãos de grandes fazendeiros (BRASIL, 1871; 1888). Nascia, em 18 de abril daquele ano, na cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo, José Renato Monteiro Lobato.

José Renato era filho de Olympia Augusta Monteiro e de José Bento Marcondes Lobato. Olympia era filha de José Francisco Monteiro, o Visconde de Tremembé, e de Anacleta Augusta do Amor Divino, e tinha mais dois irmãos: Francisco Alves Monteiro Neto e José Francisco Monteiro Júnior (tios, portanto, de José Renato Monteiro Lobato), que não deixaram descendentes. José Renato era, então, único neto do sexo masculino do Visconde de Tremembé.

Aos onze anos, em 1893, José Renato modificou o próprio nome para José Bento, como o de seu pai, por causa de uma bengala fina e elegante herdada deste, cujo castão era adornado por quatro letras inscritas em ouro (J.B.M.L.), que o garoto

¹ Testemunho é o exemplar de um texto com todas as características próprias: suportes, lições, variantes (GLOSSÁRIO, [s.d.]).

² O termo “variante” é utilizado quando as lições de um testemunho se distinguem de outra em diferente testemunho (GLOSSÁRIO, [s.d.]).

tinha muito desejo de usar, pois era na época símbolo do refinamento masculino (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 87).³

Em 13 de junho de 1898, quando Monteiro Lobato tinha apenas 16 anos, faleceu o senhor José Bento, seu pai, e, em 22 de junho de 1899, faleceu dona Olympia, sua mãe (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 88). O Visconde de Tremembé assumiu, então, a tutela dos netos José Bento, Esther e Judith. Naquela época, Monteiro Lobato tinha a intenção de se matricular na Escola de Belas Artes, mas, “por imposição do avô” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 3), matriculou-se, no ano seguinte, na faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Em 1905, formado, retornou a Taubaté e iniciou namoro com Maria da Pureza de Castro Natividade, a quem “sempre chamará carinhosamente de Purezinha” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 89), e de quem ficou noivo no ano seguinte. Casou-se em 1908 e, em 1909, tornou-se pai de Martha. Em 1910, nasceu Edgar; em 1912, Guilherme; e em 1916, Ruth (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 2001, p. 90-93).

Com relação às cidades onde morou, além de Taubaté, onde nasceu, foi fazendeiro e promotor público, e São Paulo, onde estudou e empreendeu, Monteiro Lobato também exerceu a profissão de promotor público em Areias (cidade pequena também do Vale do Paraíba) até a morte do avô, em 29 de março de 1911, quando precisou retornar a Taubaté para assumir os negócios familiares. Em 1917, após a venda da Fazenda do Buquira, mudou-se para São Paulo. Depois, morou com a família para o Rio de Janeiro, onde ficou até 1927. Transferiu-se para Nova York, nos Estados Unidos, em 1927, voltando a São Paulo em 1931. Em 1946 mudou-se para Buenos Aires, na Argentina, voltando a São Paulo em 1948, cidade onde veio a falecer.

Sua saga industrial começou em São Paulo, ao comprar a *Revista do Brasil* (1918). Depois, associado à Olegário Ribeiro & Cia., Monteiro Lobato formou a Olegário Ribeiro, Lobato & Cia (1919). Em 1920, fundou a Monteiro Lobato & Cia. Dois anos depois, Monteiro Lobato montou o maior parque gráfico da América Latina e,

³ Não encontramos, até o momento, um documento oficial solicitando a alteração do nome, além de um relato de que ele exigiu que seu professor começasse a lhe chamar de “José Bento” a partir daquele momento.

para isso, ampliou a Monteiro Lobato & Cia, tornando-a a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato. A partir de 1926, tornou-se sócio da Companhia Editora Nacional, fundada um ano antes (BIGNOTTO, 2018, p. 298-302).

Na sequência, em 1946, tornou-se sócio da Editora Brasiliense e, no mesmo ano, mudou-se para Buenos Aires, na Argentina, e fundou a Editorial Acteon, voltando em agosto do ano seguinte a São Paulo. Faleceu em 4 de julho de 1948, vítima de um derrame (MONTEIRO, 2018).

1.2 O autor

Desde 1903, Monteiro Lobato colaborava com artigos, contos e crônicas em diversas revistas – *O Minarete*, *O Combatente*, *Paraíba*, *Revista do Brasil*, *Vida Moderna*, *O Queixoso*, *A Cigarra*, *Parafuso*, *O Pirralho*, entre outras. As temáticas preferidas eram política, memória, futebol, fumo, boemia, literatura e exercícios literários, filosofia e educação. “Tudo servia, portanto, como motivo” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 86).

Da *Revista do Brasil*, foi autor antes de se tornar diretor, colaborando com contos ou artigos referentes a pintores e pinturas. Seu primeiro livro autoral, *Urupês* (1918), é uma reunião dos contos anteriormente publicados nesta revista, porém com os títulos e os conteúdos remodelados, conforme analisa Martins (2003). A divulgação desses textos atraiu para o autor “inúmeros admiradores” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 175), e esta admiração motivou Lobato a continuar publicando, e a escrita tornou-se para ele uma “atividade febril” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 175).

Na obra adulta, Lobato publicou:

- 1918 – *O Sacy-Pererê: resultado de um inquérito e Urupês*
- 1919 – *Cidades mortas*
- 1920 – *Negrinha e Idéas de Jéca Tatu*
- 1921 – *Os Negros ou “Elle e o Outro” e A onda verde*
- 1923 – *O macaco que se fez homem, Mundo da lua e Contos escolhidos*
- 1926 – *O choque das raças*
- 1927 – *Mister Slang e o Brasil*
- 1931 – *Ferro*
- 1932 – *América*

- 1933 – *Na antevéspera e Contos leves*
- 1936 – *O escândalo do petróleo*
- 1940 – *Contos pesados*
- 1944 – *A barca de Gleyre*
- 1947 – *Zé Brasil*

Na Literatura Infantil, Lobato publicou:

- 1920 – *A menina do narizinho arrebitado* (5 edições até 1928)
- 1921 – *Narizinho Arrebitado* (apenas 1 edição), *O saci* (10 edições até 1947) e *Fábulas de Narizinho* (apenas 1 edição)
- 1922 – *O Marquez de Rabicó* (3 edições até 1929) e *Fábulas* (12 edições até 1947)
- 1924 – *A caçada da onça* (3 edições até 1928), *Jeca Tatuzinho* (4 edições até 1947), *O garimpeiro do Rio das Garças*
- 1927 – *As aventuras de Hans Staden* (6 edições até 1947)
- 1928 – *O noivado de Narizinho*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Félix*, *A Cara de Coruja*
- 1929 – *O irmão Pinocchio* e *O circo de escavalinho*
- 1930 – *Pena de Papagaio*, *O pó de Pirlimpimpim* e *Peter Pan* (5 edições até 1947)
- 1931 – *As reinações de Narizinho* (13 edições até 1947)

As reinações de Narizinho (1931) é o livro inaugural da Bibliotheca Pedagógica Brasileira (BPB), Serie I – dedicada à Literatura Infantil, conforme ilustra a figura 1. É interessante notar que, na parte superior de sua capa, ela é identificada como parte da “BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA”, “1ª SERIE” e “1º VOLUME”. Em *As reinações de Narizinho*, a parte superior da capa apresenta o nome da BPB por extenso, a série e o volume são identificados com numerais ordinais (1ª e 1º, respectivamente), o título da obra e o nome do autor aparecem dentro do contorno da imagem e, na parte inferior, há o nome e o endereço da editora “Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 26-28 – São Paulo”.

Figura 1. Imagem da capa do livro *As reinações de Narizinho* (1931)



Fonte: Silveira (2022). Ilustração: Jean Gabriel Villin. Disponível em: <https://bibliotecadovisconde.com.br/15-reinacoes-de-narizinho-1931/>.

Publicada também em 1931, a segunda obra da BPB foi a tradução *Alice no Paiz das Maravilhas*, conforme ilustra a figura 2. Também esta obra é identificada como parte da BPB, “Serie I” e “Vol. II”, porém com projeto gráfico diferente do da obra *As reinações de Narizinho*. Em sua capa, não existe nem o nome do autor original (Carroll) nem o de seu tradutor (Lobato), o nome da editora aparece abreviado (Cia.) em formato de logotipo na parte superior esquerda, a Bibliotheca Pedagogica Brasileira (agora escrita com “th”) agora também tem logotipo (BPB) junto ao da editora e aparece também a identificação “literatura infantil”. A série é referida com numeral romano (Serie I) e o volume (agora abreviado “Vol.”), com numeral romano.

A obra *Viagem ao céu* foi publicada em 1932, já como terceiro volume da Serie I da BPB – e teve 10 edições até 1948. Esta obra apresenta, como em *Alice no Paiz das Maravilhas*, o título da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, Série I, Literatura Infantil e Vol III. Lobato publicou então, as obras *História do mundo para crianças* e *Caçadas de Pedrinho* em 1933.

Os livros autorais publicados a partir de 1934 são: *Emilia no país da gramática*, *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta*, *História das invenções*, *Dom Quixote das crianças*, *Memórias da Emília*, *O poço do Visconde*, *Serões de Dona Benta*, *Histórias de Tia Nastácia*, *O Pica-pau Amarelo*, *O minotauro*, *A reforma da natureza*, *O espanto das gentes*, *A chave do tamanho*, *Os doze trabalhos de Hércules* e, finalmente, em 1947, a coleção *Obras completas*.

Ao constatarmos a quantidade de obras publicadas, além das revisões de reimpressões, traduções, revisões de traduções, adaptações e versões – que somam mais de 70 títulos, de acordo com Lajolo (2003) –, é possível concluir que sua vida literária produtiva foi abundante e fervorosa.

1.3 O editor da própria obra

Ao republicar seus artigos, contos e crônicas em livros, jornais ou revistas, Lobato sempre lhes passava o “pente fino, corrigindo aqui, podendo ali, acrescentando acolá. Só ganharam forma definitiva nos livros, e mesmo assim, a cada nova edição, as alterações não são pequenas” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 85).

Figura 2. Imagem da capa do livro *Alice no Paiz das Maravilhas* (1931)



Fonte: Estante (2015). Ilustração: refeita por J.U. Campos com base em ilustração internacional.

Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/fotos/literatura,estante-alice-no-pais-das-maravilhas,424717>.

O biógrafo Edgar Cavalheiro afirma ainda que Lobato já era visto pelos seus colegas como alguém que possuía a “prática do metier [de editor]”. Ele começou então a publicar alguns livros com sua própria curadoria e supervisão e, assim, “se tornará [...] autor e editor” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 176). Diz o escritor: “Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor [...] e, conforme correrem as coisas ou continuo ou vou tocar outra sanfona” (LOBATO, 1944, p. 359).

Acreditando tratar-se de produto popular e de boa vendagem, Lobato editou *O Sacy-Pererê* com cerca de 300 páginas e uma tiragem inicial de 2 mil exemplares, “de modo que minha estreia literária será um livro não assinado e feito com material dos outros” (LOBATO, 1957, p. 51).

O autor afirmou ainda que:

Meu saci está pronto, isto é, composto. Falta só a impressão. Meto-me livro a dentro a corcovear como burro bravo em prefácio, prólogo, proêmio, dedicatória, notas, epílogo; em tudo com o maior desplante e topete do mundo (LOBATO, 1957, p. 160).

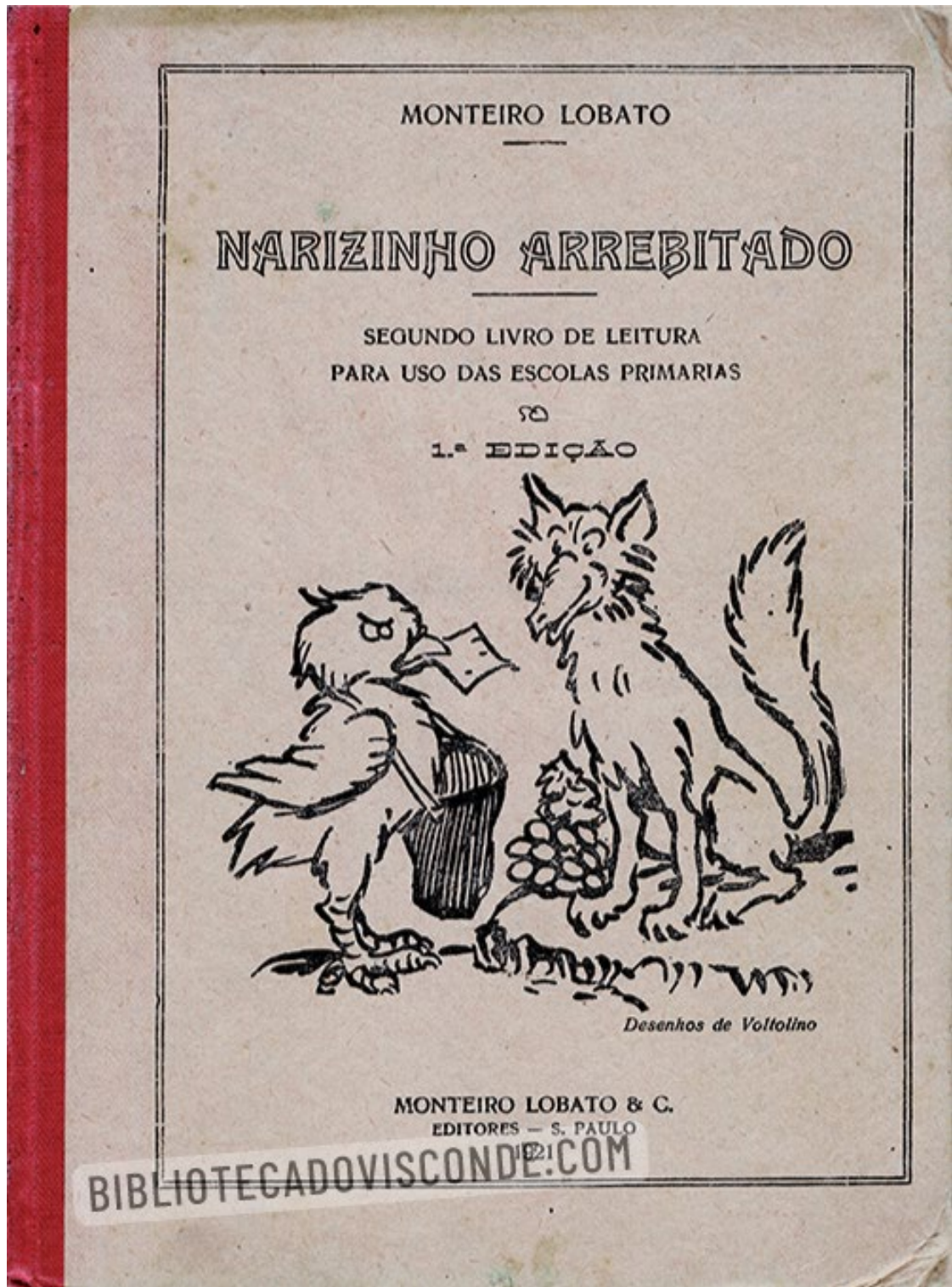
No mesmo ano, Lobato anuncia na *Revista do Brasil* que reuniria 10 contos em um único volume, intitulado *Dez Mortes Trágicas*, título modificado – por sugestão de Arthur Neiva – para *Urupês* (CAVALHEIRO, 1956a, p. 185). Cavalheiro explicita que alguns dos contos agrupados em *Urupês* já haviam sido publicados anteriormente e foram revisados, alterados e tiveram seus títulos modificados. Assim que lançado, o livro esgotou-se em um mês, e Lobato afirma que reviu “as provas da segunda edição” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 191). Depois dos sucessos editoriais de *Sacy Pererê*, *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920), Lobato resolve investir nos leitores infantis e publica *A menina do Narizinho arrebitado* na época do Natal de 1920 (figura 3).

Já o livro *Narizinho arrebitado* (figura 4), “uma versão ampliada [de *A menina do Narizinho arrebitado*] com novas aventuras e personagens” (SILVEIRA, 2022), é publicado em janeiro de 1921. Na sequência publica 10 (dez) títulos infantis com enredos sequenciais à *Narizinho arrebitado*, conforme já explicitado.

Figura 3. Imagem da capa do livro *A menina do narizinho arrebitado* (1920)



Fonte: Biblioteca (2022). Ilustração: Voltolino. Disponível em:
https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7452/1/45000025027_Output.o.pdf.

Figura 4. Imagem da capa do livro *Narizinho arrebitado* (1921)

Fonte: Silveira (2022). Ilustração: Jean Gabriel Villin. Disponível em:
https://bibliotecadovisconde.com.br/wp-content/uploads/2020/10/02_Narizinho_Arrebitado.png.

Segundo Cavalheiro (1956a), os livros lançados exigiam trabalho, pois “as reedições não tardam, e eles *[sic]* requerem revisões, cortes, acréscimos ou alterações” (p. 244). O autor acrescenta ainda que:

[...] à medida que os anos correm, o escritor os vai aperfeiçoando. Remodela, amplia, funde histórias, dá mais vida e colorido às aventuras. (CAVALHEIRO, 1956b, p. 159)

Além dessas obras, Lobato teria mais tarde editado (ou seja, acrescentado, suprimido, reelaborado, rearranjado) muitas de suas obras.

Não imaginas [...] a minha luta para extirpar a “literatura” dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda os estraguem. [...] As narrativas precisam correr a galope, sem nenhum enfeite literário. (CAVALHEIRO, 1956b, p. 164)

Em 1931, juntou então todas essas edições e, “ainda muito mais expandido”, publica tudo num único livro sob o título *As reinações de Narizinho* (LAJOLO, 2008, p. 77). Sobre essa edição de 1931, Lobato escreve ao amigo Godofredo Rangel antes de sua publicação:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. (LOBATO, 1957, p. 329)

Edgar Cavalheiro reconhece a beleza dessas alterações autorais: “[...] e, nas edições subseqüentes, melhorou a obra, fazendo com que, para a meninada do Sítio do Picapau Amarelo não existisse distinção alguma entre o maravilhoso e a realidade” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 578).

Como exemplo de alterações autorais, apresentamos a obra *Fábulas de Narizinho*, publicada em 1921, que continha “29 fábulas e 76 páginas não numeradas” (LAJOLO, 2008, p. 105). No ano seguinte, seu título mudou para *Fábulas* e passou a conter “77 textos”. Nela, há reelaboração de subtítulos e textos, novas subdivisões de capítulos, acréscimo de notas de rodapé e a informação de que ela fora aprovada pela Diretoria da Instrução Pública de São Paulo, Paraná e Ceará. Em 1925, houve mudanças nos subtítulos. E, em 1943, há três contos a menos, além de comentários de personagens do Sítio, até então inéditos.

Em uma carta enviada por Edith Canto⁴ a Lobato, datada de 12 de janeiro de 1944, a garota afirma que:

O que muito me agradou na nova edição das “Fábulas” foi o comentário do pessoal do sítio. Comentário “batatal” que dá margem a outros comentários... (IEB/USP, Cx. 01, p. 02, 19).

Souza (2008) afirma que Lobato realizou “frequentes revisões, nas quais eliminava arcaísmos e expressões muito eruditas” (p. 117) em todas as obras/reedições/traduições que publicou. Pallotta (2008) reafirma esta posição autoral ao afirmar que Lobato costumava “revisar suas obras a cada nova edição produzida” (p. 222).

Sobre a reescrita de obras, em carta de 1º de fevereiro de 1943 a Godofredo Rangel, Lobato afirma:

De tanto escrever para elas [as crianças], simplifiquei-me, aproximei-me do certo... estou tirando tudo que é empaste.

O último submetido a tratamento foram as Fábulas. Como o achei pedante e requintado! Dele raspei quase um quilo de “literatura” e mesmo assim ficou alguma. O processo da raspagem não é o melhor, porque deixa sinais – ou “esquírolas”, como eu diria se ainda tivesse coragem de escrever como antigamente. (LOBATO, 1972, p. 357)

Souza (2008) enumera alguns casos em que o autor interveio no texto da obra *Fábulas* em diferentes testemunhos: em forma de alteração de ordem, omissão, substituição e adição de capítulos, trechos, notas de rodapé e o aparecimento do carimbo de aprovação pela Diretoria da Instrução Pública do Estado de São Paulo. Sobre a mesma obra, Souza (2008) afirma que “ao longo das várias edições de *Fábulas*, Lobato realizava frequentes revisões, nas quais eliminava arcaísmos e expressões muito eruditas” (p. 117).

Esses exemplos mostram talvez uma constante inquietação do escritor na busca do que seria mais atraente para as crianças. Além disso, Monteiro Lobato se preocupava ainda com a atualização do texto e defendia o abasileiramento da linguagem, por meio do aproveitamento do que era mais corrente na modalidade oral. (SOUZA, 2008, p. 109)

⁴ Edith Canto (que por vezes se assina Edite Canto) era de Botucatu e, em uma carta de dezembro de 1939, afirmou estar fazendo exames orais para completar a terceira série do curso primário (hoje quarto ano do Ensino Fundamental). Assim, Edith deve ter nascido por volta de 1930. Nessa carta ela tinha provavelmente 14 anos.

Ao analisar a obra *História do mundo para crianças*, Pallotta (2008) afirma que,

Como Monteiro Lobato costumava revisar suas obras a cada nova edição produzida, [...] nota-se que as revisões produziram sobretudo três tipos de alterações: simplificação da linguagem, inserção de novos acontecimentos mundiais (atualização de conteúdo) e ênfase em momentos reflexivos e questionadores dos assuntos apresentados.

Por meio, principalmente, da substituição de certos termos e certas expressões de uma edição para outra, o texto foi “lapidado”, as informações são expostas de forma mais explícita, mais compreensível e até com mais exatidão. (p. 222)

Além das preocupações literárias, Lobato cita, em duas cartas a Jerônimo Monteiro, alguns motivos para se escrever livros passíveis de serem sempre reeditados: a calma financeira e econômica.

[...] Escreva livros suscetíveis de contínuas reedições e sossegue quanto ao futuro [...] e o único meio de acertar o passo econômico, é ter renda de reedições porque continuará a tê-la mesmo que fique eternamente de papo para o ar, vendo o jôgo das môscas no fôrro. (LOBATO, 1959a, p. 201-202, carta de 23 de novembro de 1946)

Visando criar uma renda contínua em direitos autorais, o conselho ao amigo e a qualquer escritor é:

[...] escrever muitos livros e cuidar muito dêles, e mantê-los sempre editados [...] Não basta fazer o livro; é preciso editá-lo; e depois, reeditá-lo sempre; só assim um autor cria um manancial perene. (LOBATO, 1959a, p. 212, carta de 3 de janeiro de 1947)

Esses são exemplos de como Lobato, além de autor, era também editor das próprias obras, e o processo de reescrita era uma constante em sua vida.

É importante lembrar o fato de que, na Companhia Editora Nacional, apesar de constar como sócio em documento fundador de 1926, trabalhou mais “como uma espécie de conselheiro literário” (NUNES, 2000, p. 43) do que como editor propriamente, deixando isto ao cargo de Octalles Marcondes Ferreira. Depois de seu retorno dos Estados Unidos, em 1931, vendeu sua parte na empresa, porém foi auxiliado financeiramente por seu editor, que lhe enviou encomendas de traduções e revisões de traduções (NUNES, 2000, p. 21).

Também na Editora Brasiliense, como sócio a partir de 1944, negociou com exclusividade a publicação de suas *Obras completas*, ficando responsável por sua revisão, atuando na empresa à distância (NUNES, 2000, p. 25).

1.4 O empresário editorial

Ao vender a fazenda em Buquira e se mudar para São Paulo, Lobato procurou uma “ocupação na qual empregasse a minha atividade e me dêsse dinheiro.” (LOBATO, 1946, p. 265). Comprou, então, a *Revista do Brasil* em 1918.

Com o sucesso das vendas de *Urupês* e do *Sacy-Pererê*, resolveu se tornar empresário e montar sua própria editora. Ao perceber que seus livros eram vendidos em poucas – “40 ou 50 livrarias” (LOBATO, 1946, p. 265) –, solicita às agências postais brasileiras que lhe indiquem “firmas ou casas que pudessem receber certa mercadoria chamada ‘livro’” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 222) e envia uma carta⁵ a elas, redigida a seguir:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? V. S.^a não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V. S.^a receberá êsse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais “livros”, terá uma comissão de 30%; senão [*sic*] vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa. (*apud* CAVALHEIRO, 1956a, p. 222)⁶

De, no máximo, 50 livrarias com que trabalhava, Lobato passou a lidar com 1.300 negociantes: “donos de pequenas papelarias, donos de bazar, de farmácias, de lojas de armarinho ou de fazendas e até de padarias...” (LOBATO, 1946, p. 265-266).

No começo, as obras publicadas saíam sob a chancela da *Revista do Brasil*, mas, com a ajuda do jovem (na época com 19 anos) Octalles Marcondes Ferreira, funda a Monteiro Lobato & Cia, que apresentou originais de todos os campos do conhecimento, mas o mais importante foi a “renovação das obras didáticas e infantis” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 229), considerando a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, e a publicação de obras ilustradas, tão restritas no Brasil.

Em 1923, Lobato encomendou oficina gráfica própria, comprando máquinas impressoras, monotipos, linotipos e prelos, além da importação de papel em larga escala, tudo adquirido a prazo, resultando, finalmente, em 1924, no maior parque

⁵ Apesar de Edgar Cavalheiro tê-la transcrito, até o momento esta carta não foi encontrada, o que levanta dúvidas sobre sua existência

⁶ Este trecho remete a nota de rodapé que indica a página 265 da primeira edição da obra *Prefácios e Entrevistas*, mas neste local este texto *ipsis litteris* não se encontra.

gráfico da América Latina e, por isso, precisou ampliar a Monteiro Lobato & Cia, abrindo seu capital, tornando-a uma sociedade anônima e denominando-a Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato (AZEVEDO, 2001, p. 137).

A Revolução Paulista de 1924 chegou, no entanto, em julho daquele ano. A empresa foi obrigada a parar suas atividades durante dois meses, mas, se tudo corresse bem, “em três anos tudo estaria pago e o negócio solidificado” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 235). Não contavam, porém, com a terrível seca que atingiu São Paulo meses depois e que culminou no corte de dois terços do fornecimento de energia elétrica pela empresa Light. Houve também uma determinação federal que modificou a orientação financeira ao cancelar o “redesconto então feito pelo Banco do Brasil” (CAVALHEIRO, 1956a, p. 235). Sem poder trabalhar “[...] a 10 de agosto [de 1925], Monteiro Lobato viu duas alternativas para seus negócios: concordata ou falência” (KOSHIYAMA, 2006, p. 96).

[...] Foi Monteiro Lobato [...] o primeiro escritor brasileiro que não se sentiu envergonhado de ser homem de negócios, de tratar os interesses materiais cotidianos, esquecer mesmo a sua condição de escritor, rompendo com a tradição que situava o homem das letras entre os candidatos a uma sinecura do Estado. (CAVALHEIRO, 1956b, p. 117)

Meses antes de declarar falência da Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, em setembro de 1925, é realizada a assembleia que constituiria a Companhia Editora Nacional.

Em 25 de maio de 1927, Monteiro Lobato parte para Nova York, nos Estados Unidos, para ser adido comercial brasileiro – indicação do então presidente Washington Luís. Segundo Nunes (2000, p. 17), “por ser audacioso”, Lobato especula na Bolsa de Valores e perde tudo o que possuía em 1929 devido à crise financeira, e se vê obrigado a vender sua parte na Companhia Editora Nacional. Não deixa, no entanto, de prestar serviço “como atividade remunerada” (KOSHIYAMA, 2006, p. 179) para tal editora: traduções, revisões de traduções, criação de livros para crianças, “artigos e publicidade” (NUNES, 2000, p. 19) e como “conselheiro literário” (NUNES, 2000, p. 43).

Nas mãos de Octalles e, logo em seguida, também de Arthur Neves, a Companhia Editora Nacional investiu em livros escolares, literatura e poesia (BRAGANÇA; ABREU, 2008, p. 141). Seu acervo, então, começou a ser organizado em coleções, de acordo com “as fatias do mercado à qual estava destinado” e em

1931 houve um “grande esforço para isso” (BEDA, 1987, p. 236). Nesse mesmo ano, foi lançada a coleção Bibliotheca Pedagógica Brasileira (BPB), sobre a qual trataremos detalhadamente mais adiante.

O sucesso dos livros didáticos era tanto que, no início dos anos 1930, a Companhia Editora Nacional era considerada a maior editora de livros de São Paulo (HALLEWELL, 2005, p. 412), praticamente exercendo um “monopólio no mercado de livros didáticos no Brasil” (KOSHYIAMA, 2006, p. 152).

Depois de ter vendido sua parte na empresa, Lobato “destacou-se como tradutor profissional” e revisor de traduções desta empresa, uma atividade profissional paralela à sua luta, organização e propaganda das empresas de ferro e petróleo no Brasil, ajudando-o a sobreviver (KOSHYIAMA, 2006, p. 179). Mesmo com todas essas atividades, não parou de publicar livros autorais.

Lobato é atraído pela proposta de Arthur Neves (1916-1971), auxiliar de Octalles, um dos fundadores da Editora Brasiliense, de que suas obras, infantis e adultas, fossem reeditadas em duas grandes coleções. É interessante, afirma Hallewell (2005), que Octalles não tenha levantado qualquer objeção a essa edição, embora “os direitos dos livros de Lobato pertencessem [ainda] à Nacional” (p. 410).

No fim de 1943, estava de malas prontas para a Editora Brasiliense, “que ainda se organizava” (SODRÉ, 1970, p. 289). Em 1944, após a publicação de *A barca de Gleyre*, Monteiro Lobato deixou oficialmente a Companhia Editora Nacional (KOSHYIAMA, 2006, p. 188), com a seguinte recomendação para Octalles, seu amigo e editor:

“[...] você escolhe os livros que desejar e compromete-se a reeditá-los sempre de modo que não haja solução de continuidade na oferta ao público; os outros livros eu os distribuo pela José Olympio e a Brasiliense sob condições que eu determinarei. (CAVALHEIRO, 1956b, p. 147)

Em fins de 1945 e nos primeiros meses de 1946, Lobato estava empenhado no “grande trabalho de aprontar a edição de suas obras completas pela Editora Brasiliense” (KOSHYIAMA, 2006, p. 190). Em meados desse ano, depois de concluída a revisão de suas *Obras completas* para a Editora Brasiliense, Lobato sente-se livre de obrigações e parte para a Argentina, onde funda outra editora, a Acteon (NUNES, 2000, p. 26).

A partir da publicação das *Obras completas*, da qual *Viagem ao céu* configura como Vol. II, os direitos autorais de todas as suas obras infantis passaram, então, a ser da Editora Brasiliense Limitada.

2 VIAGEM AO CÉU, A OBRA

2.1 Enredo

Emília, Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia, doutor Livingstone e Burro Falante, ao usar o pó de pirlimpimpim, entram numa aventura fantástica pela Via Láctea. Antes de começar esta viagem, aprendem no Sítio do Pica-Pau Amarelo detalhes sobre o universo com Dona Benta, que ficava olhando as estrelas à noite. Primeiro passam pela Lua, onde encontram São Jorge e o Dragão. Depois de combinar que Tia Nastácia ficaria fritando bolinhos para o santo, os outros personagens saem em direção a Marte, vão parar em Saturno e brincam em seus anéis. Ao pegar carona na cauda do cometa Halley, encontram o personagem Anjinho. Neste intervalo, lá no sítio, Dona Benta é visitada por astrônomos, que estão preocupados com perturbações inexplicáveis no sistema planetário causados por dois meninos, uma boneca, um burro e um sabugo de cartola que andavam a fazer estripulias no éter. De repente, lá na Via Láctea, os personagens ouvem Dona Benta chamá-los e resolvem voltar. Ao chegarem, encontram os astrônomos, que não acreditam que o Anjinho havia sido encontrado na Via Láctea, Emília fica brava com eles e os manda embora.

Além de toda esta viagem pela Via Láctea, a obra apresenta informações acerca de cientistas e filósofos, como Galileu, Sócrates, Giordano Bruno, além de apresentar diversos personagens históricos, como Hipátia de Alexandria, Ptolomeu, Berenice. Faz inclusive um contraponto à Igreja Católica, condenando-a pelo modo como tratou os cientistas ao longo de séculos.

Ela também traz informações sobre astronomia e física, apresentando, por exemplo, os números de volume dos planetas, os diferentes pesos das coisas dependendo do astro onde se encontram.

Ainda provoca mais uma vez a Igreja Católica ao apresentar, na Lua, os personagens o Dragão e São Jorge; este, como se tivesse parado no tempo, pois

Pedrinho ainda precisa explicar para ele o descobrimento das Américas e todo o restante, já que ele só havia conhecido a Capadócia; e aquele, em vez de bravo e assustador, como descrito pela Igreja Católica, é caracterizado como “mais manso que um cordeiro” (LOBATO, 1947, p. 138).

Pedrinho também explica a Emília as divisões territoriais, citando onde estão Grã-Bretanha, Noruega, Rússia, França, Itália, África, pontuados por curiosidades históricas.

Há dois capítulos inteiros sobre a visita a Marte, com antecipadas descrições detalhadas feitas por Pedrinho sobre como o planeta seria, mas é interessante que, quando eles chegam lá, o local é totalmente diferente do que Pedrinho havia contado. Além disso, os habitantes só podiam ser vistos por Emília, que os descreveu para Pedrinho e Narzinho como sendo uma monarquia comandada por um rei, que teria o “chicote da cara mais comprido” (LOBATO, 1947, p. 85), que “surra e fala ao mesmo tempo” – uma clara demonstração de violência e autoritarismo.

Quando estão em órbita na Via Láctea, sem rumo, Pedrinho conta a história da explosão dos cometas Bielas, que havia sido prevista pelo astrônomo Nicolas Camille Flammarion (1842-1925), mas que, naquela noite, não pode assisti-la pois estava dormindo.

No mesmo céu, os personagens encontram outro personagem, o Anjinho, em outra clara crítica à Igreja Católica, associando o conceito religioso de Céu à Via Láctea (conceito científico).

Os astrônomos que vieram visitar Dona Benta, pois perceberam “perturbações celestes” (LOBATO, 1947, p. 146), eram homens “barbudos e cartoludos” (LOBATO, 1947, p. 147), que se assustaram ao perceber que a pobre senhora sabia tanto de astronomia quanto eles – numa crítica de Lobato ao empolamento dos cientistas contemporâneos e seu menosprezo ao conhecimento das pessoas não acadêmicas.

2.2 A Biblioteca Pedagógica Brasileira

Nas mãos de Octalles Marcondes Ferreira (1901-1973) e, logo em seguida, também de Arthur Neves (1916-1971), a Companhia Editora Nacional investiu em publicar livros escolares, literatura e poesia (BRAGANÇA; ABREU, 2008, p. 141).

Como herança das estratégias usadas pela Monteiro Lobato & Cia⁷, seu acervo começou então a ser organizado em coleções, de acordo com “as fatias do mercado à qual estava destinado” e em 1931 houve um “grande esforço para isso” (BEDA, 1987, p. 236). Nesse mesmo ano, foi lançada a coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), cujo organizador era Fernando de Azevedo (1894-1974).

Fernando de Azevedo era educador de grande projeção nacional. Dirigiu o inquérito sobre a instrução pública paulista, organizado pelo *O Estado de S. Paulo* em 1926; foi diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930); e diretor do Departamento de Educação em São Paulo, em 1933, participando ativamente dos debates sobre educação nas décadas de 1920/1930. O educador fazia parte da Associação Brasileira de Educação (ABE) e foi um dos signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*⁸, lançado em 1932. Seu nome poderia, assim, credenciar escolhas de títulos para coleções voltadas à educação (TOLEDO, 2001).

Este manifesto, assinado por 26 intelectuais, se tornou o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país, pois, além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o governo organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. Esta ação deu suporte para o início do movimento Escola Nova (denominado também Escola Ativa ou Escola Progressiva, dependendo da vertente) no Brasil, que propunha que a função escolar era propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro da vida do estudante, focando no impulso espiritual da criança e no desenvolvimento da autonomia moral do educando, tentando quebrar, assim, com o paradigma anterior, o da Escola Tradicional, que propunha que a função escolar era preparar para a vida pós-escolar. Para John Dewey (1859-1952), filósofo e educador estadunidense, além de um dos principais representantes do movimento Escola Nova, “a escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim, a própria vida” (HAMZE, 2010). Além disso, o ensino deveria ser:

⁷ A Monteiro Lobato & Cia. já trabalhava com a estratégia de coleções, possuindo, por exemplo, a coleção *Brasília*, a coleção *A Novella Nacional* e a coleção *Bibliotheca da Rainha Mab*.

⁸ Disponível na íntegra em: <https://web.archive.org/web/20090323080415/http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>. Acesso em: 15 ago. 2021.

[...] voltado à difusão da tecnologia e com um conteúdo programático [e à] necessidade de incremento à ciência e ao pensamento reflexivo, bem como o estímulo à atividade de pesquisa. (LAJOLO, 1985, p. 49)

É importante considerar que o objetivo da criação da BPB era pedagógico e objetivava seguir os preceitos da Escola Nova, visando “renovar a cultura, oferecendo ao leitor os elementos necessários para sua formação” (BRAGANÇA; ABREU, 2008, p. 154) e que havia um investimento por parte da Companhia Editora Nacional para “encontrar textos adequados para alimentar os programas editoriais contidos nas diferentes séries” (BRAGANÇA; ABREU, 2008, p. 150). Tal procedimento evidencia um possível vislumbre de Monteiro Lobato sobre as necessidades e dificuldades dos estudantes da época em assimilar determinados conteúdos didáticos.

Voltando aos investimentos da Companhia Editora Nacional e à criação da BPB, ela era composta por cinco séries: I – Literatura Infantil; II – Livros Didáticos; III – Atualidades Pedagógicas; IV – Iniciação Científica; V – Brasileira, assim definida nas orelhas dos livros da Série III – Atualidades Pedagógicas:

Larga ofensiva de renovação cultural sobre quatro frentes: as crianças, pela série I, de Literatura Infantil; os estudantes de todas as escolas primárias, profissionais, secundárias e superiores, pela série II - de Livros Didáticos (livros de texto, manuais e livros fontes); os professores de todos os graus de ensino, pela série III - Atualidades Pedagógicas e o público escolar, como a população extra e pós-escolar, pela Série IV - Iniciação Científica. O caráter eminentemente nacional desse movimento é dado não só pela orientação do plano editorial, como também especialmente, pela série V, Brasileira, a mais vasta sistematização de estudos brasileiros. (*apud* TOLEDO, 2013, p. 70)

Monteiro Lobato decide, nesse contexto, reunir todas as aventuras dos personagens do sítio (menos *Caçadas da onça*) em uma única obra e publica, em 1931, a obra *As reinações de Narizinho*, iniciando a série I – Literatura Infantil da BPB, da qual vai ser autor e organizador.

Tendo em mente os preceitos da Escola Nova, cujos fundamentos visavam colocar o educando como centro do processo educativo, buscando a modernização, democratização, industrialização e urbanização da sociedade, Monteiro Lobato vislumbra aí um mercado editorial a ser explorado e começa, então, a escrever e publicar, dentro da Serie I – Literatura Infantil da BPB, obras voltadas para o ambiente escolar, em que os personagens apresentam propósitos práticos para a educação brasileira: ensinar conteúdos escolares de modo que atendam aos novos desafios sociais.

Seguindo esse direcionamento, publica, em 1932, como terceiro volume da Serie I – Literatura Infantil da Biblioteca Pedagógica Brasileira, a obra *Viagem ao céu*. Nesta obra os personagens do Sítio do Picapau Amarelo passeiam pelo espaço sideral, aprendendo conceitos científicos especificamente da área de astronomia. A obra apresenta diversas críticas à Igreja Católica e ao modo como ela tratou os cientistas no decorrer da história, evidenciando o escolanovismo liberal de Fernando Azevedo, em contraponto ao ensino católico, numa cisão que houve em 1932 a partir da publicação do manifesto, já explicado.

Ao analisar a contracapa dos diferentes testemunhos da Companhia Editora Nacional, acrescentam-se novas obras à Série I – Literatura Infantil da BPB: na primeira edição há apenas 7 obras; na segunda, 16; na terceira, 26; nas “quartas”⁹, de 1940 e 1943, 32 (nos outros testemunhos este dado não se encontra, portanto não se sabe se a página é faltante ou se houve uma decisão editorial de não se publicar mais este dado).

A partir de *Viagem ao céu*, a Serie I – Literatura Infantil da Biblioteca Pedagógica Brasileira publica as seguintes obras:

4. *O Saci*
5. *Aventuras de Hans Staden*
6. *Contos de Andersen* (por Hans Andersen¹⁰, tradução de Monteiro Lobato)
7. *Contos de Grimm* (por Irmãos Grimm, tradução de Monteiro Lobato)
8. *Alice no País do Espelho* (por Lewis Carrol, tradução de Monteiro Lobato)
9. *As Caçadas de Pedrinho*
10. *História do Mundo para Crianças*
11. *Novas Reinações de Narizinho*

⁹ Há dois testemunhos identificados como 4ª edição, um de 1940 e outro de 1943.

¹⁰ Na enumeração das obras publicadas, publicada nas 4ªs capas dos livros desta coleção, o nome de Hans Christian Andersen (1805-1875) aparece sem o nome do meio, “Christian”.

12. *Aventuras do Barão Münchhausen* (por G. A. Bürger)
13. *Pinocchio* (por C. Collodi, tradução revista por Monteiro Lobato)
14. *Emília no País da Gramática*
15. *Novos Contos de Andersen* (por Hans Andersen, tradução de Monteiro Lobato)
16. *Novos Contos de Grimm* (por Irmãos Grimm, tradução de Monteiro Lobato)
17. *Contos de Fadas* (por Charles Perrault, tradução de Monteiro Lobato)
18. *História do Brasil para Crianças* (por Viriato Correia)
19. *Robinson Crusóé* (adaptação de Monteiro Lobato)
20. *Peter Pan*
21. *Aritmética da Emília*
22. *Geografia de Dona Benta*
23. *História das Invenções*
24. *Meu Torrão* (de Viriato Correia)
25. *D. Quixote das Crianças*
26. *Memórias da Emília*
27. *O Poço do Visconde*
28. *Serões de Dona Benta*
29. *Histórias de Tia Nastácia*
30. *A Estrela Azul (Poemas para as crianças)* (por Murilo Araujo)
31. *O Pica-pau Amarelo*
32. *O Minotauro*
33. *A Chave do Tamanho*

É notável observar que, da maioria dos livros publicada pela Serie I – Literatura Infantil da BPB, se a obra não é criada por Monteiro Lobato, é traduzida por ele ou é ele quem revisa a tradução. Isso só aconteceu porque os livros já estariam “imantados pelo capital simbólico acumulado pelo escritor Monteiro Lobato” (BIGNOTTO, 2018, p. 27).

O autor ainda publicou muitas das obras dessa lista fora da Biblioteca Pedagógica Brasileira, muitas vezes refazendo o projeto gráfico, incorporando as revisões externas e autorais, absorvendo críticas, adicionando respostas a seus interlocutores e com atualizações e descobertas científicas mais acuradas.

2.3 Inspirações

Leitor voraz de publicações estrangeiras, Lobato deve ter tido acesso a inúmeras descobertas científicas por meio de jornais e publicações estrangeiras, segundo hipótese de Martins (2008, p. 209).

Muitas delas são citadas na obra *Viagem ao Céu* quando, por exemplo, Dona Benta cita a influência das manchas solares na Terra. Provavelmente Lobato se referia ao tratado *Le Soleil: Exposé des Principales Découvertes Modernes* [O Sol: Apresentação das principais descobertas modernas], de 1870, de padre Angelo Secchi (1818-1878) astrônomo e atualmente considerado o pai da astrofísica.

– Já sei, disse dona Benta, que também era uma sabia e já havia lido varias obras de astronomia. Com certeza appareceram novas manchas no Sol. Tenho aqui a obra do Padre Secchi, na qual se demonstra a influencia que as manchas do Sol exercem no nosso planeta.

Os astrônomos abriram a bocca. Nunca imaginaram encontrar naquelle fim do mundo uma velha que falasse em “manchas do sol” e citasse o Padre Secchi. Depois de passado o seu espanto, o chefe da embaixada continuou: (LOBATO, 1932, p. 113-114)

George Ellery Hale (1868-1938), outro astrônomo estadunidense citado na obra *Viagem ao céu*, “recebeu, em 1928, uma vultosa verba para a construção do [...] telescópio” (MARTINS, 2008, p. 209) de 5 metros em Palomar, ao sul da Califórnia, o que viria a ser o maior do mundo até 1974, quando a Rússia construiu um de 6 metros. Esse telescópio aparece no capítulo XX de *Viagem ao céu*. É interessante notar que esta informação aparece somente a partir da 4ª edição de 1943, que já se enquadra no encadeamento II, explicado adiante.

Infelizmente os telescópios ainda não eram bastante poderosos para que os sábios pudessem ver os meninos reinando no espaço; eles verificavam as perturbações mas não descobriam a causa – e começaram a formular hipóteses. E ainda estavam nisso, quando foi inaugurado o enormíssimo telescópio de Palomar, na Califórnia, que custou 6 milhões de dólares e tinha uma lente de 5 metros e meio de diâmetro. Por meio desse potentíssimo olho de alcance puderam logo descobrir o mistério das perturbações celestes: os famosos netos de dona Benta andavam reinando por lá! (LOBATO, 1943, p. 136)

– Não, minha senhora. Desta vez a causa das perturbações não decorre das manchas do Sol e sim de dois meninos, uma boneca, um burro e um sabugo de cartola, que andam a fazer estripulias no éter. Foi o que o telescópio de Palomar nos fez ver – e aqui estamos para pedir a preciosa intervenção de Vossa Excelência. (LOBATO, 1943, p. 139)

Nesta obra, Pedrinho e Dona Benta são os mais entendidos nas questões astronômicas, e o narrador os chama diversas vezes de “Flammarionzinho” e “Camilo Flammarion de saias” respectivamente. Cita-se o importante pesquisador e popularizador da astronomia Nicolas Camille Flammarion (1842-1925), que publicou as obras:

A pluraridade dos mundos habitados, La planète Mars et ses conditions d’habitabilité [O planeta Marte e suas condições de habitabilidade] (1909) e, sobretudo *Voyage del ciel* [Viagem ao céu]¹¹ (1917) (MARTINS, 2008, p. 205)

Lobato também cita Cyrano de Bergerac (1619-1655) e Júlio Verne (1828-1905), autores literários de ficção científica. O primeiro, na obra *L’Histoire comique des États et Empires de la Lune* [A história cômica dos estados e impérios da Lua] (1657), narra uma viagem à Lua e o encontro com seus habitantes. Notamos também que este trecho somente aparece a partir da 4ª edição, de 1943.

S. Jorge vivia ali desde o tempo do imperador Deocleciano, sem ter com quem dar uma prosinha, de modo que sentiu grande alegria em ver em seus domínios aquelas criaturas humanas. Indagou de tudo, soube quem eram, pediu pormenores de dona Benta e do dr. Livingstone. Em seguida narrou a sua vida na Lua, tim-tim por tim-tim. (LOBATO, 1932, p. 40)

São Jorge estava ali desde o reinado do imperador Diocleciano, sem outra companhia a não ser o dragão, de modo que ficava muito alegre quando alguém aparecia por lá. Mas como era raro! Um dos “lueiros” mais interessante foi um tal de Cirano de Bergerac, que por lá andou e escreveu uma obra celebre. E agora aparecia todo um grupo de criaturas – duas crianças, uma negra velha, uma bonequinha... E com imenso prazer o santo

¹¹ A obra *Voyage del ciel* é originalmente um capítulo da obra *Rêves étoiles*, publicada em 1888. Em 1917 os capítulos foram desmembrados e publicados como obras individuais.

começou a indagar de tudo – quem eram, como se chamavam, onde moravam, e que negra tão exqu岸ita era aquela. (LOBATO, 1943a, p. 50-51)

O segundo autor citado, Júlio Verne, publicou, entre outras obras, *De la Terre à la Lune [Da Terra à Lua]* (1865), que conta a história de um grupo de pesquisadores que tenta chegar à Lua, mas acaba orbitando em volta dela¹². Interessante reparar que, na primeira edição, a obra de Verne fica implícita, ao contrário de na última, em que o autor e sua obra são nominados.

– Não conheço semelhante vehiculo, disse elle, mas deve ser poderosissimo. Varias vezes os homens teem tentado vir á Lua, mas sem o conseguir. Um houve que veio numa bala de canhão. O tiro, porém, foi mal calculado. A bala passou por cima da Lua. O viajante não poude desembarcar e ficou rodando em redor da Lua, feito um satellite. Depois não sei que fim levou. (LOBATO, 1932, p. 39)

— Estimo muito, mas saiba que inúmeros homens têm tentado vir à Lua e bem poucos o conseguiram. O último veio dentro duma bala de canhão, num tiro mal calculado. A bala passou por cima da Lua e ficou rodando em redor dela. Não sei quem foi esse maluco. — Eu sei! — gritou Pedrinho.

— Foi um personagem de Júlio Verne, no romance DA TERRA Á LUA. Vovó já nos leu isso.

(LOBATO, 1943a, p. 50)

Em carta datada de 7 de outubro de 1934, endereçada a Godofredo Rangel, sobre o processo de criação de *Viagem ao céu*, Lobato afirma:

“[...] E os novos livros que tenho na cabeça ainda são mais originais. [...] Aventuras do meu pessoalzinho lá no céu, e astro em astro, por cima da via Latea, no anel de Saturno, onde brincam de escorregar... E a pobre da tia Nastacia metida no embrulho, levada sem que ela o perceba... A conversa da preta com Kepler e Newton, encontrados por lá medindo com trena certas distancias astronomicas para confundir Albert Einstein, é algo prodigioso de contraste comico. [...]” (LOBATO, 1946, p. 328).

Segundo Martins (2008), esta carta apresenta data equivocada, já que a primeira edição de *Viagem ao céu* data de outubro de 1932. A autora afirma que a carta devia ser datada de, provavelmente, entre 1931 e 1932 (MARTINS, 2008, p.

¹² Assim como um grupo de pesquisadores fica orbitando em volta da Lua, na obra *De la Terre à la Lune* (1865), o doutor Livingstone também fica orbitando em volta do astro. A diferença é que, na obra francesa, os pesquisadores tinham mantimentos para ficar em órbita por apenas 2 meses e não se sabe o que aconteceu com eles. Já na obra de Monteiro Lobato, havia uma preocupação dos personagens em passar nos exatos tempo e espaço para resgatar o doutor Livingstone, e a missão foi cumprida.

213), já que o local de origem é São Paulo, e até 1930 Lobato estava morando em Nova York. É interessante notar que nem todas as ideias colocadas nessa carta foram totalmente utilizadas pelo autor na elaboração da obra, já que nem Kepler nem Newton são citados nominalmente.

Além disso, apresentam-se inúmeros ensinamentos científicos da área de História, Mitologia, Astronomia e Física. São apresentados personagens importantes da história e da mitologia mundiais, como: Hipátia, Sócrates, Giordano Bruno, por exemplo. Algumas constelações também são explicadas, como a do Cruzeiro do Sul, a Ursa Maior (ou Grande Ursa, como aparece na primeira edição), do Centauro, do Pavão, do Tucano, Cabeleira da Berenice – e o porquê de sua nomenclatura – lembrando que essas informações (menos a citada abaixo) foram inseridas na obra a partir de 1943, explicitadas à frente.

– Lá está a Grande Ursa! exclamou elle ao passarem por um certo ponto.

– Como sabe? indagou Narizinho. E' uma estrella exactamente igual ás outras.

– Sei porque estudei. Quem estuda sabe. E aquillo, lá bem longe, é a constellação do Centauro.

– Por que diz você constellação em vez de estrella?

– Porque estrella é uma coisa e constellação é outra. Constellação quer dizer um grupo de estrellas, ou uma familia de estrellas. A Grande Ursa é uma constellação. Se lá fossemos haviamos de ver a Ursa mãe, o Urso pae e um bando de ursinhos filhos.

(LOBATO, 1932, p. 79)

— Hipátia foi uma sábia grega nascida em Alexandria no ano 370. Não só muito culta, como de grande beleza. O pai educou-a muito bem e depois mandou-a aperfeiçoar-se em Atenas, que era a Paris do mundo antigo. De volta a Alexandria, Hipátia abriu uma escola onde ensinava as grandes idéias de Sócrates e Platão. Tornou-se queridíssima do povo, sobre o qual derramava ondas de sabedoria. Pois sabe o que aconteceu com a coitada? (LOBATO, 1943, p. 24-25)

— E a Sócrates, que foi um dos maiores iluminadores da ignorância dos carneiros, os pastores da época obrigaram-no a beber cicuta, um veneno horrível. E Giordano Bruno? Ah, este foi queimado vivo numa fogueira, no ano 1600 — sabem por quê? Porque era um verdadeiro sábio e estava iluminando demais a escuridão dos carneiros. (LOBATO, 1943, p. 25)

– Olhem lá aquelas quatro formando uma cruz! E' a constelação do Cruzeiro do Sul. Constelação quer dizer um certo grupo de estrelas. Esta constelação do Cruzeiro é a de maior importancia para os povos que vivem do equador para o sul, como nós. Tem a mesma importancia da celebre constelação da Ursa Maior para os povos que vivem ao norte do equador, como os europeus e norte-americanos. O Cruzeiro do Sul é o nosso relógio noturno. No dia 15 de maio de cada ano essa constelação fica bem á prumo sobre as nossas cabeças, como o sol ao meio dia, e então sabemos que é exatamente 9 horas da noite. (LOBATO, 1943, p. 25)

— Se você tirar uma linha que toque na *Delta* e na *Beta* do Cruzeiro e a prolongar nesta direção (e o dedo de Dona Benta ia riscando), essa linha vai encontrar duas estrelas da constelação do Centauro, justamente a *Alfa* e a *Beta* do Centauro — e pronto! Você descobriu a constelação do Centauro, que é das maiores dos céus do sul. E nessa constelação a estrela Alfa é uma das mais conhecidas de todas. E' a terceira em brilho de todo o ceu e uma das mais próximas de nós. (LOBATO, 1943, p. 29)

— E assim são as linhas que você tirar de todas as outras constelações, continuou Dona Benta. Umam dão uma vaga ideia de qualquer coisa; outras, só com muita força de imaginação lembram as coisas indicadas pelo nome. Temos ali (e o seu dedo apontava) a constelação do Pavão. E temos aquela ali que é a do Tucano... Ah, meus filhos, não há nada mais poético do que a astronomia, ou ciencia dos astros! Está aí uma aventura que vocês podem realizar um dia: um passeio pelas constelações!... Que lindo! Podiam começar pela Estrela Polar, que nós não vemos daqui mas que para as criaturas humanas é a mais importante. (LOBATO, 1943, p. 30)

— Este Ptolomeu, disse ela, havia partido à frente duma expedição guerreira contra a Síria; e, tomada de medo, Berenice fez á deusa Venus a promessa de cortar a sua linda cabeleira e deposita-la no templo da deusa, caso Evergete voltasse vivo e vitorioso. Ora, o rei voltou vivo e vitorioso e a rainha cumpriu o voto: cortou os cabelos e depositou-os no templo da deusa. Mas aconteceu uma coisa inesperada: no dia seguinte a cabeleira havia desaparecido do templo!... E vai então e um astrônomo da ilha de Samos, que acabava de descobrir no céu uma nova constelação, mandou dizer ao rei que a cabeleira de Berenice estava lá: eram as sete estrelas que ele havia descoberto entre as constelações do Leão e de Arturus — e desde esse tempo o grupo das sete estrelas passou a ser conhecido sob o poetico nome de Cabeleira de Berenice.

(LOBATO, 1943a, p. 32)

Os personagens aprendem também sobre as medidas de ano em cada planeta, isto é, o tempo que cada um demora para dar uma volta completa em torno do Sol.

– Aquelle lá, bem pertinho do Sol, chama-se Mercurio. Tem um diametro de 4800 kilometros e tem annos de 87 dias.

Narizinho fez cara de espanto.

– Como isso? indagou. Pois os annos não são iguaes em toda a parte?

– Não, menina. Um anno quer dizer o espaço de tempo que um planeta leva para dar uma volta inteira em redor do Sol. A Terra, que é o planeta onde vocês moram, dá essa volta em 365 dias, porisso um anno da Terra tem 365

dias. Mercurio, porém, como está mais proximo do Sol, dá sua volta em 87 dias, porisso um anno em Mercurio só tem 87 dias.

– Quer dizer que se eu tivesse nascido em Mercurio estaria com muito mais de trinta annos de idade em vez dos oito que tenho! disse Narizinho, que era muito bôa para calculos de cabeça.

– Certamente, confirmou S. Jorge. E teria 13 annos se fosse nascida em Venus, que é aquelle planeta lá. O anno em Venus tem 224 dias. Venus é o dobro de Mercurio em tamanho, sendo um pouquinho menor do que a Terra. Mede 12.300 kilometros de diametro.

– E a Terra, quantos kilometros mede? perguntou Emilia.

– 12.658.

– Nao parece, observou Narizinho, de olhos postos no planeta onde moramos. Vista daqui tem o tamanho duma casa. E qual é o planeta maior de todos?

– Jupiter. Tem 139.000 kilometros de diametro ou sejam onze vezes o diametro da Terra.

– E o anno lá, quantos dias tem?

– O anno de Jupiter tem onze annos dos da Terra.

– Um anno de onze annos! exclamou Narizinho muito admirada. Quer dizer que se eu tivesse nascido em Jupiter não teria nem um anno de idade ainda...

– Mais interessante seria se você tivesse nascido em Neptuno, que é o planeta mais afastado do Sol, e portanto aquelle em que o anno é mais comprido. Um anno de Neptuno tem 164 annos dos da Terra. Se você fosse nascida lá teria apenas uns dias de idade.

– Que graça! E quaes são os outros planetas?

– Temos ainda tres – Marte, que é bem pequeno, metade da Terra, com anno de 686 dias; Saturno, que é quasi do tamanho de Jupiter, com anno de 29 annos e Urano, que é do tamanho exacto de Neptuno e tem um anno de 84 annos.

(LOBATO, 1932, p. 41-42)

São Jorge explicou que pelo fato da Lua gastar um mês para dar uma volta em redor da Terra, os dias ali eram compridissimos e as noites tambem.

– Cada dia aqui equivale a 15 dias lá da Terra; e cada noite equivale a 15 noites de lá. E por causa disso só ha duas estações: verão e inverno. O verão é o dia; o inverno é a noite. O dia é quentissimo e a noite é geladissima.

– Nesse caso, quantos dias de 24 horas tem o ano aqui? perguntou Narizinho.

– Tem 12 dias – cada dia correspondendo a um mês lá da Terra.

Todos se admiraram.

– Quer dizer então, lembrou a menina, que se eu fosse nascida na Lua teria apenas 120 dias de idade – 4 meses?

– Exatamente. Se lá na Terra você tem 10 anos, aqui teria 4 meses. Seria uma nenezinha...

– Que graça! exclamou Emilia. E dona Benta? Que idade teria dona Benta, se fosse lunatica?

– Dois anos e 4 meses – mas “lunatico” quer dizer “maluco” e não “habitante da Lua”. Os habitantes da Lua chamam-se “selenitas”.

(LOBATO, 1943a, p. 55)

A partir de 1943, aparecem outras informações, como velocidades, distâncias e massa cósmica.

— E qual é a distância entre a Terra e o Sol?

— E' de mais de 148 milhões de quilômetros. Sírio está tão longe de nós que sua luz gasta 22 anos para chegar até aqui — e, no entanto, a velocidade da luz é uma coisa louca. Vamos ver quem sabe qual é a velocidade da luz. Eu já contei.

Pedrinho lembrava-se.

— E' de 300 mil quilometros por segundo, disse ele.

(LOBATO, 1943a, p. 32-33)

— Massa cósmica, bobinha. Cômico quer dizer outra coisa. Cômico é o que é engraçado. Cósmico quer dizer relativo ao mundo, ou aos mundos, ou ao universo, que é o conjunto dos mundos. (LOBATO, 1943a, p. 92)

Pedrinho explica a São Jorge o que aconteceu politicamente na Terra depois que ele fora morar na Lua: as conquistas de determinados países, a subjugação e a extinção de outros (também a partir da edição de 1943).

Pedrinho contou que estava tudo muito mudado. O tal Imperio Romano já não existia; em vez dele surgira o Imperio Britanico, cuja cabeça era a Grã-Bretanha.

Ao ouvir falar em Grã-Bretanha São Jorge arregalou os olhos. Percebeu que era a mesma Bretanha do seu tempo, um país que no tempo dos romanos não valia nada. E também muito se admirou quando Pedrinho se referiu á Russia como o maior país do mundo, e á China, e á India e ao Japão.

– Onde fica a tal Russia? perguntou ele.

Pedrinho explicou como pôde, e por fim São Jorge descobriu que a famosa Russia devia ser numas terras muito desconhecidas dos romanos e ás quais vagamente eles chamavam Sarmacia. Da China e do Japão o santo não tinha a mais leve ideia.

– Como tudo está mudado! exclamou ele. Se eu voltar á Terra, não reconhecerei coisa nenhuma.

– Também acho, concordou Pedrinho. Ha continentes inteiros que no seu tempo eram totalmente ignorados, como as Americas e o continente australiano. As Americas foram descobertas mais ou menos ali em redor do ano 1500, e a Australia em redor do ano 1800.

(LOBATO, 1943a, p. 60)

É possível evidenciar, por meio desses poucos, porém significativos, exemplos, a preocupação do autor de explicar os conceitos físicos, matemáticos, históricos e míticos aos futuros leitores, principalmente a partir de 1943.

Todo esse percurso autoral e seus elementos fornecem índices dos atos de criação e provam, segundo Salles (2208): “A obra não é, mas vai se tornando” (p. 14).

2.4 Impressões e editoras

A primeira impressão (denominada edição) de *Viagem ao Céu* data de 1932 pela Companhia Editora Nacional. A obra teve mais nove edições (as quais nesta dissertação chamamos de testemunhos – porque não foram reimpressões da mesma chapa ou molde e porque, em cada um dos testemunhos, há alterações substantivas no texto) até 1948, sendo que duas delas saíram pela Editora Brasiliense (em 1947 – como parte integrante de *Obras Completas*– e em 1948).

A partir das nossas pesquisas, localizamos 10 edições entre 1932 e 1948: 1ª edição (1932), 2ª edição (1934), 3ª edição (1937), 4ª edição (1940), 4ª edição (1943), 5ª edição (1943), 6ª edição (1945), 7ª edição (1945), Vol. II (1947) e 8ª edição (1948). O número de cada testemunho consta na própria edição. Há duas edições identificadas como 4ª e de anos diferentes – 1940 e 1943 – e duas edições publicadas no mesmo ano – 4ª e 5ª edições, em 1943; e 6ª e 7ª; em 1945. As edições 1ª, 2ª, 3ª, 4ª (1940), 4ª (1943), 5ª, 6ª e 7ª foram publicadas pela Companhia Editora Nacional. Já as edições Vol. II e 8ª foram publicadas pela Editora Brasiliense Ltda. Essas informações são todas apresentados no quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Edições, anos e editoras de *Viagem ao Céu* (1932-1948)

Edição	Ano	Editora
1 ^a	1932	Companhia Editora Nacional
2 ^a	1934	Companhia Editora Nacional
3 ^a	1937	Companhia Editora Nacional
4 ^a	1940	Companhia Editora Nacional
4 ^a	1943	Companhia Editora Nacional
5 ^a	1943	Companhia Editora Nacional
6 ^a	1945	Companhia Editora Nacional
7 ^a	1945	Companhia Editora Nacional
Vol. II	1947	Editora Brasiliense Ltda.
8 ^a	1948	Editora Brasiliense Ltda.

Na 3^a edição, de 1937, há, logo nas primeiras páginas, as informações relativas às tiragens das edições anteriores: 1^a edição – 6 mil exemplares; 2^a edição – 10 mil e 3^a edição – 7 mil. Na 4^a edição, de 1940, acrescenta-se a informação da tiragem daquela edição: 7 mil exemplares. Nas outras edições, essa informação não consta.

Entramos em contato com as editoras Companhia Editora Nacional (atualmente Ibp Educação) e Editora Brasiliense, mas elas não souberam fornecer dados e/ou documentos que comprovem essas informações. As gráficas Revista dos Tribunais, São Paulo Editora Limitada e Sociedade Impressora Paulista também não tiveram como comprovar tais informações.

Jean Gabriel Villin (1906-1979) – identificado nas obras como Jean G. Villin – é o ilustrador das edições 1^a, 2^a, 3^a e 4^a (1940); as edições 4^a (1943), 5^a, 6^a e 7^a foram ilustradas por J.U. Campos, como assinava Jurandir Ubirajara Campos (1912-1972); e as edições Vol. II e 8^a, por André Le Blanc (1921-1998). A edição 8^a ainda tem a peculiaridade de apresentar capa ilustrada por Augustus, como assinava Augusto Mendes da Silva (1917-2008). As informações relativas aos ilustradores e suas respectivas edições ilustradas se encontram no quadro 2 a seguir.

Quadro 2. Edições, anos, editoras e ilustradores de *Viagem ao Céu* (1932-1948)

Edição	Ano	Editora	Ilustrador
1ª	1932	Companhia Editora Nacional	Jean G. Villin
2ª	1934	Companhia Editora Nacional	Jean G. Villin
3ª	1937	Companhia Editora Nacional	Jean G. Villin
4ª	1940	Companhia Editora Nacional	Jean G. Villin
4ª	1943	Companhia Editora Nacional	J.U. Campos
5ª	1943	Companhia Editora Nacional	J.U. Campos
6ª	1945	Companhia Editora Nacional	J.U. Campos
7ª	1945	Companhia Editora Nacional	J.U. Campos
Vol. II	1947	Editora Brasiliense Ltda.	André Le Blanc
8ª	1948	Editora Brasiliense Ltda.	Augustus/André Le Blanc

2.5 As variantes de *Viagem ao Céu*

Ao fazermos a análise do *corpus*, composto pelas dez edições referidas no item 2.4, identificamos diferenças físicas e editoriais que saltam aos olhos até do leitor leigo. São elas: ano de publicação, editora, edição, aspecto físico, ilustrações de capa, ilustrações de miolo, quantidade de páginas, formato, mancha de texto/página, quantidade de capítulos, anúncios ao final da obra etc.

Na mesma carta em que havia escrito a Lobato elogiando a reescrita de *Fábulas*, Edith Canto elogia as “muitas modificações sofridas” em *Viagem ao céu*:

[...] Quanto à “Viagem ao Céu” ficou inda mais interessante depois das muitas modificações sofridas. Que delícia a gente receber um presente como este!
[...] (IEB/USP, Caixa 01, p. 02, 19).

É de se admirar uma criança da época ter acesso a duas edições da obra, compará-las e escrever ao autor elogiando as modificações, as quais somente seriam estudadas mais de cinquenta anos depois de suas publicações.

A afirmação de que uma “análise comparativa detalhada das diferentes edições de *Viagem ao céu* ainda está por ser feita” (MARTINS, 2008, nota de rodapé, p. 209) e, portanto, que o cotejo dos testemunhos da obra *Viagem ao céu* ainda não havia sido feito, motivaram o início desta pesquisa. Foi definido então que o recorte seria das obras editadas em vida do autor, ou seja, do período em que o autor teve contato com a obra, para melhor delimitar o percurso de criação e escolhas autorais de Monteiro Lobato.

3 OS TESTEMUNHOS

Todo geneticista que se preze tem uma história suculenta para contar sobre a odisseia e o feliz desfecho de determinado acervo. (GRÉSILLON, 2007, p. 121)

3.1 A revisão

Para consultar os testemunhos da obra estudada, pesquisamos nos seguintes locais: Biblioteca Monteiro Lobato e Oficina Finisterre Urupês¹³, ambas localizadas na cidade de São Paulo, além do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio (Cedae), localizado na Universidade de Campinas (Unicamp), na cidade de Campinas. Foi verificada a existência de 10 (dez) testemunhos da obra *Viagem ao céu*, sendo 6 (seis) publicados pela Cia. Editora Nacional – de 1932 a 1945 – e 2 (dois) – 1947 e 1948 – pela Editora Brasiliense Limitada. O testemunho C – que se encontra na Biblioteca Monteiro Lobato, na cidade de São Paulo – apresenta comentários do autor na marginália.

O encadeamento das edições foi feito com base na numeração das edições, fornecida pelos próprios testemunhos, que apresentam essas informações logo nas primeiras páginas.

a. Editora Companhia Nacional

1. Testemunho A

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 1ª edição. Coleção Bibliotheca Pedagogica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. 132 p.

2. Testemunho B

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 2ª edição. Coleção Biblioteca Pedagogica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. 123 p.

3. Testemunho C

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 3ª edição. Coleção Biblioteca Pedagogica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. 124 p.

¹³ À época, a Oficina Finisterre Urupês era de Ricardo Ferreira, colecionador da obra de Monteiro Lobato. Hoje em dia, o senhor Ricardo vendeu a empresa e vive recluso com sua coleção.

4. Testemunho D

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 4ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. 122 p.

5. Testemunho E

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 4ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 156 p.

6. Testemunho F

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 5ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 156 p.

7. Testemunho G

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 6ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. 152 p.

8. Testemunho H

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 7ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. 152 p.

b. Editora Brasiliense Limitada

9. Testemunho I

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. Obras completas. Vol. II. Ilustrador: André Le Blanc. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1947. 280 p.

10. Testemunho J

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 8ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: André Le Blanc. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1948. 156 p.

A Biblioteca Monteiro Lobato forneceu acesso aos testemunhos C e J. Ricardo Ferreira, aos testemunhos A e H. O Cedae, ao G. Os outros testemunhos foram adquiridos em sites de venda de produtos usados. Depois de muito tempo procurando – por se tratar de obra rara –, o testemunho A foi finalmente adquirido pela pesquisadora desta dissertação. Os testemunhos e suas localizações estão explicitados no quadro 3 a seguir.

Todos os exemplares foram, então, fotografados ou escaneados, além de organizados digitalmente: as imagens referentes a cada testemunho foram dispostas na mesma pasta, nomeadas conforme o nome do testemunho acrescido da data, da edição e do número da página correspondente – por exemplo: “A – 1932 – 1ª edição

– p 5” – ou então denominadas conforme o nome do testemunho, o número da edição e da nomenclatura física da página – por exemplo: “A – 1932 – 1ª edição – capa”.

Quadro 3. Testemunhos e suas localizações

Testemunho	Localização/Em posse de
A	Ricardo Ferreira
B	Deborah Quintal Vieira
C	Biblioteca Monteiro Lobato
D	Deborah Quintal Vieira
E	Deborah Quintal Vieira
F	Deborah Quintal Vieira
G	Cedae
H	Ricardo Ferreira
I	Deborah Quintal Vieira
J	Biblioteca Monteiro Lobato

É interessante notar que Lobato faleceu em 4 de julho de 1948 e há um testemunho da Editora Brasiliense publicado no mesmo ano (testemunho J). Não foi possível confirmar, nem com a Editora Brasiliense nem com a gráfica Revista dos Tribunais, se este testemunho foi publicado antes ou depois do dia da morte do autor; por precaução, ele foi incluído nesta recensão. O testemunho I (de 1947) – revisado pelo autor junto a outros livros de *Obras Completas* –, porém, é considerado pela crítica lobatiana como a última edição revista pelo autor.

3.2 Descrição do *corpus*, digitação e tabulação

Após o levantamento dos testemunhos da tradição direta da obra, seguiu-se a sua descrição bibliográfica, realizada de acordo com os preceitos da Bibliografia Material, ou seja, com base em Cambraia (2005). Foram eleitos os seguintes itens para identificar os testemunhos: Nome do autor. *Nome da obra*. Número da edição. Nome da coleção [quando há]. Nome do ilustrador. Local de publicação: Nome da editora, Data de publicação.

Há, no entanto, outros elementos que os diferenciam. São eles: a folha de rosto, a capa, o formato, a quantidade de páginas, a numeração das páginas, a tipografia e as ilustrações. Para essa descrição, baseamo-nos em Bowers (1949) – que apesar de tratar de livros do século XIX, presta-se perfeitamente também em livros do

século XX. Para este autor, em vez de simplesmente reproduzir as folhas de rosto em fac-símile, deve-se “proceder primeiramente a descrição da folha de rosto” (BOWERS, 1949, p. 427).

Logo na sequência é descrita a capa, com delineamento relativo às diferentes ilustrações, cujas cores, desenhos e personagens variam de um exemplar para outro. Em seguida, as informações sobre o formato físico do testemunho (expresso em milímetros), a quantidade total de páginas do miolo e como é feita a numeração das páginas (separando peritextos¹⁴ de texto).

Todos os testemunhos analisados são livros físicos, preenchendo, portanto, a lacuna do suporte material. As manchas dos livros também permanecem iguais, a não ser a quantidade de linhas por página, por isso a informação seguinte é a tipografia, que determina este número – calculado a partir de uma página sem ilustrações e sem títulos ou espaços entre parágrafos. Já as ilustrações são descritas como COR quando são coloridas, e PB quando somente pretas.

a. Companhia Editora Nacional

1. Testemunho A

Identificação

LOBATO, Monteiro. *Viagem ao Céu*. 1ª edição. Coleção Bibliotheca Pedagogica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. 132 p.

Capa

[parte superior – fundo laranja e cor do texto amarelo] [logotipo BPB CIA EDITORA NACIONAL] / BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Serie I LITERATURA INFANTIL VOL. III / [parte central] (ilustração colorida) / [parte inferior] MONTEIRO LOBATO / Viagem ao Céu

Folha de rosto

[parte superior] BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Serie I LITERATURA INFANTIL / Vol. III / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU /

¹⁴ Os elementos peritextuais se encontram “sob responsabilidade direta e principal do editor [...] e proposto[s] ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes.” (GENETTE, 2009, p. 21).

(ilustração colorida) / ILUSTRAÇÕES DE JEAN G. VILLIN / [parte inferior] 1932 / CIA. EDITORA NACIONAL, R. DOS GUSMÕES, 26-28 – S. PAULO

Impressão

[páginas iniciais] SOCIEDADE IMPRESSORA PAULISTA / RUA SCUVERO N. 22 – SÃO PAULO

Composição: 134 páginas; 160 x 210 mm.

Tipografia: 1 coluna, 31 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(seis páginas pré-textuais, incluindo a guarda e o sumário; dezoito capítulos – ocupam da página 7 à 131; duas páginas em branco depois pós-textuais e guarda)

Ilustrações

(coloridas: isoladas em páginas sozinhas, não obedecem à numeração sequencial do livro; pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: Oficina Finisterre Urupês.

2. Testemunho B

Identificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 2ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. 123 p.

Capa

[parte superior – fundo verde e cor do texto amarelo] [logotipo C.E.N.] / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Serie I LITERATURA INFANTIL VOL. III / [parte central] (ilustração colorida colada) / [parte inferior] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU

Folha de rosto

[parte superior] Serie I / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / LITERATURA INFANTIL / Vol. III / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / (ilustração) / Ilustrações de Jean G. Villin / SEGUNDA EDIÇÃO / [parte inferior] 1934 / COMPANHIA EDITORA NACIONAL, R. GUSMÕES, 24 A. 30 – S. PAULO

Impressão

[páginas iniciais] *São Paulo Editora Limitada imprimiu / Rua Brig. Tobias, 78/80*

[páginas finais] ACABOU-SE A IMPRESSÃO / DE / “VIAGEM AO CÉU” / NO MÊS DE JUNHO / DE 1934, / NAS OFICINAS DA / SÃO PAULO EDITORA LIMITADA / SÃO PAULO / BRASIL

Composição: 124 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 34 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(seis páginas pré-textuais, incluindo o sumário; dezoito capítulos – ocupam da página 11 à 114; nove páginas com propaganda de outros livros depois do fim do texto)

Ilustrações

(coloridas: isoladas em páginas sozinhas, não obedece à numeração sequencial do livro; pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: acervo pessoal.

3. Testemunho CIdentificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 3ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. 124 p.

Capa

[parte superior – fundo verde e cor do texto amarelo] Série 1ª LITERATURA INFANTIL Vol. 3 / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / (ilustração colorida colada) / MONTEIRO LOBATO/ VIAGEM AO CÉU

Folha de rosto

[parte superior] Serie 1.ª LITERATURA INFANTIL BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA Vol. 3 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / Ilustrações de Jean G. Villin / TERCEIRA EDIÇÃO / (ilustração) / [parte inferior] 1937 / COMPANHIA EDITORA NACIONAL / SÃO PAULO

Impressão

[páginas iniciais] EDIÇÕES DESTE LIVRO: / Primeira edição – 1932 – 6.000 exemplares / Segunda edição – 1934 – 10.000 exemplares / Terceira edição – 1937 – 7.000 exemplares

[páginas finais] ACABOU-SE A IMPRESSÃO / DE / “VIAGEM AO CÉU” / NO MÊS DE JUNHO / DE 1937 / NAS OFICINAS DA / SÃO PAULO EDITORA LIMITADA / SÃO PAULO / BRASIL

Composição: 126 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 34 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(oito páginas pré-textuais, incluindo o sumário; dezoito capítulos – ocupam da página 11 à 114; seis páginas com propaganda de outros livros depois do fim do texto e guarda; possui anotações a lápis e à caneta na marginalia e nas entrelinhas e um papel colado.)

Ilustrações

(coloridas: isoladas em páginas sozinhas, não obedece à numeração sequencial do livro; pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: Biblioteca Monteiro Lobato.

4. Testemunho DIdentificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 4ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: Jean G. Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. 122 p.

Capa

[parte superior – fundo verde e cor do texto amarelo] Série 1º LITERATURA INFANTIL Vol. 3 / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / [parte central] (ilustração colorida colada) / [parte inferior] MONTEIRO LOBATO/ VIAGEM AO CÉU

Folha de rosto

[parte superior] Serie 1.^a LITERATURA INFANTIL / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Vol. 3 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / Ilustrações de Jean G. Villin / QUARTA EDIÇÃO / (ilustração) / [parte inferior] COMPANHIA EDITORA NACIONAL / SÃO PAULO – RIO DE JANEIRO – RECIFE – PÔRTO-ALEGRE / 1940

Impressão

[páginas iniciais] EDIÇÕES DESTE LIVRO: / Primeira edição – 1932 – 6.000 exemplares / Segunda edição – 1934 – 10.000 exemplares / Terceira edição – 1937 – 7.000 exemplares / Quarta edição – 1940 – 7.000 exemplares

[páginas finais] ACABOU-SE A IMPRESSÃO / DE / “VIAGEM AO CÉU” / NO MÊS DE JUNHO / DE 1940 / NAS OFICINAS DA / SÃO PAULO EDITORA LIMITADA / SÃO PAULO / BRASIL

Composição: 122 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 34 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(seis páginas pré-textuais, incluindo o sumário; dezoito capítulos – ocupam da página 11 à 119; três páginas depois do fim do texto, incluindo colofão)

Ilustrações

(coloridas: isoladas em páginas sozinhas, não obedece à numeração sequencial do livro; pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: acervo pessoal.

5. Testemunho EIdentificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 4^a edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 156 p.

Capa

[parte superior] MONTEIRO LOBATO/ VIAGEM AO CÉU / [parte central] (ilustração colorida) / [parte inferior] COMPANHIA / EDITORA / NACIONAL / SÃO PAULO

Folha de rosto

[parte superior] Serie 1.^a LITERATURA INFANTIL / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Vol. 3 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / Ilustrações de J. U. Campos / QUARTA EDIÇÃO / (ilustração) / [parte inferior] COMPANHIA EDITORA NACIONAL / SÃO PAULO – RIO DE JANEIRO – RECIFE – PÔRTO ALEGRE / 1943

Impressão

[páginas finais] ACABOU-SE A IMPRESSÃO / DE / “VIAGEM AO CEU” / EM / SETEMBRO DE 1943 / NAS OFICINAS / DA / SÃO PAULO EDITORA LIMITADA / SÃO PAULO (BRASIL)

Composição: 156 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 35 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(seis páginas pré-textuais, incluindo o sumário; vinte e três capítulos – ocupam da página 11 à 153; três páginas depois do fim do texto – uma delas inclui o colofão)

Ilustrações

(pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto e ao lado do texto.)

Localização: acervo pessoal.

6. Testemunho FIdentificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 5^a edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. 156 p.

Capa

[parte superior] MONTEIRO LOBATO/ VIAGEM AO CÉU / [parte central] (ilustração colorida) / [parte inferior] COMPANHIA / EDITORA / NACIONAL / SÃO PAULO

Folha de rosto

[parte superior] Serie 1.^a LITERATURA INFANTIL / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Vol. 3 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / Ilustrações de J. U. Campos / QUINTA EDIÇÃO / [parte inferior] COMPANHIA EDITORA NACIONAL / SÃO PAULO – RIO DE JANEIRO – RECIFE – PÔRTO ALEGRE / 1943

Impressão

[páginas finais] ACABOU-SE A IMPRESSÃO / DE / VIAGEM AO CEU / EM / SETEMBRO DE 1943 / NAS OFICINAS / DA / SÃO PAULO EDITORA LIMITADA / SÃO PAULO (BRASIL)

Composição: 156 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 35 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(quatro páginas pré-textuais, incluindo o sumário; vinte e três capítulos – ocupam da página 11 à 153; três páginas depois do fim do texto – uma delas inclui o colofão)

Ilustrações

(pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: acervo pessoal.

7. Testemunho GIdentificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 6^a edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. 152 p.

Capa

[parte superior] MONTEIRO LOBATO/ VIAGEM AO CÉU / [parte central] (ilustração colorida) / [parte inferior] COMPANHIA / EDITORA / NACIONAL / SÃO PAULO

Folha de rosto

[parte superior] Serie 1.^a LITERATURA INFANTIL / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Vol. 3 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU /

Ilustrações de J. U. Campos / 6.^A EDIÇÃO / [parte inferior] COMPANHIA EDITORA NACIONAL / SÃO PAULO – RIO DE JANEIRO – RECIFE – BAHIA – PARÁ – PÔRTO ALEGRE / 1945

Impressão

[páginas iniciais] IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL / PRINTED IN THE UNITED STATES OF BRAZIL

Composição: 152 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 35 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(quatro páginas pré-textuais, incluindo o sumário; vinte e três capítulos – ocupam da página 11 à 151; uma página depois do fim do texto)

Ilustrações

(coloridas: isoladas em páginas sozinhas, não obedece à numeração sequencial do livro; pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio.

8. Testemunho H

Identificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 7.^a edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: J.U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. 152 p.

Capa

[parte superior] MONTEIRO LOBATO/ VIAGEM AO CÉU / [parte central] (ilustração colorida) / [parte inferior] COMPANHIA / EDITORA / NACIONAL / SÃO PAULO

Folha de rosto

[parte superior] Serie 1.^a LITERATURA INFANTIL / BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA / Vol. 3 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / Ilustrações de J. U. Campos / 7.^A EDIÇÃO / [parte inferior] COMPANHIA EDITORA

NACIONAL / SÃO PAULO – RIO DE JANEIRO – RECIFE – BAHIA – PARÁ – PÔRTO ALEGRE / 1945

Impressão

[páginas finais] Este livro foi composto e impresso nas Oficinas / da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” / Ltda, à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo para / a Companhia Editora Nacional em agosto de 1945.

Composição: 156 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 35 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(oito páginas pré-textuais, incluindo o sumário; vinte e três capítulos – ocupam da página 11 à 151; uma página depois do fim do texto)

Ilustrações

(coloridas: isoladas em páginas sozinhas, não obedece à numeração sequencial do livro; pretas e brancas: aparecem entre textos, acima do texto, abaixo do texto, ao lado do texto.)

Localização: Oficina Finisterre Urupês.

b. Editora Brasiliense Limitada

9. Testemunho I

Identificação

<p>LOBATO, MONTEIRO. <i>Viagem ao Céu</i>. Obras Completas. Vol. II. Ilustrador: André Le Blanc. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1947. 280 p.</p>
--

Capa

[parte central – fundo verde e texto em prata] VIAGEM AO CÉU / e / O SACI

Folha de rosto

[parte superior] OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO / 2.^a Série LITERATURA INFANTIL Vol. 2 / [parte central] MONTEIRO LOBATO / VIAGEM AO CÉU / e / O SACÍ / Ilustrações de ANDRÉ LE BLANC / [parte inferior] (ilustração) / 1947 / EDITORA BRASILIENSE LIMITADA / RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 – S. PAULO

Impressão

[páginas iniciais] IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

[páginas finais] Este volume, o 2.º, da 2.ª Série das / “OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO” / foi composto e impresso na / *Empresa Grafica da “Revista dos Tribunais”* Ltda, / rua Conde de Sarzedas, 38 – São Paulo, / para a / EDITORA BRASILIENSE LTDA. – S. PAULO, / em MCMXLVII

Composição: 280 páginas; 140 x 210 mm.

Tipografia: 1 coluna, 34 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(doze páginas pré-textuais, incluindo o sumário e a nota dos editores; 23 capítulos – ocupam da página 3 a 165; o livro ainda possui a obra “O Saci” que começa na página 167)

Ilustrações

(pretas e brancas: aparecem entre textos, acima, abaixo ao lado de textos.)

Localização: acervo pessoal.

10. Testemunho JIdentificação

LOBATO, MONTEIRO. *Viagem ao Céu*. 8ª edição. Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira. Ilustrador: AVGVSTVS (capa), André Le Blanc (miolo). São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1948. 156 p.

Capa

[parte superior] MONTEIRO LOBATO / (ilustração colorida) / [parte inferior] VIAGEM AO CÉU / EDITORA BRASILIENSE LTDA. – S. PAULO / AVGVSTVS /

Folha de rosto

[parte superior] MONTEIRO LOBATO / [parte central] VIAGEM AO CÉU / Ilustrações de André Le Blanc / 8.ª EDIÇÃO / (ilustração) / [parte inferior] (ilustração) / 1948 / EDITORA BRASILIENSE LTDA / RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 93 – SÃO PAULO

Impressão

[páginas iniciais] IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

[páginas finais] Este livro foi composto e impresso / nas oficinas da / *Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”* Ltda. / para a / EDITORA BRASILIENSE LTDA. – S. Paulo / em MCMXLVIII.

Composição: 154 páginas; 160 x 230 mm.

Tipografia: 1 coluna, 33 linhas.

Encadernação: capa dura.

Conteúdo

(seis páginas pré-textuais, incluindo o sumário; 23 capítulos – ocupam da página 7 à 152.)

Ilustrações

(pretas e brancas: aparecem entre textos, acima, abaixo ao lado de textos.)

Localização: Biblioteca Monteiro Lobato.

Grésillon (2007) afirma que “Para obras longas ou dossiês genéticos particularmente volumosos, somos obrigados a proceder escolhas” (p. 253); como os testemunhos da obra *Viagem ao céu* são extensos (mais de 100 páginas por exemplar), algumas escolhas para a análise das variantes precisaram ser feitas.

3.3 Análise visual dos testemunhos

Por meio da descrição dos testemunhos, já foi possível verificar algumas discrepâncias evidentes. A primeira é a cor e o aspecto da capa: o testemunho A apresenta imagem de capa grande e texto com fundo laranja; os testemunhos B, C e D, imagem de capa menor e texto com fundo verde. O testemunho A apresenta o logotipo BPB (de Bibliotheca Pedagogica Brasileira), já os testemunhos B e C, o logotipo C.E.N. (de Companhia Editora Nacional, provavelmente); os outros testemunhos não apresentam logotipos. O testemunho A foi impresso pela Sociedade Imprensa Paulista, já os testemunhos B, C, D, E, F pela São Paulo Editora Limitada; o testemunho G não apresenta essa informação. E os testemunhos H, I e J foram impressos nas Oficinas da Empresa Gráfica da ‘Revista dos Tribunais’ Ltda.

É interessante reparar que a imagem de capa dos testemunhos A e B são idênticas, uma com um recorte diferente da outra. Além disso, a imagem do testemunho A é impressa diretamente na capa colorida. Nos testemunhos B, C e D, as imagens são coladas em cima da capa impressa, facilmente retiráveis (portanto frágeis) e, por isso,

existem vários testemunhos B, C e D com imagens de capa diferentes (ou até sem elas, revelando o vazio que esperava a imagem de capa). As imagens podem ser conferidas nas figuras 5 a 14. Foi preciso se agrupar os testemunhos por conteúdo, fazendo com que os testemunhos A, B, C e D fizessem parte do encadeamento I (aqueles que faziam parte da BPB); já os testemunhos E, F, G, H, I e J, do encadeamento II (fora da BPB), conforme demonstram os quadros 4 e 5 a seguir.

Quadro 4. Encadeamento I



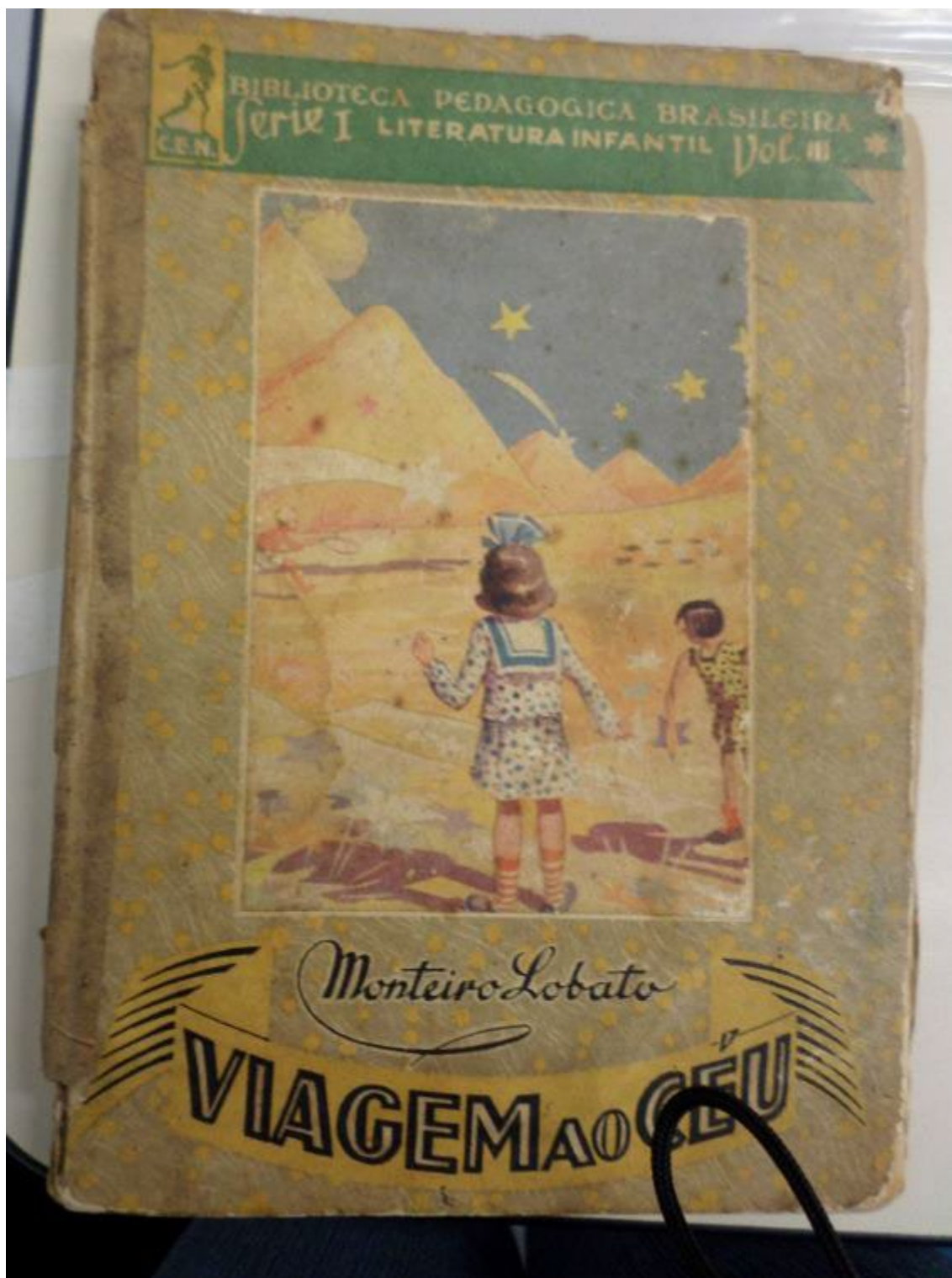
Quadro 5. Encadeamento II



Figura 5. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1932) (testemunho A)

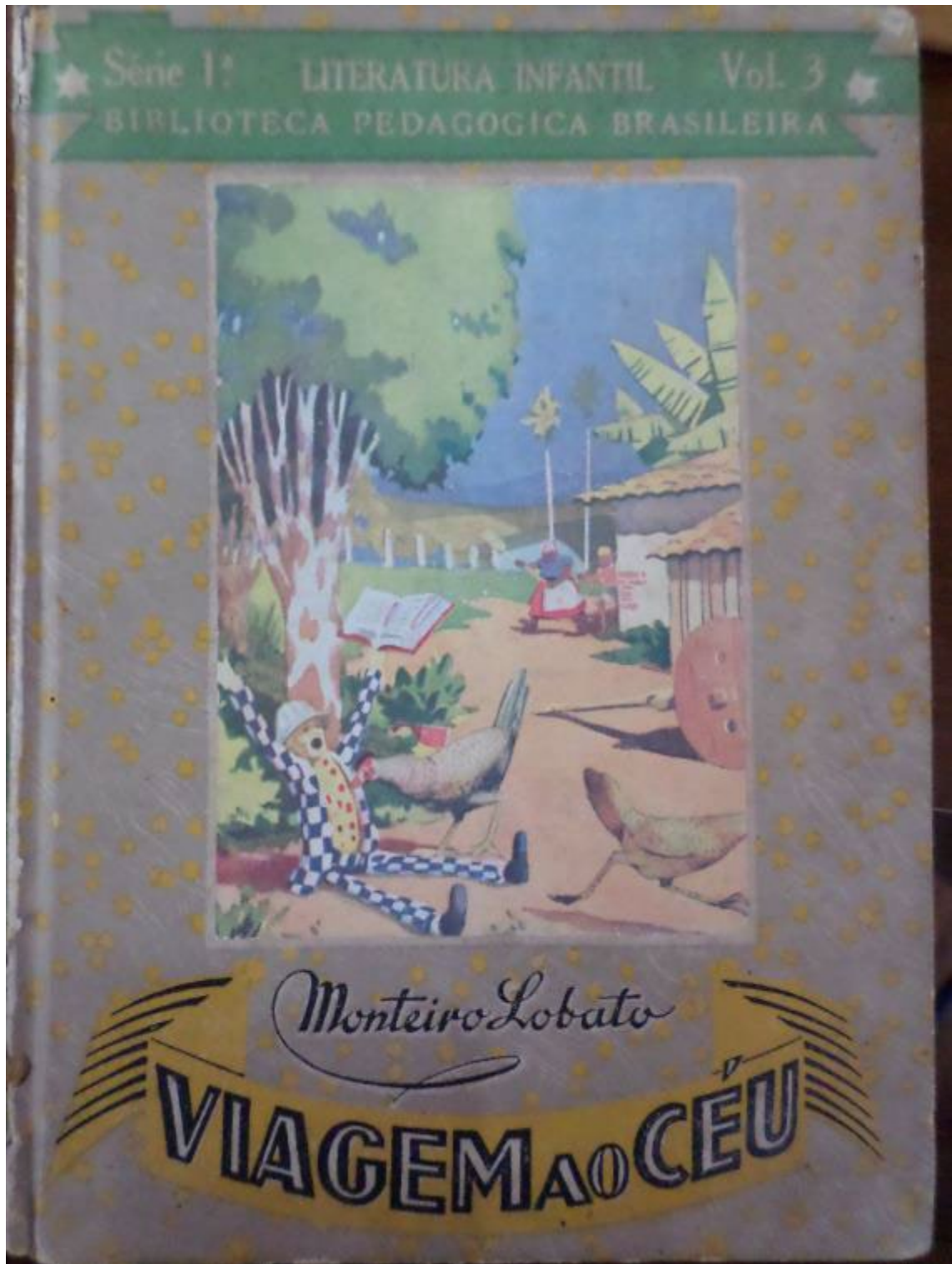
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra de Ricardo Ferreira, da Oficina Finisterre Urupês (Oficina FU).

Figura 6. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1934) (testemunho B)



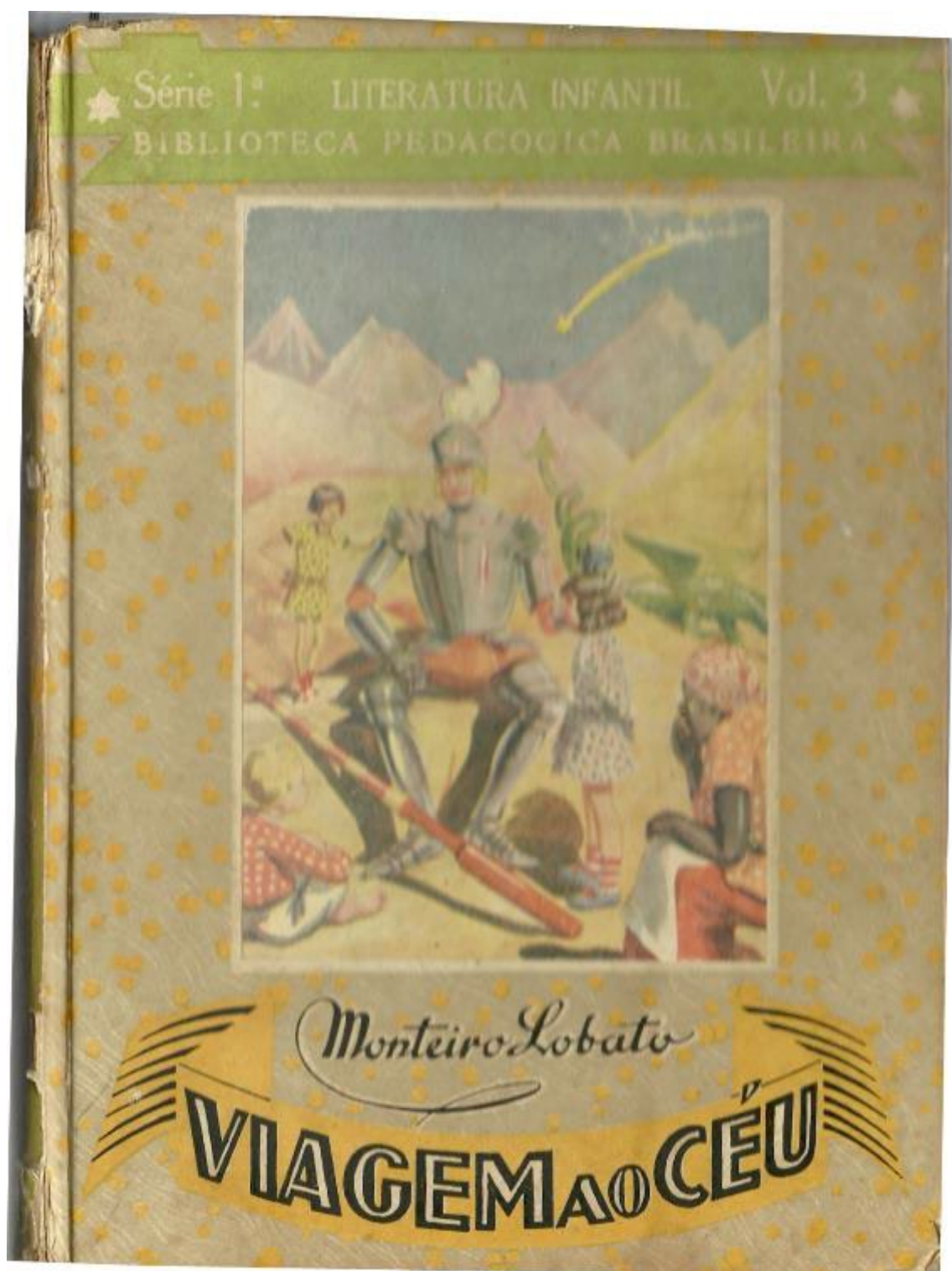
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 7. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1937) (testemunho C)



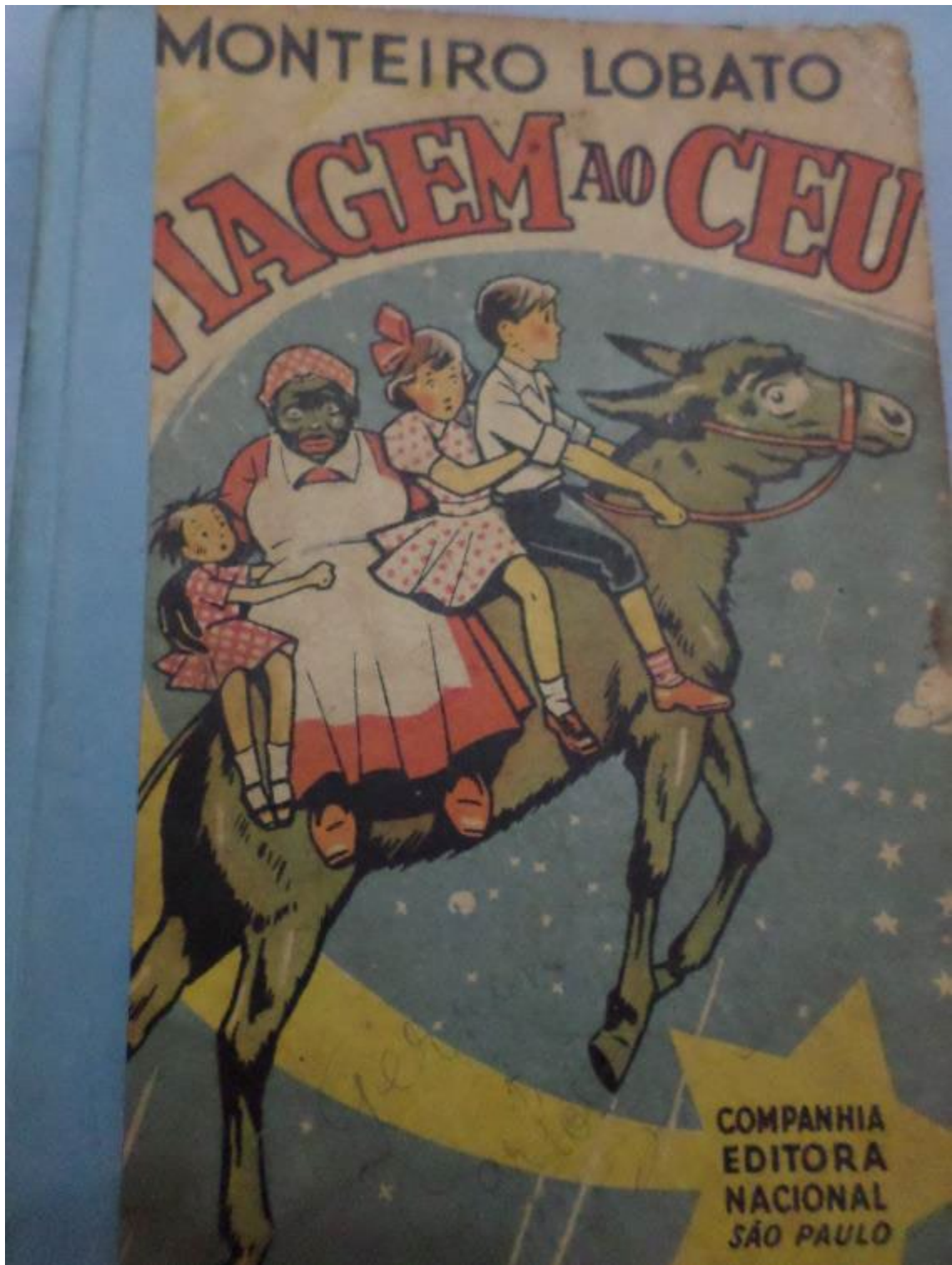
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato.

Figura 8. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1940) (testemunho D)



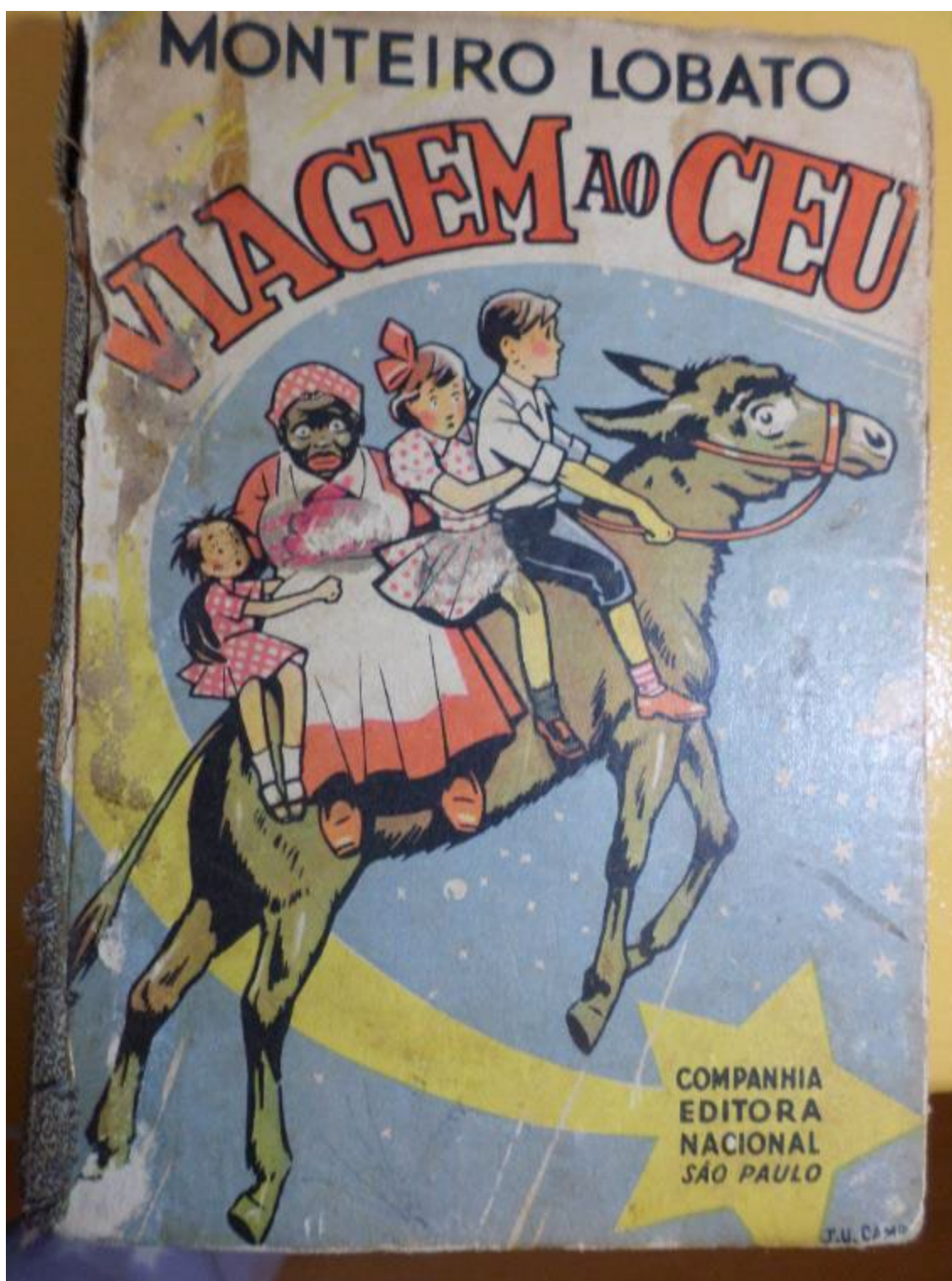
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 9. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1943) (testemunho E)

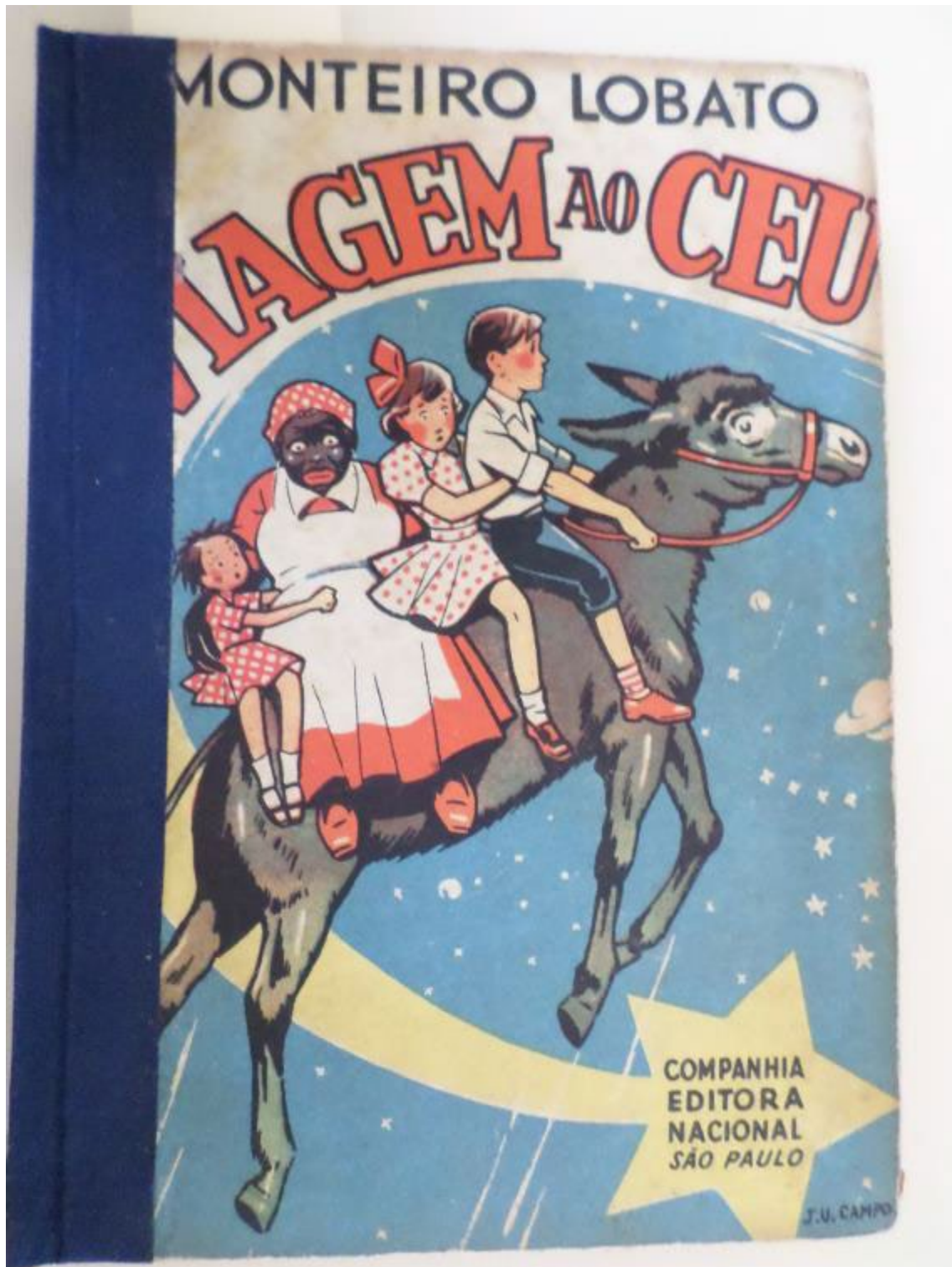


Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 10. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1943) (testemunho F)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 11. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1945) (testemunho G)

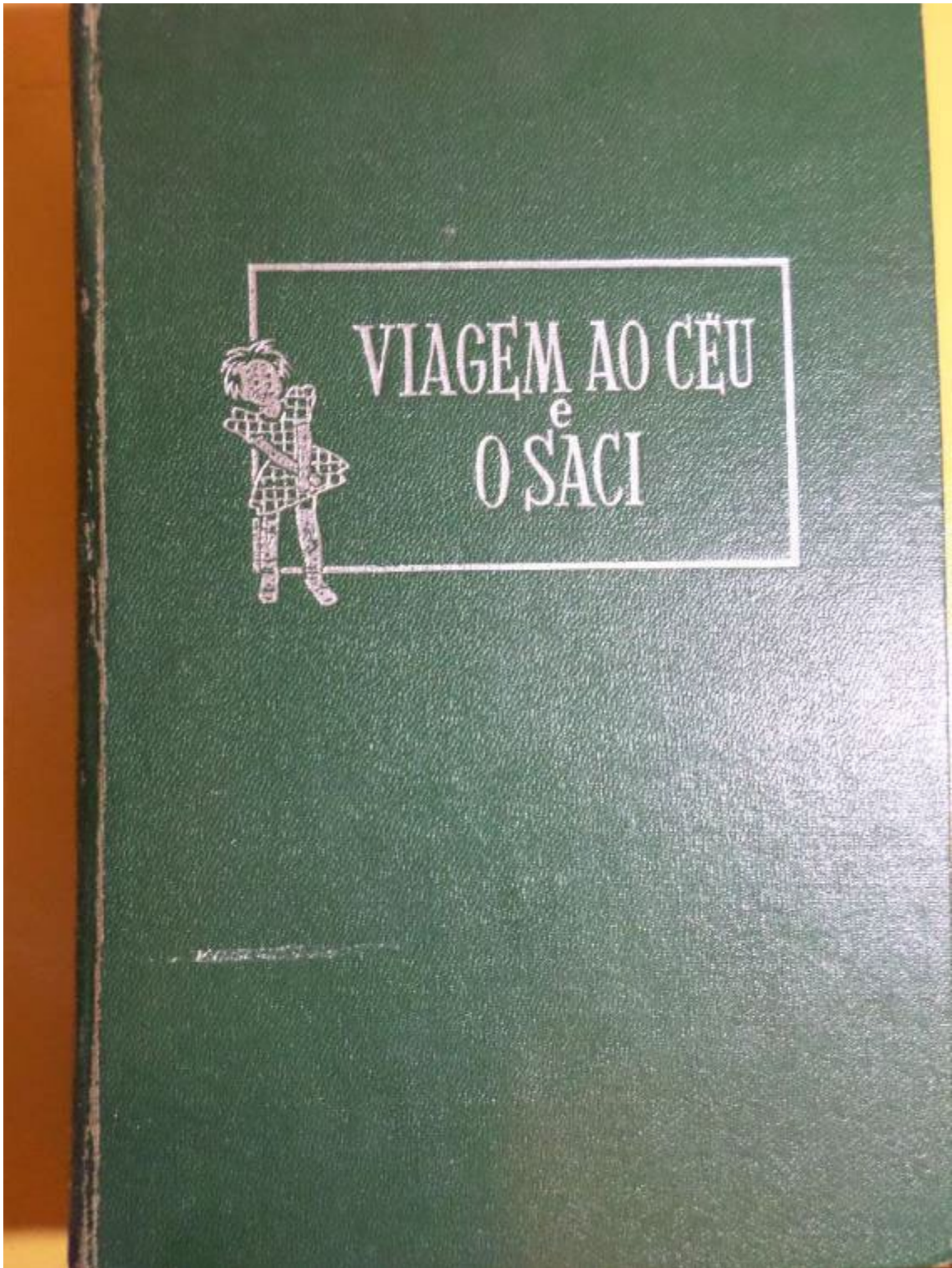
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra no Cedae.

Figura 12. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1945) (testemunho H)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra de Ricardo Ferreira, da Oficina Finisterre Urupês (Oficina FU).

Figura 13. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu e O Saci* (1947) (testemunho I)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 14. Imagem da capa do livro *Viagem ao Céu* (1948) (testemunho J)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato...

Os testemunhos B e C (do encadeamento I) apresentam anúncios ao final da obra, isto é, algumas propagandas de livros já publicados pelo autor (figuras 15 a 24). O testemunho B apresenta 7 (sete) páginas com essas informações; o C, 3 (três). As páginas 116, 118 e 120 do testemunho B são exatamente iguais às 122, 123 e 124 do testemunho C, conforme mostram os quadros 6 e 7 a seguir, sistematizados no quadro 8 na sequência.

Quadro 6. Peritextuais finais do testemunho B



Quadro 7. Peritextuais finais do Testemunho C



Figura 15. Peritextual final do testemunho B (p. 116)

LITERATURA INFANTIL
Obras originais de MONTEIRO LOBATO



REINAÇÕES DE NARIZINHO
DESENHOS DE VILLIN

A obra mais original que ainda apareceu no Brasil, contendo as primeiras aventuras da menina do narizinho arrebitado, de seu primo Pedrinho, da famosa boneca Emilia, do marquês de Rabiçó, do visconde de Sabugosa, de tia Nastácia. As cenas passam-se no Sítio do Picapau Amarelo, de propriedade de dona Benta. Neste volume estão reunidos os seguintes episódios: *Narizinho Arrebitado*, onde aparecem quasi todos os personagens da série; *No País das Abelhas*, em que Emilia se sacrifica para salvar os outros das garras duma quadrilha de bandidos; *O Marquês de Rabiçó*, em que se conta o casamento de Rabiçó com a Emilia; *O Noivado de Narizinho*, em que Rabiçó devora a coroa do Príncipe e assim atrapalha o casamento; *Aventuras do Príncipe*, em que se conta a famosa visita do Príncipe Escamado e sua corte ao sítio de dona Benta.

Grosso volume cart. 6\$000

NOVAS REINAÇÕES DE NARIZINHO
DESENHOS DE VILLIN

Continuação das aventuras no sítio de dona Benta, contendo as seguintes partes: *O Gato Felíz*, em que a embustreira dum gato ladrão é desmascarada pelo visconde de Sabugosa; *Cara de Coruja*, em que Emilia põe a língua para dona Carochinha; *O Irmão de Pinocchio*, em que aparece o João Faz-de-conta, cujo defeito era ser feio demais; *O Circo de Escavalinho*, em que Emilia vira artista de circo; *Pena de Papagaio*, em que todos vão passear no País das Fábulas, levados pelo Peninha, o menino invisível; *Pé de Pirlimpimpim*, em que dona Benta se senta no dedo do passaro Roca pensando que era uma raiz de árvore.



Grosso volume cartonado 6\$000

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 16. Peritextual final 2 do testemunho B (p. 117)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 17. Peritextual final 3 do testemunho B (p. 118)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 18. Peritextual final 4 do testemunho B (p. 119)

L I T E R A T U R A I N F A N T I L



Cartonado 6\$000

AS CAÇADAS DE PEDRINHO

DESENHOS DE VILLIN

Continuação das aventuras dos netos de dona Benta, em que se conta a caçada de uma celebre onça e o assalto que, por vingança, as outras onças e mais bichos fizeram ao Sítio do Picapau Amarelo. A situação foi salva graças á esperteza da Emilia, que dispersou a bicharia a granadas de mão. Também aparece neste livro um rinoceronte fugido de um circo do Rio de Janeiro, Emilia apossa-se dele e vende-o a Pedrinho.

AVENTURAS DE HANS STADEN

DESENHOS DE WIESE

A adaptação para as crianças da famosa obra de Hans Staden, que foi a primeira que apareceu sobre o Brasil. Staden descreve o seu cativeiro de oito meses numa tribo de indios antropofagos, que só por milagre não o devoraram. Depois de mil tribulações, consegue enganar os indios e safar-se num navio para a Europa. É um livro que brasileiro nenhum deve deixar de ler porque além do pitoresco possui um altíssimo valor historico.

Cartonado 6\$000

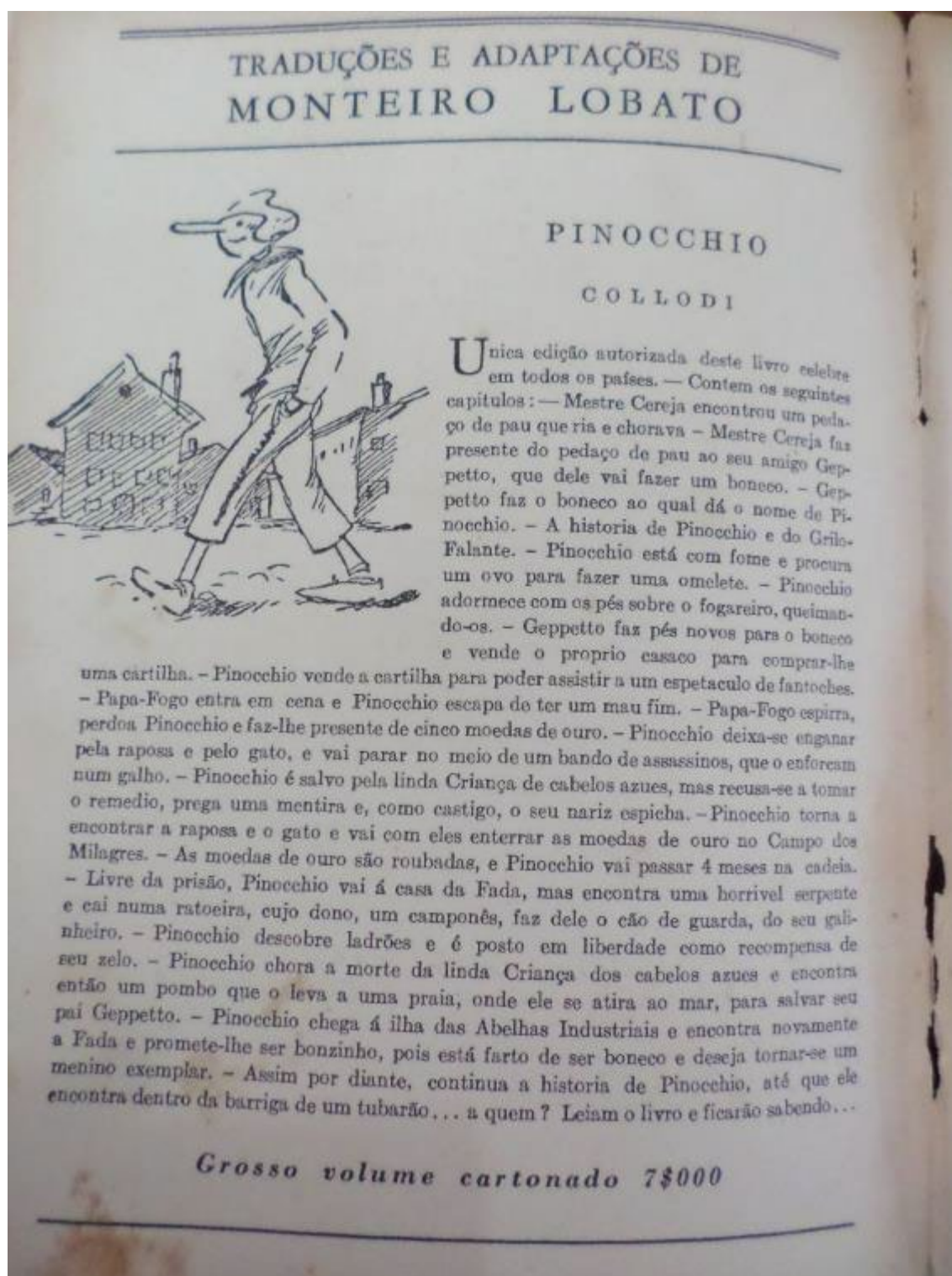


Novos livros infantis, traduções e adaptações de
MONTEIRO LOBATO

<p>GEOGRAFIA DA CRIANÇA PETER PAN CONTOS DE PERRAULT</p>	<p>NOVOS CONTOS DE GRIMM NOVOS CONTOS DE ANDERSEN</p>
--	---

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 19. Peritextual final 5 do testemunho B (p. 120)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 20. Peritextual final 6 do testemunho B (p. 121)

L I T E R A T U R A I N F A N T I L



HISTORIA DO MUNDO PARA AS CRIANÇAS
ADAPTADO DE HILLYER

Obra verdadeiramente notável, em que dona Benta faz um apanhado completo da historia do mundo desde a formação da terra até nossos dias, sempre interrompida pelas perguntas dos seus netos e pelos apartes malucos da Emilia. Obra volumosa de formato grande, com 300 paginas e numerosissimas gravuras.

Grosso volume cartonado 10\$000



CONTOS DE GRIMM

Contendo as seguintes historias:

- A menina da Capinha
- Vermelha - Cinderela - O ganso
- dourado - O principe Sapo - As
- enteadas e os anões - Branca de
- Neve e Rosa Vermelha - Branca
- de Neve - O alfaiate valentão -
- Hansel e Gretel - Os musicos
- de Bremen - Historia de anões.

Cartonado 5\$000

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 21. Peritextual final 7 do testemunho B (p. 122)

L I T E R A T U R A I N F A N T I L

**ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS**

LEWIS CARROL

O mais celebre livro para crianças do mundo inglês, considerado uma obra-prima universal. A extraordinária Alice, depois dum longo e extravagantissimo passeio pelo País das Maravilhas, mette-se numa segunda aventura, contada no Alice no País do Espelho.



Cartonado 5\$000

**ALICE NO PAÍS DO
ESPELHO**

LEWIS CARROL

Neste livro Alice joga uma partida de xadrez verdadeiramente maravilhosa, onde a maluquice chega aos maiores extremos. Contem os seguintes capitulos: A casa do espelho - O jardim vivo - Os insetos do espelho - Tweedledum e Tweedledee - Lá e agua - Humpty Dumpty - O leão e o unicornio - "E' invenção minha" - A rainha Alice - A sacudidela - Sonho 7.



Cartonado 5\$000

C O N T O S D E
A N D E R S E N

Contendo as seguintes historias: - A sereiazinha. - O isqueiro magico. - O patinho feio - A Pequena Polegar - Os cisnes selvagens.



Cartonado 5\$000

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 22. Peritextual final do testemunho C (p. 122)

LITERATURA INFANTIL
Obras originais de MONTEIRO LOBATO



Schu

REINAÇÕES DE NARIZINHO
DESENHOS DE VILLIN

A obra mais original que ainda apareceu no Brasil, contendo as primeiras aventuras da menina do narizinho arrebitado, de seu primo Pedrinho, da famosa boneca Emilia, do marquês de Rabicó, do visconde de Sabugosa, de tia Nastacia. As cenas passam-se no Sítio do Picapau Amarelo, de propriedade de dona Benta. Neste volume estão reunidos os seguintes episódios: *Narizinho Arrebitado*, onde aparecem quasi todos os personagens da série; *No País das Abelhas*, em que Emilia se sacrifica para salvar os outros das garras duma quadrilha de bandidos; *O Marquês de Rabicó*, em que se conta o casamento de Rabicó com a Emilia; *O Noivado de Narizinho*, em que Rabicó devora a coroa do Príncipe e assim atrapalha o casamento; *Aventura do Príncipe*, em que se conta a famosa visita do Príncipe Escamado e sua corte ao sítio de dona Benta.

Grosso volume cart., 6\$000

NOVAS REINAÇÕES DE NARIZINHO
DESENHOS DE VILLIN

CONTINUAÇÃO das aventuras no sítio de d. Benta, contendo as seguintes partes: *O Gato Felix*, em que a embustreira dum gato ladrão é desmascarada pelo visconde de Sabugosa; *Cara de Coruja*, em que Emilia põe a língua para dona Carochinha; *O Irmão de Pinocchio*, em que aparece o João Faz-de-canta, cujo defeito era ser feio demais; *O Circo de Escamãozinho*, em que Emilia vira artista de circo; *Pena de Papagaio*, em que todos vão passear no País das Fábulas, levados pelo Peninha, o menino invisível; *Pé de Pirlimpitpa*, em que dona Benta se senta no dedo do passaro Roca pensando que era uma raiz de árvore.

Grosso volume cartonado, 6\$000



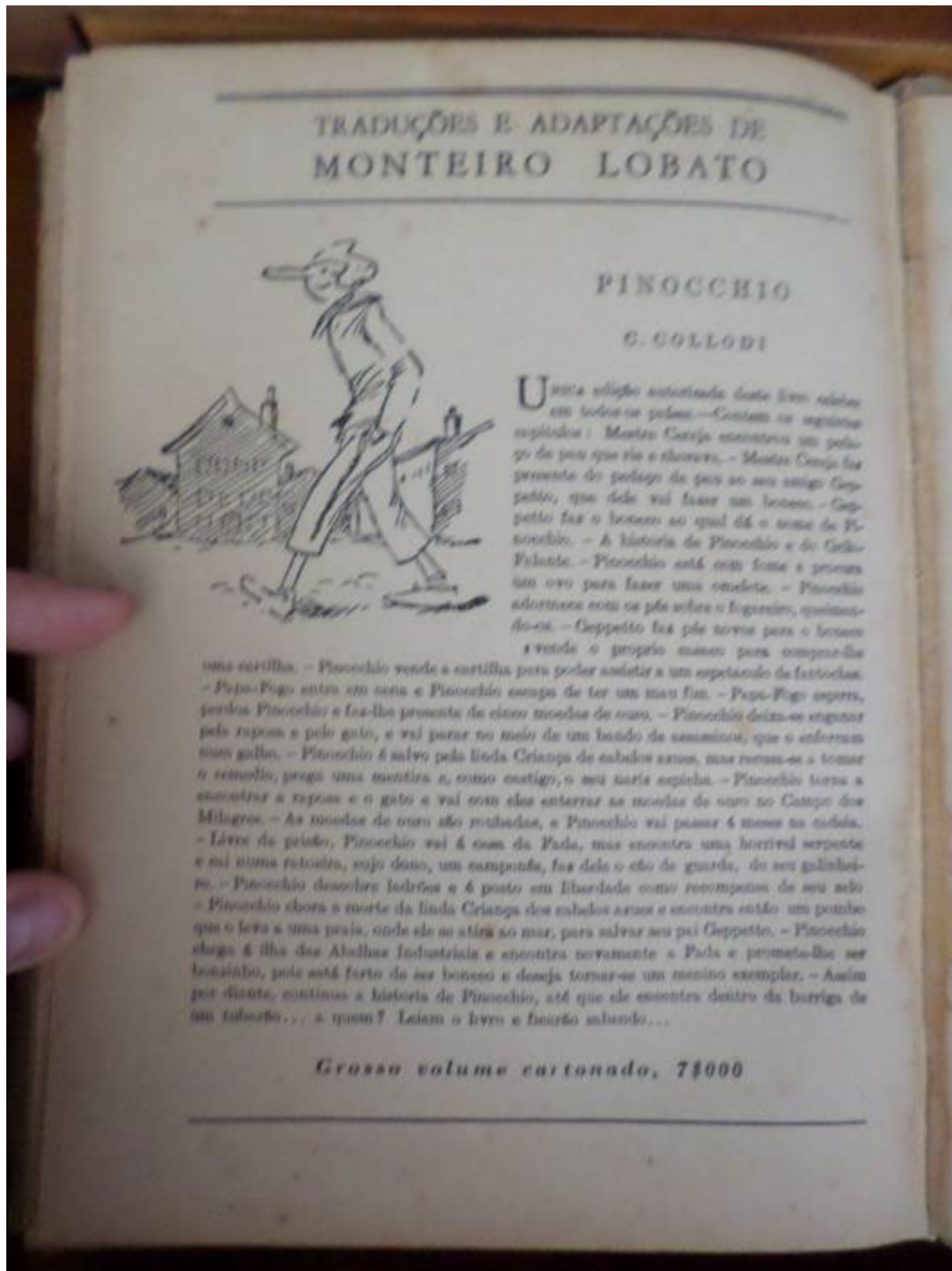
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato.

Figura 23. Peritextual final 2 do testemunho C (p. 123)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato.

Figura 24. Peritextual final 3 do testemunho C (p. 124)



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato..

Quadro 8. Equivalência entre as páginas peritextuais finais dos testemunhos B e C

Testemunho B	Testemunho C
116	122
117	-
118	123
119	-
120	124
121	-
122	-

Por causa de as páginas serem iguais nesses testemunhos, é possível concluir que se aproveitasse a mesma forma para imprimi-los todas as vezes. E por fazer autorreferência, isto é, fazer propaganda do próprio livro *Viagem ao céu* na obra *Viagem ao céu*, é provável também que esses anúncios apareçam exatamente iguais em outras obras do autor.

Sobre o formato, o único testemunho com formato diferente dos demais é o testemunho I, que segue o formato 14 por 21 centímetros dos outros livros das Obras Completas; todos os demais são 16 por 22 centímetros.

A quantidade de páginas também varia bastante: o testemunho A apresenta 132 páginas; os testemunhos B e C, 124; D, 122; E e J, 156; F e G, 152; H, 154; e I, 280 (pois inclui a obra *O Saci* junto dele, explicado mais adiante). A quantidade de linhas por páginas (calculada em uma página sem ilustrações e sem subtítulos) também varia: no testemunho A, 31 linhas; nos testemunhos B, C, D, 34 linhas; nos testemunhos E, F e G, 35 linhas; H e I, 33 linhas e no testemunho I, 33 linhas, conforme quadro 9 a seguir.

Quadro 9. Testemunhos, números de página e quantidade de linhas máxima na mancha

Testemunho	Páginas	Linhas na mancha
A	132	31
B	124	34
C	124	34
D	122	34
E	156	35
F	152	35
G	152	35
H	152	35
I	280	33
J	156	31

Essas alterações no formato dos peritextos podem ser devidas a alguns fatores: o primeiro é a troca de tipografia, já que os testemunhos foram impressos em locais diferentes: Sociedade Imprensa Paulista, São Paulo Editora Limitada e Oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda, conforme quadro 10 a seguir. Outro motivo é a escolha autoral, editorial e/ou tipográfica (feita pelo tipógrafo da casa impressora). Além disso, é preciso considerar que, provavelmente, a cada reimpressão, uma nova composição de páginas e tipos era refeita (e não aproveitada a composição anterior).


Quadro 10. Testemunhos e seus locais de impressão

Testemunho	Impressão
A	Sociedade Imprensa Paulista
B	São Paulo Editora Limitada
C	São Paulo Editora Limitada
D	São Paulo Editora Limitada
E	São Paulo Editora Limitada
F	São Paulo Editora Limitada
G	(sem informação)
H	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda
I	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda
J	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda

Os sumários dos peritextos pré-textuais também revelam algumas discrepâncias evidentes. Além da existência ou ausência de ilustrações, é clara a diferença na quantidade de capítulos entre os encadeamentos. No sumário do encadeamento I são enumerados 18 capítulos; e nos do encadeamento II, 23 (conforme mostram as figuras 25 a 34 e sua sistematização nos quadros 11 e 12 a seguir).

Este é um indício claro de que há modificação textual autoral – neste ponto é impossível creditarmos a outros agentes do mundo editorial uma mudança tão significativa.

Figura 25. Sumário do testemunho A



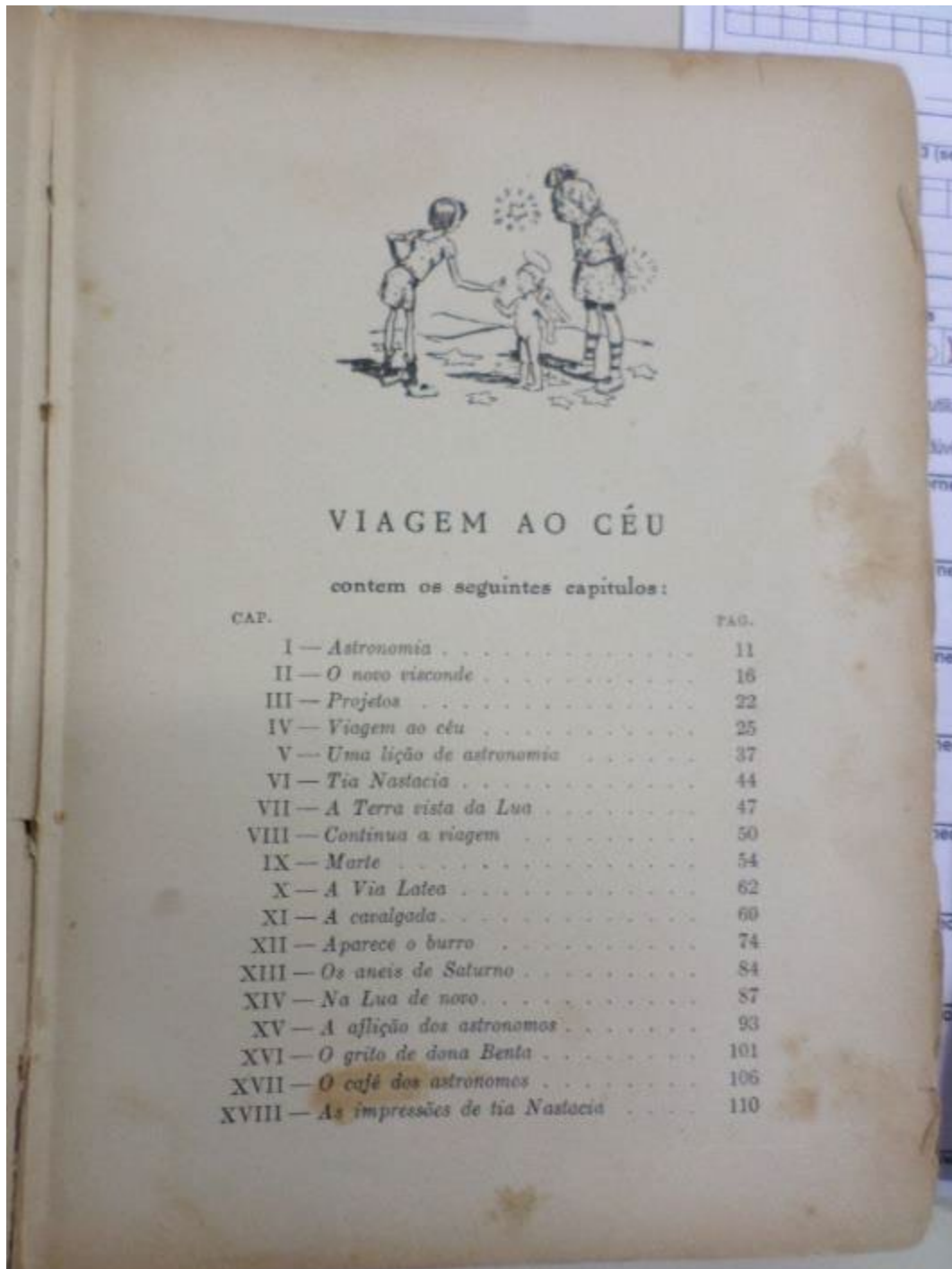
VIAGEM AO CÉU

contem os seguintes capitulos:

	Pag.
CAPITULO I — <i>Astronomia</i>	7
CAPITULO II — <i>O novo visconde</i>	13
CAPITULO III — <i>Projectos</i>	20
CAPITULO IV — <i>Viagem ao ceu</i>	24
CAPITULO V — <i>Uma lição de astronomia</i>	39
CAPITULO VI — <i>Tia Nastacia</i>	46
CAPITULO VII — <i>A Terra vista da Lua</i>	50
CAPITULO VIII — <i>Continúa a viagem</i>	54
CAPITULO IX — <i>Marte</i>	59
CAPITULO X — <i>A Via Lactea</i>	68
CAPITULO XI — <i>A cavalgada</i>	76
CAPITULO XVII — <i>O café dos astrônomos</i>	83
CAPITULO XIII — <i>Os aneis de Saturno</i>	95
CAPITULO XIV — <i>Na Lua de novo</i>	99
CAPITULO XV — <i>A afflicção dos astrônomos</i> ..	106
CAPITULO XVI — <i>O grito de dona Benta</i>	115
CAPITULO XII — <i>Apparece o burro</i>	121
CAPITULO XVIII — <i>As impressões de tia Nastacia</i>	126


Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra de Ricardo Ferreira, da Oficina Finisterre Urupês (Oficina FU)

Figura 26. Sumário do testemunho B



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 27. Sumário do testemunho C




VIAGEM AO CÉU

contem os seguintes capítulos:

CAP.	PAG.
I — <i>Astronomia</i>	11
II — <i>O novo risconde</i>	16
III — <i>Projetos</i>	24
IV — <i>Viagem ao céu</i>	27
V — <i>Uma lição de astronomia</i>	39
VI — <i>Tia Nastacia</i>	46
VII — <i>A Terra vista da Lua</i>	49
VIII — <i>Continua a viagem</i>	52
IX — <i>Marte</i>	58
X — <i>A Via Látea</i>	66
XI — <i>A cavalgada</i>	73
XII — <i>Aparece o burro</i>	79
XIII — <i>Os anéis de Saturno</i>	88
XIV — <i>Na Lua de novo</i>	91
XV — <i>A aflição dos astrónomos</i>	97
XVI — <i>O grito de dona Benta</i>	107
XVII — <i>O café dos astrónomos</i>	112
XVIII — <i>As impressões de tia Nastacia</i>	116

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato

Figura 28. Sumário do testemunho D




VIAGEM AO CÉU

contem os seguintes capítulos:

CAP.		PAG.
I	— <i>Astronomia</i>	11
II	— <i>O novo visconde</i>	16
III	— <i>Projetos</i>	24
IV	— <i>Viagem ao céu</i>	27
V	— <i>Uma lição de Astronomia</i>	39
VI	— <i>Tia Nastacia</i>	46
VII	— <i>A Terra vista da Lua</i>	49
VIII	— <i>Continua a viagem</i>	52
IX	— <i>Marte</i>	58
X	— <i>A Via Látea</i>	66
XI	— <i>A cavalgada</i>	73
XII	— <i>Aparece o burro</i>	79
XIII	— <i>Os anéis de Saturno</i>	88
XIV	— <i>Na Lua de novo</i>	91
XV	— <i>A aflição dos astrônomos</i>	97
XVI	— <i>O grito de dona Benta</i>	107
XVII	— <i>O café dos astrônomos</i>	112
XVIII	— <i>As impressões de tia Nastacia</i>	116

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 29. Sumário do testemunho E




ÍNDICE

I.	<i>Mês de Abril</i>	11
II.	<i>O Visconde Novo</i>	15
III.	<i>As Estrelas</i>	21
IV.	<i>O Ceu de Noite.</i>	27
V.	<i>O Telescopio.</i>	33
VI.	<i>Viagem ao Ceu</i>	38
VII.	<i>Coisas da Lua</i>	49
VIII.	<i>A Terra vista da Lua</i>	58
IX.	<i>Tia Nastacia.</i>	61
X.	<i>Mais Vistas da Terra</i>	66
XI.	<i>Continua a Viagem</i>	69
XII.	<i>O planeta Marte.</i>	76
XIII.	<i>Proesas da Emilia em Marte</i>	84
XIV.	<i>A Via Latea.</i>	88
XV.	<i>A cavalgada louca</i>	99
XVI.	<i>Aparece o Burro.</i>	103
XVII.	<i>Saturno</i>	113
XVIII.	<i>No planeta maravilhoso</i>	121
XIX.	<i>De novo na Lua.</i>	127
XX.	<i>A aflição dos astrônomos</i>	131
XXI.	<i>O grito de dona Benta.</i>	141
XXII.	<i>O café dos astrônomos</i>	146
XXIII.	<i>As impressões de tia Nastacia</i>	150

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 30. Sumário do testemunho F



ÍNDICE

I.	<i>Mês de Abril</i>	11
II.	<i>O Visconde Novo</i>	15
III.	<i>As Estrelas</i>	21
IV.	<i>O Ceu de Noite.</i>	27
V.	<i>O Telescopio.</i>	33
VI.	<i>Viagem ao Ceu</i>	38
VII.	<i>Coisas da Lua</i>	49
VIII.	<i>A Terra vista da Lua</i>	58
IX.	<i>Tia Nastacia.</i>	61
X.	<i>Mais Vistas da Terra</i>	66
XI.	<i>Continua a Viagem</i>	69
XII.	<i>O planeta Marte.</i>	76
XIII.	<i>Proesas da Emilia em Marte</i>	84
XIV.	<i>A Via Latea.</i>	88
XV.	<i>A cavalgada louca</i>	99
XVI.	<i>Aparece o Burro.</i>	103
XVII.	<i>Saturno</i>	113
XVIII.	<i>No planeta maravilhoso</i>	121
XIX.	<i>De novo na Lua.</i>	127
XX.	<i>A aflição dos astrônomos</i>	131
XXI.	<i>O grito de dona Benta.</i>	141
XXII.	<i>O café dos astrônomos</i>	146
XXIII.	<i>As impressões de tia Nastacia</i>	150

Figura 31. Sumário do testemunho G

INDICE		
I.	O Mês de Abril	11
II.	O Visconde Novo	14
III.	As Estrelas	20
IV.	O Ceu de Noite	26
V.	O Telescópio	32
+ VI.	Viagem ao Ceu	37
VII.	Cosas da Lua	46
VIII.	A Terra Vista da Lua	51
+ IX.	Tia Nastácia	61
X.	Mais Vistas da Terra	68
XI.	Continua a Viagem	78
XII.	O planeta Marte	87
XIII.	Proesas da Emilia em Marte	98
XIV.	A Via Lactea	104
XV.	A cavalgada louca	108
XVI.	Aparece o Burro	109
XVII.	Saturno	112
XVIII.	No planeta maravilhoso	120
XIX.	De novo na Lua	126
XX.	A aflição dos astrónomos	130
XXI.	O grito de dona Benta	140
XXII.	O café dos astrónomos	144
XXIII.	As impressões de tia Nastácia	148

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra no Cedae

Figura 32. Sumário do testemunho H

ÍNDICE	
I.	O Mês de Abril 11
II.	O Visconde Novo 14
III.	As Estrelas 20
IV.	O Ceu de Noite 26
V.	O Telescópio 32
VI.	Viagem ao Ceu 37
VII.	Coisas da Lua 49
VIII.	A Terra Vista da Lua 57
IX.	Tia Nastacia 61
X.	Mais Vistas da Terra 65
XI.	Continua a Viagem 68
XII.	O planeta Marte 75
XIII.	Proesas da Emilia em Marte 83
XIV.	A Via Lactea 87
XV.	A cavalgada louca 98
XVI.	Aparece o Burro 102
XVII.	Saturno 112
XVIII.	No planeta maravilhoso 120
XIX.	De novo na Lua 126
XX.	A aflição dos astrónomos 130
XXI.	O grito de dona Benta 140
XXII.	O café dos astrónomos 144
XXIII.	As impressões de tia Nastacia 148

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra de Ricardo Ferreira, da Oficina Finisterre Urupês (Oficina FU).

Figura 33. Sumário do testemunho I

INDICE	
Nota dos Editores	VII
VIAGEM AO CEU	
I — O mês de abril	3
II — O visconde novo	8
III — As estrelas	16
IV — O ceu de noite	22
V — O telescópio	29
VI — Viagem ao ceu	33
VII — Coisas da Lua	47
VIII — A Terra vista da Lua	56
IX — Tia Nastacia	60
X — Mais vistas da Terra	65
XI — Continua a viagem	69
XII — O planeta Marte	76
XIII — Proezas da Emilia em Marte	84
XIV — A Via Lactea	90
XV — A cavalgada louca	102
XVI — Aparece o Burro	107
XVII — Saturno	120
XVIII — No planeta maravilhoso	129
XIX — De novo na Lua	136
XX — A aflição dos astrónomos	140
XXI — O grito de dona Benta	150
XXII — O café dos astrónomos	155
XXIII — As impressões de tia Nastacia	160
O SACI	
I — Em férias	169
II — O sítio de dona Benta	171
III — Medo de saci	181
IV — Tio Barnabé	184

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 34. Sumário do testemunho J

INDICE

★






Cap.		
I	— O mês de abril	7
II	— O visconde novo	12
III	— As estrelas	19
IV	— O ceu de noite	25
V	— O telescópio	31
VI	— Viagem ao ceu	35
VII	— Coisas da Lua	47
VIII	— A Terra vista da Lua	55
IX	— Tia Nastácia	59
X	— Mais vistas da terra	64
XI	— Continua a viagem	68
XII	— O planeta Marte	74
XIII	— Proezas da Emilia em Marte	81
XIV	— A Via Látea	86
XV	— A cavalgada louca	97
XVI	— Aparece o Burro	101
XVII	— Saturno	113
XVIII	— No planeta maravilhoso	121
XIX	— De novo na lua	127
XX	— A aflição dos astrónomos	131
XXI	— O grito de dona Benta	139
XXII	— O café dos astrónomos	143
XXIII	— As impressões de tia Nastácia	147

Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada de obra na Biblioteca Monteiro Lobato.

Quadro 11. Sumários do encadeamento I

Testemunho A	Testemunho B	Testemunho C	Testemunho D
			

Quadro 12. Sumários do encadeamento II

Testemunho E	Testemunho F	Testemunho G
		
Testemunho H	Testemunho I	Testemunho J
		

3.4 Encadeamento dos testemunhos e definição de texto-base

A recensão e o levantamento das variantes são processos fundamentais para identificar as mudanças autorais na trajetória da produção de cada testemunho – “atribuíveis a etapas diferentes na trajetória da produção [...] do autor” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 152).

Em um momento inicial da pesquisa, optou-se por transcrever o texto do primeiro testemunho (testemunho A) por inteiro e tentar representar nele o aparato das variantes, assim como em uma edição filológica regular. Porém, as variantes seriam inúmeras – além de ficar confuso visualmente identificar a exata data de sua inserção.

Sobre as muitas edições impressas e vigiadas pelo autor, Italia e Raboni (2010) afirmam que

Diversa ovviamente la situazione di un'opera che presenti più redazioni d'autore (manoscritte e/o a stampa). In questo caso la prima fondamentale domanda da farsi è se si tratti o meno di redazioni confrontabili. Nel primo caso infatti l'intera elaborazione può essere rappresentata in apparato relativamente all'unico stadio redazionale posto a testo; nel secondo caso invece, quando le stesure divergano profondamente [...] o per ragioni di studio [...], si può decidere di dare un testo per ogni stato redazionale, con le proprie varianti interne, creando un apparato di "conguaglio" ovvero di legame fra l'ultimo stadio cui era arrivata l'elaborazione precedente e quella successiva. (ITALIA, RABONI, 2010, p. 39)¹⁵

As autoras defendem, portanto, que no caso de haver mais de uma edição impressa, que haja um texto para cada *status* editorial, com suas próprias variantes internas, criando um aparato de ajuste entre o último estado alcançado pela elaboração anterior e a sucessiva.

McKenzie (2018) também defende essa separação e independência entre os textos revistos pelo autor:

Quando um autor revisa um texto e duas ou mais versões dessa revisão conseguem sobreviver, pode-se dizer que cada uma delas tem sua estrutura distinta, fazendo dela um texto diferente. Cada uma incorpora uma intenção bem diferente. [...]

As versões não são apenas diferentes, elas também são evidências de um grupo preciso de significâncias em momentos sucessivos da história. (MCKENZIE, 2018, p. 55-56)

Ao eleger a obra anterior como texto-base para que a sua sucessora apresente as variantes, é possível propiciar uma melhor compreensão do percurso editorial do autor refletido no texto, já que a pesquisa sobre a obra *Viagem ao céu* predominantemente não apresentou manuscritos de reelaboração, e somente o cotejo do texto de um testemunho com seu subsequente faz-se possível para mostrar suas variantes (falaremos mais adiante do testemunho C, que apresenta anotações na marginalia).

¹⁵ "Obviamente, a situação de uma obra que possui múltiplas edições de autor (manuscrita e/ou impressa) é diferente. Nesse caso, a primeira questão fundamental a se fazer é se são ou não redações comparáveis. No primeiro caso, de fato, todo o processamento pode ser representado no aparato relativo ao único estágio editorial colocado no texto; no segundo caso, por outro lado, quando os rascunhos divergem profundamente [...] ou por motivos de estudo [...], é possível decidir dar um texto para cada status redacional, com suas próprias variantes internas, criar um aparato de "ajuste" ou ligação entre o último estado alcançado pela elaboração anterior e a sucessiva." (tradução nossa)

Neste caso, tomamos como base o encadeamento linear dos testemunhos no tempo, identificados eles próprios pela data de impressão. Portanto, propomos um cotejo em que o testemunho A seja texto-base do testemunho B; o testemunho B seja texto-base do testemunho C; e assim sucessivamente.

Na prática, os textos dos testemunhos foram digitados em plataforma digital Microsoft Word® – para poder fazer o cotejo na sequência. Partindo do testemunho A, por exemplo, fez-se um cotejo palavra a palavra com o texto do testemunho B. Marcaram-se as variantes substantivas; e assim sucessivamente com os outros oito testemunhos.

Por sugestão da professora doutora Maria Clara Paixão de Sousa e do professor doutor Phablo Roberto Marchis Fachin, do programa de Filologia e Língua Portuguesa, tabularam-se as transcrições, classificando-as em páginas e linhas, além de fazer-se um filtro para que aparecessem somente as linhas onde havia variantes. Ao seguirmos esta linha de apresentação, o texto do testemunho A ficou sem cores, porém com filtro onde há variantes no testemunho B. Vejamos o quadro 13 a seguir.

Quadro 13. Transcrição tabulada do capítulo I do testemunho A (somente linhas onde há variantes no testemunho B)

Testemunho A		
Página	Linha	Capítulo I - ASTRONOMIA
7	1	EMILIA estava com a mãozinha no queixo,
	2	pensativa. Dona Benta piscou para tia Nas-
8	3	mir. Dona Benta, vendo luz no quarto delle pela
	4	fresta da porta, tinha de gritar lá do seu:
	8	ranja a ser de pescoço comprido, como
	11	quadrada. O marquez, de preguiça de pensar,
9	12	acceitava tudo quanto lhe diziam, sem discutir. Só
	1	Os meninos se riram della, pobre, tão ignorante!
	4	mesma direcção, acaba voltando ao ponto de onde
10	5	partiu. Eu digo que a Terra é redonda e provo
11	2	porque aquella burrice tinha sido “marca Emi-
12	1	Em seguida foi empurrando a pobre negra
	5	E quem quizer atrapalhar em vez de ouvir e dis-
	6	cutir a serio, que se retire tambem (era allusão a

As marcas coloridas para indicar as variantes foram sugeridas pelo professor doutor e orientador deste trabalho, Sílvio de Almeida Toledo Neto, com a seguinte legenda explicativa: verde para troca de ordem, laranja para substituição, azul para adição, vermelho para omissão e roxo para troca de paragrafação.

Num segundo momento, foram assinaladas, no texto do testemunho B, as variantes do testemunho A. Por tradição na área de filologia, o que é usual fazer nesse sentido é colocar notas de rodapé. No entanto, como são muitas variantes, optou-se por colocá-las lado a lado, para melhor visualização, como mostram os quadros 14 a 18 a seguir.

Quadro 14. Exemplo de troca de ordem entre os testemunhos A e B

Testemunho A			Testemunho B		
p	In		p	In	
7	1	EMILIA estava com a mãozinha no queixo,	11	3	EMILIA estava pensativa, de mãozinha no queixo. Do-
	2	pensativa. Dona Benta piscou para tia Nas-			

Quadro 15. Exemplo de substituição entre os testemunhos A e B

Testemunho A			Testemunho B		
p	In		p	In	
9	7	Os meninos se riram della, pobre, tão ignorante!	12	28	Os meninos se riram dela, coitada, tão ignorante!

Quadro 16. Exemplo de adição entre os testemunhos A e B

Testemunho A			Testemunho B		
p	In		p	In	
10	99	porque aquella burrice tinha sido “marca Emi-	13	9	aquela burrice tinha sido mesmo “marca Emilia”. Todos,

Quadro 17. Exemplo de omissão entre os testemunhos A e B

Testemunho A			Testemunho B		
p	In		p	In	
15	12	– Coloque o pronome certo que eu solto você,	18	16	– Coloque o pronome certo que eu solto, respondeu

Quadro 18. Exemplo de paragrafação entre os testemunhos A e B

Testemunho A			Testemunho B		
p	In		p	In	
45	16	– Juro! disse a boneca com todo o caradurismo.	43	1	– Juro! disse a boneca com todo o caradurismo.
	17	S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente		2	S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente de otima
46	1	de optima vista, mas nunca suppoz que houvesse	43	3	vista, mas nunca supôs que houvesse
	2	alguem capaz de enxergar tão longe como a		4	alguem capaz de enxer-
	3	boneca.			gar tão longe como a boneca.

É possível verificar, somente com esses exemplos de cotejo entre os testemunhos A e B, que foram mudados, muitas vezes, o parágrafo, a linha e a página onde se encontravam os textos, o que muito dificultou nossos cotejo e conferência entre eles.

Ao mostrar o testemunho B junto ao testemunho A, optamos por colorir também o testemunho A, para mostrar exatamente a localização da variante, como acontece no quadro 17, em que a palavra omitida é mais bem identificada se localizada com cores no testemunho A.

Acreditamos que essa dificuldade em encontrar a equivalência textual entre os dois testemunhos também foi experienciada pelo tipógrafo, linotipista ou compositor responsável por montar¹⁶ cada página, o que evidencia que as variantes podem não ter sido autorais – o(s) agente(s) envolvido(s) na montagem da obra pode(m) ter se confundido na ordem, na paragrafação e/ou mesmo ter resolvido por conta própria modificar o texto da obra-modelo.

3.5 Agentes envolvidos na montagem da obra

Além do autor, que fazia papel também de editor, outros agentes estavam envolvidos na montagem de uma obra moderna impressa no começo do século XX, como é o caso de *Viagem ao céu*. Eram eles: revisores, compositores e, no caso, de Lobato, críticos, amigos e leitores.

Conforme exemplificado por Arezio (1925/2016), os revisores de provas tipográficas exerciam, na época anterior à publicação da obra de Arezio, papel fundamental na elaboração de uma obra. A obra original, ou seja, aquela que devia servir de base para o tipógrafo fazer a montagem da obra, era, muitas vezes, revisada e corrigida por um agente (o revisor), que fazia essa conexão entre o escritor e o tipógrafo, “cada qual responsabilizando-o pelos fracassos e erros” (AREZIO, 1925/2016, p. 38). Muitas vezes esse revisor ficava ao lado da máquina tipográfica, no ato da impressão, revisando as páginas que acabavam de sair, e aplicava a elas as regras gramaticais e ortográficas vigentes, além das padronizações de cada casa editora. É sobre ele que recai a responsabilidade quanto a todos os erros encontrados

¹⁶ Uma oficina tipográfica (ou de impressão) era responsável pela montagem da página por meio da seleção dos tipos móveis de cada letra sequencialmente para formar cada linha (composição), pela disposição das linhas e ilustrações de acordo com o projeto gráfico (paginação) e/ou pela impressão da obra. Muitas vezes o tipógrafo tinha uma obra-modelo em mãos e deveria compô-la tão igual quanto possível na prensa, porém essa composição muitas vezes era impressa diferente da obra-modelo.

num trabalho tipográfico, mas também ele pode “corrigir melhor certos erros da obra do que o próprio autor” (AREZIO, 1925/2016, p. 38).

Pesam sobre a revisão todos os erros encontrados num trabalho tipográfico, como sejam os de ortografia, de pontuação, de inexatidão com o original, de convenção e uniformidade, de letras arruinadas ou de caracteres diferentes, de estética etc. (AREZIO, 1925/2016, p. 39-40)

Arezio (1925/2016) também adverte sobre o trabalho dos compositores, ou seja, os responsáveis pela montagem das páginas. Trechos do artigo “Filosofia de Gatos e Pastéis”, do escritor Afonso Celso, reproduzidos no livro de Arezio, evidenciam também erros que podem acontecer no processo de composição:

É que se corrige uma letra ou um vocábulo, mas volta a ser fundida, para a correção, a linha inteira e, então, faz-se a emenda, porém outros erros se praticam, mais graves, às vezes do que os primeiros. (CELSE apud AREZIO, 1925/2016, p. 44)

Prossegue o mesmo autor:

Tenho visto provas saírem limpas da revisão e aparecerem, depois de impresso o trabalho, imperfeições que não existiam anteriormente; a razão está, algumas vezes, no mau vezo de certos compositores em não justificarem bem as linhas com espaços convenientes, deixando-as frouxas, resultando, na ação de o impressor levantar a chapa, ficarem algumas letras sobre o mármore; estas são repostas onde melhor lhe parecerem, e o revisor procure por onde entrou o gato ou por que dente do pente passou o piolho. (AREZIO, 1925/2016, p. 51)

Sobre as questões ortográficas, Lobato tinha verdadeiro “horror pelos erros dos linotipos” (NUNES, 2000, p. 24). O autor já havia reclamado diversas vezes sobre erros ocorridos em seus livros. *Ideias de Jeca Tatu*, por exemplo, teria sido “atamancado numa semana, depois de encalhado numa miserável tipografia falida e mudado para outra peor ainda, que também ia falir ou mudar, não sei.” (LOBATO, 1957, p. 400).

Moraes (1998) afirma que, depois da Primeira Guerra Mundial, os editores brasileiros se viram em uma situação trágica ao não poder mandar imprimir seus livros na Europa. Lobato, então, “não encontrou tipografia capaz de produzir livros nas quantidades que necessitava. Teve de montar uma oficina, meter-se num negócio estranho e “nocivo à sua atividade de editor” (MORAES, 1998, p. 121). Em carta de fevereiro de 1919, Lobato conta que já estava “montando oficinas próprias, especializadas na fatura do livro” (LOBATO, 1944, p. 338). No contrato social

apareciam os bens comprados por Lobato: “machinismos, material typographico, utensílios” (*apud* BIGNOTTO, 2018, p. 299). Em março do mesmo ano, em carta, afirma “O próximo [...] já será impresso em *nossas* oficinas, com tintas *nossas*, tipos *nossos* – e verás como melhorará de factura” (LOBATO, 1944, p.390). Segundo Bignotto (2018), isso permitiria “maior controle sobre a fidedignidade dos textos impressos aos originais e a legibilidade das obras publicadas” (BIGNOTTO, 2018, p. 300).

Os críticos também foram agentes importantes nas motivações de emendas nas obras de Lobato. Citemos aqui, entre inúmeros casos, somente o de Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), que, quando foi diretor da Instrução no estado do Ceará, escreveu para Lobato:

Foi preciso, para manter a aprovação, que eu inventasse haver uma 2ª edição, sem os inconvenientes da primeira.

Lembra-se V. de que lhe falei sobre aquele tópico dos freis com os sacramentos etc. Esse tópico, aí mesmo, ofendeu a muitos professores. V. só terá vantagens em suprimi-lo, quando reeditar o livro.

(*apud* BIGNOTTO, 2018, p. 442)

Provavelmente Lourenço Filho refere-se à obra *Narizinho arrebitado* (1921), pois há uma carta sem data de Lobato em que ele afirma “Parece-me que o Ceará adoptou os meus livros. Houve objeções contra o Nariz. Que é “offensivo à igreja” (!!!!) mas esperam 2^{as} edições “desagravadas” (*apud* BIGNOTTO, 2018, p. 442-443). O tópico a que Lourenço Filho se refere é provavelmente sobre a passagem da obra *Narizinho arrebitado* em que um frei e um padre são retratados como insetos, totalmente suprimida nas edições posteriores.

Debus (2004) e Tim (2007) traçam o percurso da interação entre Lobato e seus leitores infantis, os primeiros que “apresentavam resultados concretos da recepção” (DEBUS, 2004, p. 202). É interessante notar o fato de as cartas de alguns leitores sugerirem alterações nas obras (muitas vezes atendidas pelo escritor) e pedidos de inclusão de si próprios na obra, como acontece com Alarico Silveira Junior (1924-), o Alariquinho, filho de Alarico Silveira (1875-1943). Vejamos uma carta escrita ao menino, datada de 10 de setembro de 1929.

Prezado amigo

Junto com esta estou mandando um exemplar do Circo de Escavalinho, onde aparece um tal Alariquinho que está com jeito de ser você.

O impressor botou o retrato dele logo na segunda página, em vez de o botar no ponto em que o meu amigo íntimo aparece na história, de visita ao pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo. Creio que é esse o único erro do livro, não contando outros errinhos de revisão que o amigo certamente desculpará

(LOBATO, 1959a, p. 292-293)

Além de incluir o menino como personagem de sua obra – como Lobato também fará em *Viagem ao céu*, detalhado adiante –, ainda culpa o impressor e o revisor pela incorreta localização da imagem do garoto e pelos “outros errinhos de revisão que o amigo certamente desculpará” (LOBATO, 1959a, p. 293).

Em outra carta, o menino Severino de Moura Carneiro Júnior afirma que encontrou em seus livros didáticos informação diferente da que se encontra no livro *Geografia de Dona Benta* e afirma:

Eu encontrei uma coisa que me deixou impressionado: a capital do Domínio Canadá como sendo Montreal. Ora todas as geografias dizem que a capital é Ottawa. O que é que você me diz, meu mestre? (DEBUS, 2004, p. 188)

Em carta a outra criança, em que Monteiro Lobato a identifica como “Geo David”¹⁷, o autor explica que “Dona Benta é uma sábia, mas [...] às vezes cochila e erra”. Monteiro Lobato ainda se adianta e explicita outro erro da obra (não percebido por Geo David, mas sim por Carneiro Júnior na carta citada): “Na Geografia há outros errinhos da boa velha, como, por exemplo, a capital do Canadá, que ela deu errada” (LOBATO, 1959a, p. 37-38).

Lobato não tinha, portanto, melindres de mexer na própria obra – seja por constatar algum erro da montagem e/ou impressão da obra, para atender às expectativas de receptores da sua obra ou mesmo para corrigir algum dado técnico ou didático.

¹⁷ Deu-nos a impressão de que Monteiro Lobato chama o menino David por “Geo David” como um apelido carinhoso para um leitor que o corrige nas informações geográficas.

3.6 O aparato crítico-genético

As etapas da filologia do autor na obra *Viagem ao Céu* apresentam particularidades interessantes. Uma delas é a constatação de que, muitas vezes, sua posição privilegiada de editor da própria obra facilitou que essas alterações fossem aceitas. Essas alterações se originaram, portanto “[...] a partir dum cálculo deliberado” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p.101).

Spaggiari (1998) ainda faz uma diferenciação entre dois tipos de “variantes autorais”:

[...] cabe aliás distinguir entre a fase precedente e a fase subsequente à publicação de uma obra, pois o acto da publicação constitui o verdadeiro discrimen entre os dois tipos de variante autoral: as variantes genéticas (isto é, antes de a obra vir à luz), e as variantes evolutivas (depois). (SPAGGIARI, 1998, p. 53)

O percurso da gênese da obra analisada inclui os testemunhos modernos impressos, ou seja, exemplares de diferentes edições, revistos e corrigidos pela mão do autor, em que “[...] cada redação não deixa de representar a intenção final do autor na própria altura da sua publicação” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 218).

Neste caso, devemos aqui levantar algumas questões teóricas com relação às variantes autorais evolutivas. No caso de textos modernos impressos e, tendo como variantes aquelas levantadas no cotejo dos textos dos testemunhos encontrados, não é possível afirmar que toda alteração foi feita propositalmente pelo autor.

Além de trabalhar com diversas casas impressoras, vários intelectuais da época do início do século XX reclamavam que os linotipistas e tipógrafos muitas vezes inseriam, excluía, formatavam e reformulavam os textos indiscriminadamente. Lobato também reclamava dos erros e interferências deliberadas em seus textos.

Como exemplos, citamos alguns recados de Lobato endereçados a Bruno Di Tolla, chefe das oficinas da Empresa Grafica da Revista dos Tribunais, reproduzidos por Travassos (1964), que evidenciam suas preocupações:

Bruno,

Não posso compreender por que motivo em vez de apenas se corrigirem estas provas, refazendo linhas, o linotipista compõe quase tudo de novo, perpetrando inúmeros erros novos. Desse modo a revisão não acaba nunca. Compare as emendas do último artigo, sobre Guiomar Novais. Há nas provas limpas 22 linhas com erros novos que não aparecem nas provas sujas. Marquei essas linhas com um traço vermelho a direita. Em outros artigos, a mesma coisa. Que misterio é esse, amigo Bruno?

(*apud* Travassos, 1964, p. 123-124)

Advertência

Pede-se de joelhos ao compositor que não deixe neste livro um só acento grave, essa imbecilidade oficial. Todo acento grave (`) que for encontrado, o linotipista deve transformar em acento agudo (´). Se não fizer assim a Revisão obriga-lo-á a fazer e a Editôra não pagará a linha recomposta.

Lobato

(*apud* Travassos, 1964, p. 124)

Meu caro Bruno:

É favor avisar aos linotipistas que o autor deste livro sou eu, e não eles, nem o Capanema, nem aqueles cretinos da Academia de Letras, e mais os m... que fazem reformas ortográficas e se c... em cima de quase toda as palavras as b... que eles chamam “acentos” e só cretinos iguais a eles aceitam.

O resultado dessa politica acentista dos senhores compositores é a demora no trabalho, imposta pela retirada de todos os acentos, que não figuram nos originais e que eles, de medo do governo vão botando.

Isso redundando em prejuízo para a oficina e redobro de trabalho para mim. Porque eu não transijo, e por mais “à” com acento grave que eles ponham em vez do meu “á” com acento agudo, antigo, clássico e certo, e por mais “êe” e “esse” que apareçam nas provas, eu não adiro e corto os acentos por mais trabalho que isso me dê.

Peço pois ao amigo Bruno que fale com esses homens e convença-os de que o autor do livro sou eu: e ou o livro sai com a minha ortografia ou não sai. Hei de morrer sem concordar com os imbecilismos reformadores ortográficos que fazem de cada palavra um pinico.

Lobato

(*apud* Travassos, 1964, p. 125)

Cavalheiro (1955), ao narrar um fato que Lobato lhe havia contado, afirma que, durante a impressão de *Gonzaga de Sá* (de Lima Barreto) e,

[...] tendo o Lima devolvido as folhas datilografadas com algumas emendas, estas estavam em tal caligrafia, que os linotipistas devolviam à Editôra as páginas, pois não entendiam nada, absolutamente nada. (CAVALHEIRO, 1955, p. 18).

Em outro momento, Lobato diz a Lima Barreto que quer lhe enviar dois livros, mas só o fará “[...] com exemplares da 2ª edição, no prelo já, porque a revisão claudicou bastante na primeira” (CAVALHEIRO, 1955, p. 44).

Bignotto (2018), ao abordar a produção do livro *Rito pagão* (de Rosalina Coelho Lisboa) por diferentes casas impressoras, afirma que isso resultou em “exemplares materialmente diversos” (p. 331).

Erros assim eram tão comuns que, muito antes de se tornar editor, Lobato comentara com amigos a necessidade de considerar, durante a escrita, quais palavras seriam mais propensas a sofrer transformações devido aos inevitáveis descuidos dos tipógrafos. (BIGNOTTO, 2018, p. 297-298).

Chartier (2010), um grande defensor e explanador dos diferentes processos editoriais e de impressão, também considera que os livros, manuscritos ou impressos, “são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas” (CHARTIER, 2010, p. 16).

Por outro lado, e considerando o histórico do autor de reelaborar as obras antes de sua próxima impressão, é provável que todo aparato de variantes seja de variantes autorais evolutivas (ou seja, aquelas impetradas após a publicação da obra). como assim o consideraremos nesta dissertação. E já era, na época em foco, uma questão legal abarcada pela legislação. A Lei n. 496, de 1º de agosto de 1898, dizia que:

§2 Fica sempre salvo ao autor, por ocasião de cada nova edição, emendar ou reformar a obra, ou reaver seus direitos sobre ella, comtanto que restitua ao cessionário o que dele houver recebido em pagamento, metade do valor liquido da edição anterior. (BRASIL, 1898 *apud* COSTA, 1912)

Já o Capítulo IX da Convenção de Berna para a proteção das obras literárias e artísticas (revista em Berlim em 13 de novembro de 1908), da qual o Brasil foi signatário, previa também que:

Art. 1350. Tem direito o autor a fazer, nas edições sucessivas de suas obras, as emendas e alterações que bem lhe parecer; mas, se elas impuserem gastos extraordinários ao editor, este haverá direito a indenização.

[...]

Art. 1357. O editor não pode fazer abreviações, adições ou modificações na obra, sem permissão do autor.

(*apud* BIGNOTTO, 2018, p. 453)

Amparado pela legislação, Lobato podia “emendar ou reformar a obra”, o que faz com que suas variantes autorais, portanto, sejam bastante elucidativas sobre o processo de criação, revisão e estabelecimento do texto de Lobato, já que documentam “o percurso seguido pelo autor na construção de cada texto” (CASTRO, 1990, p.31) e as preocupações de cada época de sua “reforma”.

No *corpus* desta pesquisa, em nenhum dos testemunhos analisados há alguma espécie de prólogo, explicação ou indício das causas de tais modificações, nem mesmo quando envolvem alterações significativas de grande parte do texto.

Esta pesquisa publica todas as variantes de todos os testemunhos encontrados, e apresenta somente as linhas que incluem as diferentes lições¹⁸, tabulando-as. Consideramos apenas as variantes substantivas, isto é, aquelas que modificam a estrutura linguística e semântica do texto – que afetaria seu sentido ou sua essência.

Além disso inclui, no Anexo C, uma edição fac-similar e genética do testemunho C por apresentar alterações manuscritas autorais em suas margens e entrelinhas.

A edição fac-similada é, obviamente, um instrumento precioso que a técnica moderna põe à disposição do filólogo para melhor julgar uma edição crítica, feita a partir, quer de um manuscrito, quer de um impresso (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 208-209).

Os quadros dos cotejos foram elaborados – e divididos em linhas que apresentam diferenças entre si – gerando, assim, uma melhor visualização das mudanças na sintaxe, no vocabulário, na estrutura da frase e na exclusão e construção de grandes áreas do texto.

¹⁸ Lição é o conteúdo de um lugar do texto em qualquer dos seus testemunhos. Uma variante só existe na medida em que difere da lição de outro testemunho (GLOSSÁRIO, [s.d])

4 A CRÍTICA DAS VARIANTES

Os cotejos dos testemunhos foram elaborados com base em seu encadeamento e na morfologia genética da obra *Viagem ao céu*.

A distribuição cronológica dos testemunhos corresponde à sua distribuição genética: B deriva de A, C deriva de B, e assim por diante. Analisamos cada par de testemunhos (A-B, B-C etc.) cotejando-os a partir dessa sequência cronológica e genética, conforme definição do testemunho-base, já explicada.

Ao examinarmos a diagramação e disposição dos textos nas páginas dos testemunhos, verificou-se não haver espelhamento entre eles – a mesma numeração de página em determinado testemunho pode apresentar conteúdo diferente da mesma numeração de página em outro testemunho. Para tornar claro o cotejo, então, foi feita a numeração das linhas dentro de determinada página – por exemplo: linha 17 da página 30 do testemunho A. Depois de cotejadas as lições, suas variantes foram então classificadas.

Blecuá (1983), ao comparar com as variantes textuais feitas por copistas, afirma que a mecanização no processo de composição do livro afetou os tipos de variantes textuais e os “problemas textuales son tanto o más complejos que en épocas anteriores” (BLECUA, 1983, p. 228). Este autor propõe também uma terminologia sobre algumas categorias de variantes: adição, alteração de ordem, omissão e substituição (BLECUA, 1983, p. 20) – apesar de essa classificação se referir especificamente a erros de cópia ou acidentais cometidos por um copista, acreditamos que ela é útil para a classificação desta pesquisa.

Quando a variante é de ordem gramatical, no nível de adequação à norma culta vigente, ou alguma adequação segundo possível grafia anterior, incluímo-la na categoria *substituição*. Souza (2012) ainda faz uma diferenciação entre os tipos de substituição: “i) por sinônimos com menos caracteres, ii) por vocábulos com grafia semelhante e significado diferente e iii) por vocábulos com grafia e significado diferentes” (SOUZA, 2012, p. 104). Como são inúmeros os casos de substituição, na obra *Viagem ao céu*, decidimos apenas pela nomenclatura “substituição”, sem identificar seus tipos. Com base em proposta adicional feita por Souza (2012), incluímos também a categoria “paragrafação” a fim de diferenciar quando um

parágrafo é destrinchado em mais de um, ou, ao contrário, quando vários parágrafos são condensados em somente um.

Spaggiari e Perugi (2004) ainda propõem o termo “reescritura”, para partes geralmente mais longas e complexas, e que pode “conduzir a uma “reorganização global” do texto – utilizada ao analisar os testemunhos D e E onde este tipo de variante aparece.

4.1 O encadeamento I

Conforme veremos a seguir, as variantes são bastante numerosas, porém o encadeamento I, formado pelos testemunhos publicados pela Companhia Editora Nacional de 1932 a 1943, parece formar uma sequência diferente do encadeamento II, formado pelos testemunhos publicados pela Companhia Editora Nacional de 1943 a 1945 e pela Editora Brasiliense em 1947 e 1948. Por isso, e para facilitar o entendimento da jornada e curso dos processos de cotejo, é proposta a divisão entre o grupo de testemunhos.

Essas sequências se diferem pela quantidade muito maior de variantes entre os testemunhos finais do encadeamento anterior e o testemunho do início do próximo encadeamento, com mudanças significativas além do visual, já que suas capas são bastante diferentes: além das diferenças de paragrafação (usuais entre os testemunhos), há também reordenação de parágrafos, de capítulos, parágrafos completamente reescritos, supressão de capítulos e criação de outros, conforme constatamos a seguir.

4.1.1 Os testemunhos A e B

O testemunho A é bastante diferente dos outros testemunhos no quesito ortográfico, já que apresenta elementos que não aparecem em outros testemunhos, como a utilização de consoantes duplas – como em “diferentes”, “ella”, “suppoz” –, além da posição do hífen em pronomes oblíquos – como em “examinal-o” “erguel-os” “comprehendel-as” –, entre outros. Isso se deve, talvez, a ser o único testemunho impresso pela Sociedade Imprensa Paulista. Essas questões ortográficas foram desconsideradas neste estudo.

As variantes foram então levantadas, tabuladas e classificadas, conforme Blecua (1983) e Souza (2012), atribuindo cores específicas para cada classificação, e

podem ser consultadas em Anexo A. Seguem a seguir algumas notas sobre este levantamento.

No testemunho B, há a inserção de 3 notas de rodapé: a primeira na página 16: “(1) Novas Reinações de Narizinho”; a segunda na página 38: “(1) Julio Verne – Viagem da Terra á Lua”; e a terceira na página 62: “(1) Monteiro Lobato – O Saci”. A primeira e a terceira são obras publicadas pelo próprio autor: *Novas Reinações de Narizinho* em 1933 e *O Saci* em 1934, as duas partes da Série I – Literatura Infantil da Biblioteca Pedagógica Brasileira.

Na página 78, linha 1, do testemunho A, há um personagem chamado “Symphronio”, cujo nome é trocado na página 69, linha 18, do testemunho B, para “Teodoreto” (quadro 19).

Quadro 19. Trecho de cotejo entre testemunho A e B, com substituição

Testemunho A			Testemunho B		
p	Ln		p	Ln	
78	1	uns sandeus, como diz o tio Symphronio. Cada vez	69	18	Remo diz o tio Teodoreto. Acho, cada vez mais, que Peter.

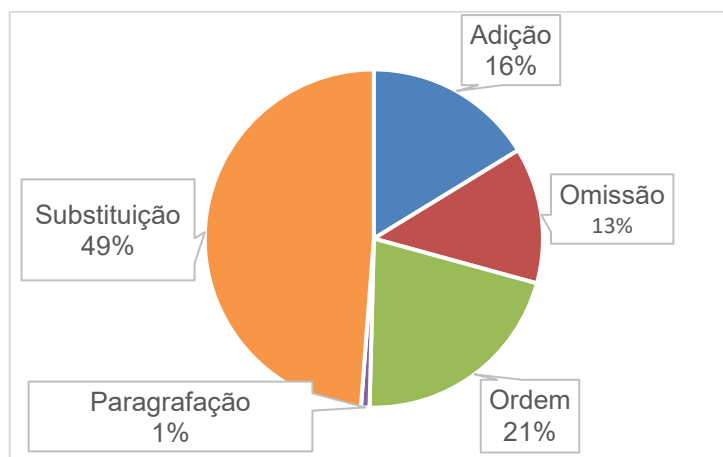
Há também uma adição interessante, que é a explicação sobre a ortografia antiga da palavra “lyra”. Esta explicação aparece na página 71, linha 11, do testemunho B (quadro 20):

Quadro 20. Trecho de cotejo entre testemunho A e B, com adição

Testemunho A			Testemunho B		
p	Ln		p	Ln	
80	5	– Lyra com “y”, boba. Estou falando da cele-	71	11	– Lira que se escrevia antigamente com y – lyra,

Sobre a análise quantitativa, é claro observar que há mais substituições (60), seguidas por alteração de ordem (26), adição (20), omissão (16) e paragrafação (1), gerando o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1. Variantes entre testemunhos A e B



4.1.2 Os testemunhos B e C

Entre os testemunhos B e C, as variantes foram em menor número, houve apenas 6, e novamente as substituições (4) foram em maior número que omissão (1) e adição (1), as três únicas classificações que aparecem.

As variantes foram então levantadas, tabuladas e classificadas, conforme Blecua (1983) e Souza (2012), atribuindo cores específicas para cada classificação, e podem ser consultadas em Anexo B.

É interessante observar que as duas notas de rodapé modificadas são identificadas como Vol. 4 ou Vol. IV (quadros 21 e 22). O *Saci* é definitivamente o vol. IV da Biblioteca Pedagogia Brasileira, porém *Novas reinações de Narizinho* é o vol. XI (11) desta coleção, conforme mostram as figuras 35 e 36.

Quadro 21. Trecho de cotejo entre testemunho B e C, com adição

Testemunho B			Testemunho C		
p	In		p	In	
16	nota de rodapé	(1) <i>Novas Reinações de Narizinho</i> .	16	nota de rodapé	(1) <i>Vide</i> “ <i>Novas Reinações de Narizinho</i> ” – Vol. 4 - desta serie.

Quadro 22. Trecho de cotejo entre testemunho B e C, com adição

Testemunho B			Testemunho C		
p	In		p	In	
62	nota de rodapé	(1) Monteiro Lobato – O <i>Saci</i> .	66	nota de rodapé	(1) <i>Vide</i> O <i>Saci</i> . – Vol IV.

Gráfico 2. Variantes entre testemunhos B e C

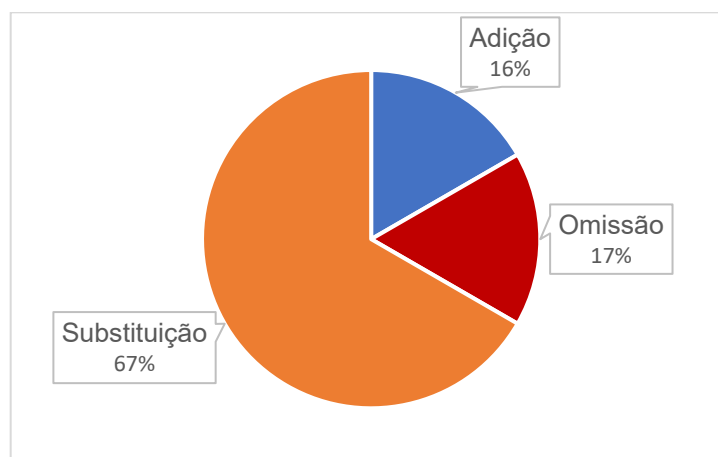
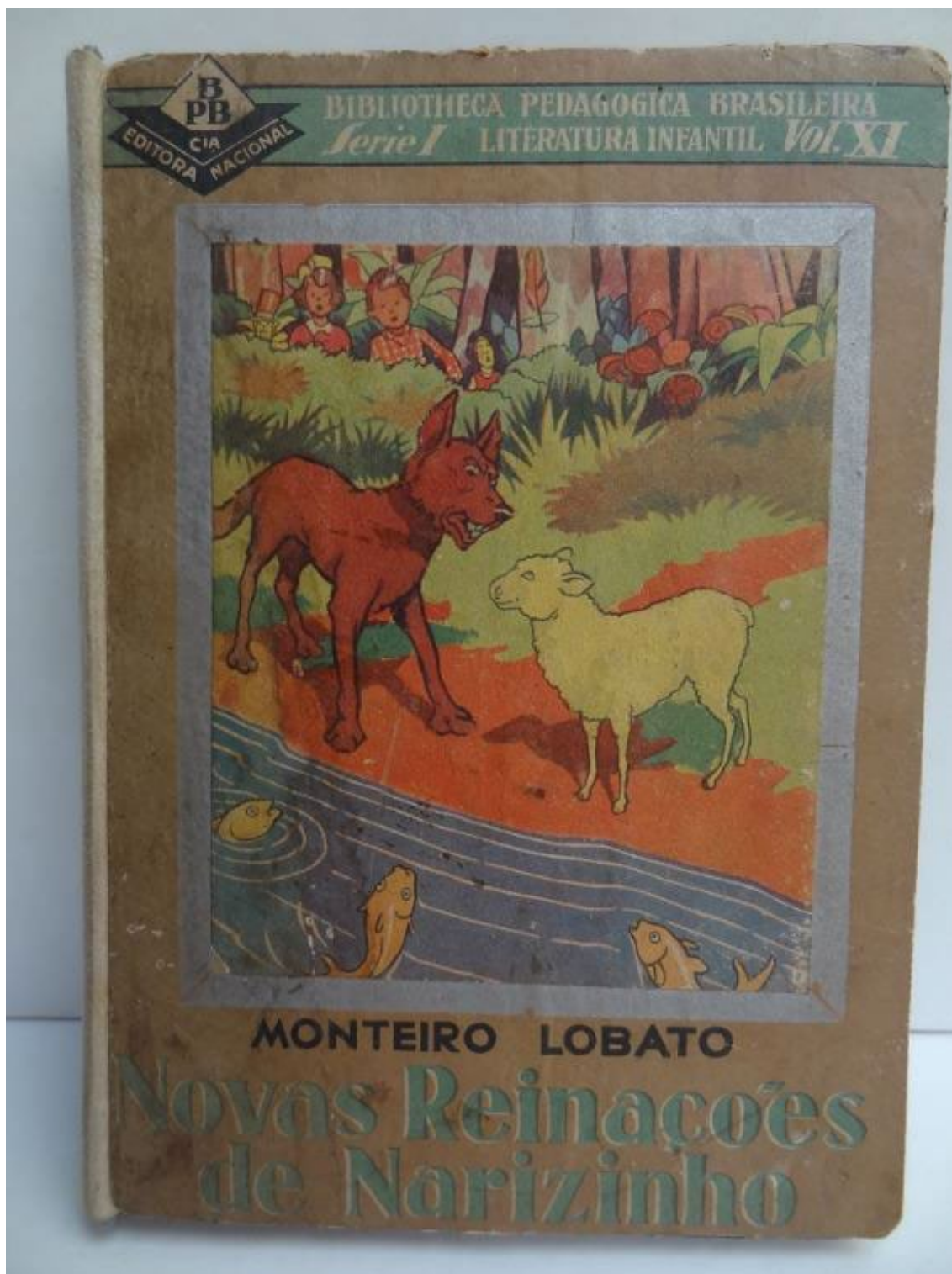


Figura 35. Capa da obra *O Saci*.

Fonte: Alberto Lopes Leiloeiro. Leilão 11711, catálogo de peças, lote 56. Disponível em: <https://www.albertolopesleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=5198802>. Acesso em: 31 jul. 2023.

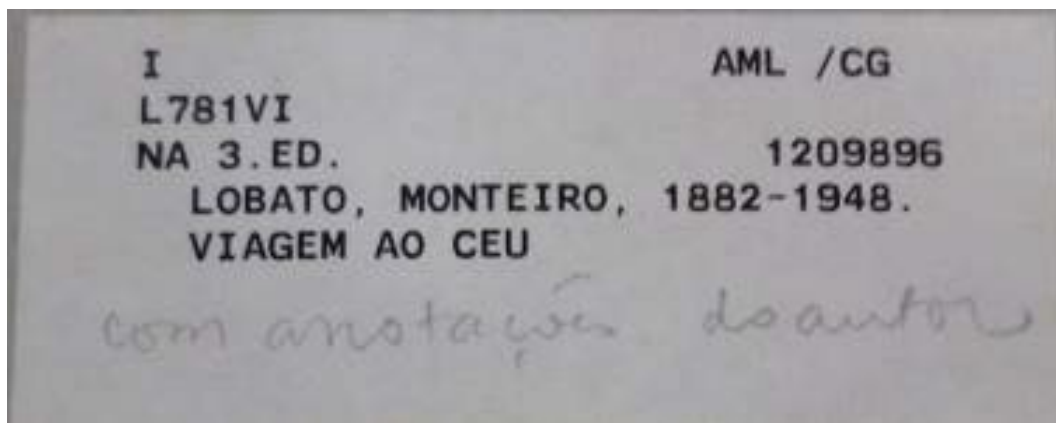
Figura 36. Capa da obra *Novas reinações de Narizinho*.

Fonte: Vera Nunes Leilão. Leilão 4287, catálogo de peças, lote 112. Disponível em: <https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=1703378>. Acesso em: 31 jul. 2023.

4.1.3 O testemunho C

O testemunho C se encontra no Acervo da Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Monteiro Lobato, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, com acesso restrito. Embalado em papelão cinza, como um embrulho (figura 38), é identificado com a etiqueta reproduzida na figura 37.

Figura 37. Etiqueta da embalagem onde se encontra o testemunho C

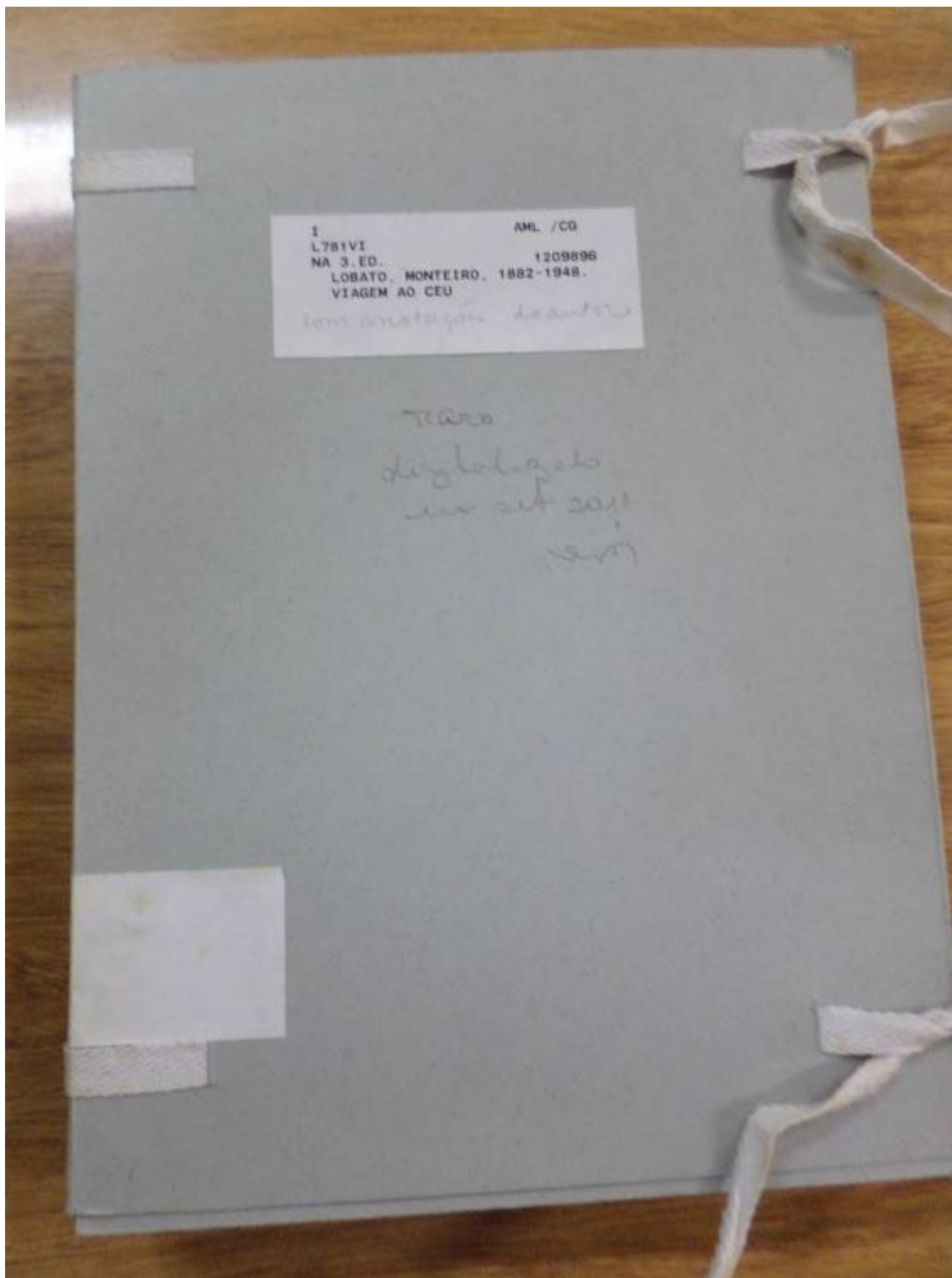


Esse testemunho possui, conforme identificado na etiqueta da embalagem, anotações do autor na marginalia. Essas “anotações” incluem substituições, supressões e adições de palavras e expressões.¹⁹

Algumas dúvidas foram levantadas sobre essa etiqueta e essa identificação. Em fevereiro de 2020, em conversa informal, informou-nos Antônio Carlos D’Angelo, diretor à época, que esse material – junto a muitos outros – foram parar na Biblioteca Monteiro Lobato em 1957 por doação da senhora Maria da Pureza de Castro Natividade. A colocação em embalagens de papelão, a etiquetagem e as anotações a lápis foram feitas à época por funcionários sob o comando da então diretora, a senhora Lenyra Fracarolli (1906-1991).

¹⁹ A biblioteca fez a gentileza de microfilmear, em setembro de 2011, as páginas em que acreditava-se haver alterações (até página 40). Quando nos confrontamos com o original, percebemos que páginas além da de número 40 também possuíam “anotações”. Fizemos, portanto, requerimento para fotografar a obra em sua totalidade. Concordamos que as imagens não seriam utilizadas para fins comerciais, e sim, para fins didáticos e pedagógicos, além de creditar ao acervo Monteiro Lobato sua origem e entregar uma cópia deste trabalho à Biblioteca Monteiro Lobato. A obra foi, então, completamente fotografada (algumas páginas mais que uma vez a fim de garantir a qualidade das imagens) sob supervisão do diretor Nelson Somma Junior, que esteve presente durante todo o processo (cf. fac-símile no Anexo C).

Figura 38. Embalagem onde se encontra o testemunho C



Fonte: Acervo da Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Monteiro Lobato.
São Paulo/SP

Conforme já apresentado, é possível também que Monteiro Lobato tenha passado o testemunho C para algum leitor crítico, conforme suas amplas redes de contato, para a senhora Maria da Pureza de Castro Natividade – também referenciada como sua primeira leitora –, por uma revisão editorial interna na Companhia Editora Nacional; há ainda a possibilidade de uma combinação de punhos, e outras hipóteses que não aventamos. Fica essa sugestão para uma análise mais aprofundada dos punhos das edições identificadas como “com anotações do autor”.

De qualquer modo, as anotações manuscritas do primeiro capítulo do testemunho C aparecem a lápis (figura 39), à caneta (figura 40) e, em alguns pontos, a lápis e reforçadas com caneta (figura 41). Segundo Castro (1990, p. 65-66), “[...] A quantidade de instrumentos de escrita [...] confirmam que [o autor] o revisitava frequentemente”.

Figura 39. Anotação a lápis da página 11

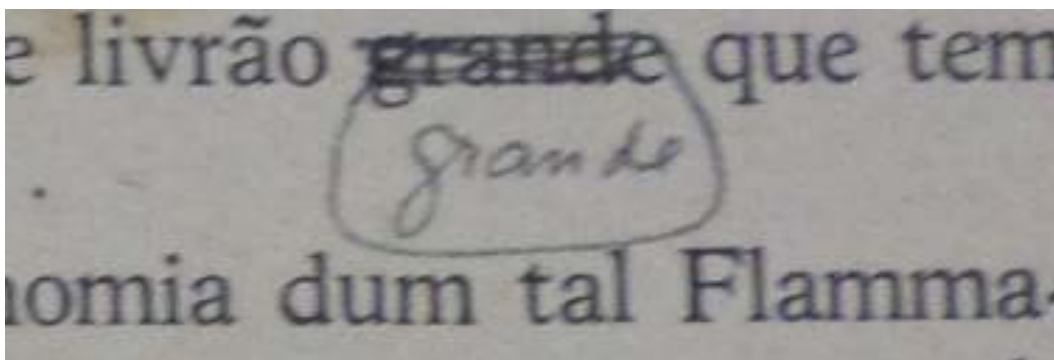


Figura 40. Anotação à caneta da página 12

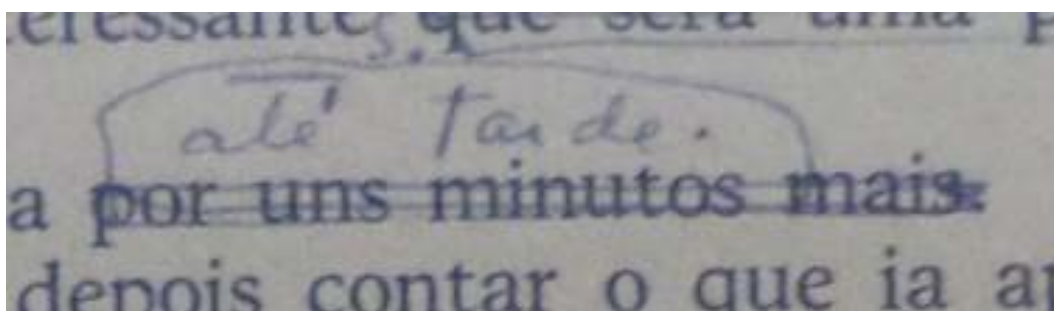
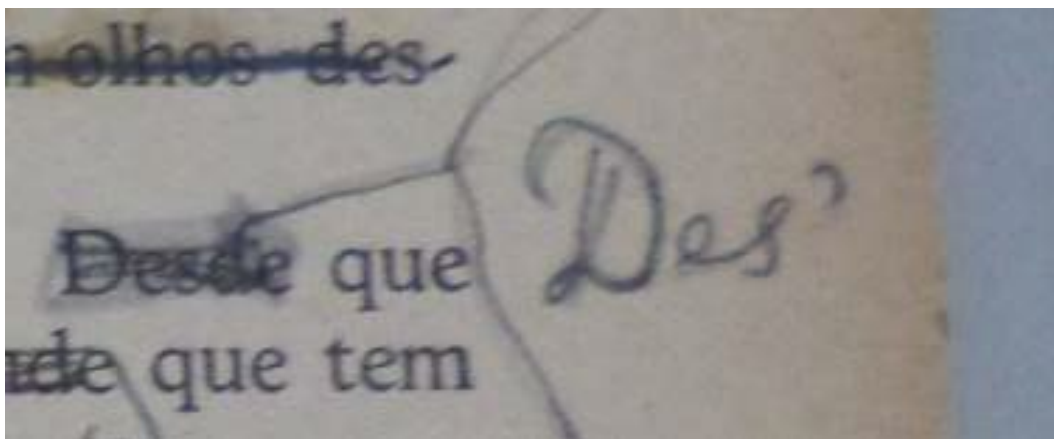


Figura 41. Anotação a lápis da página 11



Foi preparada, então, uma edição fac-similar e genética do testemunho C (Anexo C). Nas páginas pares, encontra-se a reprodução fac-similar, e nas ímpares, a genética, facilitando assim a comparação.

As anotações encontram-se nas páginas 11 até 62, intercaladas por 6 páginas onde não há intervenções, pelos seguintes motivos:

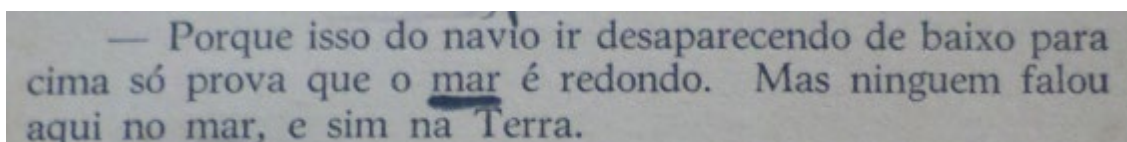
- a página 21 é uma imagem;
- a página 22 está em branco;
- a página 51 é textual, mas não há anotações;
- a página 53 é uma imagem;
- a página 54 é branca;
- a página 59 é textual, mas não há anotações.

Empregamos sinais específicos para indicar os tipos de modificação. Os parênteses agudos < > marcam os segmentos autógrafos riscados. As barras oblíquas / \ marcam os segmentos autógrafos acrescentados (na sequência do texto, para substituição por superposição). As setas verticais simples ↑ e ↓ indicam a localização de acréscimo na entrelinha superior e inferior, respectivamente. As setas verticais duplas ↑↑ e ↓↓ indicam que o acréscimo registra-se nas margens superior ou inferior. As setas horizontais → ← indicam a localização do acréscimo na margem direita ou esquerda, respectivamente.²⁰

²⁰ Esta nomenclatura corresponde às normas e sinais utilizados em Pessoa (1994).

Há ainda as indicações ‘de sublinhação’, quando a marca deixada pelo autor é um traço abaixo da palavra (figura 42 e quadro 23), ‘de circulação’, quando a marca deixada pelo autor é um traço oval em volta da palavra (figura 43 e quadro 24) e a marca de ‘inversão’ \neg , quando há inversão na posição de segmentos (figura 44 e quadro 25).

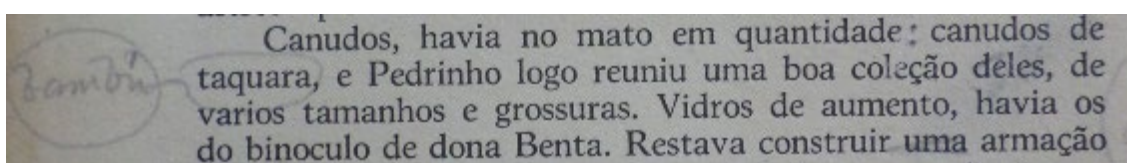
Figura 42. Indicação de sublinhação no testemunho C



Quadro 23. Transcrição linear da indicação de sublinhação no testemunho C

Testemunho C		
p	In	
14	8	cima só prova que o <u>mar</u> é redondo. Mas ninguém falou

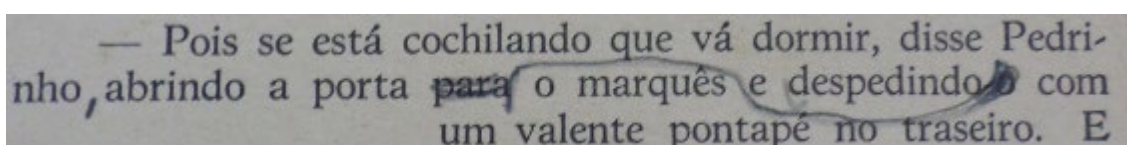
Figura 43. Indicação de circulação no testemunho C



Quadro 24. Transcrição linear da indicação de circulação no testemunho C

Testemunho C		
p	In	
24	14	/← bambú \ <taquara>, e Pedrinho logo reuniu uma boa coleção deles, de

Figura 44. Indicação de inversão no testemunho C

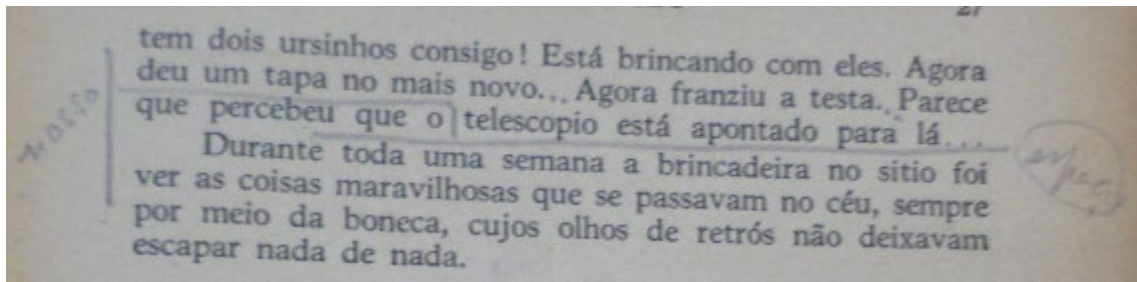


Quadro 25. Transcrição linear da indicação de inversão no testemunho C

Testemunho C		
p	In	
15	20	nho/, abrindo a porta <para> o marquês e despedindo<-o> com

Além de modificações substanciais no texto, há também indicações quanto à modificação de sinais diacríticos e de diagramação, como a palavra ‘espaço’ dentro de um traço oval, à direita da mancha (figura 45 e quadro 26).

Figura 45. Indicação de alteração na diagramação no testemunho C



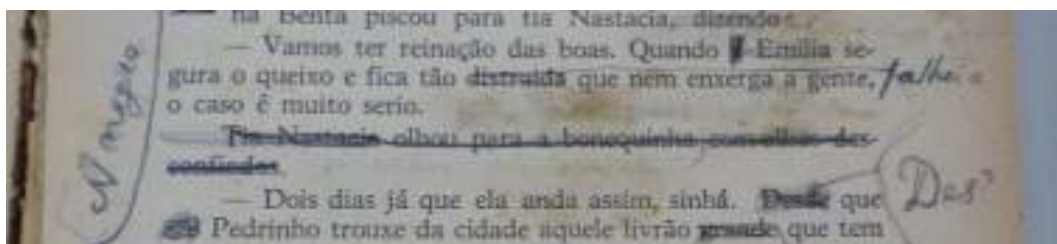
Quadro 26. Transcrição linear com indicação de alteração na diagramação no testemunho C

Testemunho C		
p	ln	
27	3	que percebeu que o /nosso\ telescópio está apontando para lá... → <u>espaço</u>

A maior parte das solicitações de alteração é de substituição por superposição, o que não diminui a importância dos acréscimos e dos riscados.

Se todas as solicitações de alteração fossem efetivadas no testemunho D, não fariam sentido; por exemplo, na página 11, linhas 8 e 9, margem esquerda: a substituição por superposição do segmento “Tia Nastacia olhou para a bonequinha com os olhos des-/confiados” por “A negra”. Parece que o autor quis substituir somente o segmento “Tia Nastacia”, mas sua marcação risca a frase toda (figura 46 e quadro 27).

Figura 46. Solicitação de substituição por superposição de frase completa pelo sujeito “A negra”



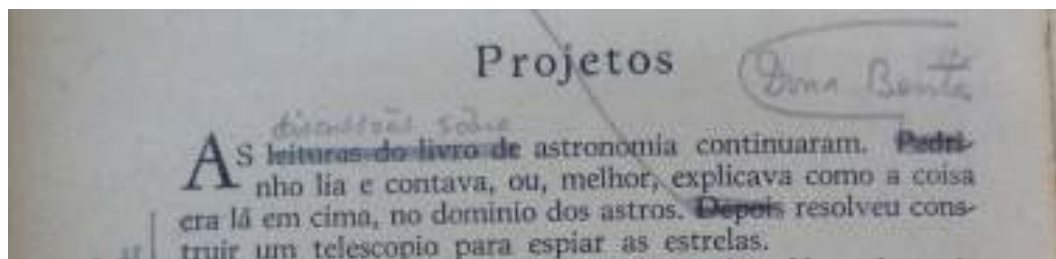
Quadro 27. Transcrição linear com solicitação de substituição por superposição no testemunho C

Testemunho C		
p	ln	
11	9	[←A negra]<Tia Nastacia olhou para a bonequinha com os olhos des
	10	confiados.>

Outra substituição que causaria estranheza é a encontrada na página 24, linha 3: a solicitação de excluir “Pedri-” e incluir “Dona Benta”, mas o restante da palavra “Pedrinho”, ou seja, “nho”, encontra-se na linha 4 e não está riscado; portanto não seria excluído do texto (figura 47 e quadro 28). A frase, então, ficaria “As discussões sobre astronomia continuaram. Dona Benta nho lia e contava, ou melhor, explicava

como a coisa era lá em cima, no domínio dos astros”. Neste ponto, um bom editor saberia substituir um sujeito completamente por outro.

Figura 47. Solicitação de substituição por superposição de parte de palavra no testemunho C

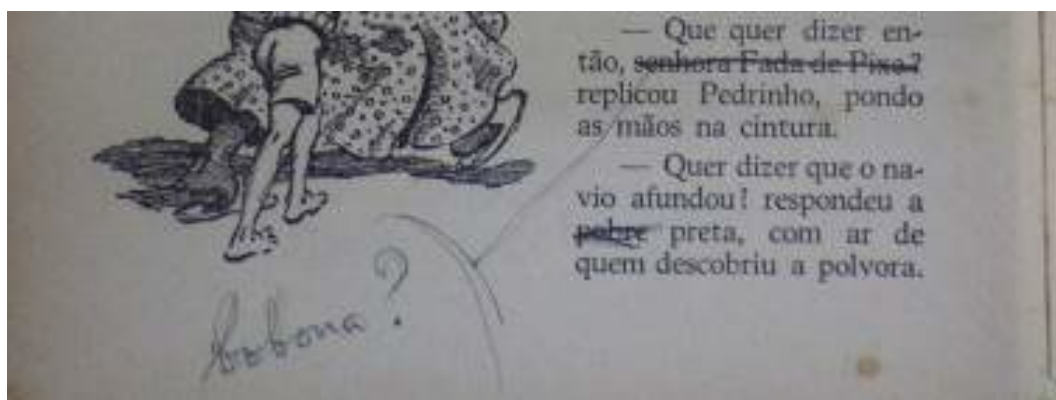


Quadro 28. Transcrição linear de solicitação de substituição de parte de palavra no testemunho C

Testemunho C		
p	ln	
24	3	As <leituras do livro de>/↑discussões sobre\ astronomia continuaram. <Pedri->/↑Dona Benta\

Uma substituição por superposição interessante de notar é aquela em que o segmento “senhora Fada de Pixe?” deve ser substituído por “bobona?”, ao se refere à tia Nastacia na obra (figura 48 e quadro 29).

Figura 48. Solicitação de substituição por superposição (“Fada de Pixe?”)



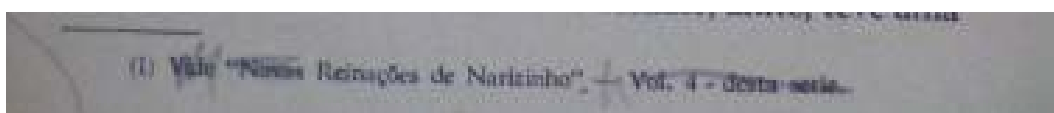
Quadro 29. Transcrição linear de solicitação de substituição por superposição (“Fada de Pixe?”)

Testemunho C		
p	ln	
14	28	tão, <senhora Fada de Pixe?>/ ↓↓bobona?\

Sobre a nota de rodapé da página 16, acontece um fenômeno interessante. No testemunho B, esta nota de rodapé aparece pela primeira vez com o segmento “(1) Novas Reinacões de Narizinho.” No testemunho C, esta nota é acrescida de algumas informações “(1) Vide “Novas Reinacões de Narizinho” – Vol. 4 - desta serie.”. Ao rever o testemunho C, talvez o autor tenha percebido o equívoco (já que a obra Novas

Reinações de Narizinho não é o volume 4, e sim o volume 11 desta série) e tenha solicitado a omissão dos trechos anteriormente adicionados. Há também a solicitação de exclusão do segmento “Novas”, referindo-se, agora, a outra obra, *Reinações de Narizinho*, que é o volume 1 desta série (figura 49 e quadro 30).

Figura 49. Solicitação de emenda por omissão



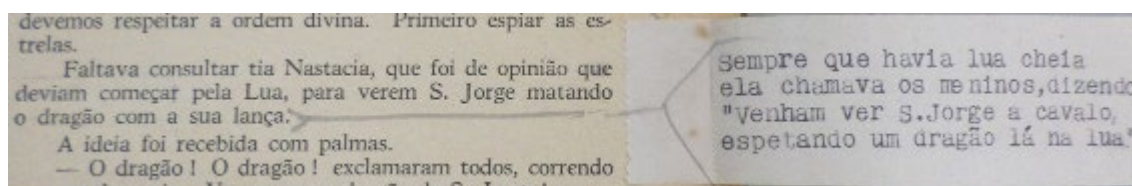
Quadro 30. Transcrição linear com solicitação de emenda por omissão

Testemunho C		
p	In	
16	nota de rodapé	(1) <Vide "Novas" Reinações de Narizinho" <- Vol. 4 - desta serie >.

Uma solicitação de exclusão, feito na página 24, linha 14, está circulado em vez de riscado, mas como a palavra “bambu” foi inserida, é claro supor – por se tratar de palavras do mesmo campo semântico – que se trata de uma substituição por superposição (figura 43 e quadro 24, já apresentados).

Na página 25 há um papel colado pela borda esquerda na margem direita da página (dobrado). O papel é branco (e contrasta com o fundo amarelo do livro) e cujo texto contido é datilografado (e não manuscrito, como nas outras solicitações de acréscimo). Apesar de o texto ser datilografado, há uma intervenção a lápis, que indica o local exato onde esse texto deveria ser incluído (figura 50 e quadro 31).

Figura 50. Pedaco de papel colado cujo texto é datiloscrito

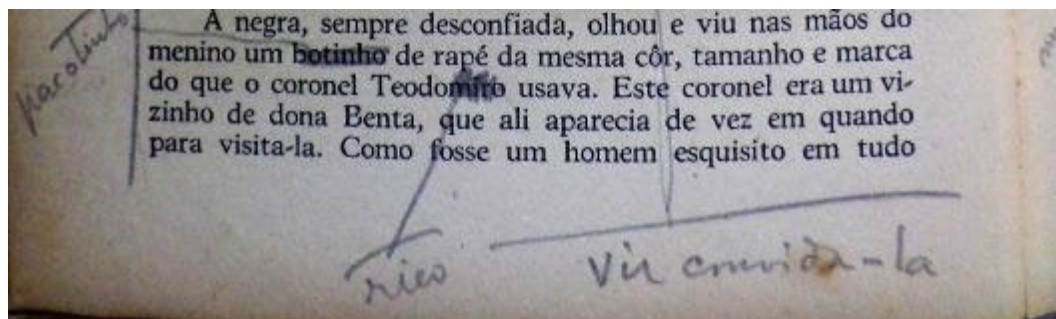


Quadro 31. Transcrição linear de pedaco de papel colado cujo texto é datiloscrito

Testemunho C		
p	In	
25	18	o dragão com a sua lança. /→Sempre que havia lua cheia ela chamava os meninos, dizendo: "Venham ver S. Jorge a cavalo, espetando um dragão lá na lua."

Neste testemunho, também há a mudança substantiva com relação ao nome de um personagem: de Teodomiro para Teodorico (figura 51 e quadro 32).

Figura 51. Solicitação de mudança do nome do personagem Teodomiro



Quadro 32. Transcrição linear de mudança de nome do personagem Teodomiro

Testemunho C		
p	ln	
28	33	do que o coronel Teodo<miro>/↓↓rico\ usava. Este coronel era um vi-

As variantes aparecem em 214 linhas no testemunho C (Anexo C), começam a ficar cada vez mais escassas a partir da página 36, até que cessam na página 62.

4.1.4 Os testemunhos C e D

Com base no cotejo entre os testemunhos C e D, constatamos 172 linhas com variantes (Anexo D). Destas, apenas 19 foram originadas nas anotações manuscritas encontradas no testemunho C (Anexo E).

Supomos que essas alterações talvez tenham sido solicitadas em outro suporte, em diferente momento ou por algum agente envolvido na impressão da obra. Seguem exemplos de solicitações efetivadas, não efetivadas e novas.

No testemunho C, há uma solicitação de omissão do vocábulo “sêo” (figura 52), que foi efetivada no testemunho D (figuras 52 e 53 e quadro 33)

Figura 52. Solicitação de omissão em testemunho C

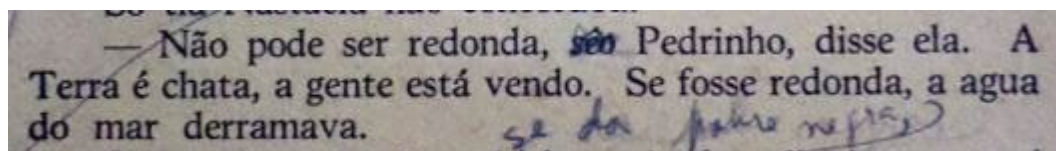
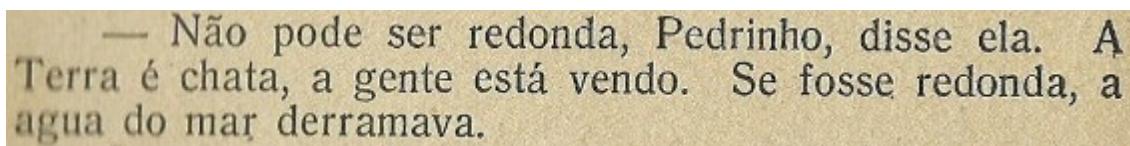


Figura 53. Trecho de testemunho D



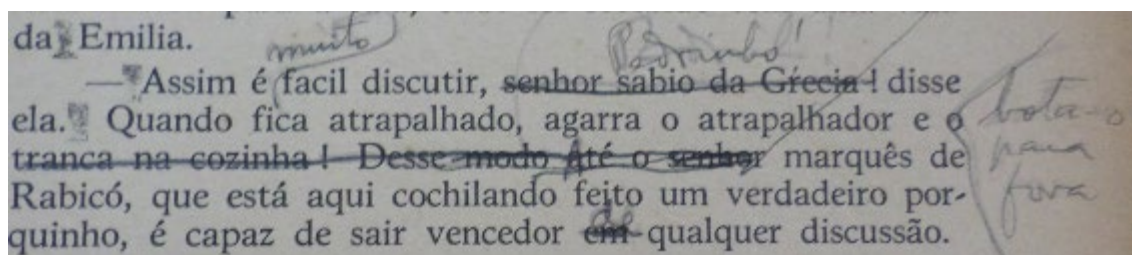
— Não pode ser redonda, Pedrinho, disse ela. A Terra é chata, a gente está vendo. Se fosse redonda, a água do mar derramava.

Quadro 33. Transcrição linear de solicitação de omissão em testemunho C efetivada em testemunho D

Testemunho C			Testemunho D		
p	ln		p	ln	
12	25	— Não pode ser redonda, <sêo> Pedrinho, disse ela. A	12	25	— Não pode ser redonda, Pedrinho, disse ela. A

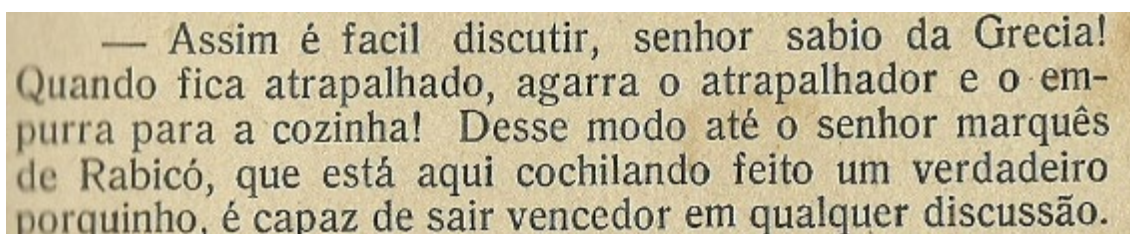
No testemunho C, há duas solicitações de substituições (figura 54), não efetivas em testemunho D (figura 55 e quadro 34). Falaremos sobre as outras substituições deste parágrafo mais adiante.

Figura 54. Solicitações de substituição em testemunho C



da Emilia. Assim é (muito) facil discutir, senhor sabio da Grecia! disse ela. Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e o tranca na cozinha! Desse modo até o senhor marquês de Rabicó, que está aqui cochilando feito um verdadeiro porquinho, é capaz de sair vencedor em qualquer discussão.

Figura 55. Trecho de testemunho D



— Assim é facil discutir, senhor sabio da Grecia! Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e o empurra para a cozinha! Desse modo até o senhor marquês de Rabicó, que está aqui cochilando feito um verdadeiro porquinho, é capaz de sair vencedor em qualquer discussão.

Quadro 34. Trecho de testemunho D

Testemunho C			Testemunho D		
p	ln		p	ln	
15	14	— Assim é /↑muito\ facil discutir, <senhor sabio da Grecia> /↑Pedrinho! Disse	15	25	— Assim é facil discutir, senhor sabio da Grecia

Algumas solicitações de substituições do testemunho C tiveram tratamento diferenciado no testemunho D. Um deles se refere a uma solicitação de substituição do vocábulo “qual” por “que nem (figura 56)”, porém o que aparece no testemunho D é, na verdade, “como” (figura 57 e quadro 35).

Figura 56. Solicitação de substituição em testemunho C

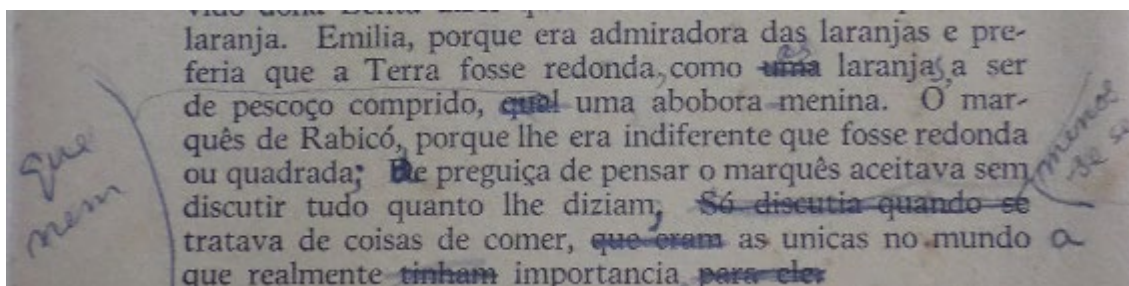
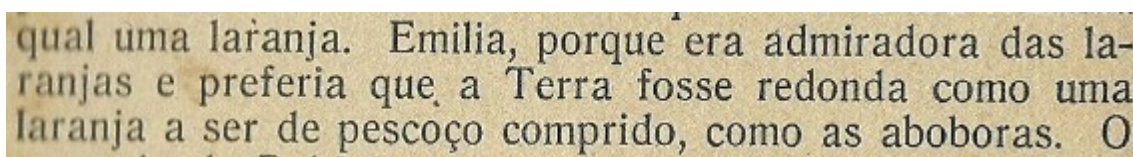


Figura 57. Trecho de testemunho D



Quadro 35. Transcrição linear de solicitação de substituição em testemunho C

Testemunho C			Testemunho D		
p	In		p	In	
12	18	de pescoço comprido, <qual>/←que nem uma abobora menina. O mar-	15	25	laranja a ser de pescoço comprido, como as aboboras. O

Outros se referem ao que denominamos de variante de composição, pois nos pareceu nitidamente serem variantes geradas no momento da impressão, na montagem dos tipos móveis. Isso acontece em dois momentos. O primeiro é na solicitação de omissão da letra “m” em “agoram” (figuras 58 e 59 e quadro 36)

Figura 58. Exemplo de variante de composição no testemunho C

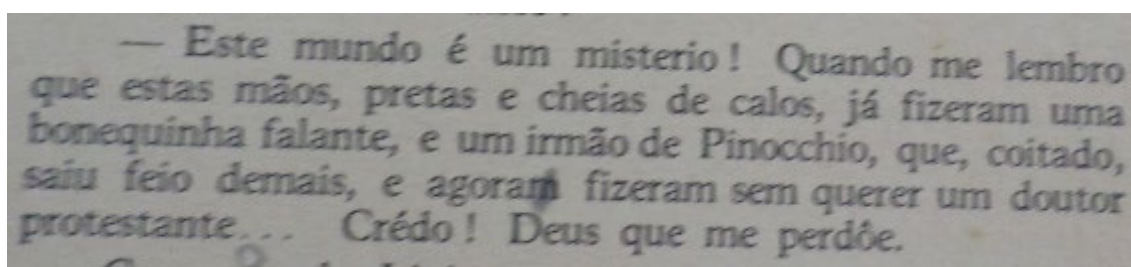
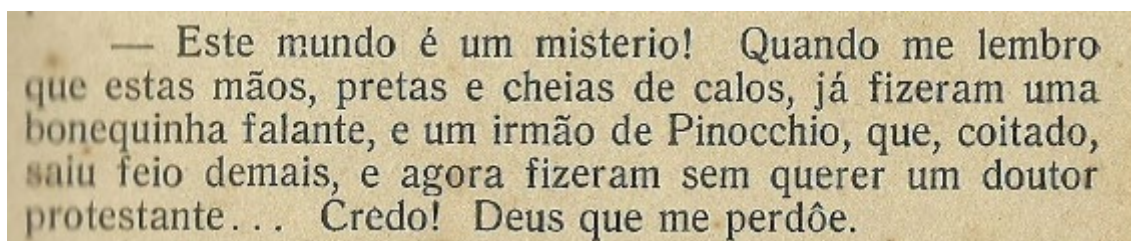


Figura 59. Exemplo de variante de composição corrigido no testemunho D



Quadro 36. Transcrição linear de exemplo de variante de composição corrigido

Testemunho C			Testemunho D		
p	In		p	In	
19	24	saiu feio demais, e agora<m> fizeram sem querer um doutor	19	24	saiu feio demais, e agora fizeram sem querer um doutor

O segundo é uma solicitação de adição da letra “i” em “ndicar” (figuras 60 e 61 e quadro 37).

Figura 60. Exemplo de variante de composição no testemunho C

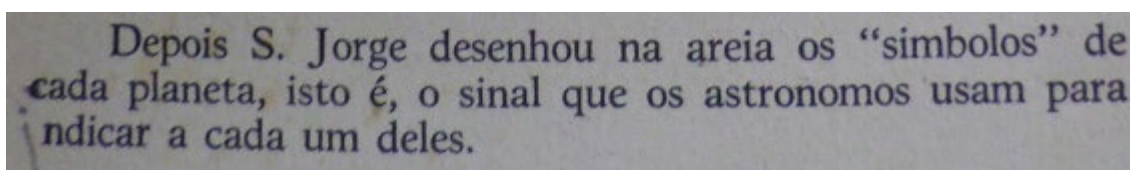
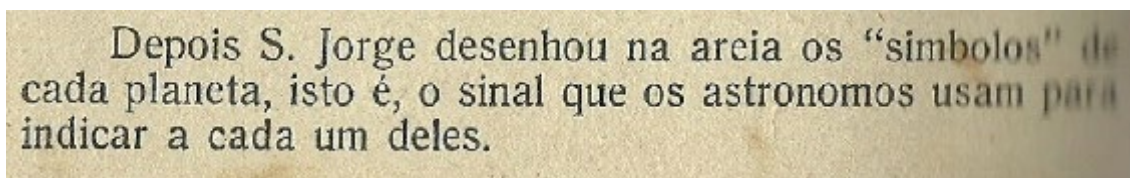


Figura 61. Exemplo de variante de composição corrigido no testemunho D



Quadro 37. Transcrição linear de exemplo de variante de composição corrigido

Testemunho C			Testemunho D		
p	In		p	In	
19	24	/\ndicar a cada um deles.	19	24	indicar a cada um deles

Sobre a primeira nota de rodapé da obra, ocorre um fenômeno interessante. Apesar de, no testemunho C, haver uma solicitação de exclusão de “Vide Novas” e “– Vol. 4 - desta série”, somente é excluído o vocábulo “Nova”, referindo-se, então a outra obra – conforme já explicitado – e trocado o numeral “4” por “.1º”, deixando a referência correta com relação à obra *Reinações de Narizinho*, que é mesmo a primeira da série Infantil da Biblioteca Pedagógica Brasileira (figuras 62 e 63 e quadro 38).

Figura 62. Solicitações de exclusão em nota de rodapé do testemunho C

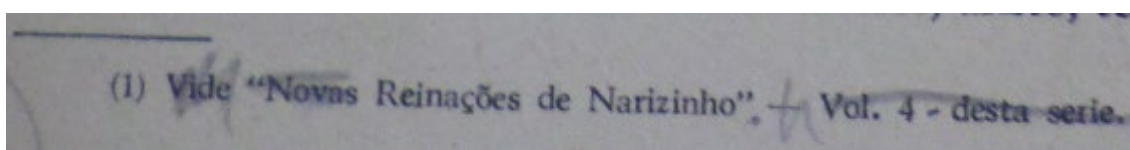
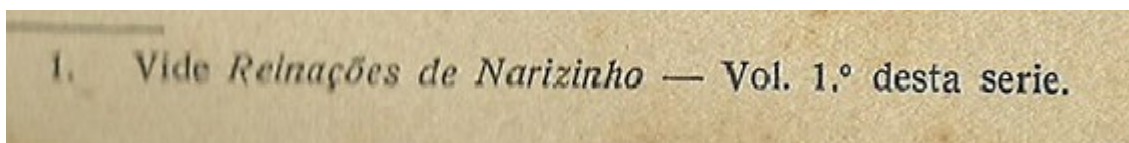


Figura 63. Trecho de nota de rodapé de testemunho D

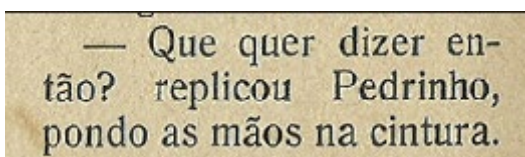


Quadro 38. Transcrição linear de solicitação de exclusão em testemunho C em nota de rodapé e suas efetivas substituições em testemunho D

Testemunho C			Testemunho D		
p	In		p	In	
16	nota de rodapé	(1) <Vide "Novas" Reinações de Narizinho" <- Vol. 4 - desta serie>.	16	nota de rodapé	1. Vide <i>Reinações de Narizinho</i> – Vol. 1.º desta serie.

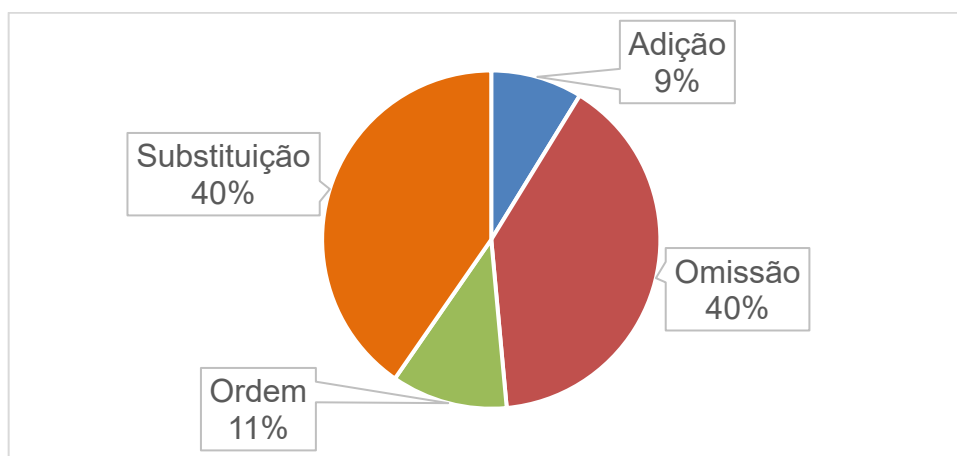
Outra solicitação de substituição que chama atenção é referente à expressão “Fada de Pixe”, encontrada na página 14 do testemunho C, cuja substituição seria por “bobona”, conforme mostraram a figura 48 e o quadro 29 já explicitadas. Porém, no testemunho D, esta solicitação foi ignorada e “Fada de Pixe” foi excluído do texto (figura 64).

Figura 64. Trecho de testemunho D onde se constata a omissão de “Fada de Pixe”



A análise quantitativa das variantes evidencia uma maioria de solicitações de substituição (69), seguida por omissão (68), ordem (19) e adição (15).

Gráfico 3. Variantes entre testemunhos C e D



4.1.5 Os testemunhos D e E

O encadeamento II começa a partir do cotejo entre os testemunhos D e E, que apresentam diferenças substantivas. Conforme figuras 8 e 9, é possível verificar a mudança significativa de capa (quadro 39). O testemunho E não possui nenhuma indicação na capa que ele faz parte da Série I – Literatura Infantil da BPB (o miolo continua identificado como pertencente a esta série). Além disso, o ilustrador do testemunho C (Jean Gabriel Villin) é substituído por Jurandir Ubirajara Campos (não somente na capa, mas também no miolo).

Quadro 39. Capas dos testemunhos D e E



Além da diferença na quantidade de páginas (122 e 156), o índice desses testemunhos também apresenta mudanças significativas: enquanto no testemunho D há 18 capítulos, no testemunho E há 23 (figuras 28 e 29), mostrada no quadro 40.

Quadro 40. Índice dos testemunhos D e E (imagem)

Testemunho D		Testemunho E	
CAP.	PAG.	ÍNDICE	
I — <i>Astronomia</i>	11	I. <i>Mito de Atlas</i>	11
II — <i>O novo visconde</i>	16	II. <i>O Visconde Novo</i>	15
III — <i>Projetos</i>	24	III. <i>As Estrelas</i>	21
IV — <i>Viagem ao céu</i>	27	IV. <i>O Grão de Noze</i>	23
V — <i>Uma lição de Astronomia</i>	30	V. <i>O Telescópio</i>	28
VI — <i>Tia Nastácia</i>	46	VI. <i>Projetos de Céu</i>	38
VII — <i>A Terra vista da Lua</i>	49	VII. <i>Cosmo do Luz</i>	40
VIII — <i>Continua a viagem</i>	52	VIII. <i>A Terra vista da Lua</i>	48
IX — <i>Marte</i>	58	IX. <i>Tia Nastácia</i>	61
X — <i>A Via Láctea</i>	66	X. <i>Mas Fadas da Terra</i>	66
XI — <i>A covação</i>	73	XI. <i>Continua a Viagem</i>	69
XII — <i>Aparece o burro</i>	78	XII. <i>O planeta Marte</i>	75
XIII — <i>Os anéis de Saturno</i>	88	XIII. <i>Projeção de Estrelas em Marte</i>	84
XIV — <i>Na Lua de novo</i>	91	XIV. <i>A Via Láctea</i>	98
XV — <i>A aflição dos astrônomos</i>	97	XV. <i>A cavaloção</i>	99
XVI — <i>O grão de douro Bento</i>	107	XVI. <i>Aparece o Burro</i>	103
XVII — <i>O café dos astrônomos</i>	112	XVII. <i>Solário</i>	113
XVIII — <i>As impressões de tia Nastácia</i>	116	XVIII. <i>No planeta marçalhão</i>	121
		XIX. <i>De novo na Lua</i>	137
		XX. <i>A aflição dos astrônomos</i>	131
		XXI. <i>O grão de douro Bento</i>	141
		XXII. <i>O café dos astrônomos</i>	148
		XXIII. <i>As impressões de tia Nastácia</i>	150

Alguns capítulos foram completamente omitidos no testemunho E, como:

- I – Astronomia;
- III – Projetos.

E outros completamente adicionados, como:

- I – Mês de Abril;
- III – As Estrelas;
- IV – O Ceu de Noite;
- V – O Telescopio;
- VIII – A Terra vista da Lua (apesar de haver um capítulo no testemunho E com o mesmo título, seus conteúdos não se equivalem, explicado a seguir);
- VIII – No planeta maravilhoso.

Outros capítulos tiveram alterada a ordem dos vocábulos de seus títulos:

- II – O novo visconde → II – O Visconde Novo;
- XIV – Na Lua de novo → XIX – De novo na Lua.

Outros ainda tiveram vocábulos adicionados a seus títulos:

- IX – Marte → XII – O planeta Marte;
- XI – A cavalgada → A cavalgada louca.

E um que teve vocábulos omitidos de seu título: XIII – Os aneis de Saturno → XVII – Saturno.

Essas informações estão representadas no quadro 41 a seguir.

Apesar de haver equivalência em vários de seus títulos, muito de seus conteúdos foi completamente reescrito, conforme exemplificado a seguir. Os quadros citados a partir deste ponto apresentam todas as linhas (inclusive aquelas raras onde não houve alteração) e não apresentam classificação das variantes, por sua maioria ser extremamente complexa de representação. Esta é mais uma das justificativas da existência de dois encadeamentos desta obra.

Quadro 41. Índice dos testemunhos D e E (tabulação)

Testemunho D		Testemunho E	
I	Astronomia	I	Mês de Abril
II	O novo visconde	II	O Visconde Novo
III	Projetos	III	As Estrelas
		IV	O Ceu de Noite
		V	O Telescopio
IV	Viagem ao céu	VI	Viagem ao Ceu
V	Uma lição de Astronomia	VII	Coisas da Lua
		VIII	A Terra vista da Lua
VI	Tia Nastacia	IX	Tia Nastacia
VII	A Terra vista da Lua	X	Mais Vistas da Terra
VIII	Continua a viagem	XI	Continua a Viagem
IX	Marte	XII	O planeta Marte
		XIII	Proesas da Emilia em Marte
X	A Via Latea	XIV	A Via Latea
XI	A cavalgada	XV	A cavalgada louca
XII	Aparece o burro	XVI	Aparece o burro
XIII	Os anéis de Saturno	XVII	Saturno
		XVIII	No planeta maravilhoso
XIV	Na Lua de novo	XIX	De novo na Lua
XV	A aflição dos astrónomos	XX	A aflição dos astrónomos
XVI	O grito de dona Benta	XXI	O grito de dona Benta
XVII	O café dos astrónomos	XXII	O café dos astrónomos
XVIII	As impressões de tia Nastacia	XXIII	As impressões de tia Nastacia

Exemplificamos com os Anexos F, G e H, que apresentam o cotejo entre alguns dos capítulos dos testemunhos D e E, conforme especificações já apresentadas, atestando, assim, a reescritura e discrepância de seus textos.

O Anexo F apresenta parte do capítulo “V – Uma lição de Astronomia” (testemunho D) e do capítulo “VII – Coisas da Lua” (testemunho E), de onde podem ser levantadas algumas notas.

Uma delas é referente a uma nota de rodapé, que se incorpora a uma fala de Pedrinho, trocando o título da obra: no testemunho D, o título é *Viagem da Terra á Lua*; e no testemunho E, *Da Terra à Lua* (quadro 42). O título original da obra publicada originalmente em 1865 é *De la Terra à la Lune*.

Quadro 42. Nota de rodapé cujo conteúdo vira uma fala e cujo título da obra citada é trocado

Testemunho D			Testemunho E		
p	In		p	In	
40	nota de rodapé	1. Julio Verne – <i>Viagem da Terra á Lua</i> .	50	25	– Eu sei! gritou Pedrinho. Foi um personagem de
				26	Julio Verne, no romance DA TERRA Á LUA. Vóvó já nos
				27	leu isso.

Outra é referente à linha 6 da página 40 (testemunho D), cujo conteúdo se refere às linhas 11 e 19 da página 50 (testemunho E). Há adição de novo conteúdo, perfazendo sete novas linhas (conforme quadro 43).

Quadro 43. Adição de textos em meio a uma linha

Testemunho D			Testemunho E		
p	ln		p	ln	
40	6	deve ser <u>poderosissimo</u> . Varias vezes <u>os homens têm</u> tem-	50	11	deve ser <u>das mais energicas</u> , porque a distancia da Terra
				12	á Lua é de 96 mil leguas – um bom pedaço!
				13	Pedrinho riu-se e respondeu numa giria que o santo
				14	não podia entender:
				15	– Para o nosso pó essa distancia é a canja das can-
				16	jas. Num pisco devoramos essas 96 mil leguas como se
				17	fossem um biscoitinho de polvilho dos que derretem na boca.
				18	O santo admirou-se da maravilha e disse:
			19	– Estimo muito, mas saiba que inumeros <u>homens tem</u>	

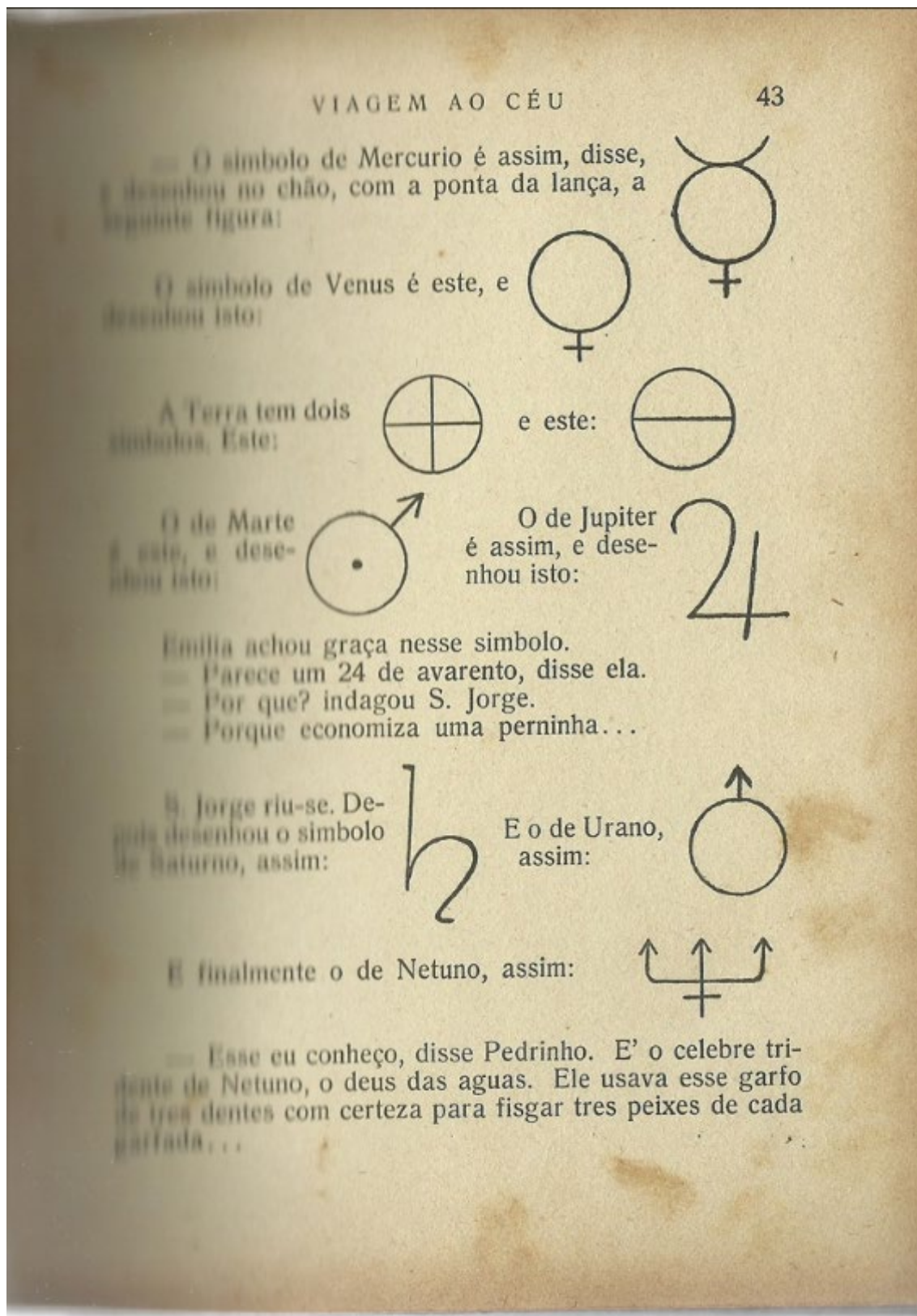
A partir da linha 28 da página 40 (testemunho D), todo o conteúdo deste capítulo é omitido e é adicionado novo conteúdo em testemunho E. É interessante notar que as imagens e explicações dos símbolos dos planetas que aparecem na página 43 do testemunho D (figura 65) foram totalmente excluídos e não voltam a aparecer no testemunho E (em nenhum outro capítulo).

Outro exemplo é o conteúdo do capítulo “VII – A Terra vista da Lua” (testemunho D) que equivale ao capítulo “X – Mais vistas da Terra” (testemunho E), e não ao “VIII – A Terra vista da Lua”.

Seguem algumas notas sobre eles (conforme Anexo G). Logo no começo do capítulo, na página 49 do testemunho D, é possível verificar treze linhas que foram omitidas em testemunho E.

Na página 66 do testemunho E há a adição de uma interrupção de Emília (“– Bem feito! exclamou Emilia.”), que equivale, no testemunho D, a um parágrafo contínuo, como mostra o quadro 44. Na página seguinte, há a adição da informação de que a França equivalia à Aquitânia do tempo de São Jorge.

Figura 65. Imagem da página 43 do testemunho D, cujos conteúdos e imagens foram omitidos em testemunho E



Quadro 44. Trecho de cotejo entre testemunho D e E, com adição de diálogos

Testemunho D			Testemunho E		
p	ln		p	ln	
50	5	tanto trabalho, a capital das Russias, <u>conquistou uma fo-</u>	66	28	<u>conquistou uma fogueira.</u>
	6	<u>gueira. Em vista</u> do que resolveu <u>voltar com o seu exercito</u>		29	– Bem feito! exclamou Emilia.
				30	– <u>Em vista</u> disso, continuou Pedrinho, o conquista-
	7	<u>para a França</u> , isso na peor quadra do ano, em pleno in-	31	dor não teve outro remedio senão <u>voltar para a França</u>	
			67	1	<u>com o seu exercito.</u> Essa França era a Aquitania do tempo
	2	de Diocleciano. Mas o inverno russo estava bravo, e os			

Ao final deste capítulo, há a adição de mais informações, quando São Jorge explica como eram as divisões territoriais de seu tempo: a Capadócia e Cartago, além de outras histórias da época de Diocleciano que fez as crianças adormecerem (quadro 45).

Quadro 45. Trecho de cotejo entre testemunho D e E, com adição de conteúdos

Testemunho D			Testemunho E		
p	ln		p	ln	
			69	6	Depois que Emilia parou de asneirar, São Jorge pôs-
				7	-se a dizer onde ficavam as terras conquistadas pelos ro-
				8	manos do seu tempo. Mostrou tudo, até o lugarzinho onde
				9	era a sua Capadocia e o ponto onde existiu Cartago, a
				10	república africana rival de Roma e por esta destruída de-
				11	pois de varias guerras. E contou tantas historias do tempo
				12	de Diocleciano que as crianças, já cansadas, adormeceram.

Já os conteúdos do capítulo “IX – Marte” (testemunho D) equivalem ao “XII – O planeta Marte” e ao “XIII – Proesas de Emilia em Marte” (testemunho E), apresentando, então, a divisão de um capítulo em dois (Anexo H).

O cotejo entre esses capítulos apresenta algumas particularidades: de início, o capítulo XII do testemunho E apresenta 146 novas linhas. A equivalência textual com o capítulo IX (testemunho D) se principia a partir da linha 29 da página 80 – quando é citado o pó de pirlimpimpim que leva os personagens à Lua – e termina na última linha

da página 83 – quando Emília resolve “tirar a limpo” se os marcianos podiam ou não os enxergar. A partir da página 84, inicia-se o capítulo XIII.

Apesar de não haver classificação de variantes, é evidente verificar que há mais adições no capítulo XII e mais reescritura no capítulo XIII.

O capítulo “A Via Lactea”, apesar de apresentar o mesmo nome nos dois testemunhos, é, porém, mais extenso no testemunho E, com 335 linhas (das páginas 88 até a 98). Este capítulo, no testemunho D, contém apenas 165 linhas. Estes eventos acontecem em todos os outros capítulos cujo título é idêntico.

Este fenômeno também acontece com capítulos com adição, exclusão ou com alteração de ordem de vocábulos, por exemplo:

- Adição:
 - A cavalgada (140 linhas) → A cavalgada louca (140 linhas)²¹
- Exclusão:
 - Os anéis de Saturno (108 linhas) → Saturno (236 linhas)
- Alteração de ordem:
 - O novo visconde (136 páginas) → O Visconde Novo (189 linhas)

Obviamente a quantidade de linhas não é diretamente relacionada ao seu conteúdo, porém é possível se ter uma ideia de quanta adição de conteúdo foi feita neste novo encadeamento.

Estas reescritas constantes, mudanças na paragrafação e grandes reorganizações de capítulos tornaram inviável o estabelecimento do testemunho D como texto-base para as variantes do testemunho E, começando, assim, um novo encadeamento.

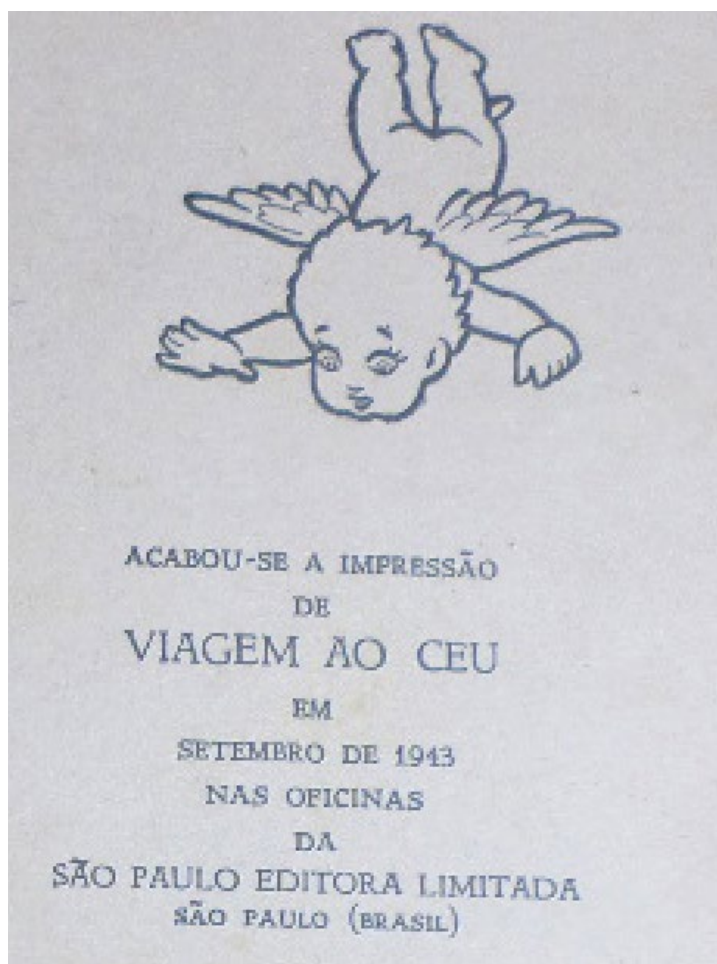
²¹ É fascinante verificar que, mesmo com a mesma quantidade de linhas, no cotejo desses dois capítulos a reescrita é um padrão.

4.2 O encadeamento II

4.2.1 Os testemunhos E e F

O cotejo dos testemunhos E e F prova que o miolo das obras é exatamente o mesmo²², usando a mesma composição tipográfica em todo o miolo, exceto na folha de rosto, em que uma está identificada como “quarta edição” e outra, como “quinta edição” (conforme figuras 67 e 68). Nos dois testemunhos encontra-se a informação de que foram impressas “em setembro de 1943 nas Oficinas da São Paulo Editora Limitada” com uma imagem do personagem Anjinho na parte superior da página (figura 66)

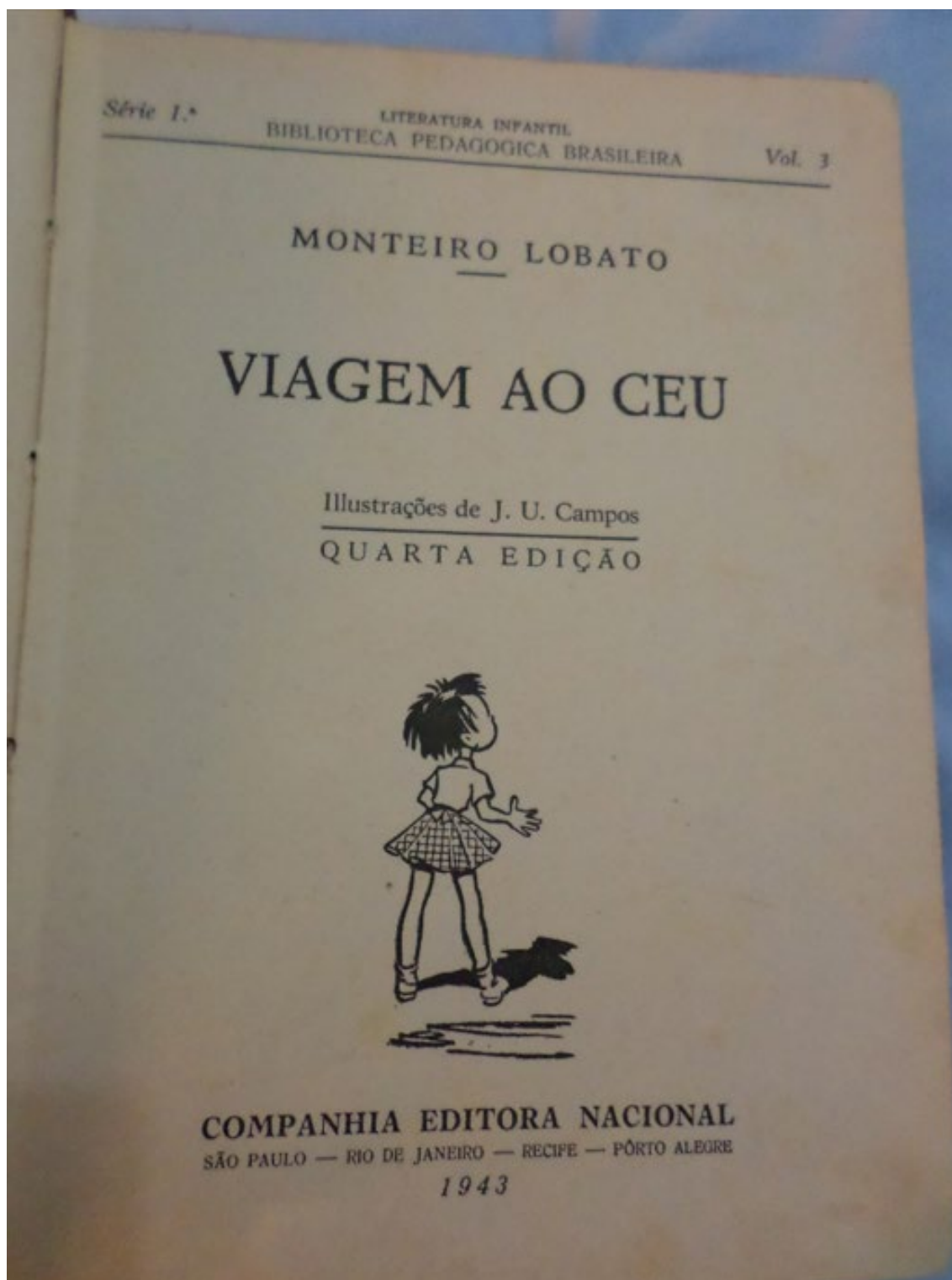
Figura 66. Colofão dos testemunhos E e F



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

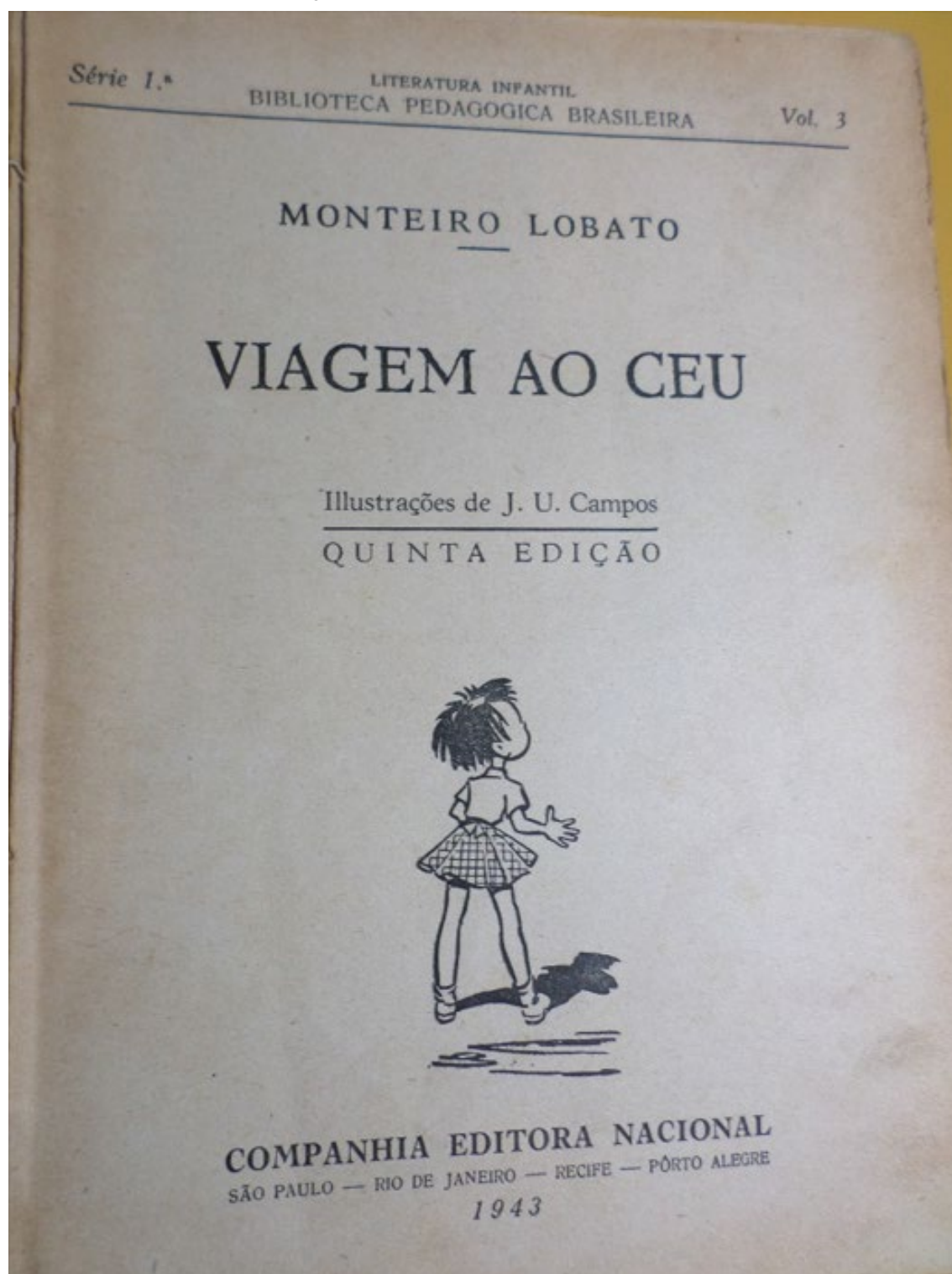
²² Por se tratar de uma pesquisa sobre os percursos editoriais, autorais e tipográficos da obra *Viagem ao Céu*, decidiu-se por manter este testemunho na lista de obras analisadas.

Figura 67. Folha de rosto do testemunho E



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 68. Folha de rosto do testemunho F



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

A informação de que foram impressas no mesmo mês levanta a questão se esta página de colofão também foi replicada ou se existem dois testemunhos da mesma tiragem.

4.2.1 Os testemunhos E e G

As substituições deste cotejo são bastante significativas, como, por exemplo, quando se trata de nomenclaturas, grandezas e datas. Vamos a alguns exemplos.

Com relação a nomenclaturas, há, por exemplo, a troca do vocábulo “Canzarrão” por “Cão Maior”; “Fuga” por “Medo”; “Netuno” por “Plutão”; “Camelopardalis” por “constelação da Girafa”; e “Japet” por “Japetus” (quadro 46).

Quadro 46. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – nomenclaturas

Testemunho E			Testemunho G		
p	ln		p	ln	
32	28	etc. E ha a de Sirio ou do Canzarrão , onde aparece a	31	31	ou do Cão Maior , onde aparece a mais bela estrela do nosso
80	4	– “Por que? Que é que o Terror e a Fuga têm a ver	78	32	– “Por que? Que é que o Terror e o Medo têm a ver
94	5	afasta-se até para lá da orbita de Netuno , que é o fim dos	93	7	de Plutão , que é o fim dos nossos mundos (estes mundos
100	18	peia e da do Camelopardalis ...	99	15	constelação da Girafa ...
117	15	perion, Japet .	116	12	Hiperion, Japetus e Febo .

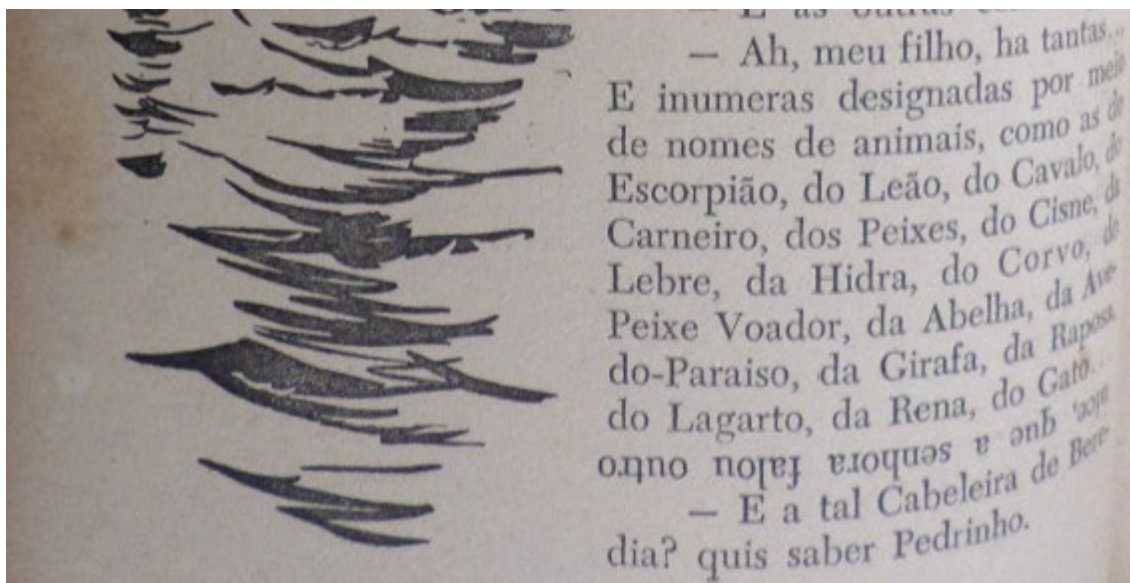
Uma mudança que salta aos olhos é a substituição de “léguas” por “quilômetros” (às vezes abreviado para “km”). É interessante verificar que, no testemunho E, já existia o vocábulo “quilômetro”, porém no testemunho G ainda há algumas ocorrências de “léguas” (quadro 47).

Quadro 47. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – léguas e quilômetros

Testemunho E			Testemunho G		
p	ln		p	ln	
32	30	Imaginem que Sirio está a mais de 52 trilhões de leguas de	31	33	81 trilhões de kms de distancia – isto é, a 540 mil vezes a
	34	– E’ de mais de 148 milhões de quilometros . Sirio	32	2	– É de mais de 150 milhões de quilometros . Sirio
50	12	á Lua é de 96 mil leguas – um bom pedaço!	49	17	de 64 mil leguas – um bom pedaço!

O testemunho G apresenta, ainda, uma particularidade na página 30: além de uma linha composta de cabeça para baixo (figura 69), ela está composta antes da linha em que deveria aparecer, provavelmente um equívoco do linotipista ou impressor (quadro 48).

Figura 69. Trecho da página 30 do testemunho G com a antepenúltima linha composta de cabeça para baixo e na localização incorreta

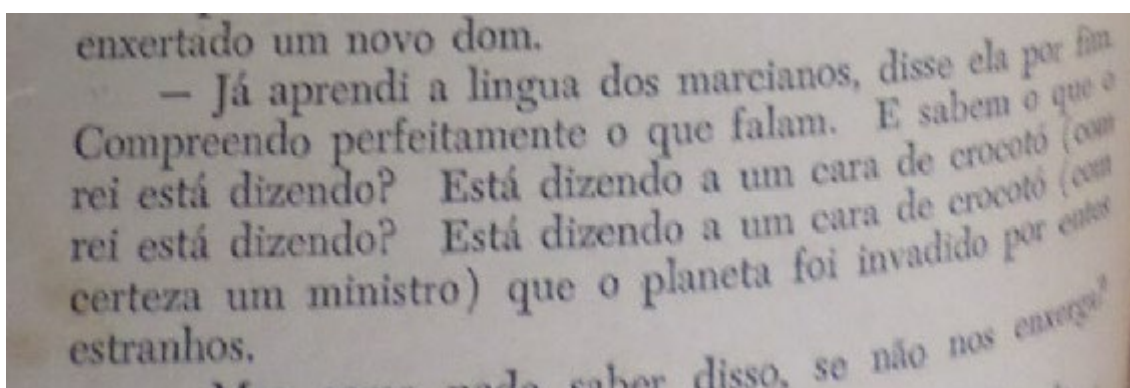


Quadro 48. Trecho de cotejo entre testemunho E e G, com linha composta de cabeça para baixo

Testemunho E			Testemunho G		
p	ln		p	ln	
31	29	— E a tal Cabeleira de Berenice,	30	33	outra falou outro dia? quis
	30	que a senhora falou outro dia? quis		34	— E a tal Cabeleira de Bere-

Outra variante de composição interessante aparece na página 84, onde há duas linhas repetidas (figura 70), sem omitir nenhum conteúdo (quadro 49).

Figura 70. Trecho da página 84 do testemunho G com linhas repetidas



Quadro 49. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – linhas repetidas

Testemunho E			Testemunho G		
p	In		p	In	
85	13	que o rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó	84	12	<u>rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com</u>
	14	(com certeza um ministro) que o planeta foi invadido por		13	<u>rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com</u>
	15	entes estranhos		14	certeza um ministro) que o planeta foi invadido por estes

O que mais chama atenção no cotejo entre esses dois testemunhos, no entanto, são as correções numéricas (portanto, de grandezas) referentes à distância e ao tempo (quadro 50).

Quadro 50. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – grandezas

Testemunho E			Testemunho G		
p	In		p	In	
32	31	de distancia – isto é, a 373.000 vezes a distancia entre	31	33	81 trilhões de kms de distancia – isto é, a 540 mil vezes a
	34	– E' de mais de 148 milhões de quilometros. Sirio	32	2	– É de mais de 150 milhões de quilometros. Sirio
	35	está tão longe de nós que sua luz gasta 22 anos para chegar		3	está tão longe de nós que sua luz gasta quasi 9 anos para
50	12	á Lua é de 96 mil leguas – um bom pedaço!	49	17	de 64 mil leguas – um bom pedaço!
	16	jas. Num piscos devoramos essas 96 mil leguas como se		21	Num piscos devoramos essas 64 mil leguas como se fossem
55	6	– Cada dia aqui equivale a 15 dias lá da Terra; e	54	11	– Cada dia aqui equivale a 14 dias lá da Terra; e cada noite
	7	cada noite equivale a 15 noites de lá. E por causa disso		12	equivale a 14 noites de lá. E por causa disso só há
79	16	– “O diametro de Marte é de 6608 quilometros. E o	78	11	– “O diametro de Marte é de 6.870 quilometros. E o
89	29	149 milhões de quilometros daqui, tão pertinho que sua	88	26	de estrelas que ha no espaço infinito. Está apenas a 150
90	2	quilometros, ou 20 anos-luz. Quer dizer que a luz dessa	89	1	metros ou 4 anos-luz. Quer dizer que a luz dessa estrela
92	6	– Tresentas e trinta e quatro mil vezes! declarou o	91	6	– Um milhão e trezentas mil vezes! declarou o menino.
115	6	ponde a 164 anos dos nossos lá da Terra...	114	3	ponde a 165 anos dos nossos lá da Terra...
	10	– Netuno tem 85 vezes o volume da Terra.		7	– Netuno tem 78 vezes o volume da Terra.
117	4	neta bem grande, 720 vezes o volume da Terra e com oito	116	2	grande, 800 vezes o volume da Terra e com dez luas.
118	27	Mas a espessura do disco é só de 10 quilometros. Logo,	117	24	é só de 60 quilometros. Logo, o disco é proporcionalmente

Há também duas mudanças de datas significativas: a primeira é referente ao ano de aparecimento de uma chuva de meteoros – no testemunho E, a data é 1877; e no G, 1872; a segunda é sobre a passagem do Cometa Halley – no testemunho F, a data é 1759; e no G, 1758. No testemunho E, ainda há uma particularidade de ter aparecido a data de 1859, provavelmente outro equívoco de algum agente envolvido na impressão da obra (quadro 51).

Quadro 51. Trechos do cotejo entre os testemunhos E e G – anos

Testemunho E			Testemunho G		
p	ln		p	ln	
94	34	de novembro de 1877 reapareceram desfeitos em milhares	93	33	novembro de 1872 reapareceram desfeitos em milhares de
143	23	– Em 1759! Halley previu isso por meio de calculos.	142	5	– Em 1758! Halley previu isso por meio de calculos.
	30	no ponto indicado e no ano que ele disse – 1759. Só que em		12	ponto indicado e no ano que ele disse – 1758. Só que em
144	8	ley era batatalino na matemática. Depois de 1859 ou-		24	tatalino na matemática. Depois de 1758 outros astrônomos

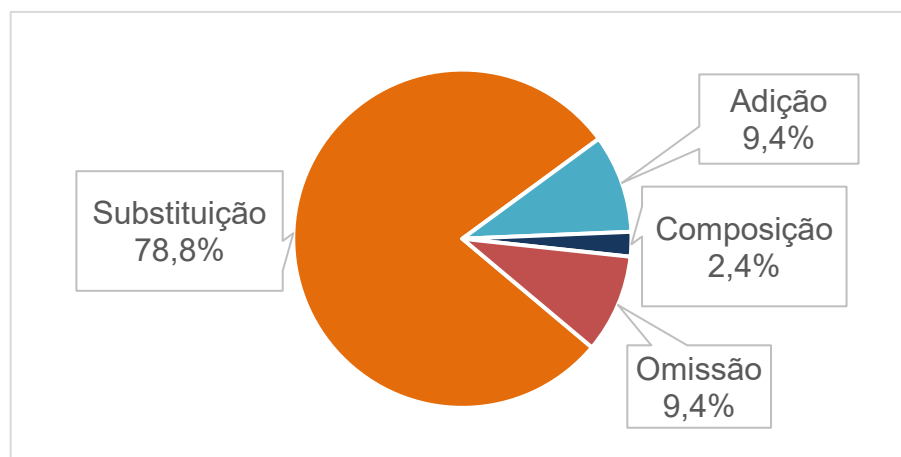
Há uma mudança de vocábulo (ou ortográfica) referente ao vocábulo *cocoras/cocaras*, que pode ter sido uma mudança autoral ou de composição (quadro 52). Esta mudança é retomada no testemunho I, explicada a seguir.

Quadro 52. Trecho do cotejo entre os testemunhos E e G – cócaras/cócoras

Testemunho E			Testemunho G		
p	ln		p	ln	
21	22	<i>cocoras</i> no ultimo degrau da escada,	21	6	<i>cocaras</i> no ultimo degrau da escada,

Sobre a análise quantitativa, é claro observar que há mais substituições (67), seguidas por adição (8) e omissão (8), e agora com a variante de composição (2), gerando o Gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4. Variantes entre testemunhos E e G



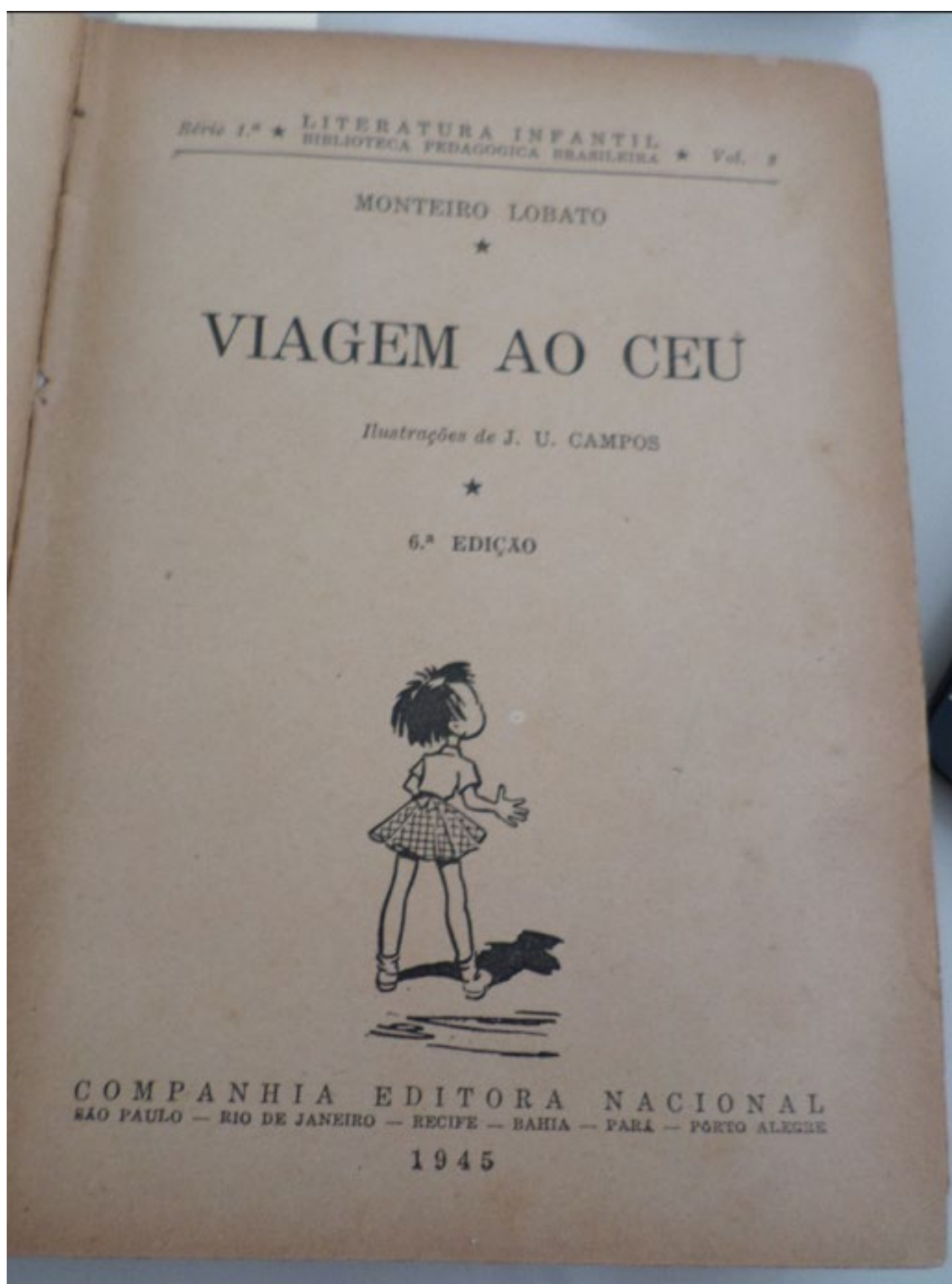
4.2.2 Os testemunhos G e H

O cotejo dos testemunhos G e H prova que o miolo das obras é exatamente o mesmo, usando a mesma composição tipográfica em todo ele, exceto na folha de rosto, em que uma está identificada como “sexta edição” e outra, como “sétima edição” (figuras 71 e 72).

O testemunho G apresenta informações nas peritextuais iniciais de que foi impresso nos Estados Unidos do Brasil, porém não apresenta peritextuais finais. Já o testemunho H apresenta “Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da ‘Revista dos Tribunais’ Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo para a Companhia Editora Nacional em agosto de 1945” em papel amarelado colado por cima de papel branco (figura 73). É plausível que este procedimento tenha feito ao realizar a restauração da obra.

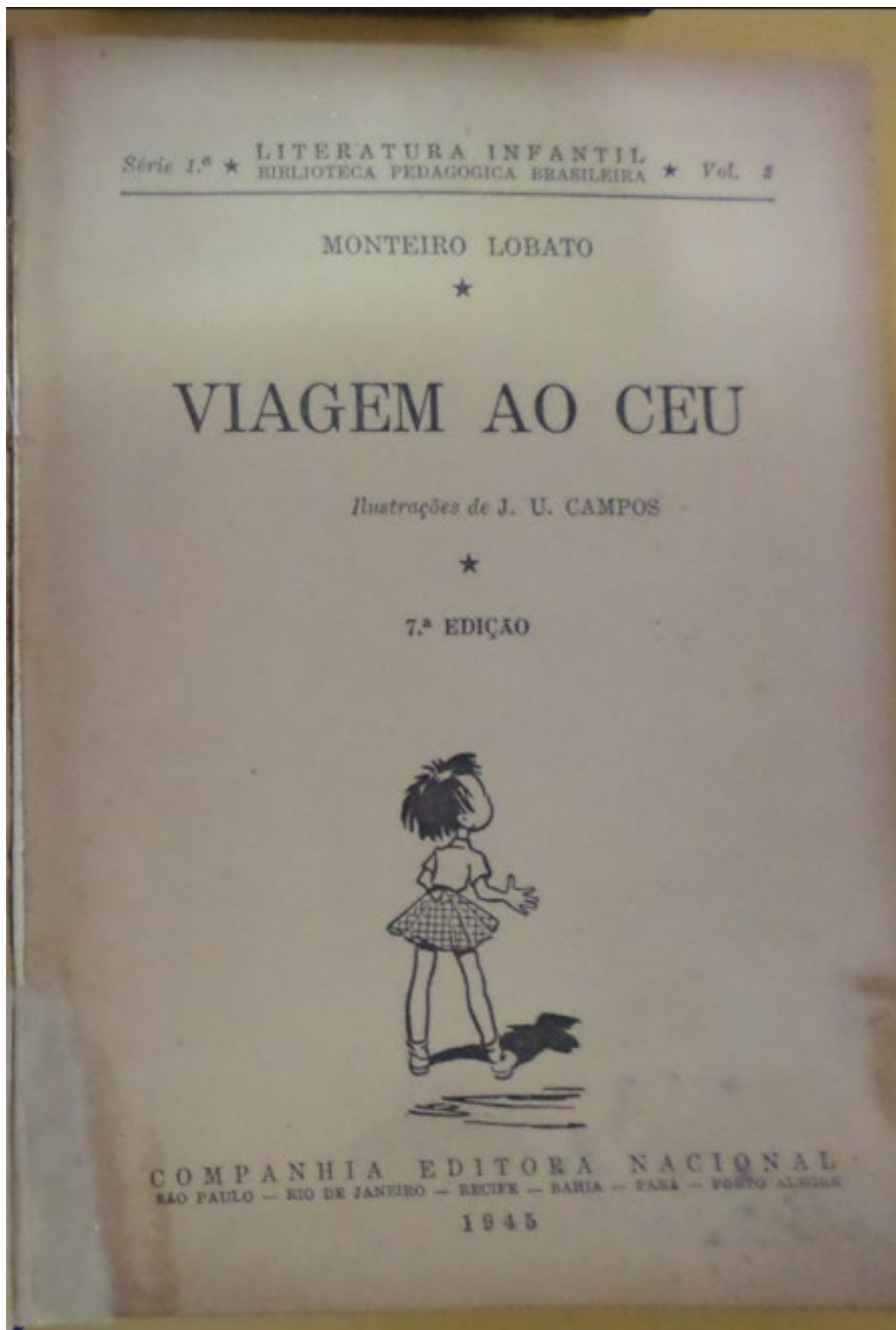
Por causa da ausência de colofão do testemunho G, não é possível afirmar, assim como os testemunhos E e F, que os testemunhos G e H podem ter sido da mesma tiragem impressa.

Figura 71. Folha de rosto do testemunho G



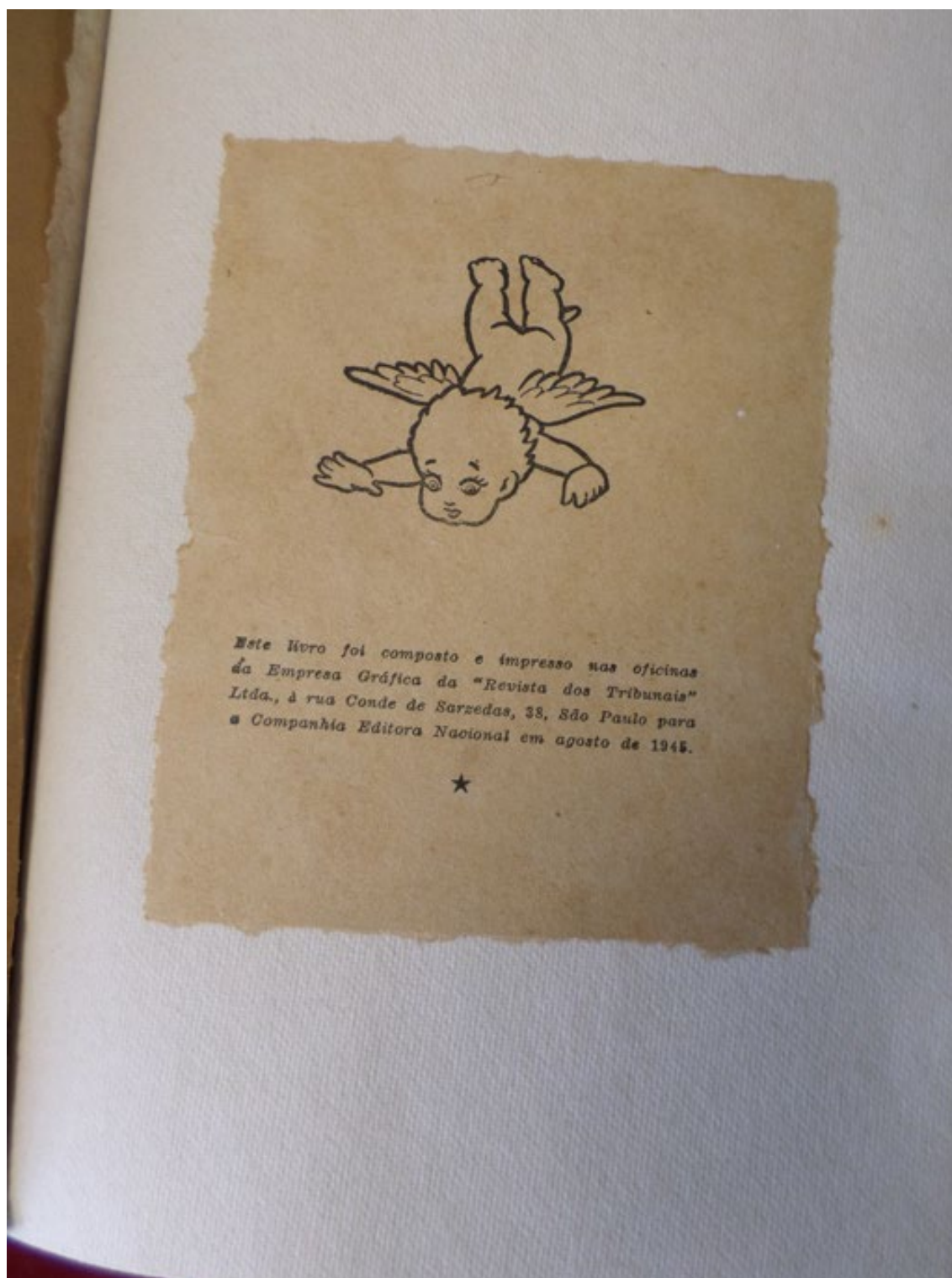
Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 72. Folha de rosto do testemunho H



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 73. Colofão do testemunho H



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

4.2.2 Os testemunhos G e I

Com base na análise dos testemunhos D e E, quando há a cisão dos encadeamentos, poderíamos por um momento acreditar que com os testemunhos H e I aconteceria o mesmo processo por apresentarem, visualmente, diferenças significativas. O primeiro motivo para isso seria o formato das obras: o testemunho G é 16x23 centímetros, enquanto o testemunho I é 14x21 centímetros. As imagens de capa também são diferentes: o testemunho G segue os testemunhos anteriores, apresentando imagem colorida por Jurandir Ubirajara Campos (figura 11). Já o testemunho I apresenta capa verde com impressão em verniz prateado contendo os dizeres “Viagem ao Céu” e “O Saci” (figura 13), conforme demonstra o quadro 53.

Quadro 53. Imagens de capa dos testemunhos G e I



Isso acontece porque o testemunho I faz parte da coleção *Obras Completas*, coleção publicada pela Editora Brasiliense. Esta coleção, publicada em 1947, é composta por 17 volumes em capa verde. Alguns volumes apresentam mais de um livro, como *Viagem ao Céu* e *O Saci*, que fazem parte do Volume II; *Caçadas de Pedrinho* e *Hans Staden*, que fazem parte do Volume III; *Memórias de Emília* e *Peter Pan*, que fazem parte do Volume V; *Serões de Dona Benta* e *História das invenções*, que fazem parte do Volume VIII; e *Picapau amarelo* e *Reforma da Natureza*, que fazem parte do Volume XII. Há ainda o livro *Os doze trabalhos de Hércules*, que foram divididos em dois volumes: XVI e XVII.

Apesar de serem numerados, os volumes não seguem a ordem de publicação das obras – Monteiro Lobato teria selecionado as obras de acordo com a lombada dos livros, para que todos parecessem do mesmo tamanho (AZEVEDO; CAMARGOS;

SACCHETTA, 2001) –, o que pode confundir o leitor que quiser ler na ordem dos volumes, já que alguns livros se referenciam entre si.

Quando morou no Rio de Janeiro, o autor revisou toda a obra a ser publicada pela Editora Brasiliense. Ao final da empreitada, mudou-se para Buenos Aires com toda a família. Não encontramos dados oficiais sobre se Lobato chegou a ver provas dessa edição, que foi orquestrada pela equipe da casa publicadora à época.

Mesmo com todas essas mudanças na forma, é possível estabelecer o testemunho G como texto-base para o testemunho I. As variantes foram então levantadas, tabuladas e classificadas, conforme Blecua (1983) e Souza (2012), atribuindo cores específicas para cada classificação, e podem ser consultadas em Anexo J.

Estas variantes possuem peculiaridades importantes a serem destacadas. A primeira a ser notada é a alteração do vocábulo “cócaras” para “cócoras”, que ocorre na página 16 do testemunho I (quadro 54).

Quadro 54. Trecho de cotejo entre os testemunhos G e I – cócaras/cócoras

Testemunho G			Testemunho I		
p	ln		p	ln	
21	6	cócaras no ultimo degrau da escada,	16	12	çada também se reunira ali. Pedrinho, de cócoras

Outras variantes que foram corrigidas neste testemunho estão relacionadas à composição da obra. Não há mais linhas repetidas nem compostas de cabeça para baixo (quadro 55).

Quadro 55. Trecho de cotejo entre os testemunhos G e I – variantes de composição

Testemunho G			Testemunho I		
p	ln		p	ln	
84	12	<u>rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com</u>	85	19	lam. E sabem o que o rei está dizendo? Está dizen-
	13	<u>rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com</u>		20	do a um cara de crocotó (com certeza um ministro)
	14	certeza um ministro) que o planeta foi invadido por estes			
30	33	outro falou a senhora falou a senhora falou a senhora	26	26	– E a tal Cabeleira de Berenice, que a se-
	34	E a tal Cabeleira de Bere-		27	nhora falou tanto outro dia? quis saber Pedrinho.

As variantes referentes às correções numéricas não são tão frequentes, como acontece entre os testemunhos E e G, porém são dignas de nota.

Ao explicar sobre o movimento de translação dos planetas, por exemplo, são explicitados quantos anos, meses e dias demoravam para dar uma volta completa em torno do Sol. Ao falar sobre o planeta Vênus, há uma mudança significativa de 322 para 332 dias (quadro 56). Neste ponto também fica difícil afirmar se a classificação da variante é de composição ou de substituição.

Quadro 56. Trecho de cotejo entre os testemunhos G e I – dias de translação de Vênus

Testemunho G			Testemunho I		
p	ln		p	ln	
115	22	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 322 dias – era	123	21	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 332

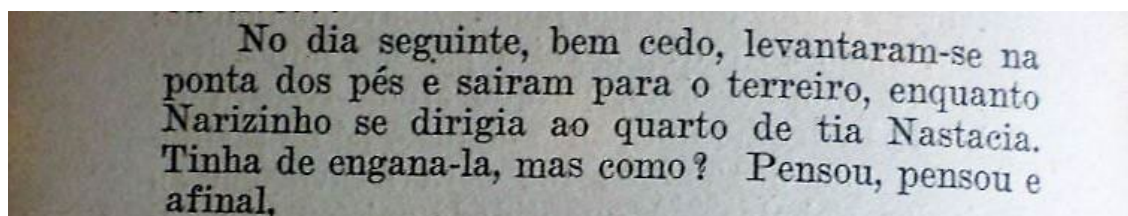
O ano da passagem do cometa Halley é novamente alterado de 1758 para 1759 (troca invertida à que acontece entre os testemunhos E e G). A frequência com que este cometa aparece também é alterada de “76 em 76 anos” para “setenta e tantos em setenta e tantos anos” (quadro 57).

Quadro 57. Trechos de cotejo entre os testemunhos G e I – anos

Testemunho G			Testemunho I		
p	ln		p	ln	
142	5	– Em 1758! Halley previu isso por meio de calculos.	152	20	– Em 1759! Halley previu isso por meio de
	12	ponto indicado e no ano que ele disse – 1758. Só que em		28	disse – 1759. Só que em vez de aparecer em
	16	rece de 76 em 76 anos.		32	só aparece de setenta e tantos em setenta e tantos
	24	tatalino na matemática. Depois de 1758 outros astrônomos	153	9	de 1759 outros astrônomos calcularam que o cometa

Há uma ocorrência de omissão que deixou a frase incompleta, provavelmente um caso de variante de composição, conforme atestam a figura 74 e o quadro 58.

Figura 74. Trecho da página 34 do testemunho I – frase incompleta

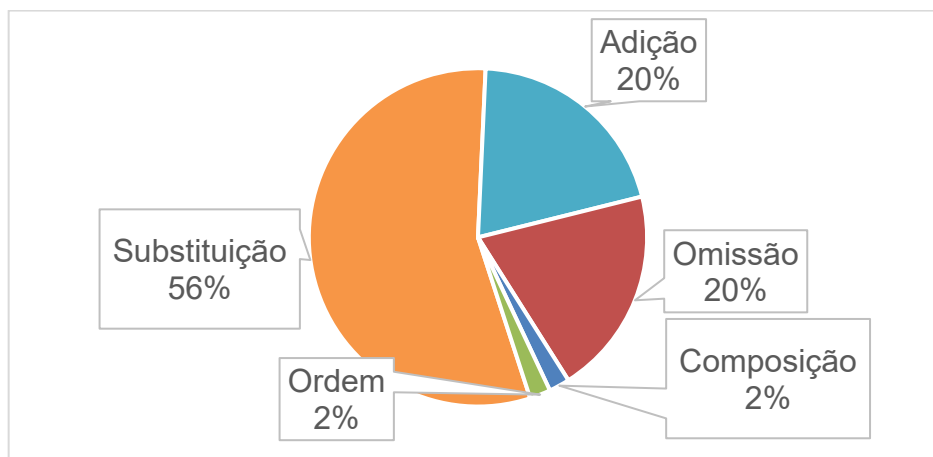


Quadro 58. Trecho de cotejo entre testemunhos G e I – omissão e composição

Testemunho G			Testemunho I		
p	ln		p	ln	
38	6	Pensou, pensou e afinal, resolveu-se.	34	13	afinal,

Sobre a análise quantitativa, é claro observar que há mais substituições (201), seguidas por adição (41), omissão (40), composição (4) e ordem (4), gerando o Gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5. Variantes entre testemunhos G e I



4.2.3 Os testemunhos G, H, I e J

Os testemunhos G, I e J estão intrinsecamente conectados entre si, pois apresentam similitudes e diferenças significativas e interessantes. Começamos pela análise de suas características, representadas no quadro 59.

Quadro 59. Características dos testemunhos G, H, I e J

Testemunho ²³	Edição	Ano	Editora	Gráfica	Capa	Ilustrador(es)
G	6ª	1945	Companhia Editora Nacional	(sem informação)		J.U. Campos
H	7ª	1945	Companhia Editora Nacional	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda		J.U. Campos
I	Vol. II	1947	Editora Brasiliense Ltda.	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda		André Le Blanc
J	8ª	1948	Editora Brasiliense Ltda.	Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda		Augustus (capa) André Le Blanc (miolo)

²³ Relembrando o fato de que os textos dos testemunhos G e H são idênticos, consideraremos neste subcapítulo somente o testemunho G.

Os testemunhos apresentam ainda diferenças nas páginas de rosto, onde são apresentadas as diferentes casas publicadoras, ilustrações e datas (figuras 75 e 76). É interessante notar que os testemunhos G e I foram publicados, respectivamente, em 1945 e 1948 e são identificados como 7ª e 8ª edições, desconsiderando, para a numeração sequencial de edições, o testemunho I, publicado em 1947.

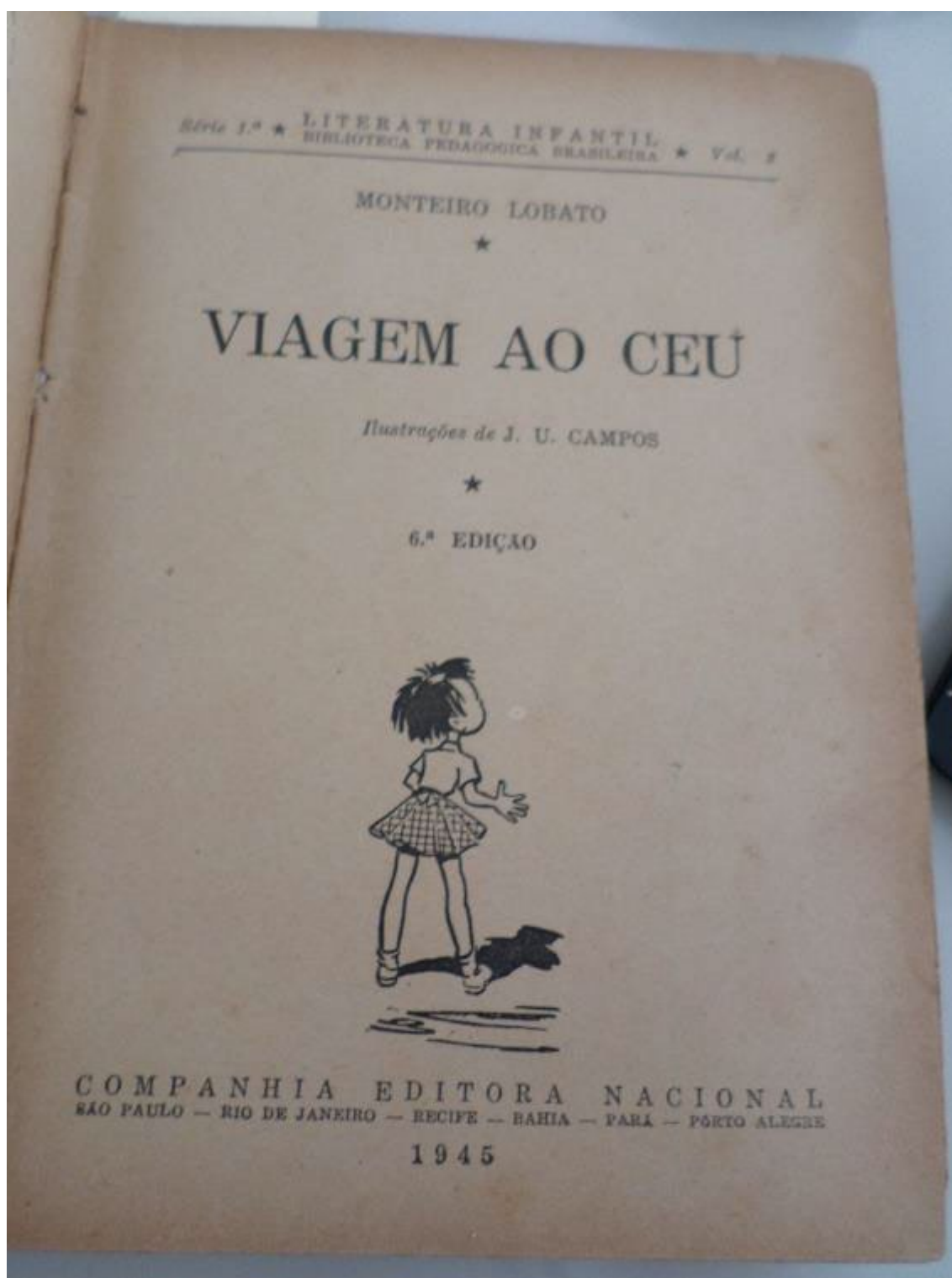
O testemunho J foi publicado em 1948, pela Editora Brasiliense – que também publicou o testemunho I –, porém é difícil estabelecer o mês exato de publicação, já que esta informação não se encontra disponível, como em alguns outros testemunhos. O único dado disponível é o ano em algarismos romanos (MCMXLVIII). Ao entrarmos em contato com a Editora Brasiliense para solicitar tal informação, comprovada talvez com as notas fiscais de gráfica, foi nos informado que elas são guardadas, por lei, por até cinco anos e que, portanto, a editora provavelmente havia destruído esses documentos. A Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais Ltda fechou no ano de 2008, não conseguimos contato para saber se eles enviaram suas documentações para alguma instituição.

De qualquer modo, se considerarmos que esta obra foi publicada ainda em vida do autor (Lobato morreu em julho de 1948), é provável que ele a tenha revisado e modificado, assim como o fez com a maioria dos outros testemunhos. Com base nessa hipótese, questionamos a Editora Globo, que publicou *Viagem ao céu* em 2007, o motivo de terem escolhido como texto-base o testemunho I (em vez de o testemunho J), e foi nos informado de que ela não tinha conhecimento da existência do testemunho J e que a crítica lobatiana considera a Coleção Obras Completas a última revista pelo autor/escritor. Veremos a seguir que, talvez, o testemunho I não tenha sido o último testemunho revisto, e sim, o testemunho J, com particularidades.

Ao fazermos cotejo entre os testemunhos I e J – acreditando tratar-se de gênese cronológica –, notamos que o texto do testemunho J apresenta inúmeras variantes que retomam o texto idêntico ao do testemunho G. Em termos numéricos o testemunho I apresenta 89 em relação ao testemunho G. Dessas, apenas 19 variantes são idênticas em I e J. Todas as outras são variantes do testemunho I que retomam o testemunho G. No Anexo K, apresentamos um filtro somente com as variantes idênticas.

Em uma ocorrência de variante por substituição, por exemplo, no testemunho G e no testemunho J, o vocábulo “doutor” se mantém, enquanto no testemunho I ele é trocado por “sabugo”, conforme demonstra o quadro 60.

Figura 75. Página de rosto do testemunho G



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Figura 76. Página de rosto do testemunho J



Fonte: Figura do autor, com base em fotografia registrada da obra pessoal.

Quadro 60. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I

Testemunho	p	In	
G	19	8	genuidade o doutor , como quem diz: “Está gostando dos
I	14	2	maior ingenuidade o sabugo , como quem diz:
J	16	19	ingenuidade o doutor , como quem diz: “Está gostando

Em outras ocorrências de variantes por substituição, as datas também retornam àquelas do testemunho G, conforme demonstram os quadros de 61 a 64.

Quadro 61. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I (data)

Testemunho	p	In	
G	142	5	– Em 1758! Halley previu isso por meio de calculos.
I	152	20	– Em 1759! Halley previu isso por meio de
J	141	11	– Em 1758! Halley previu isso por meio de cal-

Quadro 62. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I (data)

Testemunho	p	In	
G	142	12	ponto indicado e no ano que ele disse – 1758 . Só que em
I	152	28	disse – 1759 . Só que em vez de aparecer em
J	141	18	no ponto indicado e no ano que ele disse – 1758 . Só que

Quadro 63. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição e adição em I (duração)

Testemunho	p	In	
G	142	16	rece de 76 em 76 anos.
I	152	32	só aparece de setenta e tantos em setenta e tantos
J	141	22	só aparece de 76 em 76 anos.

Quadro 64. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: substituição em I (data)

Testemunho	p	In	
G	142	24	tatalino na matemática. Depois de 1758 outros astrônomos
I	153	9	de 1759 outros astrônomos calcularam que o cometa
J	141	30	batatalino na matemática. Depois de 1758 outros astro-

Em outra ocorrência, de variante por omissão, no testemunho G e no testemunho J, o adjetivo “estupido” se mantém, enquanto no testemunho I ele é omitido, conforme demonstra o quadro 65.

Quadro 65. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: omissão em I

Testemunho	p	In	
G	19	10	daqueles botões, sabem o que o estupido frango fez? Avan-
I	14	5	o que o frango fez? Avançou de bicadas con-
J	16	21	beleza daqueles botões, sabem o que o estupido frango

Em outra ocorrência de omissão e adição, no testemunho G e testemunho J, há uma nota de rodapé referenciando ao livro *O Sací*, que foi omitida em testemunho I, conforme demonstra o quadro 66.

Quadro 66. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: omissão em I

Testemunho	p	In	
G	87	nota de rodapé	1. O <i>Saci</i> , do mesmo autor.
I			
J	85	nota de rodapé	1. O <i>Saci</i> , do mesmo autor.

E, em um exemplo de variante por adição, constatamos que o trecho “lá na cozinha” foi adicionado em testemunho I, porém não o foi em testemunho J, conforme demonstra o quadro 67.

Quadro 67. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J: adição em I

Testemunho	p	In	
G	34	33	não se contentou. Quis também consultar tia Nastacia.
I	31	7	tar tia Nastacia lá na cozinha .
J	33	2	não se contentou. Quis também consultar tia Nastacia.

Em termos quantitativos, são 157 – do total de 303 – as variantes do testemunho J em relação ao testemunho I que se caracterizam como variantes de retorno ao testemunho G.

Ao se considerar, portanto, que o texto-base para o testemunho J é o testemunho G – e não o testemunho I, como se supunha *a priori* –, fica claro que há dois ramos diferentes do estema (e não somente um) que partem de G e que são a base de duas famílias diferentes da tradição: a família do testemunho I e a família do testemunho J.

Outro episódio que chama atenção nestes cotejos são algumas variantes (dezenove somente) do testemunho J idênticas às variantes do testemunho I, caracterizando um episódio de contaminação, explicitadas no Anexo K. Vejamos a seguir alguns exemplos.

Por exemplo, o vocábulo “salgadissimo”, do testemunho G, é substituído por “salgadinho” em testemunho I, fenômeno que se mantém em testemunho J, conforme demonstra o quadro 68.

Quadro 68. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J – variantes idênticas I e J

Testemunho	p	In	
G	16	3	dos braços e das pernas, salgadissimo , todo roído pelos peixes
I	9	24	nado dos braços e das pernas, salgadinho , todo
J	13	17	na cabeça, depenado dos braços e das pernas, salgadinho ,

Outro trecho refere-se à quantidade de dias (322 ou 332) para Vênus dar a volta em torno do Sol, conforme demonstra o quadro 69. Conforme explicitado em subcapítulo anterior, fica difícil afirmar se a classificação da variante é de composição ou de substituição.

Quadro 69. Trecho de cotejo entre testemunhos G, I e J – variantes idênticas I e J

Testemunho	p	ln	
G	115	22	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 322 dias – era
I	123	21	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 332
J	116	9	e 332 dias – era Marte. Outro ia e vinha em 11 anos e

4.2.4 Os testemunhos G e J

Tomando como testemunho-base o testemunho G – e desconsiderando as variantes idênticas entre os testemunhos H e J, explicadas no subcapítulo anterior –, o testemunho J apresenta ainda variantes próprias, explicitadas no Anexo L. Vamos a algumas delas.

Uma variante substantiva é a substituição do advérbio “biologicamente” por “fisiologicamente”, conforme demonstra o quadro 70.

Quadro 70. Variantes somente em testemunho J – substituição

Testemunho G			Testemunho J		
p	ln		p	ln	
12	14	sa. Todos vivendo – só isso! Vivendo <i>biologicamente</i> ,	8	13	sa. Todos vivendo – só isso! Vivendo <i>fisiologicamente</i> ,

Outra é a omissão da frase “(parecia até que estava namorando São Jorge)”, conforme demonstra o quadro 71.

Quadro 71. Variantes somente em testemunho J – omissão

Testemunho G			Testemunho J		
p	ln		p	ln	
52	2	todo o oferecimento (parecia até que estava namorando São	49	33	com todo o oferecimento. E' um astro que gira em redor do
	3	Jorge). E' um astro que gira em redor do Sol, e é também o			

Há também ocorrências de variantes de adição, como demonstrado no quadro 72, em que o trecho “quanto mais fugir” foi adicionado.

Quadro 72. Variantes somente em testemunho J – adição

Testemunho G			Testemunho J		
p	In		p	In	
47	33	mentos, não conseguia nem raciocinar.	45	8	seguia nem raciocinar quanto mais fugir!

Outras ocorrências de variantes de omissão ao mesmo tempo de adição são verificadas similarmente, como na omissão do trecho “respondeu o menino” e na adição de “nos deu na cabeça”, conforme demonstra o quadro 73.

Quadro 73. Variantes somente em testemunho J – omissão e adição

Testemunho G			Testemunho J		
p	In		p	In	
38	18	– Nada, boba! respondeu o menino. É que levanta-	36	22	– Nada, boba! E' que nos deu na cabeça levanta-

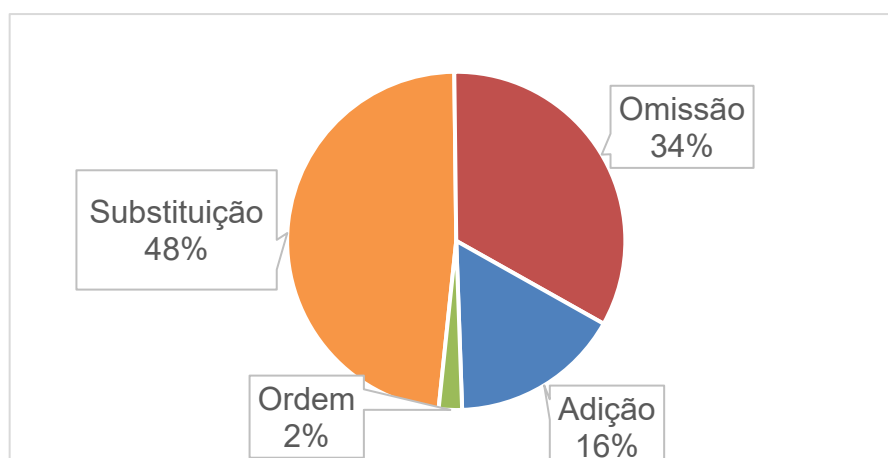
No começo do capítulo “XVIII – No planeta maravilhoso”, há a adição de um parágrafo integralmente, conforme demonstra o quadro 74.

Quadro 74. Variantes somente em testemunho J – adição (parágrafo integral)

Testemunho G			Testemunho J		
p	In		p	In	
			121	5	– Sim. Honremos aos mais velhos foi a sua
				6	resposta.

Sobre a análise quantitativa, é claro observar que há mais substituições (65), seguidas por omissão (45), adição (22), e ordem (3), gerando o Gráfico 6 a seguir.

Gráfico 6. Variantes entre testemunhos G e J



Com todos esses dados e demonstrações, é possível afirmar, portanto, que estamos diante de um episódio de dois ramos diferentes do estema, em que um deles apresenta contaminação!

Que decisões editoriais levaram a mesma casa publicadora – Editora Brasiliense Limitada –, que publicou o testemunho I em 1947 (revisado e alterado pelo autor), a imprimir, no ano seguinte, o testemunho J tendo como texto-base o testemunho G (ou H), sendo que este havia sido editado por outra casa publicadora – a Companhia Editora Nacional –, desconsiderando a possível vontade editorial última do autor, ainda é um mistério.

O questionamento sobre qual testemunho de *Viagem ao Céu* serviu de base para as publicações *post-mortem* do autor ainda é um enigma a ser investigado em uma edição crítica que considere os testemunhos publicados pela Editora Brasiliense de 1948 até 2007, data em que os direitos autorais da obra foram vendidos para a Editora Globo.

Grésillon (2007) afirma que “a elucidação da gênese não implica nada na elucidação do texto” (GRÉSILLON, p. 29, nota de rodapé), mas, a depender do desenrolar da edição crítica a ser elaborada, essa se consistirá bastante significativa para quem teve contato com o texto em mais de setenta anos de obra circulante depois da morte do autor.

Estas comparações entre os testemunhos G, I e J foram de muita valia para a determinação da ramificação estemática ao final do percurso da gênese autoral, determinado suas variantes evolutivas e levantando o questionamento se o testemunho I seria de fato a última vontade consciente do autor/escritor ou se se pode considerar o testemunho J, recompondo, então, o caminho para o estabelecimento do texto atualmente publicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, inicialmente, expôs notas sobre os primórdios do processo de produção lobatiano, a reelaboração autoral de obras de sua autoria e de seus amigos e como essa metodologia o inspirou a continuar a realizá-la durante toda a vida. Em seguida, procuramos entender e discutir os conceitos de Crítica Genética e Filologia do Autor a partir do conjunto autor, editor e processo editorial.

Com base em alguns documentos da época, foi possível inferir indícios do encadeamento da produção de um livro e as práticas editoriais e autorais vigentes e adotadas por Monteiro Lobato.

Apresentamos também, detalhadamente, o *corpus* da obra *Viagem ao céu* (1932-1948) e um breve olhar sobre a vida e a produção de Monteiro Lobato. Abordamos ainda alguns importantes detalhes desta obra a fim de entender como ela foi pensada, construída e estabelecida por seu autor, com diferentes preocupações para épocas e objetivos distintos.

Em seguida buscamos identificar quais obras, artigos e cartas podem ter sido consultados para a elaboração e reelaboração desta obra. Finalmente, apresentamos as dificuldades e os desafios enfrentados no processo de descobrir os paradeiros de todos os testemunhos, sua adequada digitalização e sua possível difusão em meios digitais.

Apresentamos as páginas *fac-similares* de testemunho que se encontra na Biblioteca Monteiro Lobato e cujas anotações autorais demonstram ricos indícios e evidências do processo de reelaboração autoral, com sugestões de apresentação bastante inovadoras, perfazendo uma edição crítico-genética intrigante.

Os cotejos feitos entre os testemunhos evidenciaram significativos aspectos das preocupações autorais, forneceram elementos para observação do contexto cultural, político e literário da época e destacaram as inquietudes autorais refletidas no texto, propiciando uma melhor compreensão das bases de seus argumentos e raciocínios no processo de estabelecimento desta obra.

Para colocar em prática os estudos sobre o percurso autoral e editorial, utilizamos diversas linhas teóricas para compor esta análise: Filologia, Crítica Textual, Crítica Genética, Filologia do Autor, Bibliografia Material, Epistolografia, Ecdótica, Editoração e Literatura Infantil Brasileira.

Por último, mas não menos importante, levantamos as variantes evolutivas de obra publicada em 1948 – ano da morte de Monteiro Lobato –, que questiona a última vontade do autor e o estabelecimento atual do texto.

As notas sobre a filologia autoral da obra *Viagem ao céu* apresentadas nesta dissertação devem ser tomadas como sementes para estudos acadêmicos lobatianos à luz de diferentes linhas teóricas. Desejamos ainda que elas possam contribuir como exemplo de como as terminologias e os aparatos críticos podem convergir e divergir ao analisar um mesmo documento.

Esperamos contribuir nos estudos sobre o percurso da gênese autoral, a história da literatura infantil brasileira e as redes de sociabilidade; a fim de que autor tão importante para o desenvolvimento industrial, comercial e cultural brasileiro seja reverenciado também no ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Acervo histórico. Editora Brasiliense. Exposições, parlamentares paulistas, Caio Prado Júnior. Disponível em: <https://app.al.sp.gov.br/acervohistorico/exposicoes/-parlamentares-paulistas/caio-prado-junior/editora-brasiliense/>. Acesso em: 9 out. 2022.

AREZIO, Arthur. *Revisão de provas tipográficas*. 2. ed. Memória Tipográfica. São Paulo: Com-Arte, 2016. (Original publicado em 1925.)

AZEVEDO, Carmen Lucia; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato, furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 2001.

BEDA, E. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução: Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BIBLIOTECA Brasileira Guita e José Mindlin. Acervo Digital. Livros. 2022. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7452>. Acesso em: 11 mar. 2022.

BIGNOTTO, Cilza Carla. Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925). Tese de Doutorado (Universidade de Campinas – Unicamp). 2007. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/-CAMP_54fb7a7dfb149fcf9e0aeb8fb4b7d18c. Acesso em: 7 mar. 2022.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madri: Castalia, 1983.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos de. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012

BOWERS, Fredson. *Principles of bibliographical description*. Princeton: Princeton University Press, 1949

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp. 2008.

BRASIL. Lei n. 1.040, de 28 de setembro de 1871. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles

filhos menores e sobre a libertação annual de escravos... Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 11 jul. 2021.

BRASIL. Lei n. 3.353, de 13 de maio de 1888. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 11 jul. 2021.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAVALHEIRO, Edgar. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Os cadernos de cultura. Brasília: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e cultura. 1955.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956a.

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956b.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*. São Paulo: v. 24, n. 69, 2010.

COSTA, Salusitano Orlando de Araujo. *Código Commercial do Brazil anotado*. 7. ed. Tomo II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1912.

DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí/Florianópolis: Univali; UFSC. 2004.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Glossário de crítica textual*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1997.

ESTANTE Alice no País das Maravilhas. Caderno Cultura. *O Estado de S.Paulo*. 2015. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/fotos/-literatura,estante-alice-no-pais-das-maravilhas,424717>. Acesso em: 7 mar. 2022.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Coleção Artes do Livro. Vol. 7. Tradução: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial. 2009.

GLEISER, Marcelo. Como fazer galáxias. Caderno Ciências. 23 set. 2007. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2309200702.htm>. Acesso em: 14 mar. 2022.

GLOSSÁRIO de crítica textual. [s.d.]. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/-glossario/glossario.htm>. Acesso em 25 nov. 2016

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução: Cristina de Campos Velho Birck (et al.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edusp, 2005.

HAMZE, Amélia. Escola Nova e o movimento de renovação do ensino. *Brasil Escola*. Gestão educacional. 2010. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/escola-nova.htm>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FRANCA, Vanesa Gomes. A literatura infantil/juvenil brasileira na França: Oû est Lobatô? Tese de Doutorado (Universidade Federal de Goiás). 2007. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/2436/1/Dissertacao%20VANESSA.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2022.

IEB/USP. Setor documentação audiovisual. Fundo Raul de Andrada e Silva. Dossiê Monteiro Lobato, Série Correspondência Passiva Infantil. Caixa 01, p.02, 19. Carta de Edith Canto agradecendo envio dos livros A Chave do Tamanho, Fábulas e Viagem ao Céu e comentando-os. 12 jan. 1944.

ITALIA, Paola Di.; RABONI, Giulia. *Che cos'è la filologia d'autore*. Roma: Carocci editore. 2010.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp/ComArte, 2006.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (orgs.) *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial, 2008.

LAJOLO, Marisa. Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros. 2003. Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedae) / Instituto de Estudos da Linguagem (Iel) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/>. Acesso em: 4 maio 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática. 1985.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1946. 2 v.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre*. 14. ed. v. 8. São Paulo: Brasiliense, 1972.

LOBATO, José Bento Monteiro. *A barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Cartas escolhidas*. Tomo II. São Paulo: Editora Brasiliense. 1959a.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959b.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943a.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943b.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. v. II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Viagem ao céu*. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e sociologia dos textos*. Tradução: Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese de Doutorado (Instituto de Estudos Literários). Universidade de Campinas. 2003.

MARTINS, Milena Ribeiro. "Viagem ao céu: aventura, fantasia e ciência". In: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. vol. 7. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Paradidáticos" (verbete). In: MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.

MONTEIRO Lobato Projetos Culturais MLCP. Linha do tempo. 2018. Disponível em: <https://monteirolobato.com/linha-do-tempo/>. Acesso em: 7 mar. 2022.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 1998.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. São Paulo: Contraponto/-Petrobras. 2000.

PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *História do mundo para as crianças: uma obra inovadora*. In: LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

PESSOA, Fernando. Edição crítica de Fernando Pessoa – Poemas de Ricardo Reis. Vol. III. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

ROCHA, Jaqueline Negrini. *Da caçada às caçadas: o processo de re-escritura lobatiano de Caçadas de Pedrinho a partir de "A Caçada da onça"*. Dissertação (Mestrado) – IEL, Unicamp, Campinas, 2006.

SALLES, Almeida Cecilia. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: Educ. 2008.

SILVA, Renata Rufino da. Monteiro Lobato e a Revista do Brasil (1916-1925): Representações de ciência, literatura, arte e história. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História (ANPUH). São Paulo, jul. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300666284_ARQUIVO_RenataRufinotextoanpuhsp.pdf. Acesso em: 7 março 2022.

SILVEIRA, Magno. Biblioteca do Visconde. De reinação em reinação – 100 anos de Narzinho. 2022. Disponível em: <https://bibliotecadovisconde.com.br/>. Acesso em: 7 mar. 2022.

SPAGGIARI, Barbara. Ecdótica e crítica das variantes. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*. v. 1. Porto: Fundação Eng. Cnatônio de Almeida. 1998

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Memórias de um escritor*. v. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1970.

SOUZA, Luana Batista da. *Grande é o poder do tempo: colação entre testemunhos de O Seminarista*, de Bernardo Guimarães. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 2012.

SOUZA, Loide Nascimento de. Monteiro Lobato e o processo de reescritura das fábulas. In: LAJOLO, Marisa (org). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. Tese (Doutorado em Educação, História, Política e Sociedade). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Traduções culturais do livro *Como pensamos*, da Coleção Atualidades Pedagógicas (1933-1981). *Hist. Educ. (Online)*. Porto Alegre, v. 17, n. 39. p. 57-78. jan./abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/t73SrvJS9hTRfDJsCjLf3jn/-?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2022.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: EdArt. 1964.

ANEXOS

ANEXO A. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS A E B (FILTRO LINHA) ...	172
ANEXO B. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS B E C (FILTRO LINHA) ...	175
ANEXO C. EDIÇÃO FAC-SIMILAR E GENÉTICA DO TESTEMUNHO C.....	176
ANEXO D. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS C E D (FILTRO LINHA) ...	264
ANEXO E. SOLICITAÇÕES DO TESTEMUNHO C EFETIVADOS EM TESTEMUNHO D.	268
ANEXO F. COTEJO DO CAPÍTULO V DO TESTEMUNHO D E VII DO TESTEMUNHO E (EQUIVALÊNCIA CONTEÚDO)	269
ANEXO G. COTEJO DO CAPÍTULO VII DO TESTEMUNHO D E X DO TESTEMUNHO E (EQUIVALÊNCIA CONTEÚDO)	281
ANEXO H. COTEJO DO CAPÍTULO IX DO TESTEMUNHO D E XII E XIII DO TESTEMUNHO E (EQUIVALÊNCIA CONTEÚDO)	285
ANEXO I. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS E E G (FILTRO LINHA)	297
ANEXO J. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS E E G (FILTRO LINHA) ...	299
ANEXO K. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS I E J (FILTRO VARIANTES IDÊNTICAS)	304
ANEXO L. COTEJO ENTRE OS TESTEMUNHOS G E J (FILTRO LINHA)	305

ANEXO A. Cotejo entre os testemunhos A e B (filtro linha)

Testemunho A (1932)			Testemunho B (1934)			Classificação da variante
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
7	3	EMILIA estava com a mãozinha no queixo,	11	3	EMILIA estava pensativa, de mãozinha no queixo. Do-	Ordem
	4	pensativa. Dona Benta piscou para tia Nas-		25	mir. Dona Benta, vendo pela fresta da	Ordem
8	3	mir. Dona Benta, vendo luz no quarto delle pela	12	26	porta luz no quarto dele, tinha de gritar lá do seu:	Substituição
	4	fresta da porta, tinha de gritar lá do seu:		18	ser de pescoço comprido, qual uma abobora menina. O mar-	Ordem
	26	ranja a ser de pescoço comprido, como		20	ou quadrada. De preguiça de pensar o marquês aceitava sem	Ordem
	29	quadrada. O marquez, de preguiça de pensar,		21	discutir tudo quanto lhe diziam. Só discutia quando se	Substituição
9	30	aceitava tudo quanto lhe diziam, sem discutir. Só	13	28	Os meninos se riram dela, coitada, tão ignorante!	Substituição
	7	Os meninos se riram della, pobre, tão ignorante!		33	ponto de partida. Eu digo que a Terra é redonda e provo.	Substituição
	12	mesma direcção, acaba voltando ao ponto de onde		9	aquela burrice tinha sido mesmo "marca Emilia". Todos,	Adição
10	13	partiu. Eu digo que a Terra é redonda e provo	11	28	Em seguida foi empurrando a pobre negra para a cozinha,	Substituição
11	9	porque aquella burrice tinha sido "marca Emi-	12	22	E quem quizer atrapalhar em vez de ouvir e dis-	Ordem
12	22	cutir a serio, que se retire tambem (era allusão a	15	23	serio quiser atrapalhar, que se retire	Adição
	23	na celebre viagem ao Paiz das Mil e Uma Noites,		19	Mil e Uma Noites (1), quando o Passaro Roca ergueu nos	Adição
13	21		16	nota de rodapé	(1) Novas Reinações de Narizinho.	Adição
	22	rado e todinho roido, enterrou esses restos do		16	vez de aproveitar o tóco, que estava embolorado e todo	Substituição
14	23	velho visconde num canteiro do jardim e fez um	17	roido, enterrou esses restos mortais num canteiro do jardim	Substituição	
15	12	– Colloque o pronome certo que eu solto você,	18	16	– Coloque o pronome certo que eu solto, respondeu	Omissão
16	19	– Bravos! gritou Narizinho. E' preferivel ter-	18	34	– Bravos! gritou Narizinho. E' melhor termos aqui	Substituição
18	3	– "Are you admiring my buttons"? murmu-		3	– "Do you like my buttons"? murmurou este na	Substituição
	5	Está você admirando os meus botões?	4	língua dos ingleses, como quem diz: Está gostando dos meus	Substituição	
	6	O burrissimo frango, em vez de dizer que sim	6	Em vez de dizer que sim e elogiar a beleza daqueles	Ordem	
	7	e elogiar a beleza daquelles botões vermelhos,	7	botões vermelhos, sabem o que fez o burrissimo frango?	Substituição	
	8	sabem o que fez? Avançou de bicadas para o po-	23	30	– Será possível? exclamou Pedrinho, afastando	Substituição
23	3	– Será possível? exclamou Pedrinho, afastando	23	3	que percebeu que o telescopio está apontando para lá...	Substituição
	4	a boneca do telescopio para espiar de novo.		7	escapar nada de nada.	Substituição
24	2	o telescopio está apontando para ella...	25	16	o menino entrou no mar com o Barão de Munchausen afim	Substituição
	6	retroz não deixavam escapar cousa nenhuma.		19	força natural, tornando-se até mais forte do que antes.	Substituição
	17	chausen para salvar o burro falante. Mas Pedrinho		25	Ninguém lhe diz nada, mas na hora lhe daremos uma pitada	Ordem
	20	modo pirlimpimpim adquiriu de novo a força que		10	de nada e disse:	Substituição
	21	tinha, tornando-se até mais forte do que antes.		18	largas ventas, aspirando-a. Assim que fez isso, os outros	Omissão
	27	Pedrinho. Ninguém diz nada a ella, mas na hora		28	Apenas estou estranhando não ver nenhuma floresta de raios.	Substituição
26	23	de coisa nenhuma e	27	3	e que se estivessemos no Sol ja estariamos assados até no	Substituição
	31	que ella fez isso, os outros fizeram o mesmo, in-		14	as coisas.	Substituição
28	9	lia. Só estou estranhando não ver nenhuma flo-	30	33	O terreno era ali completamente esteril, sem a menor	Ordem
	14	estavamos assados até no fundo dos ossos? Isto		3	Nisto um bufo distante fez-se ouvir. Todos se volta-	Substituição
30	17	que os homens lá na Terra decidem das coisas.	31	4	ram-se e viram sair de dentro duma das crateras	Ordem
32	10	O terreno alli era completamente esteril, sem a		11	dragão nos vê e vem direitinho nos devorar. Por	Ordem
33	18	Nisto um bufo distante se ouviu. Todos volta-	33	12	o burro. Temos de esconder-nos numa destas crateras me-	Ordem
	19	ram-se e viram sahir de dentro duma das crateras		18	nada, porque não sente dôr, disse ela preparando-se para	Substituição
	28	dragão nos vê e vem direitinho nos devorar. Por		25	muita lerdeza. Emilia pôde	Substituição
	29	emquanto só viu o burro. Temos de nos esconder		26	assim alcança-lo, passar-lhe á	Substituição
36	19	medo de coisa nenhuma, porque não sente dôr,	35	18	nada, porque não sente dôr, disse ela preparando-se para	Substituição
	26	caminhava com muita lenticidão. Emilia pode		25	muita lerdeza. Emilia pôde	Substituição
	27	assim alcançal-o, passar-lhe na frente e chegar ao		26	assim alcança-lo, passar-lhe á	Substituição

ANEXO A. Cotejo entre os testemunhos A e B (filtro linha) (cont.)

Testemunho A (1932)			Testemunho B (1934)			Classificação da variante	
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
37	1	Com grande espanto, porém, a boneca viu que	36	1	Com grande espanto, porém, ela viu que o pobre burro,	Substituição	
	4	– E agora? pensou ella . O dragão já vem perto		3	– E agora? pensou consigo . O dragão já vem perto e	Substituição	
	26	Lua e cahu no espaço. E como nesse momento um		5	o equilíbrio, escorregou da Lua e rolou no espaço. E como	Substituição	
38	2	do céu piscarem de susto .	37	11	varias estrelinhas do céu piscarem de espanto .	Substituição	
	3	QUEM é você, bonequinha? perguntou São		23	QUEM é você, bonequinha? perguntou S. Jorge pa-	Substituição	
	18	mens teem tentado vir á Lua, mas sem o conse-		38	7	á Lua, mas inutilmente . Um houve que veio numa bala de	Substituição
19	quir . Um houve que veio numa bala de canhão.	11	que fim levou (1) .		Adição		
23	satelite. Depois não sei quem fim levou.	16	pediu noticias de dona Benta e do dr. Livingstone. Em se-		Substituição		
40	3	de tudo, soube quem eram, pediu pormenores de		nota de rodapé	(1) Julio Verne – Viagem da Terra á Lua.	Adição	
44	12	gelados. Evitem passaar nelles.	42	9	pisar nelles.	Substituição	
45	16	– Juro! disse a boneca com todo o caradurismo.	43	1	– Juro! disse a boneca com todo o caradurismo.	Paragrafação	
	17	S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente		2	S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente de ótima		
46	1	de optima vista, mas nunca suppoz que houvesse		3	vista, mas nunca supôs que houvesse alguém capaz de enxer-		
	2	alguem capaz de enxergar tão longe como a	4				
	3	boneca.					
48	6	Tia Nastacia, vendo o tom bondoso da pergunta,	45	3	Vendo o tom bondoso da pergunta, tia Nastacia ani-	Ordem	
	15	arte do canhoto. Agora a pobre de mim se acha		11	a pobre de mim está aqui nesta Lua tão perigosa, sem saber	Substituição	
	17	fazer, nem o que pensar. Minha cabeça está com-		12	o que fazer, nem o que pensar. Minha cabeça anda comple-	Substituição	
50	5	justamente a face em que figurava o continente	47	5	que figuravam o continente americano e o oceano Atlantico.	Substituição	
	16	Terra, e ainda acompanhar a Terra na volta que		14	e ainda acompanhar a Terra na volta que a Terra dá em re-	Adição	
	17	dá em redor do sol cada anno.					
56	8	– Esse sim, disse Emilia. Temos de revirar os	52	1	– Esse sim, disse Emilia. Temos de revirar de cabo a	Ordem	
	9	mundos celestes de cabo a rabo até enconral-o,		2	rabo os mundos celestes até encontra-lo, porque dona Benta		
58	18	quer. Tratemos agora de ir a Marte, ver se lá exis-	53	27	quer. Tratemos agora de ir a Marte a ver se lá existem mês-	Adição	
59	20	manos. Nem Pedrinho, nem Narizinho puderam	54	20	tes e invisíveis aos olhos humanos. Pedrinho e Narizinho	Substituição	
	21	ver coisa nenhuma . Emilia, porém, os viu a todos		21	não puderam ver um só que fosse . Emilia, porém, os viu		
61	1	assombrada. Parecia estar vendo coisas espan-	55	6	estar vendo maravilhas de toda ordem . De repente agarrou	Substituição	
	2	tosas . De repente agarrou nas mãos de Pedrinho		58	6	– Que terá acontecido á coitada ? exclamou a menina	Substituição
19	– Que terá acontecido á pobrezinha ? exclamando	8	egoistas, Pedrinho, deixando que Emilia saísse sozinha por		Substituição		
22	deixando que a coitada saísse sozinha por esse	10	Mas logo depois , Emilia reapareceu, e com ar bastante		Ordem		
65	20	por fim. Compreendo perfeitamente o que elles	59	9	Compreendo perfeitamente o que dizem – e sabem o que	Omissão	
66	15	pista do ministro que, logo depois da ordem do	60	19	ministro que em seguida á ordem do rei se retirara da sua	Substituição	
68	13	tive um sacy na garrafa, mas não me sinto com		9	saci na garrafa (1) , mas não me sinto com vocação para viver	Adição	
	14	vocacção para viver engarrafado. Vamos nos safar		10	engarrafado. Vamos safar-nos deste planeta enquanto é	Ordem	
69	2	ellas nasciam e ficavam crescendo lentamente até	62	3	teiro de estrelas. Ali nasciam elas e ficavam crescendo len-	Ordem	
				nota de rodapé	(1) Monteiro Lobato – O Saci.	Adição	
70	24	– Quantas o quê? perguntou elle, sem saber	64	15	– Quantas quê? perguntou ele, sem saber do que se	Omissão	
72	6	e soltar no espaço para irem crescendo. Um dia,	65	15	no céu. Vou fazer uma porção e solta-las no espaço para irem	Substituição	
73	6	são muito espertos. Quando não sabem duma coisa	66	7	espertos Quando não sabem uma coisa e querem dar explica-	Substituição	
	7	e querem dar explicações , inventam "hypotheses".		8	ção , inventam "hipoteses".	Substituição	
	9	perguntou Emilia. Está um bom nome para por-		10	Emilia. Está um bom nome para o bezerrinho da vaca mocha.	Omissão	
	10	mos no bezerrinho da vacca mocha.					
	14	peessoa a pode enqulir sem que faça nem mal nem					
74	32	cos e que, como nunca tivesse visto gente, mostra-	67	20	como nunca tivesse visto gente, se mostrava verdadeiramente	Ordem	
1	va-se verdadeiramente aprovado com a presença	23		Pedrinho, habil cavaleiro, montou-o de um pulo e, dando	Omissão		
5	e logo , dando a mão á boneca e á menina, conse-						
76	8	Com o tempo se acostumam ...	68	3	ter cauda). Com o tempo acostumam-se ...	Ordem	

(cont.)

ANEXO A. Cotejo entre os testemunhos A e B (filtro linha) (cont.)

Testemunho A (1932)			Testemunho B (1934)			Classificação da variante	
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
78	1	uns sandeus, como diz o tio Symphronio . Cada vez	69	18	como diz o tio Teodoreto . Acho , cada vez mais, que Peter.	Substituição	Ordem
	2	mais acho que Peter Pan teve muita razão em não					
	8	– Que cousa é essa . Narizinho?					
80	5	– Lyra com "y". boba. Estou falando da cele-	71	11	– Lira que se escrevia antigamente com y – lyra.		Adição
	12	não poderá nunca dizer que o encontrou rente ao		6	encontrou tocando piano ou violão. Ficaria indecente. Tem		Substituição
	15	– "Tocando" não posso dizer? indagou a bo-		8	– "Tocando a lira " não posso dizer? indagou a bone-		Adição
	30	se arranjavam para voltar ao sítio. Vendo-se, pois,	72	21	momentos de aperturas, a criançada se arranjava para vol-		Substituição
8	ptamente. A unica coisa que temos a fazer é nos	29		A unica coisa que temos a fazer é agarrar-nos muito bem		Ordem	
81	9	agarrar , muito bem agarradas, neste cometinha, e		35	besse como nem por que , foi sossegando aos poucos. Mas a		Adição
	15	muito bem, sem que soubesse como, foi socegando					
82	12	Pelo jeito iam encontrar-se os dois. Narizinho	73	13	os dois cometas . Narizinho lembrou-se da teoria que S. Jor-		Adição
87	14	anjinho para brincar! Nastacia sabe quanto reme-	78	14	para brincar! Nastacia, que sabe quanto remedio existe,		Adição
	15	dio existe e ha de saber um bom para curar aza		15	ha de saber um bom para curar a asa quebrada de anjinho.	Omissão	Adição
88	28	mosca. Agora nos conte o que aconteceu a você e	79	8	incapaz de dar um coice numa mosca. Agora conte-nos o que		Ordem
89	27	O que mais o interessou foi a vacca, cuja des-	80	5	O que mais lhe interessou foi a vaca, cuja descrição,		Substituição
91	4	– E nunca mais poderei voltar para o céu, com	81	1	– E nunca mais poderei voltar para o céu, com os		Adição
	5	meus irmãos?					
	15	Narizinho, que não pudera descobrir aquelle		11	Narizinho, que não consequira descobrir aquele segredo		Substituição
	17	o que era , emquanto Emilia desfazia o embrulhi-		12	da boneca, espichou o pescoço para ver do que se tratava ,		Substituição
95	3	Sim, está tudo muito bem, disse Pedrinho	84	9	Sim, vai tudo muito bem, disse Pedrinho algum tempo		Substituição
97	19	mais. Esqueceu a aza quebrada e, de mãos dadas	86	7	até não poder mais. Esqueceu a asa partida e, de mãos dadas		Substituição
	20	a Emilia, foi dos tres o que brincou com mais gosto.		8	a Emilia, foi de todos o que brincou com mais gosto.		Substituição
98	5	– Acontecido o que? indagou a menina.	88	21	– Acontecido que coisa? indagou a menina.		Substituição
	18	depois de chegados ao planeta Saturno todos se		32	de chegados ao planeta Saturno todos já se mostravam fartos		Adição
	3	E puzeram-se todos a sondar os horizontes em		6	E todos se puzeram a sondar os horizontes em procura		Ordem
100	18	Todos riram-se , inclusive o anjinho, e desde esse	89	1	Todos se riram , inclusive o anjinho, e desde esse mo-		Ordem
				4	Para comemorar o encontro de tão lindo nome mon-		Ordem
101	4	todos montaram no Conselheiro, que sem nenhu-		5	laram todos no Conselheiro, que sem nenhuma lambada		Ordem
106	20	seja das menores, ou põe no meio dellas um grão-	93	17	tira uma rodinha, inda que das menores, ou põe no meio		Omissão
107	12	piando por elles todos os astros, um por um. E	94	2	através eles todos os astros, um por um. E como esses te-		Substituição
108	5	enorme somma de dollares em ouro para que se		6	quantidade de dolares em ouro para que se construisse o		Substituição
110	10	puderam afinal os astrónomos descobrir a causa	10	Só desse modo puderam os astrónomos descobrir afinal a		Ordem	
110	7	planetas. Achavam elles que a fumacinha obser-	95	35	netas. Achavam que a fumacinha observada na Lua era		Omissão
111	1	pimpim, dizia ella para si mesmo . Se Pedrinho	97	5	dizia ela para si mesma . Se Pedrinho tornar a aparecer cá		Substituição
	5	existir grãozinho que seja desse maldito pó...		8	enquanto existir um só grãozinho desse maldito pó...	Omissão	Adição
114	9	aqui estamos nós para pedir a vossa preciosissima	99	24	aqui estamos para pedir a vossa preciosissima intervenção		Omissão
	12	Tinha imaginado tudo, menos que seus netos esti-		27	imaginado tudo, menos que os seus netos estivessem metidos		Adição
	15	oculos. Ha dias que esses diabretes desapare-		30	dias já que esses diabretes desapareceram daqui, com o burro		Adição
119	1	– Optima a idéal disse Pedrinho. Mas como	103	31	– Ótima ideia! disse Pedrinho. Mas como saber o		Omissão
	14	lhando a bala que dei para o anjinho. Lapis é o de	104	5	ao anjinho. Lapis é o de menos. Ha carvão na cratera de tia		Substituição
	17	fazer os calculos astronomicos, sob pena de se		8	calculos astronomicos, sob pena de desmoralizar-se com-		Ordem
	18	desmoralizar completamente.					
121	14	completo, com o pobre dr. Livingstone entre elles .	105	30	completo, com o pobre dr. Livingstone são e salvo .		Substituição
	20	abraçarem a sua querida vóvó. Grande, porém,	106	4	para dentro, ansiosos por abraçarem a querida vóvó.		Omissão
	27	tada na cabeceira da mesa, presidia ao "café dos	10	à cabeceira da mesa, presidia ao "café dos sabios". Ai		Substituição	
123	22	sorriram com " scepticismo ". Emilia achou que	107	13	ram com ironia . Emilia achou que era desaforo aquele sor-		Substituição
125	9	sahir. Lá não resistiu á tentação de espichar para	109	4	Lá não resistiu á tentação de espichar-lhes um bom pal-		Substituição
	10	elles um bom palminho de lingua.					
126	21	nho de grãos de ervilha e esparramando-as sobre	110	14	milho e esparramando-as sobre a mesa.		Substituição
130	27	A negra disparou em direcção ao barulho no	113	33	A negra disparou em direcção ao barulho. Minutos de-		Omissão
	28	pomar . Minutos depois voltava para contar o que					

ANEXO B. Cotejo entre os testemunhos B e C (filtro linha)

Testemunho B (1934)			Testemunho C (1937)			Classificação da variante
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
16	nota de rodapé	(1) Novas Reinações de Narizinho.	16	nota de rodapé	(1) Vide "Novas Reinações de Narizinho" – Vol. 4 - desta serie.	Adição
55	9	– Que ha, Emilia? perguntaram os meninos, assus-	59	9	– Que ha, Emilia? perguntaram os meninos, assus-	Substituição
	10	ladós.		10	lado	
62	nota de rodapé	(1) Monteiro Lobato – O Saci.	66	nota de rodapé	(1) 1. Vide O Saci. – Vol IV.	Substituição
70	20	por um certo ponto.	74	20	por certo ponto.	Omissão
80	11	esse enorme animal só come capim e palhas.	84	11	esse enorme animal só come capim e palha.	Substituição
98	9	– Dá licença? gritou da porteira o que vinha na frente,	104	9	– Dá licença? gritou dalém da porteira o que vinha na	Substituição

EDIÇÃO FAC-SIMILAR

I

Astronomia

EMILIA estava pensativa, de mãozinha no queixo. Dona Benta piscou para tia Nastacia, dizendo:

— Vamos ter reinação das boas. Quando Emilia segura o queixo e fica tão distraída que nem enxerga a gente, o caso é muito serio. *patheia*

~~Tia Nastacia olhou para a bonequinha com olhos desconfiados.~~

— Dois dias já que ela anda assim, sinhá. Desde que ~~se~~ Pedrinho trouxe da cidade aquele livrão grande que tem um sol pintado na capa. ~~Grande~~... *grande*

O "livrão grande" era ~~uma~~ a Astronomia dum tal Flammarrion, que um tio de Pedrinho lhe dera como presente de Natal. Logo que recebeu o livro, o menino começou a ler sem grande interesse. De repente, pegou fogo. A historia *dos planetas,* do Sol, da Lua, das estrelas ~~dos cometas~~ e de quanto astro ha lá pelo céu tomou conta da imaginação ~~dele~~ *sua* com tamanho furor que ~~Pedrinho~~ não quis saber de mais nada. Era astronomia de manhã, de tarde, de noite, antes do almoço, depois do almoço, antes do jantar, depois do jantar e até na cama, quando se deitava para dormir. ~~Dona Benta~~ *acesa* vendo pela fresta da porta luz no quarto ~~dele,~~ *ele* tinha de gritar lá do seu:



— Apague essa luz e durma, menino. Ler de noite e na cama é muito bom, mas estraga a vista. *de Pedrinho dona Benta gritava lá*

I

Astronomia

Emilia estava pensativa, de mãozinha no queixo. Dona Benta piscou para tia Nastacia, dizendo:

- 5 – Vamos ter reinação das boas. Quando <a> Emilia segura o queixo e fica tão <distraida>/→alheia\ que nem enxerga a gente, o caso é muito serio.
- /←A negra\<Tia Nastacia olhou para a bonequinha com os olhos desconfiados.>
- 10 – Dois dias já que ela anda assim, sinhá. <Desde>/→Des\ que <sêo> Pedrinho trouxe da cidade aquele livrão <grande>/\grande\ que tem um sol pintado na capa. <Crêdo! >...
- O /\livrão/\ grande era <um>a Astronomia dum tal Flammarion, que um tio de Pedrinho lhe dera como presente de
- 15 Natal. Logo que recebeu o livro, o menino começou a lerlo sem grande interesse. De repente, pegou fogo. A historia /←dos planetas,\<do Sol, da Lua>, das estrelas, <dos cometas> e de quanto astro ha lá pelo céu tomou conta da /←sua\ imaginação <dele> com tamanh<a>/ol
- 20 fur<ia>/\or\ que <Pedrinho>/→ele\ não quis saber de mais nada. Era astronomia de manhã, de tarde, de noite, antes do almoço, depois do almoço, antes do jantar, depois do jantar e até na cama, quando se deitava para dor-
- 25 mir. <Dona Benta,> /\<v>endo pela fresta da porta luz /←acesa\ no quarto <dele, tinha de gritar lá>/→de Pedrinho, dona Benta gritava lá\ do seu:
- Apague essa luz e durma, menino.
- Ler de noite e na cama é muito bom, mas estraga a vista.

— Mais um bocadinho só, vóvó. Estou num pedaço da historia da Lua ~~é~~ interessante, ~~que será uma pena interrompe-lo no meio.~~ *ale' tarde.*

E a luz ficava acesa ~~por uns minutos mais.~~

Pedrinho lia, para depois contar o que ia aprendendo. ~~Todos~~ se juntavam em torno dele, na sala de jantar, ~~à noite~~ *na noite.* ~~tinha~~, e ficavam de boca aberta, ouvindo a ~~historia~~ *maravilha* daqueles prodigios. A primeira coisa que Pedrinho explicou foi a redondeza da Terra.

— E' tal qual uma laranja, disse ele. Redonda, mas um pouco achatada nos polos.

Todos aceitaram a explicação, cada qual por um motivo. Dona Benta, porque sabia desde o seu tempo de escola que a Terra era mesmo redonda. Narizinho, porque já tinha ouvido dona Benta dizer que a Terra era redonda qual uma laranja. Emilia, porque era admiradora das laranjas e preferia que a Terra fosse redonda, como ~~uma~~ *as* laranja, a ser de pescoço comprido, ~~qual~~ *qual* uma abobora menina. O marquês de Rabicó, porque lhe era indiferente que fosse redonda ou quadrada; ~~De~~ *de* preguiça de pensar o marquês aceitava sem discutir tudo quanto lhe diziam. ~~Só discutia quando se tratava de coisas de comer, que eram as unicas no mundo que realmente tinham importancia, para ele.~~ *menos de se*

Só tia Nastacia não concordou.

— Não pode ser redonda, ~~são~~ *se da parte negra* Pedrinho, disse ela. A Terra é chata, a gente está vendo. Se fosse redonda, a agua do mar derramava.

Os meninos ~~se~~ *se* riram ~~dela~~, ~~coitada~~, tão ignorante! Nunca havia estado em escola, nem lido um livro.

— Boba! ~~respondeu~~ *respondeu* Pedrinho. Chato é o seu nariz. E' tão redondinha a Terra que se uma pessoa sair andando em linha reta, sempre na mesma direção, acaba voltando ao ponto de partida. Eu digo que a Terra é redonda e provo. Você diz que é chata mas não prova coisa nenhuma. Em ciencia o que vale é provar. Isso de dizer "eu acho", é bobagem.

exclamou

EDIÇÃO GENÉTICA

- Mais um bocadinho só, vovó. Estou num pedaço da historia da Lua <tão>/↑↑dos mais\ interessante/s\ <que será uma pena interrompe-lo no meio.>
- E a luz ficava acesa <por uns minutos mais>/↑até tarde\.
- 5 Pedrinho lia, para depois contar o que ia aprendendo.
- /←O pessoal\<Todos> se juntava<m> em torno dele, /→à noite,\ na sala de jantar, <á noitinha>, e ficava<m> de boca aberta ouvindo a <historia>/↑narração\ daqueles prodigios. A primeira coisa que Pedrinho explicou foi a redondeza da Terra.
- 10 – E' tal qual uma laranja, disse ele. Redonda, mas um pouco achatada nos polos.
- Todos aceitaram a explicação, cada qual por um motivo.
- Dona Benta, porque sabia desde o seu tempo de escola que a Terra era mesmo redonda. Narizinho, porque já tinha ouvido dona Benta dizer que a Terra era redonda qual uma
- 15 laranja. Emilia, porque era admiradora das laranjas e preferia que a Terra fosse redonda como <uma>/↑as\ laranja/s\ a ser de pescoço comprido, <qual>/←que nem\ uma abobora menina. O marquês de Rabicó, porque lhe era indiferente que fosse redonda
- 20 ou quadrada<.>/;\ <D>/d\ e preguiça de pensar o marquês aceitava sem discutir tudo quanto lhe diziam<.>/,\ <Só discutia quando se>/→mesmo se se\ tratava de coisas de comer, <que eram> as unicas no mundo /→a\ que realmente <tinham>/←dava\ importancia <para ele>.
- Só tia Nastacia não concordou.
- 25 – Não pode ser redonda, <sêo> Pedrinho, disse ela. A Terra é chata, a gente está vendo. Se fosse redonda, a agua do mar derramava.
- Os meninos <se> riram/↑-se da pobre negra\<dela, coitada>, tão ignorante! Nunca havia estado em escola, nem lido um livro.
- 30 – Boba! <respondeu>/↓↓exclamou\ Pedrinho. Chato é o seu nariz.
- E' tão redondinha a Terra que se uma pessoa sair andando em linha reta, sempre na mesma direção, acaba voltando ao ponto de partida. Eu digo que a Terra é redonda e provo.
- Você diz que é chata mas não prova coisa nenhuma. Em
- 35 ciencia o que vale é provar. Isso de dizer “eu acho”, é bobagem.

ali perder-se no horizonte

VIAGEM AO CÉU

13

E Pedrinho provou a redondeza da Terra.

— Um navio, por exemplo, quando vai indo mar afóra, Primeiro começa a desaparecer o casco; depois os mastros e as velas...

— E quando não tem velas? *interrompe* perguntou a burrinha da Emilia. Quando é navio a vapor ou a oleo?

Todos ~~olharam para Emilia com~~ cara de dó, porque aquela burrice tinha sido mesmo "marca Emilia". Todos,



menos tia Nastacia. A boa negra achou naturalíssima a pergunta, e ficou muito seria, ~~olhando para a cara de~~ Pedrinho, a ver como ele resolvia o caso.

— Quando é navio a vapor, senhora Torneirinha de Asneiras, em vez de desaparecerem as velas desaparece ~~vapor~~ *de olhos* está entendendo? E em ultimo lugar desaparece a ponta dos mastros. Isto prova que a Terra é redonda.

Emilia deu uma risada.

as chaminés,

EDIÇÃO GENÉTICA

E Pedrinho provou a redondeza da Terra.

– Um navio, por exemplo, quando vai indo mar afóra /↑↑até perder-se no horizonte\.

Primeiro começa a desaparecer o casco; depois os mastros e as velas...

5 – E quando não tem velas? <perguntou>/↑interrompeu\ a burrinha da Emilia. Quando é navio a vapor ou a oleo?

Todos <olharam para Emilia com>/←fizeram\ cara de dó, porque aquela burrice tinha sido mesmo “marca Emilia”. Todos, menos tia Nastacia. A boa negra achou naturalissima a

10 pergunta, e ficou muito seria, <olhando para a cara de>/→de olhos pregados em\ Pedrinho, <a>/←para\ ver como ele resolvía o caso.

– Quando é navio a vapor, senhora Torneirinha de

Asneiras, em vez de desaparecerem as velas desaparece/m\ <o>

<vapor>/↓↓as chaminés\, está entendendo? E em ultimo lugar desaparece

15 a ponta dos mastros. Isto prova que a Terra é redonda.

Emilia deu uma risada.

Pedrinho, advante Emilia,

— ~~Pedrinho, disse ela,~~ para mim você não precisa provar que a Terra é redonda, porque eu quero mesmo que seja redonda. Mas essa sua prova está asnatica, ~~com perdão da palavra~~ (Emilia andava por esse tempo com manias de delicadeza).

asnatica?

— Asnatica, por que, perguntou Pedrinho, admirado.

— Porque isso do navio ir desaparecendo de baixo para cima só prova que o mar é redondo. Mas ninguém falou aqui no mar, e sim na Terra.

— Está aí! disse tia Nastacia, vitoriosamente, certa de que Pedrinho daquela vez ia engasgar na resposta. Resolva isso, se é capaz.

— Camelorios! exclamou Pedrinho. O mar faz parte da Terra, de modo que quando a gente diz Terra está incluindo o mar, ou os mares.



A explicação não adiantou nada para tia Nastacia, que era bem burra, coitada. Imaginem que teve a coragem de dizer *ver com esta:*

— Isso do navio desaparecer de baixo para cima não quer dizer que a Terra seja redonda. ~~São~~ Pedrinho está empulhando a gente...

— Que quer dizer então, *senhora Fada de Pixe?* replicou Pedrinho, pondo as mãos na cintura.

— Quer dizer que o navio afundou! respondeu a ~~pobre~~ preta, com ar de quem descobriu a pólvora.

bobona?

EDIÇÃO GENÉTICA

- <Pedrinho, disse ela>/P\<p>ara mim, /↑↑Pedrinho, advertiu Emilia,\ você não precisa provar que a Terra é redonda, porque eu quero mesmo que seja redonda. Mas es<t>/s\ a sua prova está asnatica<, >/. \<com perdão da palavra (Emilia andava por esse tempo com manias de deli-
- 5 cadeza.>
- <Asnatica>, /P\<p>or que /↑asnatica? \</?> perguntou Pedrinho admirado.
- Porque isso do navio ir desaparecendo de baixo para cima só prova que o mar é redondo. Mas ninguém falou aqui no mar, e sim na Terra.
- 10 – Está aí! disse tia Nastacia vitoriosamente, certa de que Pedrinho daquela vez ia engasgar na resposta. Resolva isso, se é capaz.
- Camelorios! exclamou Pedrinho. O mar faz parte da Terra, de modo que quando a gente diz Terra está incluindo
- 15 o mar, ou os mares.
- A explicação não adiantou nada para tia Nastacia, que era bem burra, coitada. Imaginem que teve a
- 20 coragem de <dizer>/→vir com esta:\
- Isso do navio desaparecer de baixo para cima não quer dizer que a Terra seja redonda. <São>
- 25 Pedrinho está empulhando a gente...
- Que quer dizer então, <senhora Fada de Pixe?>/←↓bobona? \
- replicou Pedrinho, pondo
- 30 as mãos na cintura
- Quer dizer que o navio afundou! respondeu a <pobre> preta, com ar de quem descobriu a polvora

Todos deram muita risada, menos Pedrinho.

— Sabe do que mais? gritou ele. Cada macaco no seu galho. Vá lavar as suas panelas e deixe-nos aqui sossegados.

Disse e foi empurrando a pobre negra para a cozinha, com estas palavras:

— Trate mas é de acabar a fabricação do novo visconde de Sabugosa, que nos está fazendo muita falta. Você é boa para bolinhos fritos, quitutes e bonecos, mas para astronomia, ou qualquer outra ciência, vale tanto como a vaca mocha. Suma-se.

A pobre analfabeta sumiu-se na sua cozinha e o menino voltou para a sala, onde foi recebido com uma vaia da Emilia.

— Assim é *muito* fácil discutir, *Pedrinho!* senhor sabio da ~~Grecia~~ disse ela. Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e o tranca na cozinha! ~~Desse modo até o senhor~~ marquês de Rabicó, que está aqui cochilando feito um verdadeiro porquinho, é capaz de sair vencedor em qualquer discussão.

— Pois se está cochilando que vá dormir, disse Pedrinho, abrindo a porta *para* o marquês e despedindo-o com um valente pontapé no traseiro. E quem, em vez de ouvir e discutir a serio, quiser atrapalhar, que se retire tambem (era alusão a Emilia), porque isto é uma verdadeira aula de astronomia e não pandega, estão ouvindo?

— E', disse Emilia, mas afinal de contas você não provou coisa nenhuma. Um navio pode muito bem desaparecer no mar sem que isso prove que o mar é redondo. Basta que desapareça afundando, como muito bem disse tia Nastacia, que não é tão burra como pretendem...



EDIÇÃO GENÉTICA

Todos deram muita risada, menos Pedrinho.

– Sabe do que mais? gritou ele. Cada macaco no seu galho. Vá <↑↑lavar> /para\ as suas panelas e deixe-nos aqui sossegados.

Disse e foi empurrando a pobre negra para a cozinha,

5 com estas palavras:

– Trate mas é de acabar a fabricação do novo visconde de Sabugosa, que nos está fazendo muita falta. Você é boa para bolinhos fritos, quitutes e bonecos, mas para astro-

10 mocha. Suma-se.

A pobre analfabeta sumiu-se na sua cozinha e o menino voltou para a sala, onde foi recebido com uma vaia da Emilia.

– Assim é /↑muito\ facil discutir, <senhor sabio da Grecia>/↑Pedrinho! disse

15 ela. Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e <o>/→bota-o para fora!\ <o tranca na cozinha! Desse modo até o senhor!> /→Por esse processo, até o\ marquês de Rabicó, que está aqui cochilando feito um verdadeiro por-

quinho, é capz de sair vencedor /↑de\ qualquer discussão.

– Pois se está cochilando que vá dormir, disse Pedri-

20 nho/,\ abrindo a porta <para> o marquês e despedindo com um valente pontapé no traseiro. E

quem/,\ em vez de ouvir e discutir a serio/,\ quiser atrapalhar, que se retire tambem (era alusão a Emilia), porque

25 isto é uma verdadeira aula de astro-nomia e não pandega, estão ouvindo?

– E', <disse>/→insistiu\ Emilia, mas afinal de contas você não provou coisa ne-

30 desaparecer no mar sem que isso pro-ve que o mar é redondo. Basta que desapareça afundando, como muito bem disse tia Nastacia, que não é tão burra como pretendem...

Pedrinho danou, e agarrando a boneca trancou-a dentro do armario.

— Pobre da Emilia! murmurou Narizinho. E' capaz de morrer asfixiada dentro desse armario

Pedrinho perdeu a paciencia.

— Sabem do que mais? Vou dormir. Vejo que ninguem está hoje com disposição para falar a serio. Até você, Narizinho...

— E' o melhor, concluiu dona Benta, recolhendo na sua cestinha a costura em que estava trabalhando. Ciencia é coisa grave, e vejo que ninguem está hoje com disposição para coisas graves. Vamos dormir.

II

O novo visconde

A GRANDE novidade do dia seguinte foi o reaparecimento do visconde. Todos se lembram do triste fim desse notavel personagem, na celebre viagem ao País das Mil e Uma Noites (1), quando o Passaro Roca ergueu nos ares o burro falante juntamente com o visconde. O burro havia sido amarrado á perna do Passaro Roca, que os viajantes julgaram ser um tronco de arvore. Subito, o monstruoso passaro, que estivera dormindo, acordou e elevou-se nos ares, levando consigo o pobre burro dependurado pelas redeas, e com ele o triste visconde. Pedrinho, aflito, teve uma

(1) Vide "Novas Reinações de Narizinho". Vol. 4 - desta serie.

EDIÇÃO GENÉTICA

Pedrinho danou, e agarrando a boneca trancou-a dentro do armario.

– Pobre da Emilia! murmurou Narizinho. E' capaz de morrer asfixiada dentro desse armario.

5 Pedrinho perdeu a paciencia.

– Sabem do que mais? Vou dormir. Vejo que ninguem está hoje com disposição para falar a serio. Até você, Narizinho...

10 – E' o melhor, concluiu dona Benta, recolhendo na sua cestinha a costura em que estava trabalhando. Ciencia é coisa grave, e vejo que ninguem está hoje com disposição para coisas graves. Vamos dormir.

II

O novo visconde

15 A GRANDE novidade do dia seguinte foi o reaparecimento do visconde. Todos se lembram do triste fim desse <notavel> personagem, na celebre expedição ao País das Mil e Uma Noites (1), quando o Passaro Roca ergueu nos ares o burro falante <juntamente com> o visconde. O burro

20 havia sido amarrado á perna do Passaro Roca, que os viajantes julgaram ser um tronco de arvore. Subito, o monstruoso passaro, que estivera dormindo, acordou e elevou-se <nos ares>, levando consigo o pobre burro dependurado pelas redeas, e com ele o triste visconde. Pedrinho, aflito, teve uma

nota de rodapé

(1) <Vide "Novas" Reinações de Narizinho" <- Vol. 4 - desta serie>.

VIAGEM AO CÉU

17

grande ideia : ir chamar o Barão de Munchausen, que morava perto, para que esse maravilhoso atirador cortasse as redeas do burro com um bom tiro. Assim foi feito. A redea foi cortada, bem cortadinha, com uma bala certa, e o burro, mais o visconde, despencaram das alturas e caíram no mar. O burro quasi morreu afogado, sendo afinal, com grande custo, salvo pelo Barão e por Pedrinho. Mas o simpatico visconde, esse morreu bem morrido. Foi encontrado na praia, sem cartolinha, sem braços e sem pernas, todo roido pelos peixes.

Felizmente Emilia tivera a lembrança de trazer os restos mortais que sobraram do visconde — o tóco, com a ideia de fazer com ele um visconde novo, serviço de que fôra encarregada a boa tia Nastacia.

E a negra deu conta do recado direitinho. Mas em vez de aproveitar o tóco, que estava embolorado e todo roido, enterrou esses restos mortais num canteiro do jardim e fez um visconde inteiramente novo, duma espiga de milho vermelho.



EDIÇÃO GENÉTICA

- grande ideia: ir chamar o Barão de Munchausen, que morava perto, para que esse maravilhoso atirador cortasse as redeas do burro com um bom tiro. Assim foi feito. A redea foi cortada, bem cortadinha, com uma bala certa, e o
- 5 burro, mais o visconde, despencaram das alturas e caíram no mar. O burro quase morreu afogado, sendo afinal, <com>/→a\ grande custo, salvo pelo Barão e por Pedrinho. Mas o simpático visconde, esse morreu bem morrido. Foi encontrado na praia, sem cartolinha, sem braços e se pernas, todo
- 10 roido pelos peixes.
- Felizmente Emilia tivera a lembrança de trazer os restos mortais que sobraram do visconde – o tóco /→de sabugo\, com a ideia de fazer com ele um visconde novo, serviço de que fôra encarregada a boa tia Nastacia.
- 15 E a negra <deu>/←dera\ conta do recado direitinho. Mas em vez de aproveitar o tóco, que estava embolorado e todo roido, enterrou esses restos mortais num canteiro do jardim e fez um visconde inteiramente novo, dum<a espiga>/→sabugo\ de milho vermelho.

O novo visconde ficou bem diferente do outro. Tinha no peito uma fileira de grãos de milho que fingiam de botões, e além disso as palhinhas do pescoço eram trançadas, formando um par de suíças como usavam os homens de dantes, sobretudo os ingleses.

Quando tia Nastacia apareceu na sala com o novo visconde, houve palmas e bravos.

— Está lindo! exclamou Narizinho. Desta vez você brilhou, tia Nastacia. Mas não tem ar de sabio, como o outro...

— Sim, concordou Pedrinho. Parece mais um banqueiro do que um sabio da Grecia.

Nisto uma vozinha saiu do armario :

— Me solte, que eu tambem quero conhecer o visconde novo! gritava de dentro da sua prisão a bonequinha.

— Coloque o pronome certo que eu solto, respondeu Pedrinho. Já me cansei de ensinar que não se começa uma frase com o pronome ME.

— Solte-ME, repetiu Emilia, corrigindo-se.

— Agora sim, disse Pedrinho, indo abrir a porta do armario.

Emilia saltou fóra e veio correndo ver o novo visconde.

— Hum! fez ela com a sua carinha caçoista. Como está chibante e faceiro! Este não vai ser sabio como o outro, nem embolorar. Está-me parecendo um grandississimo banqueiro inglês, parente do Rothschild. Tia Nastacia precisa fazer para ele uma roupinha de xadrez e você, Pedrinho, um chapéu de cortiça, dos tais que os exploradores ingleses usam na Africa. Com uma fita pendurada, não esqueça!

— Bela ideia, Emilia! concordou Pedrinho. Mas em vez de banqueiro melhor será transforma-lo no dr. Livingstone, aquele sabio inglês que morreu na Africa, onde passou anos a procurar as origens do rio Nilo.

— Bravos! gritou Narizinho. E' melhor termos aqui um novo sabio do que um banqueiro. E' muito bom um

EDIÇÃO GENÉTICA

- O novo visconde ficou bem diferente do outro. Tinha no peito uma fileira de grãos de milho que fingiam de botões, e além disso as palhinhas do pescoço eram trançadas, formando um par de suíças como usavam os homens de
- 5 dantes, sobretudo os ingleses.
- Quanto tia Nastacia apareceu na sala com o novo visconde, houve palmas e bravos.
- Está lindo! exclamou Narizinho. Desta vez você brilhou, tia Nastacia. Mas não tem /o\ ar de sabio, <como o>/→o\
- 10 /do\ outro...
- Sim, concordou Pedrinho. Parece mais um banqueiro do que um sabio da Grecia.
- Nisto uma vozinha saiu do armario:
- Me solte, que eu tambem queria conhecer o visconde .
- 15 novo! gritava de dentro da sua prisão a bonequinha
- Coloque o pronome certo que eu solto, respondeu Pedrinho. Já me cansei de ensinar que não se começa uma frase com o pronome ME.
- Solte-ME, repetiu Emilia, corrigindo-se.
- 20 – Agora sim, disse Pedrinho, indo abrir a porta do armario.
- Emilia saltou fóra e veio correndo ver o novo visconde.
- Hum! fez ela com a sua carinha caçoista. Como está chibante e faceiro! Este não vai ser sabio como o outro,
- 25 nem embolorar. Está-me parecendo um grandississimo banqueiro inglês, parente do Rothschild. Tia Nastacia precisa fazer para ele uma roupinha de xadrez e você, Pedrinho, um chapéu de cortiça, dos tais que os exploradores ingleses usam na Africa. Com uma fita pendurada, não esqueça!
- 30 – Bela ideia, Emilia! concordou Pedrinho. Mas em vez de banqueiro melhor será transforma-lo no dr. Livingstone, aquele sabio inglês que morreu na Africa, onde passou anos a procurar as origens do rio Nilo.
- Bravos! gritou Narizinho. E’ melhor termos aqui
- 35 um novo sabio do que um banqueiro. E’ muito bom um

VIAGEM AO CÉU

19

sabio assim, que sabe procurar a origem das coisas. Logo arranjaremos varias origens para ele procurar.

E foi desse modo que apareceu no sitio de dona Benta mais aquele grave e austero personagem, com a sua carreira de botões de milho no peito e chapéu de cortiça na cabeça, como usam os ingleses que exploram a Africa.

O dr. Livingstone só tinha um defeito : ser serio demais. Nunca dava a menor risadinha ; sempre pensando, pensando. Tambem não brincava. Tão serio e tão grave, que tia Nastacia creou um grande respeito por ele, não se animando a trata-lo como tratava aos outros moradores do sitio. Só dizia o "sêo doutor" e muitas vezes ao passar por ele até fazia dois pelo-sinais, sem animo de murmurar em voz alta o seu celebre "Crêdo". Isso, porque Narizinho lhe havia contado, em grande segredo, que o dr. Livingstone "era protestante".

— Será mesmo? perguntou a negra, assustada.

— E' sim. Já arranjou uma bibliazinha que vive lendo.

Tia Nastacia derrubou um grande beijo. Depois olhou para as suas mãos e disse :

— Este mundo é um misterio ! Quando me lembro que estas mãos, pretas e cheias de calos, já fizeram uma bonequinha falante, e um irmão de Pinocchio, que, coitado, saiu feio demais, e agora fizeram sem querer um doutor protestante... Crêdo ! Deus que me perdôe.

Com este dr. Livingstone aconteceu uma tragedia que muito consternou a todos da casa. Estava ele certa tarde no quintal lendo a sua bibliazinha quando um frangote sura se aproximou. O illustre sabio fechou a biblia e dirigiu algumas palavras em inglês ao frango, visto como era um frango de raça Leghorn, descendente de um galo importado dos Estados Unidos e que, portanto, devia entender alguma coisa da lingua dos seus avós.

O frango, porém, nada entendeu, ou fingiu que não entendeu. Limitou-se a aproximar-se mais e mais, virando

EDIÇÃO GENÉTICA

- sabio assim, que sabe procurar a origem das coisas. <Logo>
 /A\<a>rranjaremos varias origens para ele procurar.
- E foi desse modo que apareceu no sitio de dona Benta
 mais aquele grave e austero personagem, com a sua carreira
- 5 de botões de milho no peito e chapéu de cortiça na cabeça,
 como usam os ingleses que exploram a Africa.
- O dr. Livingstone só tinha um defeito: ser serio demais.
- Nunca dava a menor risadinha; sempre pensando, pensan-
 do. Tambem não brincava. Tão serio e tão grave, que tia
- 10 Nastacia <creou>/↑↑consagrando-lhe\ um grande respeito por ele, não se animando
 a trata-lo como tratava aos outros moradores do sitio. Só
 dizia “sêo doutor” e muitas vezes ao passar por ele até
 fazia dois pelo-sinais, sem animo de murmurar em voz alta
 o celebre “Crêdo”. Isso, porque Narizinho lhe havia
- 15 contado, muito em <grande> segredo, que o dr. Livingstone “era pro-
 testante”.
- Será mesmo? perguntou a negra, assustada.
- E’ sim. Já arranjou uma bibliazinha/,\ que vive lendo.
- Tia Nastacia derrubou um grande beijo. Depois olhou
- 20 para as suas mãos e disse:
- Esse mundo é um misterio! Quando me lembro
 que estas mãos, pretas e cheias de calos, já fizeram uma
 bonequinha falante, e um irmão de Pinocchio, que, coitado,
 saiu feio demais, e agora<m> fizeram sem querer um doutor
- 25 protestante... Crêdo! Deus que me perdôe.
- Com <este>/↑o\ dr. Livingstone aconteceu uma tragedia que
 muito consternou a todos da casa. Estava ele certa tarde
 no quintal/,\ lendo a sua bibliazinha quando um frangote sura
 se aproximou. O ilustre sabio fechou a biblia <e>/→para\ dirigi<u>/→n\ algu-
- 30 mas palavras em inglês ao frango, visto como era um frango
 da raça Leghorn, descendente de um galo importado dos
 Estados Unidos e que, portanto, devia entender alguma coisa
 da lingua dos seus avós.
- O frango, porém, nada entendeu, ou fingiu que não
- 35 entendeu. Limitou-se a aproximar-se mais e mais, virando

a cabecinha de lado, com o olho esquerdo fito na feira de botões do peito do doutor.

— “Do you like my buttons”? murmurou este na lingua dos ingleses, como quem diz : Está gostando dos meus botões ?

Em vez de dizer que sim e elogiar a beleza daqueles botões vermelhos, sabem o que fez o burrissimo frango? Avançou de bicadas para o pobre doutor e comeu-lhe seis botões, um depois do outro ! Os berros que o dr. Livingstone



deu atraíram a atenção de tia Nastacia, que veio correndo com a vassoura e tocou o frango, a tempo de evitar que o desastre fosse maior. Como eram treze os botões, com os seis comidos pelo frango restaram apenas sete, e falhados. Estava estragada a obra prima da tia Nastacia...

— Deixa estar, pinto sura duma figa ! gritou ela, furiosa. Logo que você crescer um pouco mais ha de ir direito para a panela, e aqui o doutor ha de comer uma asinha. Desrespeitar desse modo um doutor de tanta sabedoria, que

EDIÇÃO GENÉTICA

a cabecinha de lado, com o olho esquerdo fito na fileira de botões do peito do doutor.

– “Do you like my buttons”? murmurou este na língua dos ingleses, como quem diz: Está gostando dos meus

5 botões?

Em vez de dizer que sim e elogiar a beleza daqueles

botões vermelhos, sabem o que fez o burríssimo frango?

Avançou de bicadas para o pobre doutor e comeu-lhe seis

botões, um depois do outro! Os berros <que o>/↓do\ dr. Livingstone

10 <deu> atraíram a atenção de tia Nastacia, que veio correndo

com a vassoura e tocou o frango, a tempo de evitar <que o>

/←maior\ desastre <fosse maior>. Como <eram>/↑←foram\ treze os botões, com os seis

comidos pelo frango restaram apenas sete, e falhados. Es-

tava estragada a obra prima da tia Nastacia...

15 – Deixa estar, pinto sura duma figa! gritou ela, fu-

riosa. Logo que <você> crescer um pouco mais, ha de ir direit<o>/→inho\

para a panela, e aqui o doutor ha de comer uma <asinha>/↓asa\.

Desrespeitar desse modo um doutor de tanta sabedoria, que

VIAGEM AO CÉU

23

não faz mal a ninguém e vive quietinho no seu canto, lendo a sua bíblia! E' ser muito sem compreensão das coisas. Crédo!

Desde esse dia o dr. Livingstone ganhou um medo horrível ás aves. Bastava que uma galinha cacarejasse no terreiro, ou um galo cantasse no pomar, para que o coraçãozinho lhe batesse apressado, enquanto suas mãos tremulas fechavam o casaco de xadrez, de modo a ocultar os botões que tinham escapado á famiteza do frango.



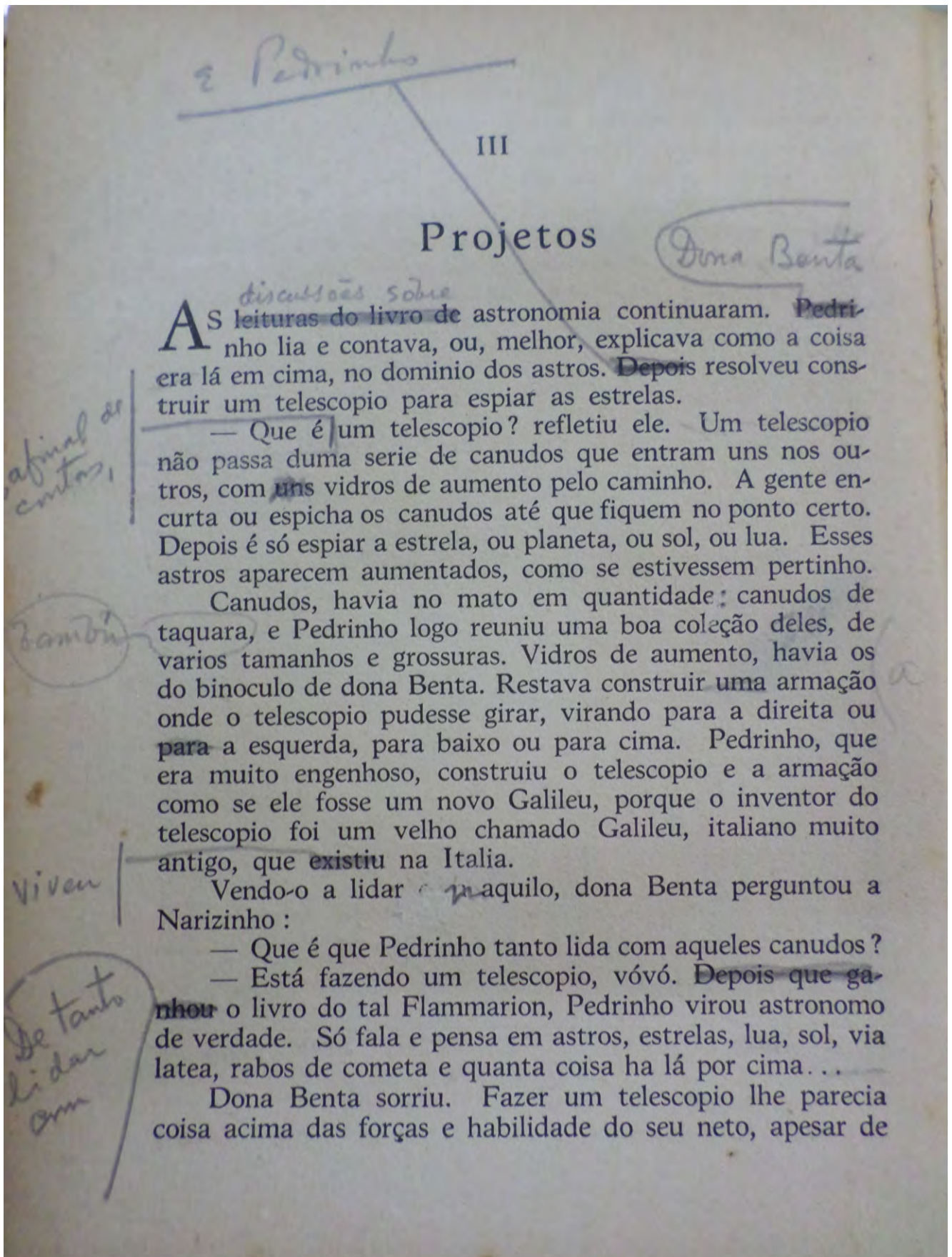
— Vejam! disse um dia Pedrinho. Este nosso dr. Livingstone tem cara de não ter medo de leão, nem de tigre, nem de leopardo, nem de nenhuma outra fera africana. Mas percebe-se de longe que treme de medo de qualquer ave que não seja de rapina. Sendo de rapina, isto é, das que só comem carne, ele não liga, nem que seja um condor deste tamanho! De ave que come milho, porém, o coitado tem um verdadeiro pavor. Empalidece ao vê-la, com o coraçãozinho a pular no peito como um cabrito...

EDIÇÃO GENÉTICA

não faz mal a ninguém e vive quietinho no seu canto,
lendo a sua bíblia! E' ser muito sem compreensão das coisas.

Crédo!

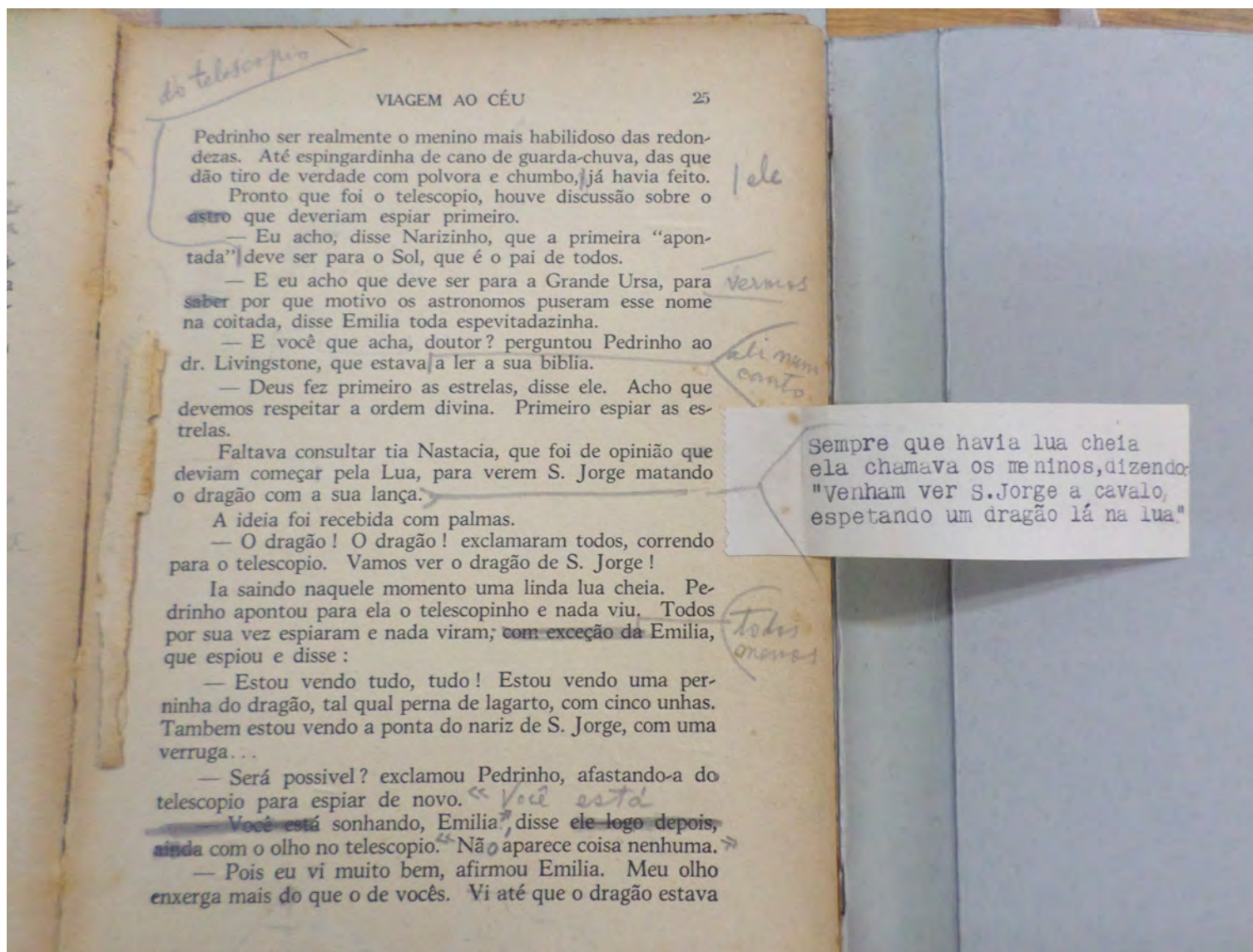
- Desse esse dia o dr. Livingstone ganhou um medo hor-
5 rível ás aves. Bastava que uma galinha cacarejasse no ter-
reiro, ou um galo cantasse no pomar/, para que o coração-
zinho lhe batesse apressado, enquanto suas mãos tremulas
fechavam o casaco de xadrez, de modo a ocultar os botões
<que tinham escapado> escapado/s\ á fome á famiteza do frango.
- 10 – Vejam! disse um dia Pedrinho. Este nosso dr.
Livingstone tem cara de não ter medo de leão, nem de tigre,
nem de leopardo, nem de nenhuma outra fera africana. Mas
percebe-se de longe que treme <de medo>/→diante\ de qualquer ave que
não seja de rapina. Sendo de rapina, isto é, das que só co-
15 mem carne, ele não liga, nem que seja um <condor deste>/→abutre\
<tamanho!> <De>/←ou de\ ave que come milho, <porém,> o coitado tem
um verdadeiro pavor. Empalidece ao ve-la/s,\ com o cora-
çãozinho a pular no peito como um cabrito...



III

Projetos

- As <leituras do livro de>/↑discussões sobre\ astronomia continuaram. <Pedri->/↑Dona Benta\
 nho lia e contava, ou, melhor, explicava como a coisa
- 5 era lá em cima, no domínio dos astros. <Depois>/↑E Pedrinho\ resolveu cons-
 truir um telescópio para espiar as estrelas.
- Que é /←, <afinal de contas,\ um telescópio? refletiu ele. Um telescópio
 não passa duma série de canudos que entram uns nos ou-
 tros, como <uns> vidros de aumento pelo caminho. A gente en-
 10 curta ou espicha os canudos até que fiquem no ponto certo.
 Depois é só espiar a estrela, ou planeta, ou sol, ou lua. Esses
 astros aparecem aumentados, como se estivessem pertinho.
 Canudos, havia no mato em quantidade, canudos de
 <taquara>/←bambu\, e Pedrinho logo reuniu uma boa coleção deles, de
 15 vários tamanhos e grossuras. Vidros de aumento, havia os
 do binóculo de dona Benta. Restava construir <uma>/a\ armação
 onde o telescópio pudesse girar, virando para a direita ou
 <para> a esquerda, para baixo ou para cima. Pedrinho, que
 era muito engenhoso, construiu o telescópio e a armação
 20 como se ele fosse um novo Galileu, porque o inventor do
 telescópio foi um velho chamado Galileu, italiano muito
 antigo, que <existiu>/←viveu\ na Itália.
 Vendo-o lidar <com>/n\aquilo, dona Benta perguntou a
 Narizinho:
- 25 – Que é que Pedrinho tanto lida com aqueles canudos?
 – Está fazendo um telescópio, vóvó. <Depois que ga-
 nhou>/←De tanto lidar com\ o livro do tal Flammarion, Pedrinho virou astrónomo
 de verdade. Só fala e pensa em astros, estrelas, lua, sol, via
 látea, rabos de cometa e quanta coisa há lá por cima...
- 30 Dona Benta sorriu. Fazer um telescópio lhe parecia
 coisa acima das forças e habilidade do seu neto, apesar de



EDIÇÃO GENÉTICA

- Pedrinho ser realmente o menino mais habilidoso das redondezas. Até espingardinha de cano de guarda-chuvas, das que dão tiro de verdade com pólvora e chumbo, /→ele\ já havia feito. Pronto que foi o telescópio, houve discussão sobre o
- 5 <astro> que deveriam espiar primeiro.
 – Eu acho, disse Narizinho, que a primeira “apontada” /↑do telescópio\ deve ser para o Sol, que é o pai de todos.
 – E eu acho que deve ser para a Grande Ursa, para <saber>/↑vermos\ por que motivo os astrônomos puseram esse nome
- 10 na coitada, disse Emília toda esprevidadzinha.
 – E você que acha, doutor? perguntou Pedrinho ao dr. Livingstone, que estava /→ali num canto\ a ler a sua bíblia.
 – Deus fez primeiro as estrelas, disse ele. Acho que devemos respeitar a ordem divina. Primeiro espiar as es-
- 15 telas.
 Faltava consultar tia Nastácia, que foi de opinião que deviam começar pela Lua, para verem S. Jorge matando o dragão com a sua lança. /→Sempre que havia lua cheia
- 18 →ela chamava os meninos, dizendo:
 → “Venham ver S. Jorge a cavalo,
 → espetando um dragão lá na lua.”\
- A ideia foi recebida com palmas.
- 20 – O dragão! O dragão! exclamaram todos, correndo para o telescópio. Vamos ver o dragão de S. Jorge! Ia saindo naquele momento uma linda lua cheia. Pedrinho apontou para ela o telescópio e nada viu. Todos por sua vez espiaram e nada viram, <com exceção da>/→todos menos\ Emília,
- 25 que espiou e disse:
 – Estou vendo tudo, tudo! Estou vendo uma perninha do dragão, tal qual perna de lagarto, com cinco unhas. Também estou vendo a ponta do nariz de S. Jorge, com uma verruga...
- 30 – Será possível? exclamou Pedrinho, afastando-a do telescópio para espiar de novo.
 <– Você está>/↑“Você está\ sonhando, Emília, disse <ele logo depois, ainda> com o olho no telescópio. Não<o>/o\ aparece coisa nenhuma.”\
- Pois eu vi muito bem, afirmou Emília. Meu olho
- 35 enxerga mais do que o de vocês. Vi até que o dragão estava

MONTEIRO LOBATO

26

de linguinha de fóra, uma linguinha muito vermelha, com ponta de flecha.

— Tinha escamas?

— Se tinha! Cada escama do tamanho dum prato, ~~travessa~~, confirmou a boneca.

Os meninos ficaram na duvida. Tudo era possível. Eles tinham olhos de gente, e pois não enxergavam coisa nenhuma. Mas a boneca, com aqueles olhos de retrós, era



bem possível que estivesse vendo tudo quanto dizia. Em vista disso, a "olhadeira do telescópio" ficou sendo a boneca. Emilia olhava, olhava e ia dizendo o que via.

E como via coisas! O anel de Saturno, a Via Láctea, as Estrelas Gêmeas, a Grande Ursa — tudo ela via, como se tudo estivesse a um palmo adiante do seu nariz.

— Chi! disse, fazendo cara de espanto, quando apontou o telescópio para a Grande Ursa. Como é peluda! E

EDIÇÃO GENÉTICA

de linguinha de fóra<, >/—\ uma linguinha muito vermelha, com ponta de flecha.

– Tinha escamas?

– Se tinha! Cada escama do tamanho dum prato,

5 <travessa>, confirmou /↑cinicamente\ a boneca.

Os meninos ficaram na duvida. Tudo era possível.

Eles tinham olhos de gente, e pois não enxergavam coisa

nenhuma. Mas a boneca, com aqueles olhos de retrós, era

bem possível que estivesse vendo tudo quanto dizia. Em

10 <vista>/←consequencia\ disse, a “olhadeira do telescópio” ficou sendo a boneca.

Emília olhava, olhava e ia dizendo o que via.

E como via coisas! /←, a diabinha!\ O anel de <Netuno>/Saturno\, a Via Látea,

as Estrelas Gêmeas, a Grande Ursa – tudo ela via, como

se tudo “estivesse a um palmo adiante do seu nariz”.

15 – Chi! <disse>/↓exclamou\, fazendo car<a>/↓inha\ de espanto <quando>/→ao\ apon-

<tou>/↓tar\ o telescópio para a Grande Ursa. Como é peluda! E

VIAGEM AO CÉU

27

tem dois ursinhos consigo! Está brincando com eles. Agora deu um tapa no mais novo... Agora franziu a testa. Parece que percebeu que o telescópio está apontado para lá...

Durante toda uma semana a brincadeira no sítio foi ver as coisas maravilhosas que se passavam no céu, sempre por meio da boneca, cujos olhos de retrós não deixavam escapar nada de nada.

IV

Viagem ao Céu

DAI nasceu a ideia de fazerem uma coisa que ninguém no mundo ainda tinha feito — uma viagem ao céu! O meio de lá ir só podia ser o pó de pirlimpimpim, do qual ainda restava um bocado no bolso de Pedrinho. Esse pó perdera o efeito, por ter-se molhado em água salgada quando o menino entrou no mar com o Barão de Munchausen afim de salvar o burro falante. Mas Pedrinho teve a ideia de lavar em três águas o restinho que havia e depois seca-lo muito bem ao sol. Desse modo pirlimpimpim adquiriu de novo a força natural, tornando-se até mais forte do que antes.

Ficou resolvido que iriam todos da casa, menos dona Benta.

— Todos é difícil, disse Narizinho. Tia Nastacia, por exemplo, não ha de querer ir.

— Tenho um plano para leva-la á força, disse Pedrinho. Ninguém lhe diz nada, mas na hora lhe daremos uma pitada de pó dizendo que é rapé. A boba toma a pitada e...

aquela resto de pó

EDIÇÃO GENÉTICA

tem dois ursinhos consigo! Está brincando com eles. Agora deu um tapa no mais novo. Agora franziu a testa. Parece que percebeu que o /←nosso\ telescópio está apontando para lá... /→espaço\ Durante toda uma semana a brincadeira no sítio foi

- 5 ver as coisas maravilhosas que se passavam no céu, sempre por meio da boneca, cujos olhos de retrós não deixavam escapar nada de nada.

IV**Viagem ao Céu**

- 10 DAI nasceu a ideia de fazerem uma coisa que ninguém no mundo havia feito – uma viagem ao céu!
O meio de lá irem só podia ser o pó de pirlimpimpim, do qual ainda restava um bocado no bolso de Pedrinho. Esse pó perdera o efeito, por ter-se molhado em água salgada <quando>/→no dia\
- 15 <o menino>/←em que ele\ entrou no mar com o Barão de Muchausen afim de salvar o burro falante. Mas Pedrinho teve a ideia de lavar em tres águas <o restinho que havia>/↓,↓aquele resto de pó\ e depois seca-lo muito bem ao sol. Desse modo pirlimpimpim adquiriu de novo a força natural, <tornando-se até>/→e até se tornou\ mais forte do que antes.
- 20 Ficou resolvido que iriam todos da casa, menos dona Benta.
– Todos é difícil, disse Narizinho. Tia Nastacia, por exemplo, não ha de querer ir.
– Tenho um plano para leva-la á força, disse Pedrinho.
- 25 Ninguém lhe diz nada, mas na hora /→de partir\ lhe daremos uma pitada de pó dizendo que é rapé. A boba toma a pitada e...

— Bela ideia! exclamou a menina ~~batendo palmas~~. E o burro falante?

— Esse não pôde ficar. ^{Vamos} ~~Havemos de~~ ter muita necessidade dele lá em cima.

Puseram-se a cuidar dos preparativos. Desta vez Emilia não pensou em levar a sua canastrinha. Em vez disso levou uma coisa que ninguém pôde descobrir o que era. Uma coisa pequenininha, embrulhada em papel de seda e muito bem amarrada com um fio de lã. Todos insistiram em saber o que era aquilo.

— Não digo, senão vocês caçoam, respondeu a boneca. E' uma ideia muito boa que tive. Na hora saberão.

No dia seguinte, muito cedo, levantaram-se todos na ponta dos pés e saíram para o terreiro, enquanto Narizinho se dirigia ao quarto de tia Nastacia. Tinha de enganar a preta, mas como? Pensou, ~~pensou~~, pensou, e afinal resolveu-se.

— Tia Nastacia, disse ela, venha ver que manhã linda está fazendo.

A negra estranhou a novidade. ~~Levantarem-se~~ cedo assim não era comum, e muito menos ~~convidarem-na~~ para espiar a manhã, coisa tão atoa e sem valor para uma criatura que toda a vida se levantou muito cedo. Mas foi ao terreiro ver o que era, resmungando como sempre. Lá os encontrou a todos, já reunidos em redor do burro falante e a cochicharem baixinho.

— Hum! Temos novidade, murmurou ^{ela} a negra, desconfiada.

— Não é nada, boba! ^{spiron} disse Pedrinho. Estamos brincando de espirrar com este rapé que arranjei na cidade, e queremos ver se você também espirra.

A negra, sempre desconfiada, olhou e viu nas mãos do menino um ~~botinho~~ de rapé da mesma côr, tamanho e marcado que o coronel Teodomiro usava. Este coronel era um vizinho de dona Benta, que ali aparecia de vez em quando para visita-la. Como fosse um homem esquisito em tudo

EDIÇÃO GENÉTICA

- Bela ideia! exclamou a menina <batendo palmas>. E o burro falante?
- Esse não póde ficar. <Havemos de>/↑Vamos\ ter muita necessidade dele lá em cima.
- 5 Puseram-se a cuidar dos preparativos. Desta vez Emilia não pensou em levar a sua canastrinha. Em vez disso levou uma coisa que ninguém pôde descobrir o que era. Uma coisa pequenininha, embrulhada em papel de seda e muito bem amarrada com um fio de lã. Todos insistiram em
- 10 saber o que era aquilo.
- Não digo, senão vocês caçoam, respondeu a boneca. E' uma ideia muito boa que tive. Na hora saberão. No dia seguinte, muito cedo, levantaram-se todos na
- 15 se dirigia <ao>/←para o\ quarto de tia Nastacia. Tinha de enganar a preta, mas como? Pensou, <pensou,> pensou, e afinal resolveu-se.
- Tia Nastacia, disse ela /←da porta\, venha ver que manhã linda está fazendo.
- A negra estranhou a novidade. <Levantarem-se>/↑Narizinho levantar-se\ cedo
- 20 assim não era comum, e muito menos <convidarem-na>/↓↓vir convida-la\ para espiar a manhã, coisa <tão atoa e> sem valor para uma criatura que toda a vida se levantou muito cedo. Mas /→a megera\ foi ao
- terreiro ver o que era, resmungando como sempre. Lá os encontrou a todos, já reunidos em redor do burro faltante
- 25 e a cochicharem baixinho.
- Hum! Temos novidade, murmurou <a negra>/↑ela\, desconfiada.
- Não é nada, boba! <disse>/↑gritou\ Pedrinho. Estamos brincando de espirrar com este rapé que arranjei na cidade,
- 30 e queremos ver se você também espirra.
- A negra, sempre desconfiada, olhou e viu nas mãos do menino um <botinho>/←pacotinho\ de rapé da mesma côr, tamanho e marca do que o coronel Teodo<miro>/↓↓rico\ usava. Este coronel era um vizinho de dona Benta, que ali aparecia de vez em quando
- 35 para visita-la. Como fosse um homem esquisito em tudo

VIAGEM AO CÉU

29

— homem dos bem antigos que até rapé ainda tomava (coisa que hoje ~~quasi~~ ^{quasi} ninguém faz), todos reparavam nos modos dele e procuravam copiar o que ele fazia. Porisso, vendo nas mãos de Pedrinho um ~~bote~~ ^{bote} de rapé da marca que o coronel usava, a pobre negra não desconfiou de ~~nada~~ e disse :

— Pois quero experimentar, sim. O coronel Teodoro toma desse rapé com tanto gosto que sempre tive desejo de ver se é bom mesmo — e, isso dizendo, enfiou a mão no ~~bote~~ ^{pacote}, tomou uma pitada e chegou-a ás largas ventas, aspirando-a. Assim que fez isso, os outros fizeram o mesmo, inclusive o burro, e... mais nada ! Veio aquele ~~zunn!~~ ^{zunn!}... no ouvido, a tonteira e tudo mais que o terrível pó de pirlimpimpim causava. Viram-se imediatamente no espaço, voando com a velocidade ~~da luz~~ na direção dos planetas.

Subito, perceberam que haviam chegado. Quem primeiro voltou a si foi Pedrinho, logo ~~observou~~ ^{observou} que se achava numa terra esquisitissima, sem arvores, sem agua, sem gente, toda cheia de crateras de vulcões extintos. Os outros tambem, num instante, voltaram a si, menos tia Nastacia. A pobre negra, que nunca havia tomado o pó de pirlimpimpim, e que com certeza errara na dose, tirando uma pitada maior que a dos outros, jazia escarrapachada no chão, de olhos arregalados — mas sem ver, nem sentir coisa nenhuma.

— Temos de esperar que ela volte a si, disse Pedrinho. A boba tomou ~~uma~~ dose dupla, pelo que vejo...

Esperaram uns minutos. Por fim a boa negra começou a dar sinais de que estava voltando a si. Passou a mão pela



EDIÇÃO GENÉTICA

- homem dos bem antigos que
até rapé ainda tomava (coisa
que hoje <quasi>/←já\ ninguém faz), to-
do reparavam nos modos dele
- 5 e procuravam copiar o que ele
fazia. Porisso, vendo nas mãos
de Pedrinho um <bote>/↑↑pacote\ de rapé
da marca /do\ que o coronel usava,
a pobre negra não desconfiou
- 10 de <nada>/←coisa nenhuma\ e disse:
– Pois quero experimen-
tar, sim! O coronel Teodo<miro>/rico\
toma desse rapé com tanto gos-
to que sempre tive desejo de
- 15 ver se é bom mesmo – e, isso
dizendo, enfiou a mão no <bote>/→pacote\
tomou uma pitada e chegou-a ás largas ventas, aspirando-a.
Assim que fez isso, os outros fizeram o mesmo, inclusive o
burro, e... mais nada! Veio aquele zunn... no ouvido, <a>/→e veio a\
20 tonteira e tudo mais que o terrível pó de pirlimpimpim cau-
sava. Viram-se imediatamente no espaço, voando com <a>/→tremenda rapidez\
velo-
cidade <da luz>/←do raio\ na direção dos planetas.
Subito, perceberam que haviam chegado. Quem pri-
meiro voltou a si foi Pedrinho, /↑e\ logo observ<ando>/ou\
25 va numa terra esquisitissima, sem arvores, sem agua, sem
gente, toda cheia de crateras de vulcões extintos. Os outros
tambem, num instante, voltaram a si <, >/—\ menos tia Nastacia.
A pobra negra, que nunca havia tomado o pó de pirlimpim-
pim, e que com certeza errara na dose tirando uma pitada
- 30 maior que a dos outros, jazia escarrapachada no chão, de
olhos /←muito\ arregalados – mas sem ver, nem sentir coisa nenhuma.
– Temos de esperar que ela volte a si, disse Pedrinho.
A boba tomou <uma> dose dupla, pelo que vejo...
Esperaram uns minutos. Por fim a boa negra
- 35 começou a dar sinais de que estava voltando a si. Passou a mão pela

30

MONTEIRO LOBATO

o fundo de
 cara, esfregou os olhos, e, ^{olhou em} correndo-os em torno de si, disse com voz sumida:

— Que será que me aconteceu? Parece que caí um tombo num poço... ^{coisa nenhuma?}

— Não caiu nada, tia Nastacia, respondeu Narizinho. Você está conosco no céu.

— No céu?!... repetiu a negra, arregalando ainda mais os olhos. Deixe de brincadeira, Narizinho. Para que enganar uma pobre velha como eu?

memina.



— Não estou enganando ninguém, tia Nastacia. Estamos, sim, no céu, num astro que ainda não sabemos qual é.

O assombro da negra foi tamanho que não achou palavras para dizer. Nem o seu celebre "Crédo" murmurou. Quedou-se imóvel onde estava, a olhar para um e para outro, de boca aberta.

— Eu acho que isto aqui é o Sol, declarou Emilia. Apenas estou estranhando não ver nenhuma floresta de raios.

EDIÇÃO GENÉTICA

cara, esfregou os olhos; <e, correndo-os em> /↑olhou em\ torno de si , /↑e\ disse com voz sumida:

– Que será que me aconteceu? Parece que caí um tombo /↑↑no fundo de\

5 – Não caiu <nada>/↑coisa nenhuma\, tia Nastacia, <respondeu Narizinho>.

Você está conosco no céu.

– No céu?!... repetiu a negra, arregalando ainda

mais os olhos. Deixe de brincadeira, <Narizinho>/↓menina\ . Para que enganar uma pobre velha como eu?

10 – Não estou enganando ninguém, tia Nastacia. Estamos, sim, no céu, num astro que ainda não sabemos qual é.

O assombro da negra foi tamanho que não achou palavras para dizer. Nem o seu celebre “Crédo” murmurou.

Quedou-se imóvel onde estava, a olhar para um e para

15 outro, de boca aberta.

– Eu acho que isto aqui é o Sol, declarou Emilia.

Apenas estou estranhando não ver nenhuma floresta de raios.

Olhem o absurdo! ca-

VIAGEM AO CÉU

31

Como são ignorantes as senhoras marquesas, ca-
çou Pedrinho. Pois não sabe que o Sol é quente como fogo,
e que se estivessemos no Sol já estaríamos assados até no
fundo dos ossos? Isto está com cara de ser a Lua, mas não
tenho certeza. De longe é muito fácil conhecer a Lua; assim
de perto torna-se difícil. Temos que mandar o dr. Livingsto-



isto aqui

ne a um astro próximo, para espiar de lá e nos dizer se é
mesmo a Lua ou o que é.

Depois de aspirar uma nova
É assim foi feito. Nova dose do pó de pirlimpimpim, foi
enfiada no nariz do doutor, que se sumiu no mesmo instante
através do espaço, com a recomendação de gritar de lá se
aquilo era a Lua ou não.

lá de
cima de
um astro
qualquer se

EDIÇÃO GENÉTICA

- <– Como são ignorantes as senhoras marquesas! ca>/↑↑– Olhem o absurdo! – ca-\
- çoou Pedrinho. Pois não sabe que o Sol é quente como fogo
e que se estivéssemos no Sol já estaríamos assados até no
fundo dos ossos? Isto está com cara de ser a Lua, mas não
- 5 tenho certeza. De longe é muito fácil conhecer a Lua; assim
de perto torna-se difícil. Temos que mandar o dr. Livingsto-
ne a um astro próximo, para espiar /isto aqui\ de lá e nos dizer se é
mesmo a Lua ou o que é.
- /E a\<A>ssim foi feito. <Nova>/↑Depois de aspirar uma nova\ dose do pó de pirlimpimpim <foi>/→o\
10 enfiada no nariz do> doutor<, que> se sumiu <no mesmo instante>
através do espaço, com a recomendação de gritar <de lá se>/↓↓lá de cima de um astro qualquer se\
aquilo era a Lua ou não.

32

MONTEIRO LOBATO

*Passados uns instantes, Emilia berrou
para o espaço:*

Assim que ele desapareceu, Emilia berrou:

— E' a Lua ou não, doutor?

Mas nada de resposta. A distancia era muito grande para que a vozinha rouca do dr. Livingstone chegasse até eles.

grande — Fizemos uma burrada, disse Pedrinho. Deviamos ter pensado nisso — que era impossivel que a voz do dou-



tor pudesse atravessar a imensidão dos espaços. E estamos agora atrapalhados porque não podemos saber onde o coitado foi parar. Ha tantos milhões de astros nestes céus...

— Achei um jeito de resolver o caso, disse Emilia. E' só fazer uma votação. Se a maioria votar que isto é a Lua, fica sendo Lua. E' assim que os homens lá na Terra decidem as coisas.

Não havendo outro remedio, e não podendo continua-

apresenta os votos. — Você, Narizinho?

— Lua.

*todos ficaram perplexos por alguns
tempo. De fim Emilia disse...*

EDIÇÃO GENÉTICA

<Assim que ele desapareceu, Emilia berrou:>/↑↑Passados uns instantes, Emilia berrou para o espaço:/

– E' a Lua ou não, doutor?

Mas nada de resposta. A distancia era muito grande

para que a vozinha <rouca do dr. Livingstone chegasse até>/↓da Emilia alcançasse o doutor e vice-versa\

5 eles.

– Fizemos uma <←grande> burrada, disse Pedrinho. Deviamos

ter pensado nisso – que era impossivel á voz do dou-

tor atravessar a imensidão dos espaços. E estamos

agora atrapalhados porque não podemos saber onde o coi-

10 tado foi parar. Ha tantos milhões de astros nestes céus...

/↓↓Todos ficaram perplexos por algum tempo. Por fim Emilia disse:\

– Achei um jeito de resolver o caso <disse Emilia>. E'

só fazer uma votação. Se a maioria votar que isto é a Lua,

fica sendo Lua. E' assim que os homens lá na Terra decidem /→todas\

as coisas.

15 Não havendo outro remedio, e não podendo continua-

rem naquela horrivel incerteza, fizeram a votação. /→Pedrinho ↓apresentou os votos.\

– Você, Narizinho?

– Lua.

VIAGEM AO CÉU

33

— Você, Emilia?

— Lua.

— Eu, Pedrinho, Lua. E você, tia Nastacia?

A negra, *ainda* tonta, olhou para o menino com o seu ar de idiota e respondeu:

— Para mim, nós estamos na Terra mesmo, e tudo que está acontecendo não passa de um sonho de fadas.

— Tres votos para a Lua, um voto para a Terra! A Lua ganhou. Estamos na Lua. Viva a Lua!...

Tia Nastacia sentiu um calafrio. Se a maioria tinha decidido que estavam na Lua, então estavam mesmo na Lua. E isso de estar na Lua parecia-lhe um grande perigo. A unica coisa que tia Nastacia sabia da Lua era que lá morava S. Jorge, sempre ocupado em matar um dragão *com a sua lança*. Será que *iria* ela ver S. Jorge com os seus proprios olhos? A pobre negra suspirou.

— Meu Deus! Tudo é possivel neste mundo...

— Como sabe? perguntou Emilia espevitadamente. Se você nunca esteve "neste" mundo, como sabe que tudo é possivel nele?

— Quando eu digo neste mundo me refiro ao meu mundo, ao mundo onde nasci e toda a vida morei, explicou a negra.

— Pedrinho, temos que ensinar gramatica a esta analfabeta, disse Emilia. E' tão ignorante que emprega a palavra "neste" em vez da palavra "aquele". Se você se refere á Terra deve dizer "naquele mundo" e não "neste", porque este foi por grande maioria decidido que é a Lua, está entendendo?

— Páre com a gramatica, Emilia! Daqui a pouco vai aparecer o dragão e temos de estar preparados para nos livrar das garras dele.

O terreno era ali completamente esteril, sem a menor especie de vegetação, nem sequer desses cactus que na Terra crescem nos desertos.

EDIÇÃO GENÉTICA

- Você, Emilia?
- Lua.
- Eu, Pedrinho, /↑↑também voto na\ Lua. E você, tia Nastacia?
- A negra, <ainda>/←que ainda estava\ tonta, olhou para o menino com o seu
- 5 ar de idiota e respondeu:
- Para mim, nós estamos na Terra mesmo, e tudo que está acontecendo não passa de um sonho de fadas.
- Tres votos para a Lua, um voto para a Terra./→gritou Pedrinho\ A Lua ganhou. Estamos na Lua! Viva a Lua!
- 10 Tia Nastacia sentiu um calafrio. Se a maioria tinha decidido que estavam na Lua, então estavam mesmo na Lua. E isso de estar na Lua parecia-lhe um grande perigo. A única coisa que tia Nastacia sabia da Lua era que lá morava S. Jorge, sempre ocupado em matar /→com a lança\ um dragão <com a sua
- 15 <lança>. Será que iria ela ver S. Jorge com os seus próprios olhos? A pobre negra suspirou.
- Meu Deus! Tudo é possível neste mundo...
- Como sabe? perguntou Emilia espevitadamente. Se você nunca esteve “neste” mundo, como sabe que tudo é
- 20 possível nele?
- Quando eu digo neste mundo me refiro ao meu mundo, ao mundo onde nasci e toda a vida morei, explicou a negra.
- <Pedrinho, temos que ensinar gramatica a esta anal-
- 25 fabeta, disse Emilia. E'>/↑Esta [vadia] é\ tão ignorante que emprega a palavra “neste” em vez da palavra “aquele”. Se você se refere á Terra deve dizer “naquele mundo” e não “neste”, porque este /←mundo\ foi por grande maioria de votos decidindo que é a Lua, está em-
- tendendo?
- 30 – Páre com a gramatica, Emilia! Daqui a pouco vai aparecer o dragão e temos de estar preparados para nos livrar das garras dele.
- O terreno era ali completamente esteril, sem a menor especie de vegetação, nem sequer desses cactus que na Terra
- 35 crescem nos desertos.

Ao ouvir tais palavras, pontuda, longe dali — com certeza um dos tais “cornos da lua”.

Nisto um bufo distante fez-se ouvir. Todos se voltaram e viram sair de dentro duma das crateras a monstruosa cabeça do dragão de S. Jorge.

— Lá está o malvado! exclamou Emilia, que foi quem o viu primeiro. Enxergou o burro e já vem lambendo os beigos.

Tia Nastacia ia dando um berro de pavor, que Narizinho teve tempo de impedir, tapando-lhe a boca.

— Que imprudencia! Se você dá um berro, o dragão nos vê e vem direitinho devorar-nos. Por enquanto só viu o burro. Temos de esconder-nos numa destas crateras menores.



O dragão foi saindo lentamente da sua tóca. Breve puderam vê-lo com o corpo inteiro de fóra — comprido corpo de lagarto, cheio de escamas enormes e uma cauda de serra, com ponta de flecha no fim. Tal qual a boneca o descrevera, quando o espiou pelo telescópio.

Como estivesse na Lua desde o principio do mundo, a sua fome devia ser o que se chama “fome velha”, de modo que a vista do burro o encheu do maior contentamento. Comer um burro inteiro depois de tantos seculos de jejum! Não podia haver maior delicia para um dragão.

EDIÇÃO GENÉTICA

pontuda, longe dali – com certeza um dos <tais>/↑↑chamados\ “cornos da lua”.

Nisto um bufo distante fez-se ouvir. Todos se voltaram e viram sair de dentro duma das crateras a monstruosa

5 cabeça do dragão de S. Jorge.

– Lá está o malvado! exclamou Emilia, <que foi quem o viu primeiro.> /→O dragão ja\ <E>/e\nxergou o burro e <já vem>/↓está\ lambendo os beiços.

/↑↑Ao ouvir tais palavras,\ Tia Nastaia ia dando um berro de pavor, que Nari-

10 zinho teve tempo de impedir, tapando-lhe a boca.

– Que imprudencia! Se você <dá um berro>/→grita\,, o dragão nos vê e vem direitinho devorar-nos. Por e<m>/n\quanto só viu o burro. Temos de esconder-nos numa destas crateras menores.

15 O dragão foi saindo lentamente da sua tóca. Breve

pueram ve-lo <com o corpo inteiro>/←todo\ de fóra – /→corpo\ comrido <corpo> de lagarto, cheio de escamas enormes e uma cauda de serra, com ponta de flecha no fim. Tal qual a boneca o descrevera, quando o espiou pelo telescópio.

20 Como estivesse na Lua desde o principio do mundo, a sua fome devia ser o que se chama “fome velha”, de modo que a vista do burro o encheu do maior contentamento. Comer um burro inteiro depois de tantos seculos de jejum! Não podia haver maior delicia para um dragão.



— Mas isso não pode ser! murmurou Pedrinho dentro da cratera onde se haviam escondido. Não havemos de deixar que o nosso burro falante sirva de almoço a esse monstro, como se fosse um burro atoa, desses que apenas zurram e dão coices. Temos de salva-lo.

— Como? indagou Narizinho.

— Indo procurar S. Jorge. Sómente ele pode evitar a desgraça. A maçada é que não tenho a menor ideia sobre o ponto onde S. Jorge está...

EDIÇÃO GENÉTICA

- Mas isso não pode ser! murmurou Pedrinho dentro da cratera onde haviam se escondido. Não havemos de deixar que o nosso burro falante sirva de almoço a esse monstro, como se fosse um burro atoa, desses que apenas zurram e dão coices. Temos de salva-lo.
- 5
- Como? indagou Narizinho.
- Indo procurar S. Jorge. Sómente ele pode [↑rá\](#) evitar a desgraça. A maçada é que não tenho a menor ideia sobre o ponto onde S. Jorge está...

A situação tornava-se das mais graves. O monstro aproximava-se cada vez mais do burro, e se não acontecesse um milagre qualquer era inevitável o sacrifício do pobre animal. A ideia de procurar S. Jorge não valia nada. Até encontra-lo, o dragão comeria uma tropa inteira de burros, quanto mais um.

— Se ao menos eu tivesse deixado o burro solto...

Sim, porque se o burro estivesse desamarrado poderia fugir no galope e salvar-se. Mas preso como estava, e respeitador das redeas como era, deixar-se-ia comer inteirinho só para não desobedecer ás ordens do seu dono.

— Como ha de ser? perguntavam-se todos, na maior aflição.

— Eu resolvo o caso, disse de repente Emilia. Vou lá correndo e solto-o.

— Não tem medo, Emilia?

— Sou de pano. Quem é de pano não tem medo de nada, porque não sente dôr, disse ela preparando-se para a corrida. Segurou a sainha com ambas as mãos e disparou na volada em direção ao burro, o qual já dava visíveis sinais de terror.

O que valeu foi que o dragão, de tão velho que era, tinha as pernas emperradas, de modo que caminhava com muita lerdeza. Emilia pôde assim alcança-lo, passar-lhe á frente e chegar ao burro ainda a tempo de desfazer o nó da redea.

— Fuja! gritou ela logo que o desamarrou. Fuja, senão você estará perdido para sempre. Dispare por essa Lua afóra até não poder mais.



EDIÇÃO GENÉTICA

- A situação tornava-se das mais graves. O monstro /→ia se\ aproxima<va-se cada vez mais>/↑↑ndo\ do burro, e se não acontecesse um milagre qualquer era inevitável, o sacrifício do pobre animal. A ideia de procurar S. Jorge não valia nada. Até
- 5 encontra-lo, o dragão comeria uma tropa inteira de burros/, \ quanto mais um.
- Se ao menos eu /↑o\ tivesse deixado <o burro> solto...
Sim, porque se o burro estivesse desamarrado poderia fugir no galope e salvar-se. Mas preso como estava, e res-
- 10 peitador das redeas como era, deixar-se-ia comer inteirinho só para não desobedecer às ordens do seu dono.
- Como ha de ser? perguntavam-se todos, na maior aflição.
- Eu resolvo o caso, disse de repente Emilia. Vou lá
- 15 correndo e solto-o.
- Não tem medo, Emilia?
- Sou de pano. Quem é de pano não tem medo de nada, porque não sente dôr, disse ela preparando-se para a corrida. Segurou a sainha com ambas as mãos e disparou
- 20 na volada em direção ao burro, o qual já dava visíveis sinais de terror.
- O que valeu foi que o dragão, de tão velho/, \ <que era,> tinha as pernas emperradas, de modo que caminhava com
- 25 muita lerdeza. Emilia pôde <assim> alcança-lo, passar-lhe á frente e chegar ao burro ainda a tempo de desfazer o nó da redea.
- 30 – Fuja! gritou ela logo que o /↓↓viu\ desamarr<ou>/↓↓ado\. Fuja, se não você estará perdido para sempre. Dispare por essa Lua afora até não poder mais.

Com grande espanto, porém, ela viu que o pobre burro, paralisado pelo terror, não se mexia do lugar.

— E agora? pensou consigo. O dragão já vem perto e este estupor não se mexe...

Procurou convence-lo do perigo que corria, mas inutilmente. O burro sabia muito bem o destino que ia ter, mas



não tinha forças para mover-se. Perdera o governo dos músculos. Estava completamente paralisado. Tão paralisado que nem falar pôde. Não conseguiu pronunciar uma só palavra, apesar de bem falante que era.

A situação se agravava de segundo para segundo. O monstro, cada vez mais próximo, bufava de gosto, passando

EDIÇÃO GENÉTICA

Com grande espanto, porém, ela viu que o pobre burro, paralisado pelo terror, não se mexia do lugar.

– E agora? pensou consigo. O dragão já vem perto e este estupor não sei mexe...

- 5 Procurou convence-lo do perigo que corria, mas inutilmente. O burro sabia muito bem <o>/<-do\ destino que ia ter, mas não tinha forças para mover-se. Perder o governo dos músculos. Estava completamente paralisado. Tão paralisado que nem falar pôde. Não conseguiu pronunciar uma só
- 10 palavra, apesar de <bem>/<-tão\ falante que era. A situação se agravava de segundo para segundo. O monstro, cada vez mais próximo, bufava de gosto, passando

— Como conseguiram chegar até aqui? perguntou S. Jorge. Isto me parece a maravilha das maravilhas.

— O pó de pirlimpimpim nos trouxe, respondeu Pedrinho, deixando o santo de novo na mesma.

— Não conheço semelhante veiculo, disse ele, mas deve ser poderosissimo. Varias vezes os homens têm tentado vir á Lua, mas inutilmente. Um houve que veio numa bala de canhão. O tiro, porém, foi mal calculado. A bala passou por cima da Lua. O viajante não pôde desembarcar e ficou rodando em redor da Lua, feito um satellite. Depois não sei que fim levou (1).

S. Jorge vivia ali desde o tempo do imperador Deocleciano, sem ter com quem dar uma prosinha, de modo que sentiu grande alegria em ver em seus dominios aquelas criaturas humanas. Indagou de tudo, soube quem eram, pediu noticias de dona Benta e do dr. Livingstone. Em seguida narrou a sua vida na Lua, tim-tim por tim-tim.

— E o dragão? perguntou Pedrinho. Conte-nos a historia do dragão.

S. Jorge disse que se tratava dum dragão que ele estava matando com a sua lança havia seculos.

— Mas por que não o mata duma vez? perguntou Emilia.

— Não posso. Todos lá na Terra estão acostumados a dizer: "Olhem lá S. Jorge matando o dragão." Se eu o matar duma vez, ninguem mais poderá dizer isso, alem de que ficarei muito sozinho aqui, sem ter o que fazer.

Depois das explicações indispensaveis S. Jorge fincou sua lança no chão e sentou-se entre os dois meninos, no pico duma cratera.

A vista de lá era maravilhosa. De todos os lados, estrelas piscantes, cometas de caudas imensas e planetas que não

(1) Julio Verne — Viagem da Terra á Lua.

EDIÇÃO GENÉTICA

- Como conseguiram chegar até aqui? perguntou S. Jorge. Isto me parece a maravilha das maravilhas.
- O pó de pirlimpimpim nos trouxe, respondeu Pedrinho, deixando o santo de novo na mesma.
- 5 – Não conheço semelhante veículo, disse ele, mas deve ser poderosíssimo. Varias vezes os homens têm tentado vir á Lua, mas inutilmente. Um houve que veio numa bala de canhão. O tiro, porém, foi mal calculado. A bala passou por cima da Lua. O viajante não pôde desembarcar e ficou
- 10 rodando em redor da Lua, feito um satellite. Depois não sei que fim levou (1).
- S. Jorge vivia ali desde o tempo do imperador Deocleciano, sem ter com quem dar uma prosinha, de modo que sentiu grande alegria em ver em seus dominios aquelas
- 15 criaturas humanas. Indagou de tudo, soube quem eram, pediu noticias de dona Benta e do dr. Livingstone. Em seguida narrou a sua vida na Lua, tim-tim por tim-tim.
- E o dragão? perguntou Pedrinho. Conteno-se a historia do dragão.
- 20 S. Jorge disse que se tratava dum dragão que ele estava matando com a sua lança havia seculos.
- Mas por que não o mata dum vez? perguntou Emilia.
- Não posso. Todos lá na Terra estão acostumados
- 25 a dizer: “Olhem lá S. Jorge matando o dragão”. Se eu o matar dum vez, ninguem mais poderá dizer isso, alem de que ficarei muito sozinho aqui, sem ter o que fazer.
- Depois das [explicações indispensaveis](#) S. Jorge fincou sua lança no chão e sentou-se entre os dois meninos, no pico
- 30 dum cratera.
- A vista de lá era maravilhosa. De todos os lados, estrelas piscantes, cometas de caudas imensas e planetas que não
- (1) Julio Verne – Viagem da Terra á Lua.

VIAGEM AO CÉU

41

fazem outra coisa senão girar em torno do Sol. S. Jorge os foi apontando e explicando quais eram.

— Aquele lá, bem pertinho do Sol, chama-se Mercurio. Tem um diametro de 4.800 quilometros e tem anos de 87 dias.

Narizinho fez cara de espanto.

— Como isso? indagou. Pois os anos não são iguais em toda a parte?



— Não, menina. Um ano quer dizer o espaço de tempo que um planeta leva para dar uma volta inteira em redor do Sol. A Terra, que é o planeta onde vocês moram, dá essa volta em 365 dias, porisso um ano da Terra tem 365 dias. Mercurio, porém, como está mais proximo do Sol, dá sua volta em 87 dias; porisso um ano em Mercurio só tem 87 dias.

EDIÇÃO GENÉTICA

fazem outra coisa senão girar em torno do Sol. S. Jorge os foi apontando e explicando quais eram.

– Aquele lá, bem pertinho do Sol, chama-se Mercurio.

Tem um diametro de 4.800 quilometros e tem anos de 87

5 dias.

Narizinho fez cara de espanto.

– Como isso? indagou. Pois os anos não são iguais em toda a parte?

– Não, menina. Um ano quer dizer o espaço de tempo

10 que um planeta ~~leva~~ para dar uma volta inteira em redor do

Sol. A Terra, que é o planeta onde vocês moram, dá essa volta em 365 dias, porisso um ano da Terra tem 365 dias.

Mercurio, porém, como está mais proximo do Sol, dá sua

volta em 87 dias, porisso um ano em Mercurio só tem 87

15 dias.

— Quer dizer que se eu tivesse nascido em Mercurio estaria com muito mais de trinta anos de idade, em vez dos oito que tenho! disse Narizinho, que era muito boa para calculos de cabeça.

— Certamente, confirmou S. Jorge. E teria 13 anos se fosse nascida em Venus, que é aquele planeta lá. O ano em Venus tem 224 dias. Venus é o dobro de Mercurio em tamanho, sendo um pouquinho menor do que a Terra. Mede 12.300 quilometros de diametro.

— E a Terra, quantos quilometros mede? perguntou Emilia.

— 12.658.

— Não parece, observou Narizinho, de olhos postos no planeta onde moramos. Vista daqui, tem o tamanho duma casa. E qual é o planeta maior de todos?

— Jupiter. Tem 139.000 quilometros de diametro, ou sejam onze vezes o diametro da Terra.

— E o ano lá, quantos dias tem?

— O ano de Jupiter tem onze anos dos da Terra.

— Um ano de onze anos! exclamou Narizinho muito admirada. Quer dizer que se eu tivesse nascido em Jupiter não teria nem um ano de idade ainda...

— Mais interessante seria se você tivesse nascido em Netuno, que é o planeta mais afastado do Sol, e portanto aquele em que o ano é mais comprido. Um ano de Netuno tem 164 anos dos da Terra. Se você fosse nascida lá teria apenas uns dias de idade.

— Que graça! E quais são os outros planetas?

— Temos ainda tres — Marte, que é bem pequeno, metade da Terra, com ano de 686 dias; Saturno, que é quasi do tamanho de Jupiter, com ano de 29 anos e Urano, que é do tamanho exato de Netuno e tem um ano de 84 anos.

Depois S. Jorge desenhou na areia os "simbolos" de cada planeta, isto é, o sinal que os astrônomos usam para indicar a cada um deles.

EDIÇÃO GENÉTICA

- Quer dizer que se eu tivesse nascido em Mercurio estaria com muito mais de trinta anos de idade, em vez dos oito que tenho! disse Narizinho, que era muito boa para calculos de cabeça.
- 5 – Certamente, confirmou S. Jorge. E teria 13 anos se fosse nascida em Venus, que é aquele planeta lá. O ano em Venus tem 224 dias. Venus é o dobro de Mercurio em tamanho, sendo um pouquinho menor do que a Terra. Mede 12.300 quilometros de diametro.
- 10 – E a Terra, quantos quilometros mede? Perguntou Emilia.
– 12.658.
– Nao parece, observou Narizinho, de olhos postos no planeta onde moramos. Vista daqui tem o tamanho
- 15 dum casa. E qual é o planeta maior de todos?
– Jupiter. Tem 139.000 quilometros de diametro, ou sejam onze vezes o diametro da Terra.
– E o ano lá, quantos dias tem?
– O ano de Jupiter tem onze anos dos da Terra.
- 20 – Um ano de onze anos! exclamou Narizinho muito admirada. Quer dizer que se eu tivesse nascido em Jupiter não teria nem um ano de idade ainda...
– Mais interessante seria se você tivesse nascido em
- 25 Netuno, que é o planeta mais afastado do Sol, e portanto aquele em que o ano é mais comprido. Um ano de Netuno tem 164 anos dos da Terra. Se você fosse nascida lá teria apenas uns dias de idade.
– Que graça! E quais são os outros planetas?
– Temos ainda tres – Marte, que é bem pequeno,
- 30 metade da Terra, com ano de 686 dias; Saturno, que é quasi do tamanho de Jupiter, com ano de 29 anos e Urano, que é do tamanho exato de Netuno e tem um ano de 84 anos.
- 35 Depois S. Jorge desenhou na areia os “simbolos” de cada planeta, isto é, o sinal que os astronomicos usam para
/indicar a cada um deles.

VIAGEM AO CÉU

43

— O simbolo de Mercurio é assim, disse, e desenhou no chão, com a ponta da lança, a seguinte figura :



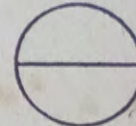
O simbolo de Venus é este, e desenhou isto:



A Terra tem dois simbolos. Este :



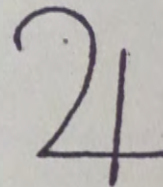
e este :



O de Marte é este, e desenhou isto :



O de Jupiter é assim, e desenhou isto :



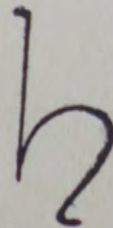
Emilia achou graça nesse simbolo.

— Parece um 24 de avarento, disse ela.

— Por que? indagou S. Jorge.

— Porque economiza uma perninha...

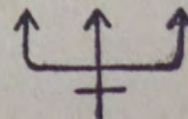
S. Jorge riu-se. Depois desenhou o simbolo de Saturno, assim :



E o de Urano, assim:



E finalmente o de Netuno, assim :



— Esse eu conheço, disse Pedrinho. E' o celebre tridente de Netuno, o deus das aguas. Ele usava esse garfo de tres dentes com certeza para fisgar tres peixes de cada garfada...

com certeza

EDIÇÃO GENÉTICA

- O simbolo de Mercurio é assim, disse,
e desenhou no chão, com a ponta da lança, a
seguinte figura:
O simbolo de Venus é este,
- 5 e desenhou isto:
A Terra tem dois
simbolos. Este:
e este:
- O de Marte O de Jupiter
- 10 é este, e dese- é assim, e dese-
nhou isto: nhou isto:
Emilia achou graça nesse simbolo.
– Parece um 24 de avarento, disse ela.
– Por que? indagou S. Jorge.
- 15 – Porque economiza uma perninha...
S. Jorge riu-se. De-
pois desenhou o simbolo E o de Urano,
de Saturno, assim: assim:
E finalmente o de Netuno, assim:
- 20 – Esse eu conheço, disse Pedrinho. E' o celebre tri-
dente de Netuno, o deus das aguas. Ele, /→com certeza\, usava esse garfo
de tres dentes <com certeza> para fisgar tres peixes de cada
garfada...

— E são todos habitados, como a Terra?

— Não sei, respondeu S. Jorge. Nunca fui lá para ver. E' possível que sejam habitados por seres muito diversos dos que conhecemos na Terra.

— Pois nós estamos dispostos a ir a todos eles para verificar esse ponto, disse Pedrinho muito convencido.

— Mas tomem cuidado. Mercurio queima como o Sol, e Netuno, Urano e Saturno são planetas gelados. Evitem pisar neles.

Enquanto conversavam, o tempo ia passando e a Lua completava o seu giro, de modo que logo puderam ver a face da Terra que mais interessava aos meninos.

— Lá está o continente americano bem visível, disse Pedrinho apontando. Aquele rabo lá do fim é a tal Patagônia, onde dizem que ha uns patagões que são os homens mais altos do mundo. Aquela ponta bem em cima é a tal Alaska, que os norte-americanos compraram da Russia em 1867 por 7.200.000 dolares.

S. Jorge, que havia saído da Terra muito antes desse tempo, ficou admirado dos conhecimentos de Pedrinho. Por mais incrível que parecesse, estava ele a aprender mil coisas com o menino.

— E lá é o Brasil, continuou Pedrinho, aquele país grandão que olha para o Oceano Atlantico.

S. Jorge era anterior ao descobrimento do Brasil, de modo que Pedrinho teve de contar toda a historia de Pedro Alvares Cabral e o mais que no Brasil aconteceu do ano de 1500 para cá.

— E lá está o sitio de dona Benta, onde nós moramos, disse Emilia. Estou vendo tudo direitinho, como se estivesse presente.

Todos duvidaram.

— Impossível, Emilia. Você está a mangar conosco.

— Estou vendo, sim, afirmou ela. Estou até vendo dona Benta no terreiro, furiosa da vida por termos saído

EDIÇÃO GENÉTICA

- E são todos habitados, como a Terra?
- Não sei, respondeu S. Jorge. Nunca fui lá para ver.
- E' possível que sejam habitados por seres muito diversos dos que conhecemos na Terra.
- 5 – Pois nós estamos dispostos a ir a todos eles para verificar esse ponto, disse Pedrinho muito convencido.
- Mas tomem cuidado. /←advertisse o santo.\ Mercurio queima como o Sol, e Netuno, Urano e Saturno são planetas gelados. Evitem pisar neles.
- 10 Enquanto conversavam o tempo ia passando e a Lua completava o seu giro, de modo que logo puderam ver a face da Terra que mais interessava aos meninos.
- Lá está o continente americano bem visível, disse Pedrinho apontando. Aquele rabo lá do fim é a tal Patagônia, onde dizem ha uns patagões que são os
- 15 homens mais altos do mundo. Aquela ponta bem em cima é a tal Alaska, que os norte-americanos compraram da Russia em 1867 por 7.200.000 dolares.
- S. Jorge, que havia saído da /Terra muito antes desse
- 20 tempo, ficou admirado dos conhecimentos de Pedrinho. Por mais incrível que parecesse, estava ele a aprender mil coisas com o menino.
- E lá é o Brasil, continuou Pedrinho, aquele país grandão que olha para o Oceano Atlantico.
- 25 S. Jorge era anterior ao descobrimento do Brasil, de modo que Pedrinho teve de contar toda a historia de Pedro Alvares Cabral e o mais que no Brasil aconteceu do ano de 1500 para cá.
- E lá está o sitio de dona Benta, onde nós moramos,
- 30 disse Emilia. Estou vendo tudo direitinho, como se estivesse presente.
- Todos duvidaram.
- Impossível, Emilia. Você está a mangar conosco.
- Estou vendo, sim, afirmou ela. Estou até vendo
- 35 dona Benta no terreiro/, \ furiosa da vida por termos saído

VIAGEM AO CÉU

45

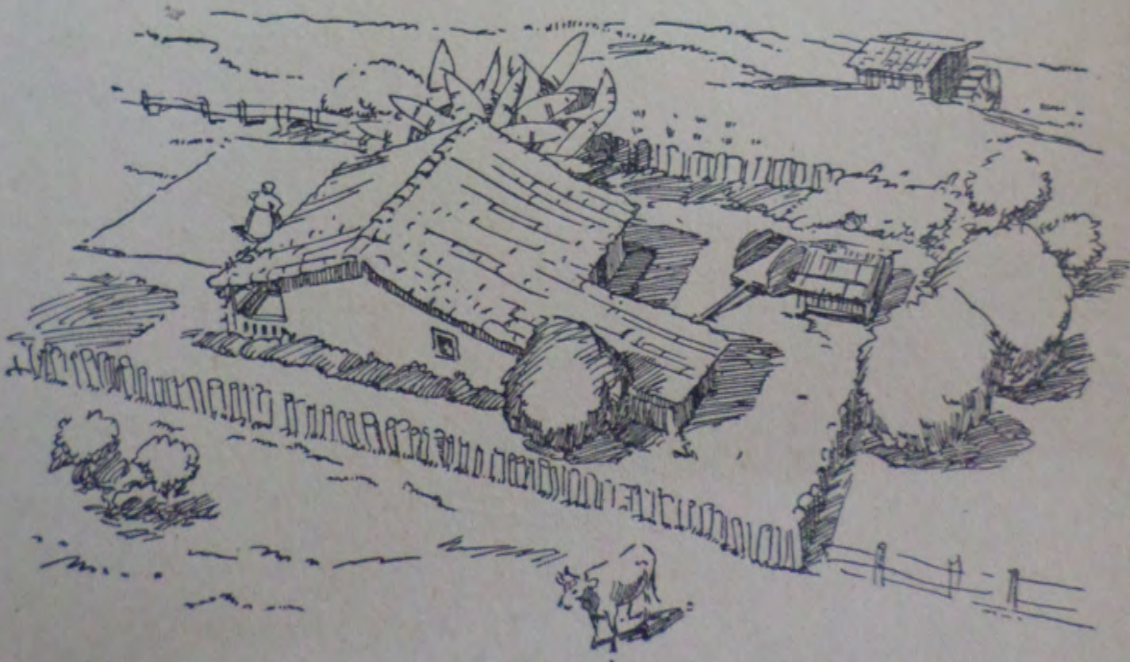
sem lhe dizer nada. E sabem o que mais estou vendo? O chiqueirinho de Rabicó, com ele dentro, dormindo, de boca aberta. Só não consigo ouvir os roncos, por causa da distancia.

— Jura que está vendo mesmo, Emilia?

— Juro! disse a boneca com todo o caradurismo. S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente de ótima vista, mas nunca supôs que houvesse alguém capaz de enxergar tão longe como a boneca.

— Meus parabens, senhora marquesa! disse ele. Seus olhos são mais poderosos do que os telescópios dos astrônomos. Quem me dera possuir olhos assim!

— Nada mais fácil, respondeu a boneca. Tia Nastácia está aqui conosco. Ela sabe fazer uns olhos de retrós danados para enxergar longe. Se quer, peça a ela que lhe arranje um par de olhos como os meus...



EDIÇÃO GENÉTICA

sem lhe dizer nada. E sabem o que mais estou vendo? O chiqueirinho de Rabicó, com ele dentro, dormindo, de boca aberta. Só não consigo ouvir os roncos, por causa da distância.

5 – Jura que está vendo mesmo, Emilia?

– Juro! disse a boneca com todo o caradurismo.

S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente de ótima vista, mas nunca supôs que houvesse alguém capaz de enxergar tão longe como a boneca.

10 – Meus parabens, senhora marquesa! disse ele. Seus

olhos são mais <poderosos>/→possantes\ do que os telescopios dos astronautas. Quem me dera possuir olhos assim!

– Nada mais facil, respondeu a boneca. Tia Nastacia está aqui conosco. Ela sabe fazer uns olhos de retrós dan-

15 dos de enxergar longe. Se quer, peça a ela que lhe arranje um par de olhos como os meus...

VI

Tia Nastacia

QUEM é essa tia Nastacia? perguntou S. Jorge. Alguma fada que descobriu o segredo dos olhos que enxergam tudo?

— Nada disso, respondeu Emilia. Tia Nastacia é aquela boba que está rezando naquele canto. Nunca saiu da Terra, nem se meteu em aventuras de especie nenhuma, de modo que está apavorada.

E voltando-se para a negra:

— Venha aqui, boba. Quero apresentar você ao nosso amigo S. Jorge. Não tenha medo. Ele não espeta você com a lança.

Tia Nastacia fez tres pelo-sinais e veio se aproximando, muito ressabiada. Estava ainda, a pobre, tonta, tonta, das estranhas coisas que via irem-se sucedendo. O dragão, a queda do burro na cauda do cometa, agora o aparecimento daquele maravilhoso santo, vestido de armadura de ferro, com capacete na cabeça, escudo no braço e lança — tudo isso era mais do que bastante para transtornar a sua cabeça pelo resto da vida.

Mesmo assim veio, toda a tremer, os beiços palidos como os de gente morta.

— Não tenha medo, disse-lhe Narizinho. S. Jorge não come gente. E' um grande amigo nosso e muito boa pessoa.

Tia Nastacia, afinal, chegou-se. Mas embaraçadissima. Trazia as mãos cruzadas no peito e os olhos baixos, sem coragem de ergue-los para o santo. Estar diante dum santo daqueles, majestoso na sua armadura de ferro, era coisa que a desnor-teava completamente.

VI

Tia Nastacia

- QUEM é essa tia Nastacia? perguntou S. Jorge. Alguma fada que descobriu o segredo dos olhos que enxergam
- 5 tudo?
- Nada disso, respondeu Emilia. Tia Nastacia é aquela boba que está rezando naquele canto. Nunca saiu da Terra, nem se meteu em aventuras de especie nenhuma, de modo que está apavorada.
- 10 E voltando-se para a negra:
- Venha aqui, boba. Quero apresentar você ao nosso amigo S. Jorge. Não tenha medo. Ele não espeta <você>/→ninguem\ com a lança.
- Tia Nastacia fez tres pelo-sinais e veio se aproximando,
- 15 muito ressabiada. Estava ainda, a pobre, tonta, tonta, das estranhas coisas que via irem-se sucedendo. O dragão, /←depois\ a queda do burro na cauda do cometa, agora o aparecimento daquele maravilhoso santo, vestido de armadura de ferro, com capacete na cabeça, escudo no braço e lança – tudo
- 20 isso era mais do que bastante para transtornar a sua cabeça pelo resto da vida.
- Mesmo assim veio, toda a tremer, os beiços palidos como <os> de gente morta.
- Não tenha medo, disse-lhe Narizinho. S. Jorge
- 25 não come gente. E' um grande amigo nosso e muito boa pessoa.
- Tia Nastacia, afinal, chegou-se. Mas embaraçadissima. Trazia as mãos cruzadas no peito e os olhos baixos, sem coragem de ergue-los para o santo. Estar diante dum santo
- 30 daqueles, majestoso na sua armadura de ferro, era coisa que a desnor-teava completamente.

VIAGEM AO CÉU

47

— Não tenha medo de mim, disse S. Jorge sorrindo. Diga-me : está gostando deste passeio á Lua ?

Vendo o tom bondoso da pergunta, Tia Nastacia animou-se a falar.

— S. Jorge me perdôe, disse ela. Sou uma pobre negra sem estudos, que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha para dona Benta e estes seus netos, que são



as crianças mais reinadeiras do mundo. Eles me enganaram com uma historia de rapé do coronel Teodomiro e me fizeram cheirar um tal pó, que mais parece arte do canhoto. Agora a pobre de mim está aqui nesta Lua tão perigosa, sem saber o que fazer, nem o que pensar. Minha cabeça anda completamente tonta, porisso S. Jorge me perdôe se minhas respostas não forem dignas de um santo tão importante como o senhor é.

EDIÇÃO GENÉTICA

– Não tenha medo de mim, disse S. Jorge sorrindo.

Diga-me: está gostando deste passeio á Lua?

Vendo o tom bondoso da pergunta, tia Nastacia animou-se a falar.

- 5 – S. Jorge me perdôe, disse ela. Sou uma pobre negra sem estudos, que nunca fez outra coisa na vida senão trabalhar na cozinha para dona Benta e estes seus netos, que são as crianças mais reinadeiras do mundo. Eles me enganaram com uma historia de rapé do coronel Teodo<rico>/→miro\ e me fizeram
- 10 cheirar um tal pó, que mais parece arte do canhoto. Agora a pobre de mim está aqui nesta Lua tão perigosa, sem saber o que fazer, nem o que pensar. Minha cabeça anda completamente tonta, porisso S. Jorge me perdôe se minhas respostas não forem dignas de um santo tão importante como
- 15 o senhor é.

S. Jorge riu-se da ingenuidade e atrapalhão da pobre preta. ~~Viu~~ logo que se tratava duma criatura excelente, mas muito ignorante.

— Bem, bem, disse ele. Vejo que sua profissão foi toda a vida ser cozinheira. Podemos fazer um negocio. Quer ficar uns tempos aqui na Lua cozinhando para mim?

Aquela proposta atrapalhou completamente a pobre negra. Ficar na Lua não queria por coisa nenhuma, de medo do dragão e de dó de dona Benta, que não sabia comer comida feita por outra cozinheira. Mas recusar o convite também não podia, porque onde se viu uma pobre negra recusar convite dum santo daqueles?

Vendo-lhe a atrapalhão, Narizinho veio em seu socorro.

— Ela fica, S. Jorge, mas só por uns tempos. Nós não viemos passear na Lua apenas. Nossa viagem vai ser pelo céu inteirinho. Temos de ir á Via Latea, aos planetas Marte, Venus, Netuno e outros, e ainda tencionamos visitar varias estrelinhas. Em vista disso podemos fazer uma combinação. Tia Nastacia fica na Lua cozinhando para o senhor enquanto durar a nossa viagem. Quando fôr tempo de voltar, passaremos pela Lua outra vez e então ela seguirá conosco para a Terra. Não está bem assim?

— Fica muito bem assim, respondeu o santo, passando a explicar á pobre negra onde ela iria morar e o que tinha a fazer. Quanto ao dragão, que ficasse descansada. Ele comia burros, mas gente não, e muito menos gente empregada no serviço do seu dono e senhor.

E foi assim que depois de velha a coitada da tia Nastacia virou cozinheira de S. Jorge, na Lua, por mais absurdo e inacreditavel que isto pareça...

EDIÇÃO GENÉTICA

- S. Jorge riu-se da ingenuidade e atrapalhão da pobre preta. <Viu>/↑↑Percebeu\ logo que se tratava duma criatura excelente, mas muito ignorante.
- Bem, bem, disse ele. Vejo que sua profissão foi toda
- 5 a vida <ser>/←a de\ cozinheira. Podemos fazer um negocio. Quer ficar uns tempos aqui na Lua cozinhando para mim?
- Aquela proposta atrapalhou completamente a pobre negra. Ficar na Lua não queria por coisa nenhuma, de medo do dragão e de dó de dona Benta, que não sabia comer comi-
- 10 da feita por outra cozinheira. Mas recusar o convite também não podia, porque onde se viu uma pobre negra /↓velha\ recusar o convite dum santo daqueles?
- Vendo-lhe a atrapalhão, Narizinho veio em seu socorro.
- 15 – Ela fica, S. Jorge, mas só por uns tempos. Nós não viemos passear na Lua apenas. Nossa viagem vai ser pelo céu inteirinho. Temos de ir á Via Lactea, aos planetas Marte, Venus, Netuno e outros, e ainda tencionamos visitar varias estrelinhas. Em vista disso podemos fazer uma
- 20 combinação. Tia Nastacia fica na Lua cozinhando para o senhor enquanto durar a nossa viagem. Quando fôr tempo de voltar, passaremos pela Lua outra vez e então ela seguirá conosco para a Terra. Não está bem assim?
- Fica muito bem assim, respondeu o santo, passando
- 25 a explicar á pobre negra onde ela iria morar e o que tinha a fazer. Quanto ao dragão, que ficasse descansada. Ele comia burros, mas gente não, e muito menos gente empregada no serviço do seu dono e senhor.
- E foi assim que depois de velha a coitada da tia Nas-
- 30 tacia virou cozinheira de S. Jorge, na Lua, por mais absurdo e inacreditavel que isto pareça...

VII

A Terra vista da Lua

NAQUELE dia só era possível verem a face da Terra que estava voltada para a Lua, justamente a face em que figuravam o continente americano e o oceano Atlantico. Para verem a outra, onde estavam a Europa, a Asia e a Africa, tinham de esperar diversas horas, até que a Terra dêsse meia volta.

A Lua, como havia explicado Pedrinho, era um satellite da Terra, isto é, vivia girando em torno dela, gastando 27 dias para dar uma volta inteira. Satellite quer dizer um planetinha de planeta grande. A Lua, na sua qualidade de satellite, tem de passar a vida nesse gira-gira em torno da Terra, e ainda acompanhar a Terra na volta que a Terra dá em redor do sol cada ano.

Quando a outra face da Terra se mostrou completamente voltada para a Lua, os meninos puderam ver os outros continentes.

— Lá está a Europa, disse Pedrinho, que era o sabidão do grupo. Aquela ilha, deste lado, é a Inglaterra, com os seus ingleses. Mais adiante temos a Noruega, com os seus fjords.

— E as suas sardinhas tambem, acrescentou a menina, que gostava muito das sardinhas norueguesas.

— E lá temos a grande Russia, com os seus russos barbudos, os seus mujiks, os seus cossacos, o seu caviar, as suas dansas lindas e os seus soviets. Foi lá que Napoleão levou a bréca.

— Como? indagou S. Jorge, que era anterior a Napoleão e lhe desconhecia a historia.

— Pois o senhor Napoleão resolveu invadir e conquistar a Russia com um exercito de 600.000 homens. Invadiu,

expliou Pedrinho.

VII

A Terra vista da Lua

- NAQUELE dia só era possível verem a face da Terra que estava voltada para a Lua, justamente a face em
- 5 que figuravam o continente americano e o oceano Atlântico. Para verem a outra, onde estavam a Europa, a Ásia e a África,\) tinham de esperar <diversas horas,>/→algum tempo\, até que a Terra dêsse meia volta.
- A Lua, como havia explicado Pedrinho, era um satélite
- 10 da Terra, isto é, vivia girando em torno <dela>/→da Terra\, gastando 27 dias para dar uma volta inteira. Satélite quer dizer um planetinha de planeta grande. A Lua, na sua qualidade de satélite, tem de passar a vida nesse gira-gira em torno da Terra, e /←tem\ ainda acompanhar a Terra na volta que a Terra
- 15 dá em redor do sol cada ano . Quando a outra face da Terra se mostrou completamente voltada para a Lua, os meninos puderam ver os outros continentes.
- Lá está a Europa, disse Pedrinho, que era o sabidão
- 20 do grupo. Aquela ilha/\ deste lado/\ é a Inglaterra, com os seus ingleses. Mais adiante temos a Noruega, com os seus fjords.
- E as suas sardinhas também, acrescentou a menina, que gostava muito das sardinhas norueguesas.
- E lá temos a grande Rússia, com os seus russos bar-
- 25 budos, os seus mujiks, os seus cossacos, o seu caviar, as suas dansas lindas e os seus soviets. Foi lá que Napoleão levou a bréca.
- Como? indagou S. Jorge, que era anterior a Napoleão e lhe desconhecia a história.
- 30 – Pois o senhor Napoleão resolveu invadir e conquistar a Rússia com um exercito de 600.000 homens./↓↓, explicou Pedrinho.\ Invadiu,

é verdade, e chegou até á cidade de Moscou. Os russos, porém, assim que ele se aproximou, abandonaram a cidade e deitaram fogo a todas as casas. Napoleão, apesar da sua es-
perteza, viu-se logrado. Em vez de conquistar, depois de tanto trabalho, a capital das Russias, conquistou uma fo-
gueira. Em vista do que resolveu voltar com o seu exercito para a França, isso na peor quadra do ano, em pleno in-
verno. Resultado : os russos caíram-lhe em cima e o perse-
guiram até ás fronteiras, dizimando o seu grande exercito dum modo horroroso. Vóvó sabe contar essa historia com tais côres que até arrepia os cabelos da gente.

— E lá, aquela bota? perguntou Emilia.

— Lá é a Italia, com os seus italianos. E' uma bota dando um pontapé na Sicilia.

— Coitada! Quem é essa infeliz? indagou a boneca.

— Uma ilha, não vê? Está separada da ponta da bota por um estreito chamado o estreito de Messina.

— E aquelas duas outras, perto do cano da bota? per-
guntou a menina.

— A maior é a ilha da Sardinha e a menor é a ilha da Corsega, onde nasceu Napoleão.

— Que desaforo! exclamou Emilia. A ilha de Napo-
leão menor que a ilha da Sardinha! Para que uma sardinha precisa duma ilha desse tamanho? Eu, se fosse fazer o mundo...

— Já sei, interrompeu Narizinho, dava a ilha maior para Napoleão e a menor para a sardinha, não é?

— Não, disse a boneca. Dava as duas para Napoleão e para a sardinha dava uma lata. As sardinhas precisam muito mais de latas do que de ilhas.

S. Jorge riu-se da bobagenzinha da boneca, embora não compreendesse bem o que ela queria dizer com aquelas latas. No tempo em que ele viveu na Terra ainda não havia sardinhas em lata.

— E lá, aquela terra grandalhona? perguntou Nari-
zinho, apontando.

EDIÇÃO GENÉTICA

- é verdade, e chegou até <á cidade de> Moscou. Os russos, porém, assim que ele se aproximou, abandonaram a cidade e deitaram fogo a todas as casas. Napoleão, apesar da sua esperteza, viu-se logrado. Em vez de conquistar, depois de
- 5 tanto trabalho, a capital das Russias, conquistou uma fogueira. Em vista do que resolveu voltar com o seu exercito para a França, isso na peor quadra do ano, em pleno inverno. Resultado: os russos caíram-lhe em cima e o perseguiram até ás fronteiras, dizimando o seu grande exercito
- 10 dum modo horroroso. Vóvó sabe contar essa historia com tais côres que até arrepia os cabelos da gente.
- E lá, aquela bota? perguntou Emilia.
- Lá é a Italia, com os seus italianos. E' uma bota dando um pontapé na Sicilia.
- 15 – Coitada! Quem é essa infeliz? indagou a boneca.
- Uma ilha, não vê? Está separada da ponta da bota por um estreito chamado o estreito de Messina.
- E aquelas duas outras, perto do cano da bota? perguntou a menina.
- 20 – A maior é a ilha da Sardinha e a menor é a ilha da Corsega, onde nasceu Napoleão.
- Que desaforo! exclamou Emilia. A ilha de Napoleão menor que a ilha da Sardinha! Para que uma sardinha precisa duma ilha desse tamanho? Eu, se fosse fazer o
- 25 mundo...
- Já sei, interrompeu Narizinho, dava a ilha maior para Napoleão e a menor para a sardinha, não é?
- Não, disse a boneca. Dava as duas para Napoleão e para a sardinha dava uma lata. As sardinhas precisam
- 30 muito mais de latas do que de ilhas.
- S. Jorge riu-se da bobagenzinha da boneca, embora não compreendesse bem o que ela queria dizer com aquelas latas. No tempo em que ele viveu na Terra ainda não havia sardinhas em lata.
- 35 – E lá, aquela terra grandalhona? perguntou Narizinho, apontando.

— Que danado! exclamou Emilia arregalando o olho. Dobrar um cabo, assim sem mais nem menos, deve ser coisa difícil. Esse português, ou tinha a força de tres elefantes, ou esse cabo era como o cabo daquela panelinha que dona Benta me deu — tão mole que até eu dobro quando quero.

Houve necessidade de explicar a S. Jorge que a boneca, apesar de bastante viva e inteligente, tinha a mania de dizer asneiras de todos os tamanhos e feitios. S. Jorge achou natural, visto tratar-se duma simples bonequinha de pano, pois até gente importante, que nunca foi de pano, diz ás vezes cada uma de se tirar o chapéu.

VIII

Continua a viagem

TERMINADA a “olhação” da Terra vista de tais alturas, Pedrinho explicou a S. Jorge que precisavam continuar na viagem pelos dominios celestes, não só porque tinham vindo para esse fim, como também porque necessitavam descobrir o paradeiro do dr. Livingstone e salvar outra vez o burro falante, que se enroscara na cauda de um cometa.

— Não sei se poderão salvar o dr. Livingstone, disse S. Jorge, apreensivo. Se ele foi projetado da Lua, como vocês contam, o mais certo é estar agora transformado em satélite da Lua.

— Como isso? indagou Pedrinho.

— Muito bem, respondeu o santo. Como deve saber, cada astro possui a sua força de atração, isto é, uma força que puxa os corpos para o centro do astro. Quando a gente

EDIÇÃO GENÉTICA

– Que danado! exclamou Emilia arregalando o olho.

Dobrar um cabo, assim sem mais nem menos, deve ser coisa difícil. Esse português, ou tinha a força de tres elefantes, ou esse cabo era como o cabo daquela panelinha que dona

5 Benta me deu – tão mole que até eu dobro quando quero.

Houve necessidade de explicar a S. Jorge que a boneca, apesar de bastante viva e inteligente, tinha a mania de dizer asneiras de todos os tamanhos e feitios. S. Jorge achou natu<t>/<-r\al, visto tratar-se duma simples bonequinha de pano,

10 pois até gente importante, que nunca foi de pano, diz ás vezes cada uma de se /↓\he\ tirar o chapéu.

VIII

Continua a viagem

TERMINADA a “olhação” da Terra vista de tais altu-

15 ras, Pedrinho explicou a S. Jorge que precisavam continuar na viagem pelos dominios celestes, não só porque tinham vindo para esse fim, como tambem porque necessitavam descobrir o paradeiro do dr. Livingstone e salvar outra vez o burro falante, que se enroscara na cauda de um
20 cometa.

– Não sei se poderão salvar o dr. Livingstone, disse S. Jorge, apreensivo. Se ele foi projetado da Lua, como vocês contam, o mais certo é estar agora transformado em satélite da Lua.

25 – Como isso? indagou Pedrinho.

– Muito bem, respondeu o santo. Como deve saber, cada astro possui a sua força de atração, isto é, uma força que puxa os corpos para o centro do astro. Quando a gente

VIAGEM AO CÉU

55

joga uma laranja para o ar, a laranja sobe até uma certa altura e depois volta.

— Sei, disse Pedrinho, lembrando-se da sua lição de mecanica. A laranja sobe enquanto a força que a faz subir é maior do que a força de atração que a puxa para baixo.

— Isso mesmo. Enquanto a força que jogou a laranja é maior, a laranja sobe. Quando essa força se torna igual, a laranja pára, e quando essa força se torna menor, a laranja cai. Que força foi que jogou o dr. Livingstone para o ar?

— A força do pó de pirlimpimpim.

— Muito bem. Mas essa força pôde ter sido maior do que a força de atração da Lua, e nesse caso ele deve estar nalgum outro astro. Ou então a força foi menor, e nesse caso ele caiu na Lua outra vez e anda por aí afundado nalguma cratera. Ou então as duas forças se equilibraram, e ele nem sobe, nem cai. Vira satellite da Lua. Que acha que aconteceu, Pedrinho?

Pedrinho não podia achar coisa nenhuma, porque não tinha elementos para fazer um calculo bem certinho, como usam os astrônomos; porisso calou-se. Já a Emilia, que não perdia ocasião de “achar” coisas, meteu o bedelho na discussão.

— Eu acho que ele virou satellite e “quero” que seja assim.

— Quer por que, boba? indagou Narizinho.

— Quero para me ver livre dele. Não gosto do dr. Livingstone. Muito serio, não ri, não brinca. Bom mesmo para virar satellite da Lua e ficar girando no espaço toda a vida. Quando voltarmos ao sitio de dona Benta hei de pedir a tia Nastacia que ressuscite o visconde exatamente como o visconde era. Estou que não posso mais de saudades dele...

Pedrinho e Narizinho tambem andavam a implicar-se com o pobre dr. Livingstone, de modo que deram razão á boneca e resolveram deixa-lo como satellite da Lua. Só lhes restava, pois, salvar o burro falante.

EDIÇÃO GENÉTICA

- joga uma laranja para o ar, a laranja sobe até <uma> certa altura e depois volta.
- Sei, disse Pedrinho, lembrando-se da sua lição de mecanica. A laranja sobe enquanto a força que a faz subir
- 5 é maior do que a força de atração que a puxa para baixo.
- Isso mesmo. Enquanto a força que jogou a laranja é maior, a laranja sobe. Quando essa força se torna igual, a laranja pára, e quando essa força se torna menor, a laranja cai. Qu<e>/←a\l força <foi>/←a\ que jogou o dr. Livingstone para o ar?
- 10 – A força do pé de pirlimpimpim.
- Muito bem. Mas essa força póde ter sido maior do que a força de atração da Lua, e nesse caso ele deve estar nalgum outro astro. Ou então a força foi menor, e nesse caso ele caiu na Lua outra vez e anda por aí afundado nal-
- 15 guma cratera. Ou então as duas forças se equilibraram, e ele nem sobe, nem cai. Vira satellite da Lua. Que acha que aconteceu, Pedrinho?
- Pedrinho não podia achar coisa nenhuma, porque não tinha elementos para fazer um calculo bem certinho, como
- 20 usam os astronomos, porisso calou-se. Já <a> Emilia, que não perdia ocasião de “achar” coisas, meteu o bedelho na discussão.
- Eu acho que ele virou satellite e “quero” que seja assim.
- 25 – Quer por que, boba? indagou Narizinho.
- Quero para me ver livre dele. Não gosto do dr. Livingstone. Muito serio, não ri, não brinca. Bom mesmo para virar satellite da Lua e ficar girando no espaço toda a vida. Quando voltarmos ao sitio de dona Benta hei de pedir
- 30 a tia Nastacia que ressuscite o visconde exatamente como o visconde era. Estou que não posso mais de saudades dele...
- Pedrinho e Narizinho tambem andavam a implicar-se com o pobre dr. Livingstone, de modo que deram razão
- 35 á boneca e resolveram deixa-lo como satellite da Lua. Só lhes restava, pois, salvar o burro falante.

— Esse sim, disse Emilia. Temos de revirar de cabo a rabo os mundos celestes até encontra-lo, porque dona Benta ficaria danada se nós o deixássemos no cometa — e tia Nastacia mais ainda. Sabe, S. Jorge, que é ele o unico burro falante que existe na Terra?

— De quatro pés, pode ser, disse o santo, sorrindo, porque de dois hão de existir milhões... Mas, digam-me, que pretendem fazer para apanhar o burro? Se ele está enganchado num rabo de cometa, como farão vocês para alcançar esse cometa?

Pedrinho pensou, pensou, pensou e por fim disse:

— Tenho uma ideia muito boa!

— Qual é? perguntaram todos, curiosos.

— E' a seguinte. Arranjamos um outro cometa, montamos nele e o tocamos numa galopada louca atrás do cometa do burro.

— Isso é impossível! disse S. Jorge. Tudo aqui no céu está muito bem regulado. Cada astro segue o seu caminho certo, sempre com a mesma velocidade. Se um deles apressasse ou diminuísse a marcha, a "harmonia universal" estaria destruída.

— Para nós não ha impossíveis, respondeu Pedrinho com orgulho. Sabe o que vou fazer? Monto num cometa, esfrego o pó de pirlimpimpim no nariz dele e garanto que alcanço o outro em poucos minutos! Ah, S. Jorge, bem se vê que o senhor não conhece o nosso famoso pó de pirlimpimpim...

S. Jorge ficou atrapalhado. De fato, não conhecia o tal pó, mas de ver aquelas crianças na Lua, trazidas por pirlimpimpim, admitiu logo que devia ser mesmo um pó levado da bréca, capaz das coisas mais prodigiosas. Porisso não duvidou. Apenas insistiu em que, se Pedrinho fizesse semelhante coisa, iria atrapalhar a "harmonia universal", causando os mais serios transtornos no universo.

— Admito isso, respondeu Pedrinho com toda a importancia. Mas acha que devo perder o meu burro falante?

EDIÇÃO GENÉTICA

- Esse sim, disse Emilia. Temos de revirar de cabo a rabo os mundos celestes até <encontra-lo>/↑↑descobri-lo\, porque dona Benta ficaria danada se nós o deixássemos no cometa – e tia Nastacia mais ainda. Sabe, S. Jorge, que é <ele>/←esse\ o unico burro
- 5 falante que existe na Terra?
- De quatro pés, pode ser, disse o santo, sorrindo, porque de dois não de existir milhões... Mas, digam-me, que pretendem fazer para apanhar o burro? Se ele está enganchado num rabo de cometa, como farão vocês para alcançar esse cometa/?\
- 10 Pedrinho pensou, pensou, pensou e por fim disse:
- Tenho uma ideia muito boa!
- Qual é? perguntaram todos, curiosos.
- E' a seguinte. Arranjamos <um> outro cometa, montamos nele e o tocamos numa galopada louca atrás do cometa do burro.
- 15 – Isso é impossível! disse S. Jorge. Tudo aqui no céu está muito bem regulado. Cada astro segue o seu caminho certo, sempre com a mesma velocidade. Se um deles apressasse ou diminuísse a marcha, a "harmonia universal" estaria destruída.
- Para nós não ha impossíveis, respondeu Pedrinho com orgulho. Sabe o que vou fazer? Monto num cometa, esfrego o pó de pirlimpimpim no nariz dele e garanto que
- 25 alcanço o outro em poucos minutos! Ah, S. Jorge, bem se vê que o senhor não conhece o nosso famoso pó de pirlimpimpim...
- S. Jorge ficou atrapalhado. De fato, não conhecia o tal pó, mas de ver aquelas crianças na Lua/, \ trazidas por pirlimpimpim/, \ admitiu logo que devia ser mesmo um pó levado da bréca, capaz das coisas mais prodigiosas. Porisso não
- 30 duvidou. Apenas insistiu em que, se Pedrinho fizesse semelhante coisa, iria atrapalhar a "harmonia universal", causando os mais serios transtornos no universo.
- 35 – Admito isso, respondeu Pedrinho com toda a importancia. Mas acha que devo perder o meu burro falante?

A "harmonia universal" que tenha paciência. Entre ela e o nosso burro não tenho o direito de escolher, porque do contrario vóvó ficaria danada...

S. Jorge meditou por uns instantes e depois disse:

— Façam lá o que quiserem, mas muito receio que por amor a esse burro se estrague este maravilhoso equilibrio dos astros, que eu chamo "harmonia universal" e que existe desde o começo do mundo. Pensem primeiro. Nada façam sem estudar muito bem a questão. Meu conselho é: prudencia.

Pedrinho ficou um tanto abalado com aquelas palavras, mas Emilia interveio e tudo decidiu.

— Nós nada temos que ver com a senhora harmonia. Ela que se arrume. Havemos de pegar o burro, custe o que custar. Se o universo ficar atrapalhado, peor para ele. Nada temos com isso, digo e repito.

Ficou, pois, assentado que haviam de salvar o burro custasse o que custasse. Para isso tinham de descobrir um cometa capaz de perseguir aquele onde estava o precioso animal. Mas, como? O espaço é infinito. Cometas inumeros circulam nele, mas ninguem pega um cometa com a mesma facilidade com que se pega um cavalo no pasto

— Sabe do que mais? lembrou Narizinho. Deixemos isso para depois. Se em nossa viagem encontrarmos um cometa que sirva, pularemos nele e iremos salvar o burro. Se não encontrarmos cometa nenhum, daremos outro jeito qualquer. Tratemos agora de ir a Marte, a ver se lá existem mesmo canais, como dizem certos astrônomos. Acho Marte um planeta muito simpatico.

E ficou resolvido ir para Marte, ficando tia Nastacia na Lua, a fazer bolinhos de frigideira para S. Jorge...

— Não se assuste, foram as ultimas palavras deles para a pobre negra. Nossa viagem não vai ser demorada. Faça os seus bolinhos, trate muito bem de S. Jorge, que é um excelente amigo nosso, e deixe de dar esses suspiros arrancados do fundo da alma.

EDIÇÃO GENÉTICA

A “harmonia universal” que tenha paciência. Entre ela e o nosso burro não tenho o direito de escolher, porque do contrário vovó ficaria danada...

S. Jorge meditou por uns instantes e depois disse:

5 – Façam lá o que quisere, mas muito receio que por amor a esse burro se estrague este maravilhoso equilíbrio dos astros, que eu chamo “harmonia universal” e que existe desde o começo do mundo. Pensem primeiro. Nada façam sem estudar muito bem a questão. Meu conselho é: prudência.

10 Pedrinho ficou um tanto abalado com aquelas palavras, mas Emilia interveio e tudo decidiu.

– Nós nada temos que ver com a senhora harmonia.

Ela que se arrume. Havemos de pegar o burro, custe o que custar. Se o universo ficar atrapalhado, peor para ele. Nada temos com isso, digo e repito.

Ficou, pois, assentado que haviam de salvar o burro custasse o que custasse. Para isso tinham de descobrir um cometa capaz de perseguir aquele onde estava o precioso animal. Mas como? O espaço é infinito. Cometas inúmeros circulam nele, <mas> ninguém pega um cometa com a mesma facilidade com que se pega um cavalo no pasto.

20 – Sabe/←m\ <do> que mais? lembrou Narzinho. Deixemos isso para depois. Se em nossa viagem encontrarmos um cometa que sirva, pularemos nele e iremos salvar o burro. Se não encontrarmos cometa nenhum, daremos outro jeito qualquer. Tratemos agora de ir a Marte a ver se lá existem mesmo canais, como dizem certos astrônomos. Acho Marte um planeta muito simpático.

30 E ficou resolvido ir para Marte, ficando tia Nastácia na Lua, a fazer bolinhos de frigideira para S. Jorge...

– Não se assuste, foram as últimas palavras <deles>/→dos meninos\ para a pobre negra. Nossa viagem não vai ser demorada. Faça os seus bolinhos, trate muito bem de S. Jorge, que é um excelente amigo nosso, e deixe de dar esses suspiros arrancados do fundo da alma.

A negra, coitada, nem animo de falar tinha. Apenas suspirava, uns suspiros deste tamanho! Seu consolo unico era a lembrança de que, assim como de todas as outras vezes aquelas terriveis crianças tinham-se saído muito bem das suas aventuras, era possivel que tambem aquela acabasse sem desastre. Apesar disso, cada vez que lhe acudia que estava na Lua, a uma distancia enormissima do sitio de dona Benta, o seu coração dava pontadas horriveis...

IX

Marte

ZUNNN... O pó de pirlimpimpim levou-os a Marte em poucos minutos.

Oh, tudo ali era bem diferente da triste Lua. Canais não viram nenhum, porque coisas grandes como canais só podem ser vistas de longe — mas viram as coisas mais espantosas possiveis.

Marte era habitado, imaginem! Habitado por seres inteiramente diversos dos que conhecemos na Terra. Diferentes e invisiveis aos olhos humanos. Pedrinho e Narizinho não puderam ver um só que fosse. Emilia, porém, os viu a todos e tudo foi contando. Seus olhos de retrós eram na verdade maravilhosos...

O caso foi assim. Logo que chegaram, Pedrinho olhou em redor e, nada vendo digno de nota, disse :

EDIÇÃO GENÉTICA

A negra, coitada, nem animo de falar tinha. Apenas suspirava, uns suspiros deste tamanho! Seu consolo unico era a lembrança de que, assim como de todas as outras vezes aquelas terriveis crianças tinham-se saído muito bem das suas aventuras, era possivel que tambem aquela acabasse sem desastre. Apesar disso, cada vez que lhe acudia <que> <estava>/<—estar\ na Lua, a uma distancia enormissima do sitio de dona Benta, o seu coração dava pontadas horriveis...

IX10 **Marte**

ZUNNN... O pó de pirlimpimpim levou-os a Marte em poucos minutos.

Oh, tudo ali era bem diferente da triste Lua. Canais não viram nenhum, porque coisas grandes como canais só podem ser vistas de longe – mas viram as coisas mais espantosas possiveis.

Marte era habitado, imaginem! Habitado por seres inteiramente diversos dos que conhecemos na Terra. Diferentes e invisiveis aos olhos humanos. Pedrinho e Narizinho não puderam ver um só que fosse. Emilia, porém, os viu a todos e tudo foi contando. Seus olhos de retrós eram na verdade maravilhosos...

O caso foi assim. Logo que chegaram, Pedrinho olhou em redor e, nada vendo digno de nota, disse:

A boneca respondeu pondo o dedinho na boca, em sinal de "bico calado". Em seguida os arrastou para longe dali, e andou, andou, andou até que descobriu um certo cantinho onde pudessem ficar escondidos.

— Agachem-se aqui e não se mexam, nem façam barulho, disse ela, sempre com o seu ar assustado.

Os dois meninos não podiam entender a atitude de Emilia. Nada estavam enxergando, nem seres humanos, nem animais e portanto nada receavam. Emilia, porém, abriu-lhe os olhos.

— Vocês acabam de passar por um grande perigo, disse ela. Este planeta é mais do que habitado, é habitadíssimo! Vejo mais criaturas aqui do que formigas num formigueiro. Quando puxei vocês para um lado, foi porque um bando de marcianos vinha em nossa direção, na carreira.

E explicou tudo. Os habitantes de Marte, ~~ou marcianos~~, eram invisíveis para a gente da Terra, mas não para os seus olhos de ~~retrós~~. Ela os via, e muito bem.

— Como são eles? indagou Pedrinho, ansioso.

— Esquisitíssimos! ~~respondeu a boneca~~. Assemelham-se a grandes morcegos brancos. Em vez de andarem com dois pés, como nós, deslisam no chão e erguem-se nos ares quando querem. O corpo é oval e cheio de coisas esquisitas, que eu não entendo bem. Parecem ter uma porção de braços e mãos, maiores e menores, e no lugar em que deve ser a cara vejo mais cousas do que na cara da gente da Terra. Nós temos olhos, nariz, boca e orelhas. Eles têm tudo isso, embora de jeitos e tamanhos diferentes, e ainda outros órgãos que não posso saber para que servem. São umas criaturas tão diferentes das criaturas humanas que ~~é impossível~~ *não podemos* compreendê-las.

— E falam?

— Devem falar. Mas falam sem sons, sem palavras, dum modo muito diverso do nosso. Bem no meio da tal coisa que deve ser a cara existe um fio feito um chicote

EDIÇÃO GENÉTICA

A boneca respondeu pondo o dedinho na boca, em sinal de “bico calado”. Em seguida os arrastou para longe dali, e andou, andou, andou até que descobriu um certo cantinho onde pudessem ficar escondidos.

- 5 – Agachem-se e não se mexam, nem façam barulho, disse ela, sempre com o seu ar assustado.
- Os dois meninos não podiam entender a atitude de Emilia. Nada estavam enxergando, nem seres humanos, nem animais e portanto nada recebavam. Emilia, porém,
- 10 abriu-lhes os olhos.
- Vocês acabam de passar por um grande perigo, disse ela. Este planeta é mais do que habitado, é habitadíssimo! Vejo mais criaturas aqui do que formigas num formigueiro. Quando puxei vocês para um lado, foi porque um bando de
- 15 marcianos vinha em nossa direção, na carreira.
- E explicou tudo. Os habitantes de Marte, <ou marcianos>, eram invisíveis para a gente da Terra, mas não para os seus olhos de <retrós>/<←boneca\>. Ela os via, e muito bem.
- Como são eles? indagou Pedrinho, ansioso.
- 20 – Esquisitíssimos! <respondeu a boneca>. Assemelham-se a grandes morcegos brancos. Em vez de andarem com dois pés, como nós, deslisam no chão e erguem-se nos ares<,> quando querem. O corpo é oval e cheio de coisas esquisitas, que eu não entendo bem. Parece<m> ter uma porção de braços
- 25 e mãos, maiores e menores, e no lugar em que deve ser a cara vejo mais cousas do que na cara da gente /<→lá\> da Terra. Nós temos olhos, nariz, boca e orelhas. Eles têm tudo isso, embora de jeitos e tamanhos diferentes, e ainda outros órgãos que não posso saber para que servem. São umas criaturas
- 30 tão diferentes das criaturas humanas que <é impossível>/<→não podemos\> com preende-las.
- E falam?
- Devem falar. Mas falam sem sons, sem palavras, dum modo muito diverso do nosso. Bem no meio da tal
- 35 coisa que deve ser a cara existe um fio feito um chicote

flexível, que eles manejam com grande rapidez. E' com os movimentos desse chicotinho no ar que se entendem.

Os dois meninos ficaram apavorados com a descrição e ansiosos por se safarem daquele planeta. Pelo que dizia a Emilia, os marcianos não tinham percebido a presença deles, ~~o que queria dizer que~~ assim como eles não conseguiam ver os marcianos, assim também os marcianos não conseguiam

Seria realmente assim? Se fosse assim,



~~ver a eles. Se o caso fosse esse,~~ tudo estaria ótimo, porque poderiam passear á vontade pelo planeta sem que nada de mal lhes acontecesse. Tinham de verificar esse ponto. Mas como? Para isso seria necessário arriscarem-se. Quem resolveu a situação foi ainda a Emilia.

— Vou eu, disse ela. Se me acontecer qualquer coisa, se eles me pegarem, me matarem ou me comerem, não faz mal. Não sinto dor, vocês bem sabem; e além disso tia Nas-

EDIÇÃO GENÉTICA

- flexível, que eles manejam com grande rapidez. E' com os movimentos desse chicotinho no ar que se entendem.
- Os dois meninos ficaram apavorados com a descrição e ansiosos por se safarem daquele planeta. Pelo que dizia a
- 5 Emilia, os marcianos não tinham percebido a presença deles, <o que queria dizer que> <A>/a\ssim como eles não conseguiam ver os marcianos, assim tambem os marcianos não conseguiam /→ve-los. ↓Seria realmente assim? Se fosse assim\ <ver a eles. Se o caso fosse esse>, tudo estaria otimo, porque
- 10 poderiam passear á vontade pelo planeta sem que nada de mal lhes acontecesse. Tinham de verificar esse ponto. Mas como? Para isso seria necessario arriscarem-se. Quem resolveu a situação foi ainda a Emilia.
- Vou eu, disse ela. Se me acontecer qualquer coisa, se eles me pegarem, me matarem ou me comerem, não faz
- 15 mal. Não sinto dor, vocês bem sabem, e além disso tia Nas-

tacia pode fazer ~~uma~~ outra Emilia ainda mais aperfeiçoada. Vou sair deste esconderijo para tirar a limpo esse ponto — se somos ou não somos visíveis para os habitantes de Marte.

E assim foi feito. Emilia deixou os meninos e passou fóra do esconderijo longo tempo.

— Que terá acontecido á coitada? exclamou a menina vendo a demora da boneca em voltar. Acho que fomos muito egoistas, Pedrinho, deixando que Emilia saísse sozinha por esse mundo desconhecido.

Mas logo depois, Emilia reapareceu, e com ar bastante satisfeito.

— Estamos salvos! disse ela. E' exatamente como eu julgava. Os marcianos não nos podem ver. Fiz todas as experiencias possiveis. Passei o mais rente que pude duma porção deles. Cheguei até a puxar o tal chicotinho de diversos, os quais levaram um grande susto, mas não foram capazes de me perceber. Podemos sair e passear á vontade pelo planeta inteirinho.

Isso é que foi a beleza. Sairam os tres, sem medo nenhum, e guiados pela Emilia andaram por toda a parte como se estivessem em casa sua. Infelizmente Pedrinho e Narizinho nada puderam ver, tendo de contentar-se com as explicações da boneca.

— Estamos agora num maravilhoso palacio, disse ela em certo momento. Deve ser o palacio do governo dos marcianos. Lá está o rei deles no trono, todo importante, com ares de dono do mundo...

— Como é esse rei? perguntou Narizinho, ardendo em curiosidade.

— Oh, um rei e tanto! respondeu Emilia. Muito diferente dos outros marcianos. Tem o chicote da cara o dobro maior que o comum. Esperem... Estou vendo que o tal chicote não serve só para falar... Esperem... O rei está furioso com alguem... O chicote vibra no ar com furia... Está falando para os guardas do palacio, ou coisa pareci-

EDIÇÃO GENÉTICA

tacia pode fazer <uma> outra Emilia ainda mais aperfeiçoada.

Vou sair deste esconderijo para tirar a limpo esse ponto –
se somos ou não somos visíveis para os habitantes de Marte.

<E assim foi feito.> Emilia <deixou os>/↑↑afastando dos\ meninos e passou

5 fóra do esconderijo <longo tempo>.

– Que terá acontecido á coitada? exclamou a menina
vendo a demora da boneca em voltar. Acho que fomos
muito egoistas, Pedrinho, deixando que Emilia saísse sozinha
por esse mundo desconhecido.

10 Mas logo depois, Emilia reapareceu, e com ar bastante
satisfeito.

– Estamos salvos! disse ela. E' exatamente como eu
julgava. Os marcianos não nos podem ver. Fiz todas as
experiencias possiveis. Passei o mais rente que pude duma
15 porção deles. Cheguei até a puxar o tal chicotinho de diver-
sos, os quais levaram um grande susto, mas não foram
capazes de me perceber. Podemos sair e passear á vontade
pelo planeta inteirinho.

Isso é que foi a beleza. Sairam os tres, sem medo ne-
20 nhum, e guiados pela Emilia andaram por toda a parte como
se estivessem em casa sua. Infelizmente Pedrinho e Nari-
zinho nada puderam ver, tendo de contentar-se com as expli-
cações da boneca.

– Estamos agora num maravilhoso palacio, disse ela
25 em certo momento. Deve ser o palacio do governo dos mar-
cianos. Lá está o rei deles no trono, todo importante, com
ares de dono do mundo...

– Como é esse rei? perguntou Narizinho, ardendo em
curiosidade.

30 – Oh, um rei e tanto! respondeu Emilia. Muito dife-
rente dos outros marcianos. Tem o chicote da cara o dobro
maior que o comum. Esperem... Estou vendo que o tal
chicote não serve só para falar... Esperem... O rei está
furioso com alguém... O chicote vibra no ar com furia...

35 Está falando para os guardas do palacio, ou coisa pareci-

ANEXO D. Cotejo entre os testemunhos C e D (filtro linha)

Testemunho C (1937)			Testemunho D (1940)			Classificação da variante	
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
11	11	são Pedrinho trouxe da cidade aquele livrão grande que tem	11	11	Pedrinho trouxe da cidade aquele livrão grande que tem	Omissão	
12	18	de pescoço comprido, qual uma abobora menina, O mar-	12	18	laranja a ser de pescoço comprido, como as aboboras. O	Substituição	
	25	— Não pode ser redonda, são Pedrinho, disse ela. A		25	— Não pode ser redonda, Pedrinho, disse ela. A	Omissão	
	28	Os meninos se riram dela, coitada, tão ignorante!		28	Os meninos riram-se dela, coitada, tão ignorante!	Ordem	
13	2	— Um navio, por exemplo, quando vai indo mar afóra.	13	2	— Um navio, por exemplo, disse ele, quando vai indo	Adição	
14	3	redonda. Mas esta sua prova está asnatica, com perdão da	14	3	seja redonda. Mas esta sua prova, com perdão da pala-	Ordem	
	4	palavra (Emilia andava por esse tempo com manias de deli		4	vra, está asnatica (Emilia andava por esse tempo com ma-		
	24	Terra seja redonda. São		25	Pedrinho está empulhan-	Omissão	
	28	tão, senhora Fada de Pixe?		28	tão? replicou Pedrinho	Omissão	
15	14	— Assim é fácil discutir, senhor sabio da Grecia! disse	15	15	— Assim é fácil discutir, senhor sabio da Grecia!	Omissão	
	15	ela. Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e o		16	Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e o em-	Substituição	
	16	tranca na cozinha! Desse modo até o senhor marquês de		17	purra para a cozinha! Desse modo até o senhor marquês		
	34	tão burra como pretendem...		2	youê pretende...	Substituição	
16	18	desse notavel personagem, na celebre expedição ao País das	16	20	desse personagem, na celebre expedição ao País das Mil	Omissão	
	24	nos ares, levando consigo o pobre burro dependurado pelas		26	nos ares, erguendo consigo o pobre burro dependurado	Substituição	
	nota de rodapé	(1) Vide "Novas Reinações de Narizinho" – Vol. 4 - desta serie.		nota de rodapé	1. Vide Reinações de Narizinho – Vol. 1.º desta serie.	Omissão	Substituição
17	6	no mar. O burro quasi morreu afogado, sendo afinal, com	17	7	afinal salvo, com grande custo, pelo Barão e por Pedrinho.	Ordem	
19	7	grande custo, salvo pelo Barão e por Pedrinho. Mas o sim-	19	15	contado, muito em segredo, que o dr. Livingstone "era pro-	Substituição	
	15	contado, em grande segredo, que o dr. Livingstone "era pro-		20	para as mãos e disse:	Omissão	
	20	para as suas mãos e disse:		24	saiu feio demais, e agora fizeram sem querer um doutor	Substituição	
24	20	como se ele fosse um novo Galileu, porque o inventor do	24	20	como se fosse um novo Galileu, porque o inventor do te-	Omissão	
	21	telescopio foi um velho chamado Galileu, italiano muito		21	lescopio foi um sabio chamado Galileu, italiano muito na-	Substituição	
25	28	Tambem estou vendo a ponta do nariz de S. Jorge, com uma	25	28	unhas. Tambem estou vendo o nariz de S. Jorge, com uma	Substituição	
	29	verruca...		29	verruca na ponta...	Adição	
	35	enxerga mais do que o de vocês. Vi até que o dragão estava.		35	enxerga mais que o de vocês. Vi até que o dragão estava	Omissão	
26	5	travessa, confirmou a boneca.	26	4	— Se tinha! Cada escama do tamanho dum prato,	Omissão	
28	21	espiar a manhã, coisa tão atoa e sem valor para uma cria-	28	22	ra espiar a manhã, coisa sem valor para uma criatura	Omissão	
32	12	só fazer uma votação. Se a maioria votar que isto é a Lua,	32	16	E' fazer uma votação. Se a maioria votar que isto é a Lua,	Omissão	
33	15	lança. Será que iria ela ver S. Jorge com os seus proprios	33	17	com a sua lança. Será que ela iria ver S. Jorge com os	Ordem	
	32	livrar das garras dele.		34	livrar das unhas dele.	Substituição	
37	1	A situação tornava-se das mais graves. O monstro	37	1	A situação tornava-se gravissima. O monstro apro-	Substituição	
	7	— Se ao menos eu tivesse deixado o burro solto...		7	— Se ao menos eu o tivesse deixado solto...	Substituição	
	26	assim alcança-lo, passar-lhe á		26	pôde alcança-lo, passar-lhe	Omissão	
39	13	ouviu o estranho urro e veio correndo com a sua lança ver	39	13	ouviu o estranho urro e veio correndo, de lança em punho,	Substituição	
40	4	nho, deixando o santo de novo na mesma.	40	4	drinho, deixando de novo o santo na mesma.	Ordem	
	29	sua lança no chão e sentou-se entre os dois meninos, no pico		29	a lança no chão e sentou-se entre os dois meninos, no pico	Substituição	
42	36	ndicar a cada um deles.	42	37	indicar a cada um deles.	Substituição	
44	21	mais incrível que parecesse, estava ele a aprender mil coisas	44	21	Por mais incrível que parecesse, estava a aprender mil	Omissão	
	35	dona Benta no terreiro, furiosa da vida por termos saído		35	dona Benta no terreiro, furiosa por termos saído sem lhe	Omissão	
45	11	olhos são mais poderosos do que os telescopios dos astro-	45	10	Seus olhinhos são mais poderosos do que os telescopios	Substituição	
49	8	da Terra, isto é, vivia girando em torno dela, gastando 27	49	10	da Terra, isto é, vivia girando em torno da Terra, gastando	Substituição	
	12	Terra, e ainda acompanhar a Terra na volta que a Terra		14	Terra, e ainda acompanha-la na volta que a Terra dá em	Substituição	
51	7	pontinha — está vendo? — fica cidade do Cabo, que é a	51	7	pontinha — está vendo? — fica a cidade do Cabo, que é a	Adição	
52	17	tinuar na viagem pelos dominios celestes, não só porque ti-	52	17	tinuar a viagem pelos dominios celestes, não só porque ti-	Substituição	
56	4	tacia mais ainda. Sabe, S. Jorge, que é ele o unico burro	56	4	tia Nastacia mais ainda. Sabe, S. Jorge, que ele é o único	Ordem	
	7	porque de dois não de existir milhões... Mas, digam-me,		7	porque de dois ha de existir milhões... Mas, digam-me,	Substituição	
	15	— E' a seguinte. Arranjamos um outro cometa, mon-		14	— E' a seguinte. Arranjamos outro cometa, monta-	Omissão	
57	4	S. Jorge meditou por uns instantes e depois disse:	57	4	S. Jorge meditou por uns instantes; depois disse:	Omissão	

ANEXO D. Cotejo entre os testemunhos C e D (filtro linha) (cont.)

Testemunho C (1937)			Testemunho D (1940)			Classificação da variante				
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto					
58	19	inteiramente diversos dos que conhecemos na Terra. Dife-	58	19	inteiramente diversos dos que conhecemos na Terra. Di-	Substituição				
	20	rentes e invisíveis aos olhos humanos. Pedrinho e Narizinho		20	versos e invisíveis aos olhos humanos. Pedrinho e Nari-					
59	9	– Que ha, Emilia? perguntaram os meninos, assus-	59	9	– Que ha, Emilia? perguntaram os meninos, assus-	Substituição				
	10	tado.		10	tados.					
60	2	"bico calado". Em seguida os arrastou para longe dali,	60	2	sinal de "bico calado". Em seguida arrastou-os para longe	Ordem				
	5	– Agachem-se e não se mexam, nem façam baru-		5	– Agachem-se e não se mexam, nem façam o menor	Adição				
	6	lho, disse ela, sempre com o seu ar assustado.		6	barulho, disse ela, sempre com o ar assustado.	Omissão				
	12	ela. Este planeta é mais do que habitado, é habitadíssimo!		12	disse ela por fim . Este planeta é mais do que habitado, é ha-	Adição				
64	12	– Fritos, nada! exclamou Emilia. Isso de estar frito	64	12	– Fritos, nada! exclamou Emilia. Havemos de ta-	Omissão				
	13	é bom para lambari . Havemos de tapear estes marcianos de		13	pear estes marcianos de todos os jeitos. Vou já ao tal					
	14	todos os jeitos. Vou já lá ao tal aparelho detector desarran-		29	que encontrou por ali e começou – pã! pã! pã! – a mar-	Substituição				
	30	que encontrou por ali e começou – pam! pam! pam!								
66	nota de rodapé (1) Vide O Saci. – Vol IV.	66	nota de rodapé (1) Vide O Saci. – Vol IV desta serie.	Adição						
69	9	a primeira a descobrir isso, largou do seu montinho de estre-	69	9	foi a primeira a descobrir isso, largou do seu montinho e	Omissão				
	10	las e começou a brincar de enrolar tal massa nas palmas das		10	começou a brincar de enrolar a massa na palma das mãos	Substituição				
70	21	de todos os modos, como era sua mania. Hipotese, dizia	70	21	de todos os modos, como era sua mania. Hipotese, Te-	Omissão				
	22	ela . Tesehipo, Setepohi, Pohitese...		22	sehipo, Setepohi, Pohitese...					
	23	– Páre, Emilia! Pelo me-		23	– Nem aqui, neste can-	Substituição				
	24	nos aqui, neste canteiro de mun-								
	25	dos, pare de abrir a torneiri-			24			teiro de mundos, ela fecha a	Substituição	
	29	coisa rara , tão rara como folha			29			pla, coisa tão rara como folha	Omissão	
71	2	de cometa naquele cavaliño? Imagine que sucesso! Será	71	2	Ficará sendo o unico animal na Terra a possuir um rabo	Omissão	Substituição			
	3	o unico animal na Terra a possuir um rabo luminoso. O		3	luminoso. A inveja dos outros, hein?	Substituição				
	4	pangaré e todos os mais cavalos hão de morrer de inveja...		5	te, disse Pedrinho. Temos de descobri-lo . Se achassemos	Substituição				
	6	disse Pedrinho. Temos de descobrir e salvar o coitado . Se		23	guiu coloca-las á garupa.	Substituição				
72	24	a mão á boneca e á menina, consegui po-las montadas na	72	5	bolso o meu montinho de estrelas. Espere que já volto.	Omissão				
	6	bolso o meu montinho de estrelas. Espere que já volto.								
73	2	num cometinha, a voar pelos espaços infinitos com	73	4	num cometinha, a voar com incrível velocidade pelos	Ordem				
	3	incrível velocidade , era coisa que quando fosse contada na		5	espaços infinitos , era coisa que quando fosse contada na	Substituição				
	12	Todos os outros habitantes "adultos" da Terra vão dizer		14	Todos os outros habitantes "adultos" da Terra hão de	Substituição				
	16	como diz o tio Teodoreto. Acho, cada vez mais que Peter		18	deus, como diz o tio Teodoreto. Cada vez mais acho que	Ordem				
	22	– Que coisa é, Narizinho?		24	– Que coisa é essa , Narizinho?	Adição				
74	2	um medo horrível de parecer criança, os burros , como se	74	2	um medo horrível de parecer criança, os tolos , como se	Substituição				
	4	velho, por exemplo, um homão, com aqueles bigodes sujos		4	velho, por exemplo, um homão, com aqueles bigodes sar-	Substituição				
	31	– E aquela constelação acolá, que brilha tão lindo?		5	rentos que mais parecem tatoranas, ou mulherona, cheia de	Substituição				
75	5	lira na gaveta, que nos mostrou uma noite e explicou quanto	75	5	lira na gaveta, que nos mostrou certa noite e explicou	Substituição				
	11	– Lira que se escrevia antigamente com y – lyra ,		11	– Estou falando da lira que se escrevia antigamente	Adição				
	12	boba. Estou falando da celebre lira que os antigos usavam,		12	com y – lyra , boba, e que os antigos usavam no tempo	Omissão	Adição			
76	1	no tempo em que não havia nem violão nem piano. Era	76	1	em que não havia violão nem piano. Era uma coisa assim,	Omissão				
	9	ca, que andava com ideias de escrever um poema épico.		8	– "Tocando a lira" não posso dizer? indagou a boneca.	Omissão				
	30	agarradas neste cometinha, e deixar que ele võe pelos espa-		30	agarradas a este cometinha, e deixar que ele võe pelos espa-	Substituição				
77	14	que S. Jorge lhes havia explicado sobre a força de atração	77	14	que S. Jorge lhes explicara sobre a força de atração que	Substituição				
78	9	O cometa grande crescia de tamanho a cada segundo . Foi	78	9	O cometa grande crescia de vulto . Foi ficando imenso,	Substituição	Omissão			
	10	ficando imenso, imenso, imenso á medida que se aproximava		10	á medida que se aproximava do pequeninho . Por fim...	Substituição				
	11	do pequeno . Por fim...								
79	3	Quanto tempo assim estiveram , desmaiadas e como	79	3	Quanto tempo estiveram assim , desmaiadas e como	Ordem				
	15	A boneca arregalou os olhos de retrós .		15	A boneca arregalou os olhos.	Omissão				
	30	burro , Narizinho! Que bom,		29	– E é mesmo o nosso,	Omissão				
				30	Narizinho! Que bom, que bom,					

ANEXO D. Cotejo entre os testemunhos C e D (filtro linha) (cont.)

Testemunho C (1937)			Testemunho D (1940)			Classificação da variante
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
80	2	saudou com um amavel ar de riso.	80	2	saudou com um gentil sorriso.	Substituição
	7	– Não tenha medo, senhor burro. O dragão está na		7	– Não tenha medo. O dragão está na Lua, amar-	Omissão
	11	Nastacia", como todos os outros. Nunca se viu criatura		11	Nastacia", como os outros. Nunca se viu criatura mais	Omissão
	19	– O "senhor Pedro" sumiu. Veio conosco montado		19	– O "senhor Pedro" desapareceu. Veio conosco mon-	Substituição
	26	galopei por estes campos luminosos varias leguas sem des-		26	galopei varias leguas por estes campos luminosos sem des-	Ordem
81	12	Subito, Emilia gritou, de muito longe:	81	12	Subito, Emilia gritou de longe:	Omissão
	17	sentada no chão luminoso, tinha no colo um anjinho ador-		17	Emilia, sentada no chão luminoso, tinha ao colo um anjinho	Substituição
82	15	ha de saber um bom para curar asa quebrada de anjinho.	82	15	ha de saber um bom para curar -lhe a asa quebrada.	Substituição
	16	Vóvó, coitada, vai derrubar o queixo quando enxergar		16	Vovó, coitada, vai derrubar o queixo quando der com a	Substituição
	22	conseguindo assim que ele fosse voltando a si.		22	corpo, conseguindo que ele fosse voltando a si.	Omissão
83	10	O anjinho explicou que andava voando pelo eter, como	83	10	O anjinho explicou que andava de passeio pelo eter,	Substituição
	24	só não posso voltar e, portanto, jamais poderei voltar para		24	só não posso voar e, portanto, jamais poderei voltar para	Substituição
84	20	– E pode se voar, por lá, também? Eu gosto muito	84	20	– E a gente pode voar, por lá? Eu gosto muito de	Substituição
85	5	nela, e os bichos, e as arvores, e tudo, que anjo que cai lá	85	5	pelas ruas, e os bichos, e as arvores, e tudo, que anjo que	Substituição
	16	que ia encontrar por aqui alguem que merecesse bala. Tome.		18	uma bala. Tome.	Adição
86	2	a menina, como que pe-	86	3	que a pedir explicações.	Substituição
	3	dindo explicações.		25	– Olhem lá Pedrinho! exclamou Emilia, que foi a	Adição
	25	– Olhem Pedrinho! exclamou Emilia, que foi a		26	primeira a ve-lo. Lá vem ele, muito lampeiro da vida...	Omissão
	26	meira a ve-lo. Lá vem ele, muito lampeiro da sua vida...				
87	3	Olhei, olhei para todos os lados. Não vi coisa nenhuma, senão	87	3	Olhei para todos os lados. Não vi coisa nenhuma, senão	Omissão
	6	Vim ter justamente ao ponto onde vocês estavam reunidos.		6	Vim ter justamente ao ponto onde vocês estavam.	Omissão
90	8	dadas a Emilia, foi de todos o que brincou com mais gosto.	90	10	de mãos dadas a Emilia, foi de todos o que brincou mais.	Omissão
	15	parece, afinal de contas, que não passa de uma cabeça		17	ra, afinal de contas, não passa de uma cabeça de mosqui-	Omissão
91	9	lhor do que voltar á Lua seria ir á terra dos anjinhos.	91	11	muito melhor do que voltar á Lua seria um passeio á terra	Substituição
	11	teríamos de levar o anjinho de asa quebrada conosco – e		14	teríamos de levar o nosso – e se os outros o agarrassem	Substituição
	25	Esqueci-me de perguntar-lhe isso e agora estou atrapalhado.		27	Esqueci-me de perguntar-lhe e agora estou atrapalhado.	Omissão
92	7	de fumacinhas. Desta vez quem viu primeiro foi o Conse-	92	10	burro.	Substituição
	8	lheiro.		20	ro Sudoeste! Vai muito bem com a sua pessoa, não acha?	Adição
	18	Sudoeste! Vai muito bem com a pessoa, não acha?				
93	1	Todos se riram, inclusive o anjinho, e desde esse mo-	93	1	Todos riram-se, inclusive o anjinho, e desde esse mo-	Ordem
	5	taram todos no Conselheiro, que sem nenhuma lambada		5	taram no Conselheiro, que sem nenhuma lambada (nunca	Omissão
	12	se. Aqui estamos de novo com o burro, digo, com o Conse-		11	-se. Aqui estamos de novo com o Conselheiro Sudoeste, e	Omissão
	22	que, apesar da sua idade avançadissima, jamais ouvira falar		22	se que, apesar da idade avançadissima, jamais ouvira fa-	Omissão
	26	recordar-se com espanto pelo resto da sua vida.		26	recordar-se com espanto pelo resto da vida.	Omissão
94	36	abobalhada, como no dia em que chegou. O choque de vir	94	36	abobada, como no dia em que chegou. O choque de vir á	Substituição
	3	quei que o meu dragão é mansissimo, incapaz de comer		3	pliquei que o dragão é mansissimo, incapaz de comer gen-	Omissão
	14	mãos. Será verdade que os meus olhos estão vendo outra		13	mãos. Será verdade o que os meus olhos estão vendo?	Omissão
96	15	vez Narizinho? Não será um sonho?...	96	14	Não será sonho?...	Omissão
	10	linhos e levou o resto para os seus companheiros.		10	linhos e levou o resto para os companheiros.	Omissão
	16	inda mais sem graça. Vá morar conosco. Dona Benta é		16	gão ainda mais sem graça. Vá morar conosco. Dona Bem-	Substituição
	21	– Mande ás favas a sua missão e vá para o sitio. Ou-		20	– Mande ás favas a missão e vá para o sitio. Ou-	Omissão
97	25	E outros argumentos deu ainda Emilia em favor da	97	24	E outros argumentos ainda deu Emilia em favor da	Ordem
	5	tudo, tirando uma estrelinha do seu lugar e pondo-a nou-		5	em tudo, tirando uma estrelinha dum lugar e pondo-a nou-	Substituição
98	6	quantidade de dolares em ouro para que se construisse o	98	6	quantidade de dolares para que se construisse o teles-	Omissão
99	4	A notícia desse fato, dada por todos os jornais do mun-	99	4	A notícia do acontecimento, dada por todos os jor-	Substituição
	13	Assim que esse jornal publicou essa notícia, o telegrafo		14	Assim que saiu essa notícia, o telegrafo a transmitiu	Substituição
	27	de uma legua (quasi) ofereceu um premio de um milhão de		28	de uma legua (quasi) ofereceu o premio de um milhão de	Substituição
103	7	hei de dar uma busca no seu bolso em caça do tal pó, para	103	7	hei de dar -lhe uma busca no bolso em caça do tal pó, para	Adição
104	9	– Dá licença? gritou dalém da porteira o que vinha na	104	9	– Dá licença? gritou dalém porteira o que vinha na	Omissão
	10	frente, com ar de ser o chefe da embaixada.		10	frente, com ar de chefe da embaixada	Omissão
	33	de todas as partes do mundo, para pedir a intervenção de		33	de todas as partes do mundo, para pedir o apoio de Vossa	Substituição

ANEXO D. Cotejo entre os testemunhos C e D (filtro linha) (cont.)

Testemunho C (1937)			Testemunho D (1940)			Classificação da variante	
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
105	4	– Os desastres sucessivos que de uns tempos para cá	105	4	– Os cataclismos sucessivos, que de uns tempos para	Substituição	
	14	manchas do Sol exercem no nosso planeta.		15	manchas do Sol exercem sobre o nosso planeta.	Substituição	
	24	aqui estamos para pedir a vossa preciosíssima intervenção		25	lência, aqui estamos para pedir a preciosíssima intervenção	Omissão	
	30	dias já que esses diabretes desapareceram daqui, com o		26	de Vossa Excelencia no caso.	Adição	
	35	cabeça tivemos para decifrar este enigma, mas hoje estamos		31	dias que esses diabretes me desapareceram daqui, com o	Omissão	Adição
106	4	oculos outra vez , sinto muito o que está acontecendo e	106	36	beça tivemos para decifrar o enigma, mas hoje estamos	Substituição	
	8	– E como vai fazer a senhora para se comunicar com		5	oculos, sinto muito o que está acontecendo e prometo,	Omissão	
	12	Disse e, chegando á beirada da varanda, botou as mãos		9	– E como vai fazer a senhora para comunicar-se com	Ordem	
	13	em forma de concha na bôca e gritou, com toda a força dos		13	Disse e, chegando á beirada da varanda, levou as	Ordem	
107	9	de dona Benta, lá na Lua os terríveis aventureiros se	107	14	mãos à boca, em forma de concha , e gritou, com toda a	Ordem	
	11	– Lá está vóvó, danada da vida, chamando-nos em		9	de dona Benta, os terríveis aventureiros lá na Lua se	Ordem	
109	13	– Impossível, protestou Emilia. Mudei de ideia . Não	109	9	– Lá está vóvó, furiosa da vida, chamando-nos em	Ordem	
	15	bita. Ele agora tem uma orbita, onde está girando sem		11	– Impossível, protestou Emilia. Não podemos ir	Omissão	
	22	– Eureka! Eureka! gritou ela batendo palmas para		12	antes de arrancar o dr. Livingstone da sua orbita. Ele tem	Ordem	
	4	o papelzinho de seda que veio embrulhando a bala que dei		13	agora uma orbita, onde está girando sem parar em torno	Ordem	
110	5	ao anjinho. Lapis é o de menos. Ha carvão na cratera de	110	20	– Eureka! Eureka! gritou, batendo palmas para cha-	Omissão	
	4	mim tambem nos braços . Quero ir segurando na mãozinha		2	o papelzinho de seda que veio embrulhando a bala do an-	Substituição	
112	16	a qual já muito conversamos. E esta bonequinha cá é a tal	112	22	mim tambem. Quero ir segurando na mãozinha dele...	Omissão	
	18	o celebre dr. Livingstone, que foi fabricado por tia Nastacia		16	a qual já muito conversamos. E esta bonequinha é a tal	Omissão	
113	8	O assombro dos astrônomos subiu varios pontos mais .	113	18	o celebre dr. Livingstone, fabricado por tia Nastacia para	Omissão	
	10	estado naquelas alturas. Mas como eram homens “adultos”,		8	O assombro dos astrônomos aumentou varios pontos.	Substituição	Omissão
114	1	Desta vez os sabios ficaram seriamente impressionados.	114	10	estado naquelas alturas. Mas como eram seres “adultos”,	Substituição	
	10	– Hipoteses são as petas que os senhores nos pregam,		1	Desta vez os astrônomos ficaram seriamente impres-	Substituição	
	20	tudo o que lhes dissemos, sem esse ar de ironia que vejo nas		10	– Hipoteses são as petas que os senhores nos pregam,	Substituição	
116	9	gine! E por falar nisso , disse voltando-se para a boneca,	116	20	tudo o que lhes dissemos, sem esse ar de ironia que vejo nas	Substituição	
	6	que são Pedrinho disse que era a Lua.		9	gine! E por falar, disse voltando-se para a boneca, onde	Omissão	
118	30	– E os meninos não se aterrorizaram?	118	18	que Pedrinho disse que era a Lua.	Omissão	
	34	pois voltava para contar o que havia sucedido .		24	– E os meninos não se amedrontaram?	Substituição	
				26	depois voltava.	Omissão	

ANEXO E. Solicitações dos testemunhos C efetivados em testemunho D

Testemunho C (1937)			Testemunho D (1940)
Página	Linha	Texto	
11	11	<sêo> Pedrinho trouxe da cidade aquele livrão <grande>/\grande\ que tem	Omissão
12	18	de pescoço comprido, <qual>/que nem\ uma abobora menina. O mar-	/como\
	25	– Não pode ser redonda, <sêo> Pedrinho, disse ela. A	Omissão
13	14	<vapor>/as chaminés\, está entendendo? E em ultimo lugar desaparece	/ponta dos mastros\
14	3	redonda. Mas es<t>/s\ a sua prova está asnatica<, >.\<com perdão da	Substituição
	28	tão, <senhora Fada de Pixe?>/bobona?\	Omissão
15	15	ela. Quando fica atrapalhado, agarra o atrapalhador e <o>/bota-o para fora!\	/o empurra para a cozinha\
	16	<o tranca na cozinha>! <Desse modo até o senhor!> /Por esse processo, até o\ marquês de	
16	17	desse <notavel> personagem, na celebre expedição ao País das	Omissão
	25	(1) <Vide "Novas" Reinações de Narizinho" <- Vol. 4 - desta serie>.	1. Vide <i>Reinações de Narizinho</i> – Vol. 1º desta serie.
19	15	contado, muito em <grande> segredo, que o dr. Livingstone “era pro-	Omissão
	24	saiu feio demais, e agora<m> fizeram sem querer um doutor	Composição
26	5	<travessa>, confirmou /cinicamente\ a boneca.	/prato\ Adição
37	7	– Se ao menos eu /o\ tivesse deixado <o burro> solto...	Substituição
42	36	/\indicar a cada um deles.	Composição
47	9	com uma historia de rapé do coronel Teodo<rico>/miro\ e me fizeram	Substituição
49	10	da Terra, isto é, vivia girando em torno <dela>/da Terra\, gastando 27	Substituição
56	10	cançar esse cometa/?\	Adição

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
39	22	V	49	25	VII
	23	Uma lição de Astronomia		26	Coisas da Lua
	24	QUEM é você, bonequinha? perguntou S. Jorge pa-		27	QUEM é você, creaturinha? perguntou São Jorge pa-
	25	rando diante dela.		28	rando diante dela.
	26	– Emilia, marquesa de Rabicó, sua criada.		29	– Eu sou a Emilia, antiga marquesa de Rabicó, sua criada,
				30	respondeu a boneca, muito lampeira e lambeta.
	27	O santo guerreiro ficou na mesma. E ainda estava na	1	O santo ficou na mesma. E ainda estava na mesma,	
	28	mesma, sem compreender nada do estranho fenomeno,	2	sem compreender coisa nenhuma, quando viu aparecerem	
	29	quando viu aparecerem Pedrinho e Narizinho, com tia Nas-	3	Pedrinho e Narizinho com tia Nastacia atrás, de mãos	
	30	tacia atrás, de mãos postas, rezando quantas rezas sabia.	4	postas, rezando atropeladamente quantas rezas sabia.	
40	1	– Como conseguiram chegar até aqui? perguntou S.	5	– Como conseguiram chegar até aqui? perguntou	
	2	Jorge. Isto me parece a maravilha das maravilhas.	6	ele. Isto me parece a maravilha das maravilhas.	
	3	– O pó de pirlimpimpim nos trouxe, respondeu Pe-	7	– Foi o pó de pirlimpimpim que nos trouxe, respon-	
	4	drinho, deixando de novo o santo na mesma.	8	deu Pedrinho – e dessa vez São Jorge ficou na mesmis-	
	5	– Não conheço semelhante veiculo, disse ele, mas	9	sima.	
	6	deve ser poderosissimo. Varias vezes os homens têm tem-	10	– Não conheço semelhante droga, disse ele, mas	
	7	tado vir á Lua, mas inutilmente. Um houve que veio numa	11	deve ser das mais energicas, porque a distancia da Terra	
	8	bala de canhão. O tiro, porém, foi mal calculado. A bala	12	á Lua é de 96 mil leguas – um bom pedaço!	
	9	passou por cima da Lua. O viajante não pôde desembarcar	13	Pedrinho riu-se e respondeu numa giria que o santo	
	10	e ficou rodando em redor da Lua, feito um satellite. De-	14	não podia entender:	
	11	pois não sei que fim levou (1).	15	– Para o nosso pó essa distancia é a canja das can-	
	nota de rodapé	1. Julio Verne – <i>Viagem da Terra á Lua</i> .	16	jas. Num pisco devoramos essas 96 mil leguas como se	
	12	S. Jorge vivia ali desde o tempo do imperador Deocle-	17	fossem um biscoitinho de polvilho dos que derretem na boca.	
		18	O santo admirou-se da maravilha e disse:		
		19	– Estimo muito, mas saiba que inumeros homens tem		
		20	tentado vir á Lua e bem poucos o conseguiram. O ultimo		
		21	veio dentro duma bala de canhão, num tiro mal calculado.		
		22	A bala passou por cima da Lua e ficou rodando em redor		
		23	dela. Não sei quem foi esse maluco.		
		24			
		25	– Eu sei! gritou Pedrinho. Foi um personagem de		
		26	Julio Verne, no romance DA TERRA Á LUA. Vóvo já nos		
		27	leu isso.		
		28			
		29	São Jorge estava ali desde o reinado do imperador		

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
40	13	ciano, sem ter com quem dar uma prosinha, de modo que	50	25	Diocleciano, sem outra companhia a não ser o dragão, de
	14	sentiu grande alegria em ver em seus domínios aquelas		26	modo que ficava muito alegre quando alguém aparecia por
				27	lá. Mas como era raro! Um dos “lueiros” mais interes-
				24	santes foi um tal de Cirano de Bergerac, que por lá andou e
				25	escreveu uma obra celebre. E agora aparecia todo um
	15	criaturas humanas. Indagou de tudo, soube quem eram,		26	grupo de criaturas – duas crianças, uma negra velha,
				27	uma bonequinha... E com imenso prazer o santo come-
			1	çou a indagar de tudo – quem eram, como se chamavam,	
			2	onde moravam, e que negra tão exquisita era aquela.	
	16	pediu notícias de dona Benta e do dr. Livingstone. Em	51	3	– E o senhor? quis saber Emi-
	17	seguida narrou a sua vida na Lua, tim-tim por tim-tim.		4	lia depois que tudo foi explicado.
				5	Agora que sabe a nossa historia, con-
				6	te-nos a sua.
				7	São Jorge contou que nascera
				8	principe da Capadocia e tivera no
				9	mundo vida muito agitada. A sua luta
				10	contra o poderosissimo magico Atana-
				11	sio ficou historica. Por fim fez-se
				12	cristão e em virtude disso padeceu
				13	morte cruel numa das matanças de
				14	cristãos ordenadas pelo imperador
				15	Diocleciano. Depois da morte veio
				16	morar na Lua.
				17	– E sabe que é hoje o patrono da
				18	Inglaterra? lembrou Narizinho.
				19	Vóvó diz que o senhor é o santo mais
			20	graúdo de todos, porque dá o nome a	
			21	muitas ordens de cavalaria e tem apa-	
			22	recido até em moedas de ouro.	
			23	São Jorge não sabia nada da-	
			24	quilo, nem sequer que era santo, por-	
			25	que só depois de sua morte é que co-	

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)					
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto			
			51	26	meçou a virar tanta coisa. Também			
				27	não sabia o que era ser “patrono da			
				28	Inglaterra”, nem o que significava			
				29	isso de “ordens de cavalaria”. Os me-			
				30	inhos tiveram de dar-lhe uma lição			
				31	de tudo.			
				32	– Mas não posso compreender			
				33	onde vem a minha importancia, o			
				34	meu “graudismo”... declarou ele com			
			35	toda a modestia, pensativamente.				
			40	18	– E o dragão? perguntou Pedrinho. Conte-nos a	52	1	– Eu sei! berrou Emilia. E’ por causa do dragão e
				19	historia do dragão.		2	dessa armadura de guerreiro. Santos de camisolão e por-
20	S. Jorge disse que se tratava dum dragão que ele	3		retinho podem ser muito milagrosos, mas não impressio-				
21	estava matando com a sua lança havia seculos.	4		nam. Diga-me uma coisa: onde é que descobriu esse				
22	– Mas por que não o mata dum vez? perguntou	5		dragão?				
23	Emilia.	6		O santo contou que era um monstro que ele havia				
24	– Não posso. Todos lá na Terra estão acostuma-	7		matado certa vez em que o encontrou prestes a devorar a				
25	dos a dizer: “Olhem lá S. Jorge matando o dragão”. Se	8		filha do rei da Libia.				
26	eu o matar dum vez, ninguem mais poderá dizer isso, alem							
27	de que ficarei muito sozinho aqui, sem ter o que fazer.							
28	Depois das explicações indispensaveis S. Jorge fincou							
29	a lança no chão e sentou-se entre os dois meninos, no pico							
30	duma cratera.							
31	A vista de lá era maravilhosa. De todos os lados, es-							
32	treias piscantes, cometas de caudas imensas e planetas							
41	1	que não fazem outra coisa senão girar em torno do Sol.						
	2	S. Jorge os foi apontando e explicando quais eram.						
	3	– Aquele lá, bem pertinho do Sol, chama-se Mer-						
	4	curio. Tem um diametro de 4.800 quilometros e tem anos						
	5	de 87 dias.						

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
41	6	Narizinho fez cara de espanto.			
	7	– Como isso? indagou. Pois os anos não são iguais			
	8	em toda a parte?			
	9	– Não, menina. Um ano quer dizer o espaço de tem-			
	10	po que um planeta leva para dar uma volta inteira em redor			
	11	do Sol. A Terra, que é o planeta onde vocês moram, dá			
	12	essa volta em 365, porisso um ano da Terra tem 365			
	13	dias. Mercurio, porém, como está mais proximo do Sol,			
	14	dá sua volta em 87 dias, por isso um ano em Mercurio só			
15	tem 87 dias.				
42	1	– Quer dizer que se eu tivesse nascido em Mercurio			
	2	estaria com muito mais de trinta anos de idade, em vez dos			
	3	oito que tenho! disse Narizinho, que era muito boa para calculos			
	4	de cabeça.			
	5	– Certamente, confirmou S. Jorge. E teria 13 anos			
	6	se fosse nascida em Venus, que é aquele planeta lá. O			
	7	ano em Venus tem 224 dias. Venus é o dobro de Mercurio			
	8	em tamanho, sendo um pouquinho menor do que a Terra.			
	9	Mede 12.300 quilometros de diametro.			
	10	– E a Terra, quantos quilometros mede? Perguntou			
	11	Emilia.			
	12	– 12.658.			
	13	– Nao parece, observou Narizinho, de olhos postos			
	14	no planeta onde moramos. Vista daqui, tem o tamanho			
	15	duma casa. E qual é o planeta maior de todos?			
16	– Jupiter. Tem 139.000 quilometros de diametro,				
17	ou sejam onze vezes o diametro da Terra.				
18	– E o ano lá, quantos dias tem?				
19	– O ano de Jupiter tem onze anos dos da Terra.				
20	– Um ano de onze anos! exclamou Narizinho muito				
21	admirada. Quer dizer que se eu tivesse nascido em Jupi-				
22	ter não teria nem um ano de idade ainda...				
23	– Mais interessante seria se você tivesse nascido em				
24	Netuno, que é o planeta mais afastado do Sol, e portanto				

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
42	25	aquele em que o ano é mais comprido. Um ano de Netuno			
	26	tem 164 anos dos da Terra. Se você fosse nascida lá teria			
	27	apenas uns dias de idade.			
	28	– Que graça! E quais são os outros planetas?			
	29	– Temos ainda tres – Marte, que é bem pequeno,			
	30	metade da Terra, com ano de 686 dias; Saturno, que é			
	31	quasi do tamanho de Jupiter, com ano de 29 anos e Urano,			
	32	que é do tamanho exato de Netuno e tem um ano de 84			
	33	anos.			
	34	Depois S. Jorge desenhou na areia os “símbolos” de			
	35	cada planeta, isto é, o sinal que os astrônomos usam para			
36	indicar a cada um deles.				
43	1	– O simbolo de Mercurio é assim, disse,			
	2	e desenhou no chão, com a ponta da lança, a			
	3	seguinte figura:			
	4	O simbolo de Venus é este, e			
	5	desenhou isto:			
	6	A Terra tem dois			
	7	simbolos. Este: e este:			
	8	O de Marte é			
	9	este, e dese-			
	10	nhou isto:			
	11	O de Jupiter			
	12	é assim, e dese-			
	13	nhou isto:			
	14	Emilia achou graça nesse simbolo.			
	15	– Parece um 24 de avarento, disse ela.			
	16	– Por que? indagou S. Jorge.			
	17	– Porque economiza uma perninha...			
18	S. Jorge riu-se. De-				
19	pois desenhou o simbolo				
20	de Saturno, assim:				
21	E o de Urano,				
22	assim:				

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
43	23	E finalmente o de Netuno, assim:			
	24	– Esse eu conheço, disse Pedrinho. E' o celebre tri-			
	25	dente de Netuno, o deus das aguas. Ele usava esse garfo			
	26	de tres dentes com certeza para fisgar tres peixes de cada			
	27	garfada...			
44	1	– E são todos habitados, como a Terra?			
	2	– Não sei, respondeu S. Jorge. Nunca fui lá			
	3	para ver. E' possivel que sejam habitados por seres muito di-			
	4	versos dos que conhecemos na Terra.			
	5	– Pois nós estamos dispostos a ir a todos eles para			
	6	verificar esse ponto, disse Pedrinho muito convencido.			
	7	– Mas tomem cuidado. Mercurio queima como o			
	8	Sol; E Netuno, Urano e Saturno são planetas geados. Evi-			
	9	tem pisar neles.			
	10	Enquanto conversavam o tempo ia passando e a Lua			
	11	completava o seu giro, de modo que logo puderam ver a			
	12	face da Terra que mais interessava aos meninos.			
	13	– Lá está o continente americano bem visível, disse			
	14	Pedrinho apontando. Aquele rabo lá do fim é a tal Pata-			
	15	gonia, onde dizem ha uns patagões que são os homens			
	16	mais altos do mundo. Aquela ponta bem em cima é a tal			
	17	Alaska, que os norte-americanos compraram da Russia			
	18	em 1867 por 7.200.000 dolares.			
	19	S. Jorge, que havia saído da terra muito antes desse			
	20	tempo, ficou admirado dos conhecimentos de Pedrinho.			
	21	Por mais incrivel que parecesse, estava a aprender mil			
	22	coisas com o menino.			
	23	– E lá é o Brasil, continuou Pedrinho, aquele país			
	24	grandão que olha para o Oceano Atlântico.			
25	S. Jorge era anterior ao descobrimento do Brasil, de				
26	modo que Pedrinho teve de contar toda a historia de Pe-				
27	dro Alvares Cabral e o mais que no Brasil aconteceu do				
28	ano de 1500 para cá.				
29	– E lá está o sitio de dona Benta, onde nós mora-				

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
44	30	mos, disse Emilia. Estou vendo tudo direitinho, como se			
	31	estivesse presente.			
	32	Todos duvidaram.			
	33	– Impossível, Emilia. Você está a mangar conosco.			
	34	– Estou vendo, sim, afirmou ela. Estou até vendo			
	35	dona Benta no terreiro, furiosa por termos saído sem lhe			
45	1	dizer nada. E sabem o que mais estou vendo? O chiquei-			
	2	rinho de Rabicó, com ele dentro, dormindo, de boca aber-			
	3	ta. Só não consigo ouvir os roncos, por causa da distancia.			
	4	– Jura que está vendo mesmo, Emilia?			
	5	– Juro! disse a boneca com todo o caradurismo.			
	6	S. Jorge ficou espantado. Conhecia muita gente de			
	7	ótima vista, mas nunca supões que houvesse alguém capaz			
	8	de enxergar tão longe como a boneca.			
	9	– Meus parabens, senhora marquesa! disse ele.			
	10	Seus olhinhos são mais poderosos do que os telescopios			
	11	dos astrônomos. Quem me dera possuir olhos assim!			
	12	– Nada mais fácil, respondeu a boneca. Tia Nas-			
	13	tacia está aqui conosco. Ela sabe fazer uns olhos de re-			
	14	trós danados de enxergar longe. Se quer, peça a ela			
	15	que lhe arranje um par de olhos como os meus...			
			52	9	– Mas se o matou, como é que o dragão está vi-
				10	vinho aqui?
				11	– Misterios deste mundo de misterios, gentil bone-
				12	quinha. Eu também fui morto e no entanto todos lá da
				13	terra (segundo vocês dizem) me vêem aqui nesta Lua, á
				14	cavalo, de lança erguida contra o dragão. Misterios deste
				15	mundo de misterios.
				16	Enquanto as crianças se entretinham com São Jorge,
				17	tia Nastacia o espiava de longe, fazendo volta e meia um
				18	tremulo pelo-sinal. A pobre negra não entendia coisa
				19	nenhuma do que estava se passando...
20	Pedrinho começou a fazer perguntas sobre a Lua, que				
21	São Jorge respondia com verdadeira paciência de santo.				

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
			52	22	– Pois isto aqui, meus meninos, é o satélite da nossa
				23	querida Terra. Satélite vocês devem saber o que é...
				24	– Eu sei! gritou Emilia. E' como um cachorro que
				25	segue o dono!...
				26	São Jorge riu-se.
				27	– Sim. Satélite é uma coisa que segue outra, e na
				28	linguagem astronômica é um planeta que gira em redor de
				29	outro planeta.
				30	– Eu também sei o que é planeta, disse Emilia com
				31	todo o oferecimento (parecia até que estava namorando
				32	São Jorge). E' um astro que gira em redor do Sol, e é
				33	também o nome duns arados que dona Benta tem lá no
				34	Sítio...
				53	1
			2		redor do Sol e o satélite gira em redor do planeta. A Lua
			3		é o satélite da Terra; é uma filha da Terra, hoje mais
			4		velha que a mãe.
			5		Os meninos admiraram-se.
			6		– Mais velha como? indagou Pedrinho. De que modo
			7		uma filha pode ser mais velha que a mãe?
			8		– Ha filhas que envelhecem mais depressa que as
9	mães, respondeu o santo – e Emilia confirmou essa ideia				
10	com a citação do caso duma Nhá Vica que morava perto				
11	da casinha do Tio Barnabé. “A Nhá Vica é filha da Nhá				
12	Tuca e está dez vezes mais velha que a mãe por causa				
13	dum tal reumatismo”.				
14	São Jorge riu-se e explicou:				
15	– A velhice dos astros não se mede pelos anos que				
16	eles têm e sim pelo grau de resfriamento a que chegaram.				
17	O Sol, por exemplo, é o pai de todos os planetas e no en-				
18	tanto mostra-se muito mais jovem que esses filhos. Por				
19	que? Porque está custando muito a esfriar.				
20	– Eu sei a razão, declarou Pedrinho. E' por causa				
21	do tamanho. Já fiz a experiência lá em casa. Esquentei				

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)					
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto			
			53	22	no fogão uma bola de ferro grande e uma pequenininha.			
				23	A grande levou muitissimo mais tempo para esfriar.			
				24	– Exatamente, aprovou o santo. O Sol tambem há			
				25	de acabar tão resfriado quanto esta Lua, mas isto só daqui			
				26	a milhões de seculos. O Sol, que é muitissimas vezes			
				27	maior que a Terra, levará muito mais tempo para resfriar.			
				28	A Lua sendo 49 vezes menor que a Terra, tinha de res-			
				29	friar-se muito mais depressa.			
				30	– E não ha vida por aqui? indagou Pedrinho. A			
				31	opinião geral entre os homens é que a Lua é um astro			
				32	totalmente morto, sem vida humana.			
				33	– Eu tambem julguei que assim fosse, disse São			
				34	Jorge, mas ao vir para cá verifiquei o contrario. Ainda há			
				54				1
			2					muito mais adiantada que na Terra, de modo que nós
			3					nem reconhecemos os animais e as plantas daqui. São
			4					diferentissimos. Tambem o ar é muito rarefeito, de modo
			5					que os animais e as plantas tiveram de adaptar-se a essa
			6					situação.
			7					– Então o ar da Lua é rarefeito assim? Perguntou
			8					Pedrinho, já com um começo de falta de ar – e quando
			9					soube que era varias vezes mais rerefeito que o ar da
			10					Terra, ficou numa grande aflição, a respirar precipitada-
			11					mente – e todos fizeram o mesmo. Emilia chegou a dar
			12					escandalos com a sua falta de ar...
			13					Depois São Jorge contou que a Lua gasta um mês
			14					para dar uma volta em redor da Terra; mas como não
			15	regira sobre si mesma, está sempre com a mesma face				
			16	voltada para a Terra.				
			17	– Isso eu sei, gritou Emilia, porque desde que vim				
			18	ao mundo sempre vi a Lua com a mesma cara. E é porisso				
			55				1	que gosto da Lua. Tenho odio ás criaturas de duas
							2	caras...
3	São Jorge explicou que pelo fato da Lua gastar um							

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
				4	mês para dar uma volta em redor da Terra, os dias ali
				5	eram compridíssimos e as noites também.
				6	– Cada dia aqui equivale a 15 dias lá da Terra; e
				7	cada noite equivale a 15 noites de lá. E por causa disso
				8	só ha duas estações: verão e inverno. O verão é o dia;
				9	o inverno é a noite. O dia é quentissimo e a noite é ge-
				10	ladissima.
				11	– Nesse caso, quantos dias de 24 horas tem o ano
				12	aqui? perguntou Narizinho.
				13	– Tem 12 dias – cada dia correspondendo a um mês
				14	lá da Terra.
				15	Todos se admiraram.
				16	– Quer dizer então, lembrou a menina, que se eu
				17	fosse nascida na Lua teria apenas 120 dias de idade –
				18	4 meses?
			55	19	– Exatamente. Se lá na Terra você tem 10 anos,
				20	aqui teria 4 meses. Seria uma nenezinha...
				21	– Que graça! exclamou Emilia. E dona Benta? Que
				22	idade teria dona Benta, se fosse lunatica?
				23	– Dois anos e 4 meses – mas “lunatico” quer dizer
				24	“maluco” e não “habitante da Lua”. Os habitantes da Lua
				25	chamam-se “selenitas”.
				26	– Por que?
				27	– Porque em grego o nome da Lua é “Selene”. Se-
				28	lenita é uma palavra derivada do grego.
				29	Pedrinho quis saber das montanhas e mares da Lua,
				30	e contou que num livro de Flammarion vira um mapa da
				31	Lua cheio de nomes de mares e montanhas. E com grande
				32	admiração do santo foi dizendo os nomes daqueles mares
				33	e montes. Falou no Mar da Serenidade, no Mar das Cri-
				34	ses, no Mar das Chuvas, no Mar das Nuvens, no Mar do
				35	Nectar...
			56	1	– Esse eu quero conhecer! berrou Emilia. Tomar
				2	banho no Mar do Nectar deve ser batata!...

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)			
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
			56	3	São Jorge franziu a testa. “Batatal?” Nem batata ele	
				4	sabia o que era, quanto mais batatal! Pedrinho teve pri-	
				5	meiro de contar a historia da batata, que apareceu no	
				6	mundo depois da descoberta da America, para depois ex-	
				7	plicar o que Emilia queria dizer com o tal “batatal”.	
				8	– Quando uma coisa é muito boa, mas boa mesmo	
				9	de verdade, Emilia vem sempre com esse “batatal”...	
				10	Em seguida Pedrinho desfiou o nome das montanhas	
				11	da Lua, que havia visto no mapa do Flammarion.	
				12	– Ha inumeras montanhas, disse ele, batisadas com	
				13	o nome de astronos e sabios celebres. Ha a Montanha	
				14	de Fabricio, a de Clavio, a de Plinio, a de Platão, a de Aris-	
				15	toteles, a de Copernico... Vóvó diz que a Lua é o cemiterio	
				16	dos astronos. A Ciencia os vai enterrando nestas mon-	
				17	tanhas aqui.	
				57	1	São Jorge admirou-se daquilo e contou que a monta-
					2	nha que dali avistavam era a mais alta da Lua. “Então
			3		deve ser o Monte Leibnitz, com 7610 metros de altura, o	
			4		mais alto de todos”, explicou Pedrinho.	
			5		São Jorge achou muito interessante a ideia que os	
			6		homens faziam da Lua, mas declarou que havia erros.	
			7		– Os Mares, por exemplo, disse ele, não são mares,	
			8		são imensas florestas das plantas que existem aqui.	
			9		– E que plantas são essas? quis saber Pedrinho.	
			10		– São as plantas que a nossa Terra vai ter quando	
			11		ficar velhinha como a Lua. Hoje você olha e nem entende	
			12		essas plantas. Como tambem não entende os animais da-	
			13		qui, de tão diferentes que são dos da Terra. Isso de 15	
			14		em 15 dias a Lua passar dum terrivel verão para um terrivel	
			15		inverno fez das plantas e dos animais lunares umas coisas	
			16		que nem entendemos. E tambem muito influiu a rarefa-	
			17		ção do ar. Os animais tiveram que tornar-se quasi que só	
			18	pulmões. São verdadeiros pulmões animalizados. A Emi-		
			19	lia ha pouco manifestou vontade de ver um gatinho e um		

(cont.)

ANEXO F. Cotejo do capítulo V do testemunho D e VII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
			57	20	cachorrinho da Lua – mas se os visse nem sequer os re-
				21	conheceria. São mais pulmões-bichanos do que gatos...
				22	– Eu quero ver um pulmão-bichano! berrou Emilia.
				23	Eu quero ver um pulmão-tótó!...
				24	– E' difícil, informou o santo. Além de serem raros,
				25	esses animais andam muito bem ocultos no fundo dessas
				26	crateras, onde ainda ha uns restos de agua.
				27	– Por falar em cratera, como ha disso por aqui!
				28	observou Pedrinho. Parece que antigamente a Lua não
				29	fazia outra coisa senão brincar de vulcão.
				30	– Realmente, concordou o santo. O numero de cra-
				31	teras na Lua é prodigioso, mas estas crateras não são de
				32	vulcões. São de bolhas que arrebentaram, quando isto
				33	aqui era tudo pedra derretida.
				34	– Como bolhas de sabão de cinza no taxo, explicou
				35	Emilia.

ANEXO G. Cotejo do capítulo VII do testemunho D e X do testemunho E (equivalência conteúdo)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)			
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
49	1	VII	66	1	X	
	2	A Terra vista da Lua		2	Mais Vistas da Terra	
	3	NAQUELE dia só era possível verem a face da Terra				
	4	que estava voltada para a Lua, justamente a face em				
	5	que figuravam o continente americano e o oceano Atlântico.				
	6	Para verem a outra, onde estavam a Europa, a Ásia e a				
	7	África, tinham de esperar diversas horas, até que a Terra				
	8	dêsse meia volta.				
	9	A Lua, como havia explicado Pedrinho, era um satélite				
	10	da Terra, isto é, vivia girando em torno da Terra, gastando				
	11	27 dias para dar uma volta inteira. Satélite quer dizer um				
	12	planetinha de planeta grande. A Lua, na sua qualidade de				
	13	satélite, tem de passar a vida nesse gira-gira em torno da				
	14	Terra, e ainda acompanha-la na volta que a Terra dá em				
	15	redor do sol cada ano.				
	16	Quando a outra face da Terra se mostrou completa-			3	HORAS depois a vista daquela enorme Terra pendu-
	17	mente voltada para a Lua, os meninos puderam ver os ou-			4	rada no céu já estava completamente mudada, e
	18	tros continentes.			5	Pedrinho retomou as suas lições de geografia a São Jorge.
	19	– Lá está a Europa, disse Pedrinho, que era o sabidão			6	– Lá está o continente europeu! disse ele. Aquelas
	20	do grupo. Aquela ilha deste lado é a Inglaterra, com os seus			7	ilhas naquele ponto (e apontava) são as Ilhas Britânicas,
	21	ingleses. Mais adiante temos a Noruega, com os seus fjords.			8	ou Grã-Bretanha – a tal Bretanha sem nenhuma impor-
	22	– E as suas sardinhas também, acrescentou a menina,			9	tância no tempo do seu amigo Diocleciano. Mais adiante
	23	que gostava muito das sardinhas norueguesas.			10	temos a Noruega com os seus fjords...
			11	– E suas sardinhas também, acrescentou Emilia. As		
			12	sardinhas da Noruega viajam pelo mundo inteiro nuns		
			13	barquinhos fechados, chamados “latas”.		
			14	São Jorge não entendeu, porque no seu tempo não		
			15	havia latas. Pedrinho continuou:		
			16	– A tal Rússia, que o senhor queria saber onde fica-		
			17	va, lá está – aquele país grandão. É a terra dos russos		
			18	barbudos, dos cossacos, do caviar, das dansas lindas e		
			19	dos soviets. Foi onde Napoleão levou a breca.		
			20	– Quem é esse leão? perguntou o santo.		
			21	– Um grande matador de gente, explicou Pedrinho.		
			22	Depois de matar milhões de criaturas na Europa, resolveu		
			23	matar russos, e invadiu a Rússia com um exército de 600		
			24	mil homens. Chegou até Moscou, que era a capital. Mas		
			25	sabe o que os russos fizeram? Assim que Napoleão foi		
			26	se aproximando, tocaram fogo nas casas e retiraram-se		
50	1	é verdade, e chegou até à cidade de Moscou. Os russos,	66			
	2	porém, assim que ele se aproximou, abandonaram a cidade				
	3	e deitaram fogo a todas as casas. Napoleão, apesar da sua				

(cont.)

ANEXO G. Cotejo do capítulo VII do testemunho D e X do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
50	4	esperteza, viu-se logrado. Em vez de conquistar, depois de	66	27	– e o pobre Napoleão, em vez de conquistar uma cidade,
	5	tanto trabalho, a capital das Russias, conquistou uma fo-		28	conquistou uma fogueira.
	6	gueira. Em vista do que resolveu voltar com o seu exercito		29	– Bem feito! exclamou Emilia.
	7	para a França, isso na peor quadra do ano, em pleno in-		30	– Em vista disso, continuou Pedrinho, o conquista-
	8	verno. Resultado: os russos cairam-lhe em cima e o perse-		31	dor não teve outro remedio senão voltar para a França
	9	guiram até ás fronteiras, dizimando o seu grande exercito		1	com o seu exercito. Essa França era a Aquitania do tempo
	10	dum modo horroroso. Vovó sabe contar essa historia com		2	de Diocleciano. Mas o inverno russo estava bravo, e os
	11	tais côres que até arrepia os cabelos da gente.		3	dois, o inverno russo e o exercito russo, cairam em cima
				4	dos franceses, fazendo uma horrorosa matança. Só vinte
				5	e tantos mil homens, dos 600 mil, conseguiram atravessar
				6	a fronteira, imagine! Vóvó conta a historia de Napoleão
			7	na Russia dum modo que até arrepia os cabelos da gente.	
			8	São Jorge sacudia a cabeça, pensativo. Tudo lhe	
			9	eram novidades.	
			10	– E lá aquela bota, Pedrinho? perguntou Emilia	
	12	– E lá, aquela bota? perguntou Emilia.	11	apontando.	
	13	– Lá é a Italia, com os seus italianos. E' uma bota dando	12	– Pois é a Italia dos italianos. Lá é que ficava a	
	14	um pontapé na Sicilia.	13	tal Roma do tal Diocleciano, amigo cá do nosso São Jorge.	
	15	– Coitada! Quem é essa infeliz? indagou a boneca.	14	Repare que a bota italiana está dando um pontapé numa	
	16	– Uma ilha, não vê? Está separada da ponta da bota	15	ilha – a Sicilia.	
	17	por um estreito chamado o estreito de Messina.	16	– Bem feito! exclamou a boneca.	
	18	– E aquelas duas outras, perto do cano da bota? per-			
	19	guntou a menina.	17	– E aquelas duas ilhas perto do cano da bota? per-	
	20	– A maior é a ilha da Sardinha e a menor é a ilha	18	guntou Narizinho.	
	21	da Corsega, onde nasceu Napoleão.	19	– A maior é a ilha da Sardenha ou Sardinha, e a	
	22	– Que desaforo! exclamou Emilia. A ilha de Napo-	20	menor é a ilha da Corsega, onde nasceu o tal Napoleão.	
	23	leão menor que a ilha da Sardinha! Para que uma sardinha	1	– Que desaforo, a ilha de sardinha ser maior que a	
	24	precisa duma ilha desse tamanho? Eu, se fosse fazer o	2	de Napoleão! exclamou Emilia. Para que quer uma sar-	
	25	munho...	3	dinha uma ilha tão grande assim? Eu, se fosse fazer o	
	26	– Já sei, interrompeu Narizinho, dava a ilha maior	4	munho...	
	27	para Napoleão e a menor para a sardinha, não é?	5	– Já sei, interrompeu a menina – dava a ilha maior	
28	– Não, disse a boneca. Dava as duas para Napoleão	6	a Napoleão e a menor á sardinha, não é isso?		
29	e para a sardinha dava uma lata. As sardinhas precisam	7	– Não! gritou a boneca. Dava as duas para Napo-		
30	muito mais de latas do que de ilhas.	8	leão e á sardinha dava uma lata. As sardinhas precisam		
31	S. Jorge riu-se da bobagenzinha da boneca, embora	9	muito mais de latas do que de ilhas.		
		10	Todos riram-se, menos São Jorge, que não entendia		

(cont.)

ANEXO G. Cotejo do capítulo VII do testemunho D e X do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
50	32	não compreendesse bem o que ela queria dizer com aquelas		11	aquele negocio de latas.
	33	latas. No tempo em que ele viveu na Terra ainda não havia		12	– E aquela terra grandalhona em baixo da Europa?
	34	sardinhas em lata.		13	perguntou Narizinho apontando.
	35	– E lá, aquela terra grandalhona? perguntou Nari-		14	– Pois lá é a Africa, não vê? Dentro fica o deserto
	36	zinho, apontando.		15	do Saara, com os seus oasis tão lindos, as caravanas de
51	1	– Pois é a Africa, não vê? respondeu Pedrinho. Den-	68	16	camelos, as palmeiras que dão tamaras gostosas.
	2	tro existe o deserto do Saára, com os seus oases, as suas		17	– E a terra dos boers que fizeram guerra aos in-
	3	caravanas de camelos, as suas palmeiras que dão tamaras.		18	gleses? Onde fica?
	4	– E onde é a terra dos boers do Transvaal, que fize-		19	– Essa é bem no fim da Africa, naquela pontinha.
	5	ram guerra aos ingleses?		20	Lá exista a cidade do Cabo, que é a capital.
	6	– Esses moram no fim da Africa, ao sul. Bem na		21	Emilia deu uma risada gostosa.
	7	pontinha – está vendo? – fica a cidade do Cabo, que é a		22	– Um cabo que tem cidade, ora vejam! exclamou. E
	8	capital lá deles.		23	depois dizem que a asneirenta sou eu... Onde se viu um
	9	Emilia deu uma risada gostosa.		24	cabo com cidade na ponta?
	10	– Um cabo que tem cidade! disse ela. E depois vocês		25	– E' um modo de dizer, explicou Pedrinho. Chama-
	11	ma chamam de asneirenta... Onde se viu um cabo com		26	-se cidade do Cabo porque fica perto do famoso Cabo da
12	cidade na ponta?	27	Boa Esperança, que o navegador português Vasco da Gama		
13	– E' um modo de dizer, explicou Pedrinho. Chama-	28	dobrou pela primeira vez.		
14	-se cidade do Cabo porque ali perto existe o celebre cabo da	29	Emilia abiu a torneirinha.		
15	Boa Esperança, que um navegante português dobrou pela	30	– Que danado! exclamou arregalando o olho.		
16	primeira vez.	31	Dobrar sem mais nem menos um cabo assim, deve ser		
52	1	– Que danado! exclamou Emilia arregalando o olho.	69	32	coisa difícil. Esse Vasco, ou tinha a força de dois ele-
	2	Dobrar um cabo, assim sem mais nem menos, deve ser coisa		33	fantes ou o tal cabo era como daquela caçarola de alu-
	3	difícil. Esse português, ou tinha a força de tres elefantes,		34	minio de dona Benta, tão mole que até eu dobro quando
	4	ou esse cabo era como o cabo daquela panelinha que dona		35	quero.
	5	Benta me deu – tão mole que até eu dobro quando quero.		1	Narizinho cochichou ao ouvido de São Jorge que Emi-
	6	Houve necessidade de explicar a S. Jorge que a boneca,		2	lia estava com a torneirinha aberta. “Que torneirinha?”
	7	apesar de bastante viva e inteligente, tinha a mania de dizer		3	perguntou o santo. “A torneirinha de asneiras que ela tem
	8	asneiras de todos os tamanhos e feitios. S. Jorge achou na-		4	no cerebro. Quando Emilia abre essa torneirinha, ninguem
				5	pode com a sua vida”
	9	tural, visto tratar-se duma simples bonequinha de pano,			
	10	pois até gente importante, que nunca foi de pano, diz às		6	Depois que Emilia parou de asneirar, São Jorge pôs-
11	vezes cada uma de se tirar o chapéu.	7	-se a dizer onde ficavam as terras conquistadas pelos ro-		
		8	manos do seu tempo. Mostrou tudo, até o lugarzinho onde		
		9	era a sua Capadocia e o ponto onde existiu Cartago, a		

(cont.)

ANEXO G. Cotejo do capítulo VII do testemunho D e X do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
				10	república africana rival de Roma e por esta destruída de-
				11	pois de várias guerras. E contou tantas histórias do tempo
				12	de Diocleciano que as crianças, já cansadas, adormeceram.

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
58	9	IX	76	1	XIII
	10	Marte		2	O planeta Marte
		3		O que lá no sítio Pedrinho ouvira de dona Benta a	
		4		respeito de Marte estava bem fresco em sua lem-	
		5		brança.	
		6		– “Marte é um planeta de volume seis vezes menor que	
		7		o da Terra, havia dito a boa senhora. No dia em	
		8		que houver facilidades de comunicação entre os mundos,	
		9		Marte ha de ser uma estação balnearia da Terra. Os ho-	
		10		mens irão passar lá ferias ou temporadas. E’ pertissimo.	
		11		– “A que distancia fica?”	
		12		– “A 56 milhões de quilometros.	
		13		– “Só? admirou-se Pedrinho, que já andava tonto	
		14		com as tremendissimas distancias entre a Terra e as estre-	
		15		las. Esses 56 milhões de quilometros a luz vence em 2	
		16		minutos e 6 segundos. Sabe, vóvó, que a velocidade do	
		17		nosso pó de pirlimpimpim é a mesma da luz? A Emilia	
		18		até diz que o pirlimpimpim é luz em pó...	
		19		Dona Benta riu-se da asneirinha e continuou a falar	
		20		de Marte.	
		21		– “As estações lá, disse ela, correspondem ás daqui,	
		22		com as mesmas temperaturas. As condições de Marte	
		23		assemelham-se muito ás nossas, mas o ano de lá tem	
		24		687 dias.	
		25		– “Que “anão”! exclamou Pedrinho admirado. E o	
		26		peso?”	
		27		– “Menor que aqui. Um quilo nosso pesa 374 gramas	
		28		em Marte.	
		29		– “Otimo! Quem vai para Marte deve sentir-se leve	
		30		como rolha. Para corridas e pulos deve ser o planeta ideal.	
			1	Houve um ponto em que dona Benta muito insistiu:	
			2	os canais que através dos telescopios os astrónomos en-	
			3	xergam nesse planeta. E disse:	
			4	– “Os astrónomos distinguem em Marte uma verda-	
			5	deira rede de canais, em linhas retas e curvas, ligando	
			6	mares; mas não são coisas naturais – parecem artificiais,	

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
				7	ou feitas pelos homens de lá.
				8	– “Como sabem? duvidou Pedrinho.
				9	– “Porque parecem traçados a compasso e regua, que
				10	são invenções dos homens. A Natureza tem o bom gosto
				11	de não usar esses instrumentos. Já reparou que ela nada
				12	faz perfeitamente reto ou perfeitamente curvo, como as
				13	linhas e círculos traçados pela regua e o compasso?
				14	– “Isso não, vóvó! contestou o menino. Certas pal-
				15	meiras têm o tronco em linha reta, e o maracujá e outras
				16	frutas são bem redondinhas.
				17	– “Se com a regua e o compasso você conferir a linha
				18	reta numa palmeira ou o redondo de qualquer fruta, veri-
				19	ficará que são mais ou menos, nunca exatamente. A Natu-
				20	reza tem horror á precisão da regua e do compasso.
			77	21	– “Eu sei, disse Pedrinho pensativo. O instrumento
				22	que a Natureza usa é o mesmo daquele Zé Caolho que esteve
				23	concertando a casa do Elias Turco: o olhometro! O Zé
				24	Caolho mede tudo com aquele olho torto, a que Emilia deu
				25	o nome de “olhometro”. Ele não usa regua, nem compasso,
				26	nem trena, nem nível, nem prumo. E’ tudo ali na “batata
				27	do olhometro”, como diz Emilia.
				28	– “Pois a Natureza é assim, meu filho. Parece que
				29	tem horror á geometria. Faz tudo mais ou menos – e
				30	porisso são tão belas as coisas naturais. Se você mandar
				31	a geometria fazer uma arvore, ela faz uma arvore toda
				32	cheia de linhas retas e curvas, de elipses, espirais e tri-
				33	angulos, tudo de uma “precisão geometrica” – e fica a
				34	feiura das feiuras. Mas com o seu olhometro a Natureza
				35	produz belezas como aquela – e apontou para o cedrão
			78	1	do pasto. Veja. Não ha naquela arvore nenhuma regula-
				2	ridade geometrica, e vem daí a beleza do nosso velho
				3	cedro. Pois os canais de Marte são assim – são numa
				4	regularidade que não é propria da Natureza. Ora, se
				5	não são naturais, são artificiais.
				6	Pedrinho admirava-se numa coisa – que os canais
				7	de Marte fossem avistados da Terra.

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
			78	8	– “Graças a Galileu, meu filho. Graças ao telescópio
				9	que Galileu inventou, nós daqui enxergamos até os canais
				10	de Marte, uma coisa que está a 56 milhões de quilômetros
				11	de distancia... Não é maravilhoso?
				12	– “Que quer dizer telescópio, vóvó?
				13	– “ <i>Tele</i> em grego é “longe” e <i>skopeo</i> é “eu examino”.
				14	Telescópio quer dizer “eu examino ao longe”.
				15	– “Que beleza o grego, hein, vóvó? E' batatal...”
				16	Dona Benta estranhou aquele “batatal” que volta e
				17	meia vinha á boca de seu neto.
			18	– “Que historia é essa de batata para aqui, batata	
			19	para ali, que vocês vivem usando agora? Eu já ando	
			20	abatata de tanta batata que rola por esta casa.	
			79	1	– “E' a Emilia, vóvó, explicou Pedrinho. Ela inventou
				2	a coisa e nós, sem querer, pegamos na mania. Eu bem
				3	não quero falar assim, mas sai. Emilia inventou até um
				4	tal “batatalifero” que é batatal. E também usa o “bata-
				5	talino”.
				6	– “Mas donde veio isso?
				7	– “Não sei, vóvó. Essas coisas vem do ar, como os
				8	resfriados. Parece que a gente enjoa das velhas palavras
				9	e precisa de novas – e vai inventando. Batatal quer dizer
				10	ótimo, otímissimo, bis-ótimo. Mas se a gente diz “Isto é
11	ótimo”, fica sem força. Parece que essa palavra está				
12	muito gasta. E Emilia então diz: “Isto é batatal ou bata-				
13	talino” e a gente arregala o olho.				
14	Dona Benta filosofou sobre o pitoresco da giria e				
15	depois voltou ao planeta Marte.				
16	– “O diâmetro de Marte é de 6608 quilômetros. E o				
17	da Terra? Vamos ver se não esqueceu.				
18	– “E' quasi o dobro, vóvó.				
19	– “Isso mesmo. E a circunferencia de Marte tam-				
20	bem é mais ou menos metade da da Terra. Qual a cir-				
21	cunferencia da Terra, senhor Flammarionzinho?				
22	– “Quarenta mil quilômetros! berrou o menino – e				
23	dona Benta deu-lhe grau 10 pela boa memoria.				

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
			79	24	Em seguida contou que Marte era mais velho que a
				25	Terra.
				26	– “Esse planeta destacou-se do Sol milhões de se-
				27	culos antes da Terra, de modo que tudo está lá muito mais
				28	evoluido que aqui. A vida em Marte deve ser como vai
				29	ser a daqui no futuro. Nós nem podemos fazer ideia
				30	dos animais de Marte, e muito menos do homem de Marte
				31	– o marciano.
				32	– “Marciano quer dizer habitante de Marte?”
				33	– “Sim. E esses marcianos têm o gosto de ver em seu
				34	ceu duas luas, em vez duma só como nós aqui.
			35	– “Duas luas? Que engraçado...”	
			80	1	– “Dois satélites, sim, meu filho, aos quais os astro-
				2	nomos deram os nomes de Deimos (Terror) e Fobos
				3	(Fuga).
				4	– “Por que? Que é que o Terror e a Fuga têm a ver
				5	com dois astros do ceu?”
				6	– “Ah, isso é uma recordação duns versos de Homero
				7	na Iliada. Existe nesse poema um pedacinho assim:
				8	<i>Ao Terror e á Fuga ele ordena que atrelem seus corceis.</i>
				9	<i>Enquanto de suas armas intilantes vai se vestindo.</i>
				10	– “Mas que têm esses versos com as luas de Marte?”
				11	– “Nada, meu filho. O astrônomo que deu esses no-
				12	mes ás luas de Marte devia ter lido na vespera a Iliada de
				13	Homero e estava com as palavras Deimos e Fobos na ca-
				14	beça. Só isso.
			15	– “E essas luas aparecem no ceu de Marte do tama-	
			16	nho da nossa Lua aqui?”	
			17	– “São muito menores. Deimos tem apesar 12 qui-	
			18	lômetros de diametro.	
			19	– “Só 12? admirou-se o menino. Isso é do tamanho	
			20	duma cidade como Paris, Buenos Aires, São Paulo...”	
			21	– “Exatamente; mas como Deimos está apenas a 6	
			22	mil quilômetros de Marte, aparece grandinho no ceu – as-	
			23	sim da quarta parte do tamanho da nossa Lua.	
24	– “E Fobos?”				

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
				25	– “Esse está a 20 mil quilômetros de distancia e é
				26	varias vezes menor que Deimos.
				27	Isso era tudo quanto Pedrinho sabia do planeta Marte,
				28	segundo as informações recebidas da sua avó lá no sítio.
				29	Agora que voava para Marte levado pelo pó de pirlimpimpim
			80	30	iria ter ocasião de verificar se aquilo estava certo ou não.
				31	O caso dos canais de Marte e dos marcianos eram
				32	os que mais o interessava.
				33	Logo que chegaram e abriram os olhos, os tres aven-
				34	tureiros celestes sentiram-se desorientados. Tudo muito
				1	diferente do que tinham visto na Lua e do que era na Terra.
				2	Canais não viram nenhum, porque coisas grandes como
				3	canais só são avistáveis ao longe. E' como quem está
				4	dentro duma floresta: só vê galharada e folharada, não
				5	vê a floresta em seus conjuntos. Puseram-se a prestar
				6	atenção às coisas próximas – mas não as entendiam.
			81		
				7	– Isto aqui devem ser plantas, disse Narizinho. Só
				8	que estou estranhando as formas e a côr.
				9	– Pelo que disse vóvó, informou Pedrinho, as plan-
				10	tas daqui são evoluidíssimas – são como vão ser as plan-
				11	tas da Terra daqui a milhões de anos.
				12	Era uma vegetação amarela e avermelhada. Não
				13	havia verdes, e as formas não lembravam as plantas da
	11	ZUNNN... O pó de pirlimpimpim levou-os a Marte			
	12	em poucos minutos.			
	13	Oh, tudo ali era bem diferente da triste Lua. Canais			
	14	não viram nenhum, porque coisas grandes como canais só			
	15	podem ser vistas de longe – mas viram as coisas mais			
	16	espantosas possíveis.			
	17	Marte era habitado, imaginem! Habitado por seres			
	18	inteiramente diversos dos que conhecemos na Terra. Di-			
	19	versos e invisíveis aos olhos humanos. Pedrinho e Narizi-			
	20	nho não puderam ver um só que fosse. Emilia, porém, os			
	21	viu a todos e tudo foi contando. Seus olhos de retrós eram			
	22	na verdade maravilhosos...			
	23	O caso foi assim. Logo que chegaram, Pedrinho olhou			
	24	em redor e, nada vendo digno de nota, disse:			
	1	– Levamos um logro. Isto aqui é ainda peor do que			
	2	a Lua, que pelo menos possui dois moradores – S. Jorge			
	3	e o dragão. Marte parece-me um deserto sem oasis.			

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
			81	14	Terra.
				15	– E gente? E bichos? indagou a menina. Não vejo
				16	nada mexer-se. Será que Marte é deshabitado?
59	4	Enquanto o menino dizia isto Emilia arregalava os		1	Pedrinho também desapontou. Por mais que olhasse
	5	olhos em todas as direções, com ar de assombrada. Parecia		2	e reolhasse, não percebia traço de vida animal. E esta-
	6	estar vendo maravilhas de toda ordem. De repente agarrou		3	vam caminhando por ali, a olharem para a direita e a es-
	7	nas mãos de Pedrinho e Narizinho e os puxou violentamente		4	querda, quando Emilia os agarrou pelas mãos e os puxou
	8	para um lado.		5	para um lado com toda a força.
	9	– Que ha, Emilia? perguntaram os meninos, assus-		6	– Que ha? perguntaram os dois meninos assustados.
	10	tados.		7	A boneca respondeu levando o dedinho á boca em sinal
60	1	A boneca respondeu pondo o dedinho na boca, em		8	de “bico calado!” e fez que ambos se escondessem atrás
	2	sinal de “bico calado”. Em seguida arrastou-os para longe			
	3	dali, e andou, andou, andou até que descobriu um certo can-			
	4	tinho onde pudessem ficar escondidos.			
				9	duma pedra.
	5	– Agachem-se e não se mexam, nem façam o menor	82	10	– Agachem-se e não se mexam. Depois explico.
	6	barulho, disse ela, sempre com o ar assustado.			
	7	Os dois meninos não podiam entender a atitude de			
	8	Emilia. Nada estavam enxergando, nem seres humanos,			
	9	nem animais e portanto nada recebavam. Emilia, porém,			
	10	abriu-lhes os olhos.			
				11	Emilia olhava como se estivesse vendo coisas e mais
				12	coisas. E assim estive muito atenta e quietinha, imovel
				13	atrás da pedra, até que afinal desembuxou.
			14	– Uf! Que susto!... exclamou ela erguendo-se.	
11	– Vocês acabam de passar por um grande perigo,		15	Acabamos de passar por um grande perigo. Este astro é	
12	disse ela por fim. Este planeta é mais do que habitado, é ha-				
13	bitadissimo! Vejo mais criaturas aqui do que formigas num		16	mais que habitado – é habitadissimo. Aquele puxão	
14	formigueiro. Quando puxei vocês para um lado, foi porque		17	que dei em vocês foi porque um grupo de marcianos vinha	
15	um bando de marcianos vinha em nossa direção, na carreira.		18	vindo em nossa direção.	
16	E explicou tudo. Os habitantes de Marte, ou marcianos,				
17	eram invisíveis para a gente da Terra, mas não para os	83	1	Os habitantes de Marte eram invisíveis para os olhos	
18	seus olhos de retrós. Ela os via, e muito bem.		2	dos meninos, mas visibilissimos para os olhos da Emilia.	
19	– Como são eles? indagou Pedrinho, ansioso.		3	Ela os tinha decorado e passou a descreve-los.	

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
60	20	– Exquisitíssimos! respondeu a boneca. Asseme-	83	4	– São exquisitíssimos! Parecem grandes morcegos
	21	lham-se a grandes morcegos brancos. Em vez de andarem		5	brancos. Em vez de caminharem com dois pés, como nós,
	22	com dois pés, como nós, deslisam no chão e erguem-se nos		6	deslisam pelo chão e erguem-se nos ares quando querem.
	23	ares, quando querem. O corpo é oval e cheio de coisas ex-		7	O corpo é oval e cheio de crocotós, isto é, de coisas ex-
	24	quisitas, que eu não entendo bem. Parecem ter uma porção		8	quisitas que não entendo bem. Parecem ter uma porção de
	25	de braços e mãos, maiores e menores, e no lugar em que		9	braços e mãos, maiores e menores; e, no lugar em que devia
	26	deve ser a cara vejo mais cousas do que na cara da gente		10	ser a cara ha mais crocotós – tudo muito diferente das
	27	da Terra. Nós temos olhos, nariz, boca e orelhas. Eles têm		11	creaturas da Terra. Nós temos olhos, nariz, boca e orelhas
	28	tudo isso, embora de jeitos e tamanhos diferentes, e ainda		12	– eles devem ter tudo isso, mas de formas diferentes. São
	29	outros órgãos que não posso saber para que servem. São		13	uns seres absurdos...
	30	umas criaturas tão diferentes das criaturas humanas que é		14	– E falam?
	31	impossível compreende-las.		15	– Devem falar – mas sem sons, sem palavras, dum
	32	– E falam?		16	modo muito diverso do nosso. Bem no meio da tal coisa
	33	– Devem falar. Mas falam sem sons, sem palavras,		17	que deve ser a cara existe um chicotinho flexível que eles
	34	dum modo muito diverso do nosso. Bem no meio da tal		18	manejam com grande rapidez.
35	coisa que deve ser a cara existe um fio feito um chicote	19	– Antenas, como nos insetos?		
61	1	flexível, que eles manejam com grande rapidez. E' com os	20	– Talvez. E' com os movimentos desses chicotinhos	
			21	no ar que eles se entendem.	
	2	movimentos desse chicotinho no ar que se entendem.	22	Pedrinho e Narizinho ficaram apavorados com a des-	
	3	Os dois meninos ficaram apavorados com a descrição	23	crição, e ansiosos por fugir daquele misterioso planeta.	
	4	e ansiosos por se safarem daquele planeta. Pelo que dizia	24	Pelo que informava a Emilia, os marcianos não tinham	
	5	a Emilia, os marcianos não tinham percebido a presença	25	dado pela presença deles ali. Era provavel que não pudes-	
	6	deles, o que queria dizer que assim como eles não conse-	26	sem ve-los. Mas seria realmente assim? Às vezes uma	
	7	guiam ver os marcianos, assim tambem os marcianos não			
	8	conseguiam ver a eles. Se o caso fosse esse, tudo estaria	27	coisa parece mas não é. Tornava-se indispensavel verificar	
	9	ótimo, porque poderiam passear á vontade pelo planeta sem	28	esse ponto – mas como? Emilia tomou uma resolução.	
	10	que nada de mal lhes acontecesse. Tinham de verificar esse	29	– Vou tirar a limpo esse ponto, disse ela. Se me	
	11	ponto. Mas como? Para isso seria necessario arriscarem-se.	30	acontecer qualquer coisa, se eles me pegarem e me come-	
	12	Quem resolveu a situação foi ainda a Emilia.	31	rem, não faz mal. Não sinto dor, sou boneca – e, alem disso,	
	13	– Vou eu, disse ela. Se me acontecer qualquer coisa,	32	tia Nastacia faz outra ainda melhor que eu... Fiquem	
	14	se eles me pegarem, me matarem ou me comerem, não faz	33	caladinhos aqui atrás da pedra. Não se mexam até que	
15	mal. Não sinto dor, vocês bem sabem, e além disso tia Nas-	34	eu volte – e foi “tirar a limpo aquele ponto”.		
62	1	tacia pode fazer uma outra Emilia ainda mais aperfeiçoada.			
	2	Vou sair deste esconderijo para tirar a limpo este ponto –			

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
62	3	se somos ou não somos visíveis para os habitantes de Marte.	84	1	XIII
	4	E assim foi feito. Emilia deixou os meninos e passou		2	Proesas da Emilia em Marte
	5	fora do esconderijo longo tempo.		3	OS meninos quedaram-se calados e imoveis atrás da
	6	– Que terá acontecido á coitada? exclamou a menina		4	pedra enquanto Emilia se afastava. Meia hora de-
	7	vendo a demora da boneca em voltar. Acho que fomos		5	pois já estavam inquietos.
	8	muito egoistas, Pedrinho, deixando que Emilia saísse so-		6	– Fomos muito egoistas, Pedrinho, deixando que
	9	zinha por esse mundo desconhecido.		7	Emilia saísse com o seu lampeirismo por esse mundo des-
	10	Mas logo depois, Emilia reapareceu, e com ar bastante		8	conhecido. Se ela nunca mais voltar, vai ser uma tristeza
	11	satisfeito.		9	lá no Sítio.
	12	– Estamos salvos! disse ela. E' exatamente como eu		10	– Não tenha medo, animou Pedrinho. Emilia é uma
	13	julgava. Os marcianos não nos podem ver. Fiz todas as		11	danada.
	14	experiencias possiveis. Passei o mais rente que pude duma		12	E tinha razão de pensar assim, porque logo depois
	15	porção deles. Cheguei até a puxar o tal chicotinho de diver-		13	a boneca reapareceu, com cara alegre.
	16	sos, os quais levaram um grande susto, mas não foram		14	– Estamos salvos! foi dizendo muito lambeta. Os mar-
	17	capazes de me perceber. Podemos sair e passear á vontade		15	cianos não nos podem ver. Fiz todas as experiencias. Pas-
	18	pelo planeta inteirinho.		16	sei rentinha duma porção deles. Cheguei até a puxar o chi-
	19	Isso é que foi a beleza. Sairam os tres, sem medo ne-		17	cotinho de um. O coitado levou um susto, mas não me per-
	20	nhum, e guiados pela Emilia andaram por toda a parte como		18	cebeu. Podemos passear por aqui sem medo de nada.
	21	se estivessem em casa sua. Infelizmente Pedrinho e Nari-		19	E assim foi. Sairam dali sem medo nenhum e, sempre
	22	zinho nada puderam ver, tendo de contentar-se com as ex-		20	guiados pela Emilia, andaram por toda parte como se esti-
23	plicações da boneca.	21	vessem na casa da sogra. Como os dois nada pudessem ver,		
24	– Estamos agora num maravilhoso palacio, disse ela	22	tinham de contentar-se com as informações da Emilia.		
25	em certo momento. Deve ser o palacio do governo dos mar-	23	– Estamos num maravilhoso palacio, disse ela em da-		
26	cianos. Lá está o rei deles no trono, todo importante, com	24	do momento. Deve ser o palacio do governo dos marcianos.		
27	ares de dono do mundo...	25	Lá está o rei no seu trono, todo batatal, como se fosse o dono		
28	– Como é esse rei? perguntou Narizinho, ardendo	26	dos mundos...		
29	em curiosidade.	27	– Como é esse rei? perguntou a menina, ardendo		
30	– Oh, um rei e tanto! respondeu Emilia. Muito dife-	28	de curiosidade.		
			29	– Oh, um rei e tanto, e diferente dos outros mar-	

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)				
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
62	31	rente dos outros marcianos. Tem o chicote da cara o dobro	84	30	cianos. Tem o chicote da cara mais comprido. Esperem...		
	32	maior que o comum. Esperem... Estou vendo que o tal		1	Estou vendo que o tal chicote não serve só para falar...		
	33	chicote não serve só para falar... Esperem... O rei está		2	O rei está danado com alguém. O chicote vibra no ar e dá		
	34	furioso com alguém... O chicote vibra no ar com furia...					
	35	Está falando para os guardas do palacio, ou coisa pare-					
63	1	cida... Esperem... Já estou compreendendo a linguagem	85	3	chicotadas num marciano... Surra e fala ao mesmo tem-		
	2	do chicote...		4	po... Esperem, esperem... Estou compreendendo a lin-		
	3	Os dois meninos começaram a ficar com medo da bo-		5	guagem do chicote...		
	4	neca. Parecia transformada. Não lembrava mais a Emilia		6	Os dois meninos começaram a ficar com medo da bo-		
	5	bobinha e asneirenta dos outros tempos. Falava e racioci-		7	neca. Parecia transformada. Não mais lembrava a Emilia		
	6	nava na perfeição, como se alguma fada lhe houvesse dado		8	bobinha e asneirenta lá do sitio. Falava e raciocinada na		
	7	um novo dom.		9	maior perfeição, como se alguma misteriosa fada lhe hou-		
	8	– Já aprendi a lingua dos marcianos, disse ela por		10	vesse enxertado um novo dom.		
	9	fim. Compreendo perfeitamente o que dizem – e sabem o		11	– Já aprendi a lingua dos marcianos, disse ela por		
	10	que o rei está dizendo? Está dizendo para os seus ministros		12	fim. Compreendo perfeitamente o que falam. E sabem o		
	11	(não são guardas, não, como pensei) que o planeta foi in-		13	que o rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó		
	12	vadido por entes estranhos.		14	(com certeza um ministro) que o planeta foi invadido por		
64	1	– Como pode saber, se não nos enxerga?	86	15	entes estranhos.		
	2	– Não enxergam, mas sentem. Escutem... O rei está		16	– Mas como pode saber disso, se não nos enxerga?		
	3	falando... Está dizendo: "Ha qualquer coisa de estranho		17	observou Pedrinho.		
	4	em Marte. Desde horas atrás que sinto que estamos sendo		18	– Não enxergam mas sentem. O rei está falando...		
	5	espionados. E' preciso, senhores ministros, que os aparelhos		19	Está dizendo: "Ha qualquer coisa de estranho por aqui.		
	6	detectores sejam postos a funcionar sem a minima demora."		1	Quero que os aparelhos detectores sejam postos em ação		
	7	– Que aparelhos detectores serão esses? indagou Pe-				2	imediatamente".
	8	drinho. Com certeza inventaram olhos mecanicos, já que				3	– Que aparelhos detectores serão esses? Indagou
	9	não podem enxergar, como nós. Estamos fritos, Narizinho.				4	Pedrinho. Com certeza inventaram olhos mecanicos, já que
	10	Se os tais aparelhos detectores nos descobrem, estamos fri-				5	não podem enxergar como nós. Se os tais aparelhos de-
	11	tissimos...				6	tectores nos descobrem, estamos fritos...
	12	– Fritos, nada! exclamou Emilia. Havemos de ta-				7	– Fritos, nada! exclamou Emilia. Havemos de tapear
	13	pear estes marcianos de todos os jeitos. Vou já ao tal				8	estes marcianos com todos os seus crocotós.
	14	aparelho detector desarranjar as peças, de maneira que não		9	– Que tantos crocotós são esses, Emilia? voltou Na-		
	15	possa funcionar. Desse modo eles nunca poderão desco-					
	16	briar-nos, embora <i>sintam</i> que estamos aqui.					

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
				10	rizinho.
				11	– São as coisas exquisitas que eles têm pelo corpo e
				12	não posso adivinhar o que sejam. Crocotó é tudo que é em-
				13	pelotado, ou espichadinho como os tais chicotes. Os mar-
				14	cianos são crocotosíssimos. Esses crocotós devem ser or-
				15	gãos próprios deles aqui.
				16	– E como vamos nos arranjar com gente assim?
				17	– Eu dou um jeito, declarou Emilia. Vou descobrir os
				18	tais “aparelhos detectores” – e misturo tudo, arrazo com
				19	eles.
				20	Disse e fez. Meteu-se pelo palacio a dentro na pista
				21	do ministro, o qual, depois de receber a ordem do rei, se
				22	encaminhara para o aparelho detector ali do palacio.
				23	Era um maquinismo exquisito e incompreensível, mas
				24	Emilia sabia que todas as maquinas têm um ponto comum:
				25	só funcionam quando estão com todas as peças perfeitinhas
				26	e no lugar. Uma que seja quebrada ou retirada, e já o fun-
				27	cionamento da maquina inteira não é o mesmo.
				28	Pensando assim, Emilia agarrou uma especie de mar-
				29	telo e começou a martelar as peças mais delicadas, que-
				30	brando ou amassando as que pôde.
				31	O pobre ministro, muito apavorado, via o amassa-
				32	mento das peças sem conseguir ver o autor do estrago, e
				33	tal foi a sua impressão que de subito caiu por terra des-
				34	maiado. Emilia aproximou-se para examina-lo de bem
				35	perto.
				1	Que ente exquisito! Não era de carne e sim duma
				2	substancia branca e mole como borracha. Emilia exami-
				3	nou-o demoradamente, sem que conseguisse entender coisa
				4	nenhuma. Via uma porção de crocotós, ou órgãos muito
				5	diferentes dos nossos. Qual seria a boca? Quais seriam
64	17	Disse e fez. Meteu-se pelo palacio a dentro na pista	86	20	Disse e fez. Meteu-se pelo palacio a dentro na pista
	18	do ministro que em seguida á ordem do rei se retirara da		21	do ministro, o qual, depois de receber a ordem do rei, se
	19	sua presença, e logo se achou numa grande sala cheia de		22	encaminhara para o aparelho detector ali do palacio.
	20	maquinismos dos mais complicados.		23	Era um maquinismo exquisito e incompreensível, mas
	21	Emilia nada entendia, nem podia entender, daqueles		24	Emilia sabia que todas as maquinas têm um ponto comum:
	22	maquinismos. Esperta como era, porém, viu logo que se		25	só funcionam quando estão com todas as peças perfeitinhas
	23	fosse tirando as peças do lugar, a torto e a direito, as ma-		26	e no lugar. Uma que seja quebrada ou retirada, e já o fun-
	24	quinas não poderiam funcionar. Maquina tem isso consigo:		27	cionamento da maquina inteira não é o mesmo.
	25	só funciona quando todas as peças estão arrumadinhas,		28	Pensando assim, Emilia agarrou uma especie de mar-
	26	cada qual no seu posto. Uma que seja retirada, ou desar-		29	telo e começou a martelar as peças mais delicadas, que-
	27	ranjada, perturba a maquina inteira.		30	brando ou amassando as que pôde.
	28	Pensando assim, a terrível Emilia pegou de um martelo		31	O pobre ministro, muito apavorado, via o amassa-
	29	que encontrou por ali e começou – <i>pã! pã! pã!</i> – a mar-		32	mento das peças sem conseguir ver o autor do estrago, e
	30	telar as peças mais delicadas do estranho maquinismo,		33	tal foi a sua impressão que de subito caiu por terra des-
	31	quebrando ou amassando quantas pôde.		34	maiado. Emilia aproximou-se para examina-lo de bem
	32	Ao ver os estragos aparecerem misteriosamente, sem		35	perto.
	33	que pudesse enxergar o causador deles, o pobre ministro		1	Que ente exquisito! Não era de carne e sim duma
	34	desmaiou. Emilia imediatamente correu a examina-lo bem		2	substancia branca e mole como borracha. Emilia exami-
	35	de perto.		3	nou-o demoradamente, sem que conseguisse entender coisa
65	1	Era exquisitissimo. Em vez de ser de carne, como a	87	4	nenhuma. Via uma porção de crocotós, ou órgãos muito
	2	gente da Terra, tinha o corpo feito duma substancia pare-		5	diferentes dos nossos. Qual seria a boca? Quais seriam
	3	cida com a borracha. Emilia examinou-o longo tempo, mas			
	4	não o pôde entender. Via aquela porção de órgãos muito			
	5	diferentes dos nossos, sem que pudesse saber qual deles			
	6	correspondia aos ouvidos, ou á boca, ou aos olhos. Só			

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
65	7	quanto ao chicote ficou certa. Era na verdade o órgão por	87	6	os olhos ou os ouvidos? Só quanto ao chicote é que ficou
	8	meio do qual falavam, ou melhor, por meio do qual se en-		7	certa, pois era na verdade o órgãozinho com que os mar-
	9	tendiam.		8	cianos se entendiam entre si.
	10	Desarranjado que foi o maquinismo detector, a bone-		9	Depois de muitas pancadas no Aparelho Detector, a
	11	quinha percebeu que não havia mais perigo de serem des-		10	boneca percebeu que daquele mato não sairia coelho, isto
	12	cobertos e voltou para onde estavam os meninos.		11	é, que já não havia perigo de serem detectados por
	13	– Pronto! disse ela muito lampeira. Fui lá e escan-		12	aquele aparelho. Para maior segurança pregou uma
	14	galhei a “maquina de ver” que eles inventaram. O pobre		13	terrível martelada num dos crocotós do ministro des-
	15	ministro levou tamanho susto com as minhas marteladas		14	maiado – e foi correndo para onde estavam os meninos.
	16	que até perdeu os sentidos...			
	17	Mas aquele ministro não perdera os sentidos por muito			
	18	tempo. Logo depois reapareceu perante o rei, ao qual disse:		15	A despeito da martelada no crocotó, o ministro voltou
19	– “Algum dos estranhos seres que invadiram Marte	16	a si e foi dar parte ao rei dos estranhos acontecimentos.		
20	arruinou o Detector N.o 7. Pude senti-lo em ação”...	17	– Algum estranho invadiu os nossos dominios e aca-		
		18	ba de arruinar o detector do palacio, disse ele. Vi os estra-		
		1	gos irem aparecendo como por si mesmos, mas não pude		
		2	ver o autor daquilo. E' invisível. E tambem senti a ação		
		3	do intruso em meu crocotó N.o 5. Deu-me tamanha mar-		
		4	telada que quasi fui para o beleléu...		
		5	– Nesse caso, ordenou o rei furioso, expeça ordem		
		6	para que os 500 detectores do reino sejam postos em ativi-		
		7	dade – quero ver se o tal intruso tem forças para arruinar		
		8	todos os nossos detectores. E logo que ele seja detectado		
		9	e aprisionado, quero que o ponham num garrafão de alcool		
		10	e o guardem no museu.		
		11	– Hum!... fez Pedrinho ao ouvir essa historia. Já tive		
		12	um saci na garrafa (1) e não quero que me aconteça o		
		13	mesmo. O melhor é safar-nos deste misterioso e perigoso		
		14	planeta, antes que nos detectem e engarrafem...		
		15	– Isso é o verdadeiro, concordou Narizinho. Passe		
66	1	– “Nesse caso”, ordenou o rei, “expeça ordem para	88		
	2	que os 7.777 detectores do planeta sejam postos em ativi-			
	3	dade. Quero ver se esse intruso é capaz de arruinar todos			
	4	os nossos aparelhos ao mesmo tempo. E logo que os inva-			
	5	sores sejam “detectados” e aprisionados, que sejam tra-			
	6	zidos á minha presença dentro de garrafas bem arrolhadas.			
	7	Quero conserva-los aqui no meu museu.”			
	8	– Mal vai a coisa! exclamou Pedrinho. Já tive um			
	9	saci na garrafa (1), mas não me sinto com vocação para			
	10	viver engarrafado. Vamos safar-nos deste planeta en-			
	11	quanto é tempo, senão eles acabam nos apanhando.			
	12	– Apoiado! disse Narizinho. Tomemos uma pitada			

ANEXO H. Cotejo do capítulo IX do testemunho D e XII e XIII do testemunho E (equivalência conteúdo) (cont.)

Testemunho D (1940)			Testemunho E (1943)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
66	13	de pirlimpimpim e sumamos de Marte quanto antes.	88	16	para cá a minha pitada de pirlimpimpim e azulemos daqui.
	14	– Para onde iremos? indagou Pedrinho.			
				17	Pedrinho distribuiu as pitadas e deu o sinal:
				18	– Um... dois... e TRES!
				19	Mas na pressa com que fizeram aquilo esqueceram-se
				20	de determinar o rumo a seguir, de modo que em vez de irem
				21	para um novo planeta foram despertar na Via Latea.
	15	– Via-Latea, respondeu Emilia, que tinha uma von-			
	16	tade doída de dar um passeio nessa estrada infinita feita			
	17	de estrelinhas.			
	nota de rodapé	1. Vide <i>O Saci</i> . – Vol IV desta serie.		nota de rodapé	1. <i>O Saci</i> , do mesmo autor.

ANEXO I. Cotejo entre os testemunhos E e G (filtro linha)

Testemunho E (1943)			Testemunho G (1945)			Classificação da variante			
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto				
15	31	da igreja... E ele então tomou da espingarda, apontou	15	24	toma da espingarda, aponta para as redeas do cavalo pen-	Substituição	Substituição		
21	22	cocoras no último degrau da escada,	21	6	cocaras no último degrau da escada,	Substituição			
	23	a abrir com a ponta do canivete um		7	abria com a ponta do canivete um furo	Substituição			
23	8	bios pelo estudo e a meditação	22	27	nhos como você, quando crianças - mas ficaram sábios pelo	Adição			
				28	estudo e pela meditação.				
31	29	É a tal Cabeleira de Berenice,	30	33	ouho noia arouques e enb'ouju	Composição			
	30	que a senhora falou outro dia? quis		34	E a tal Cabeleira de Bere-				
	28	etc. E ha a de Sirio ou do Canzarrão , onde aparece a		31	ou do Cão Maior , onde aparece a mais bela estrela do nosso	Substituição			
32	30	Imaginem que Sirio está a mais de 52 trilhões de leguas de	31	33	81 trilhões de kms de distancia – isto é, a 540 mil vezes a	Substituição	Substituição		
	31	de distancia – isto é, a 373.000 vezes a distancia entre							
	34	– E' de mais de 148 milhões de quilômetros. Sirio	32	2	– É de mais de 150 milhões de quilômetros. Sirio	Substituição			
	35	está tão longe de nós que sua luz gasta 22 anos para che-		3	está tão longe de nós que sua luz gasta quasi 9 anos para	Substituição			
33	29	cês que escreveu livros lindos e explicadíssimos . "Quem	33	1	escreveu livros lindos e explicativos . "Quem não entender	Substituição			
35	3	– Isto é invenção daquele italiano antigo, o tal Gali-	34	3	– O telescópio saiu da luneta astronómica inventada	Substituição			
				4	por aquele italiano antigo, o tal Galileu. Um danado! In-				
38	24	dade dele na Lua. E se lá vive o cavalo de S. Jorge , pode	37	24	de dele na Lua. E se lá vive o cavalo de São Jorge , pode	Substituição			
40	11	a abrir os olhos. No começo nada viram. Tudo muito	39	10	a abrir os olhos. No começo nada viram. Tudo aquilo em-	Substituição			
46	31	do é fabula. E se acaso houvesse	46	2	dragões? Tudo é fabula. E se acaso pudesse um dragão	Substituição			
50	12	á Lua é de 96 mil leguas – um bom pedaço!	49	17	de 64 mil leguas – um bom pedaço!	Substituição			
	16	jas. Num piscos devoramos essas 96 mil leguas como se		21	Num piscos devoramos essas 64 mil leguas como se fossem	Substituição			
54	2	muito mais adiantada que na Terra, de modo que nós	53	9	adiantada na Terra, de modo que nós nem reconhecemos os	Substituição			
	9	soube que era várias vezes mais rerefeto que o ar da		15	que era varias vezes mais rarefeito que o ar da Terra, ficou	Substituição			
	15	regira sobre si mesma, está sempre com a mesma face		2	dar uma volta em redor da Terra; mas como gira sobre si	Substituição	Adição		
55	6	– Cada dia aqui equivale a 15 dias lá da Terra; e	54	3	mesma no mesmo espaço de tempo , está sempre com a mes-	Substituição			
				7	cada noite equivale a 15 noites de lá. E por causa disso	11	– Cada dia aqui equivale a 14 dias lá da Terra; e cada noite	Substituição	
						12	equivale a 14 noites de lá. E por causa disso só há	Substituição	
61	6	ta, é vadio ou malandro, sabe como diz? Diz que é um	60	11	sitio, quando alguém quer dizer que um gajo não presta, e	Adição			
	11	má fama – e a fama exatamente disso, de mandriões, de		12	é vadio ou malandro, sabe como diz? Diz que é um				
	28	tância, rezava, rezava , e volta e meia fazia um pelo-		17	fama – e fama exatamente disso, de mandriões, de fanfar-	Omissão			
78	8	– "Graças a Galileu, meu filho. Graças ao telescópio	77	4	rezava, e volta e meia fazia um pelo-sinal.	Omissão			
79	16	– "O diametro de Marte é de 6608 quilômetros. E o	78	5	– "Graças a Galileu, meu filho. Graças ao filho da lune-	Substituição			
				3	(Fuga) .		6	ta astronómica que Galileu inventou, nós daqui enxergamos	
80	4	– "Por que? Que é que o Terror e a Fuga têm a ver	79	11	– "O diametro de Marte é de 6.870 quilômetros. E o	Substituição			
	29	segundo as informações recebidas da sua avó lá no sitio.		31	mos deram os nomes de Deimos (Terror) e Fobos (Medo).	Substituição			
85	13	que o rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó	84	12	rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com	Composição			
14	(com certeza um ministro) que o planeta foi invadido por	13	rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com						
89	29	149 milhões de quilômetros daqui, tão pertinho que sua	88	26	de estrelas que ha no espaço infinito. Está apenas a 150	Substituição			
90	2	quilômetros, ou 20 anos-luz . Quer dizer que a luz dessa	89	1	metros ou 4 anos-luz . Quer dizer que a luz dessa estrela	Substituição			
	3	estrela leva 20 anos para chegar até nós.		2	leva 4 anos para chegar até nós.	Substituição			
92	6	– Trezentas e trinta e quatro mil vezes! declarou o	91	6	– Um milhão e trezentas mil vezes! declarou o menino.	Substituição			
93	17	órbita dos planetas é um círculo, mas a dos cometas	92	18	ta dos planetas é quasi um círculo, mas a dos cometas tem	Adição			
94	5	afasta-se até para lá da órbita de Netuno , que é o fim dos	93	7	de Plutão , que é o fim dos nossos mundos (estes mundos	Substituição			
	13	girasse sempre á mesma distancia do Sol, como a Terra ,		14	girasse sempre á distancia em que a Terra gira , porque então teria	Substituição			
	34	de novembro de 1877 reapareceram desfeitos em milhares		33	novembro de 1872 reapareceram desfeitos em milhares de	Substituição			
97	7	possivel que por aqui encontremos um cometa já crescidote	96	7	aqui encontremos um cometa já crescidote que nos agunte	Omissão			
100	18	peia e da do Camelopardalis ...	99	15	constelação da Girafa ...	Substituição			
102	9	lembrar-se de que muitas vezes se viu em aperturas tremen-	101	9	brar-se de que muitas vezes se vira em aperturas tremendas	Substituição			
110	22	para que o anjo não percebesse: "Épé mapaispis bupurri-	109	20	que o anjo não percebesse: "Épé mapaispis buporriponhopo	Substituição			
	23	pinhopo dopo quepe opo prinpicipicepe Espescapamapa-							

ANEXO I. Cotejo entre os testemunhos E e G (filtro linha) (cont.)

Testemunho E (1943)			Testemunho G (1945)			Classificação da variante			
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto				
114	12	Venus está a 26 milhões de leguas do Sol. Está, portanto,	113	7	Venus está a 108 milhões de kms. do Sol. Está, portanto,	Substituição			
	13	11 milhões de leguas mais perto do terrível fogareiro do		8	42 milhões de kms. mais perto do terrível fogareiro do que	Substituição			
	17	além de ser o planeta menor de todos, está a apenas 15		12	de ser o planeta menor de todos, está a apenas 58 milhões	Substituição			
	18	milhões de leguas do Sol. O calor de Mercúrio deve ser		13	de kms do Sol. O calor de Mercúrio deve ser de derreter	Substituição			
	20	é o rei dos planetas – colossal! Gira a 192 milhões de		15	planetas – colossal! Gira a 780 milhões de kms. do Sol,	Substituição			
	21	leguas do Sol, tem 4 luas formidáveis e um ano igual a			20	– Há o tal Saturno, com dez luas, a um 1.400 milhões de	Substituição		
	24	– Há o tal Saturno, com oito luas, a 355 milhões de			21	kms. do Sol e de volume 800 vezes o da Terra.	Substituição		
	25	leguas do Sol e de volume 864 vezes o da Terra.			24	até desanima a gente. Você lá seria uma criancinha de pouco	Substituição		
29	10 meses...	25	mais de quatro meses...	Substituição					
32	longíssimo do Sol – a 733 milhões de leguas, veja que	28	longíssimo do Sol – a 2.872 milhões de kms., veja que co-	Substituição					
115	2	tema planetário, bem lá nas fronteiras. E' o último.	32	netário, quasi nas fronteiras. É o antepenultimo. O ultimo	Substituição	Substituição	Adição		
	4	– A 1100 milhões de leguas... E tem um ano que	33	e Plutão.	Substituição				
	6	ponde a 164 anos dos nossos lá da Terra...	1	– A 4.500 milhões de quilómetros... E tem um ano	Substituição				
	10	– Netuno tem 85 vezes o volume da Terra.	3	ponde a 165 anos dos nossos lá da Terra...	Substituição				
	31	tância, está a 355 milhões de leguas do Sol...	7	– Netuno tem 78 vezes o volume da Terra.	Substituição				
116	11	de tanto olhar para as estrelas foram percebendo uma	27	cia, está a 1.400 milhões de quilómetros do Sol...	Substituição				
	26	em 7 meses e meio – era Venus. Outro ia e vinha em 2	7	tanto olhar para o céu foram percebendo uma coisa: que	Substituição				
	27	anos e 332 dias – era Marte. Outro ia e vinha em 11 anos	22	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 322 dias – era	Substituição				
117	4	neta bem grande, 720 vezes o volume da Terra e com oito	2	grande, 800 vezes o volume da Terra e com dez luas.	Substituição	Substituição			
	6	– Oito? admirou-se a menina.	3	– Dez? admirou-se a menina.	Substituição				
	7	– Oito, sim, e tres delas mais proximas do que a	4	– Dez, sim, e tres delas mais proximas do que a nossa	Substituição				
	9	caderninho o nome das oito luas saturninas. Saturnino	6	ninho o nome das dez luas saturninas. Saturnino quer dizer	Substituição				
	14	– Mimas, Encelado, Tetis, Dione, Réa, Titã, Hi-	11	– Mimas, Encelado, Tetis, Dione, Réa, Titã, Temis,	Adição				
	15	perion, Japet.	12	Hiperion, Japetus e Febo.	Substituição	Adição			
118	14	Saturno tem 30 mil leguas. Muito maior que o da Terra.	11	120 mil quilómetros. Muito maior que o da Terra. Pois	Substituição				
	15	Pois bem: o diametro do disco de Saturno tem 71 mil	12	bem: a largura do disco de Saturno tem 64 mil quilome-	Substituição				
	16	leguas...	13	tros...	Substituição	Substituição			
	18	– E' de apenas 10 leguas.	15	– E' de apenas 60 quilómetros.	Substituição				
	27	Mas a espessura do disco é só de 10 quilómetros. Logo,	24	é só de 60 quilómetros. Logo, o disco é proporcionalmente	Substituição				
121	20	Que maravilha! Os tais anéis, ou disco, eram uma	20	Que maravilha! Os tais anéis, ou discos, eram uma	Substituição				
125	29	– Parece sonho! dizia a menina. Estou boiando	29	– Parece um sonho! dizia a menina. Estou boiando	Adição				
129	31	– Não ha doenças em Saturno. Isso de doença quer	12	– Não ha doenças em Saturno. Isso de doenças quer	Substituição				
130	7	nas moles lá no fundo daquele buraco.	128	9	moles no fundo daquele buraco.	Omissão			
132	4	Diz São Jorge que ele é mais manso que um cordeiro.	129	4	Diz São Jorge que é mais manso que um cordeiro.	Omissão			
139	20	fora ha os animais, a vaca mocha, o Burro Falante, o se-	131	15	fora os animais, a vaca mocha, o Burro Falante, o senhor	Omissão			
143	26	minha cosinheira, o Burro Falante e o dr. Livingstone –	138	12	cosinheira, o Burro Falante e o dr. Livingstone – mas nem	Substituição			
144	23	– Em 1759! Halley previu isso por meio de calculos.	5	– Em 1758! Halley previu isso por meio de calculos.	Substituição				
	30	no ponto indicado e no ano que ele disse – 1759. Só que em	12	ponto indicado e no ano que ele disse – 1758. Só que em	Substituição				
	8	ley era batatalino na matemática. Depois de 1859 ou-	24	tatalino na matemática. Depois de 1758 outros astrónomos	Substituição				

ANEXO J. Cotejo entre os testemunhos G e I (filtro linha)

Testemunho G (1945)			Testemunho I (1947)			Classificação da variante	
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
12	9	SÓ VOLTAM NO COMEÇO DE MAIO.	4	8	SÓ VOLTA NO COMEÇO DE MAIO.	Substituição	
13	16	os "casulos que guardam as garrafinhas de caldo", ou gomos.	6	29	guardam as garrafinhas de caldo" – isto é, gomos.	Substituição	
15	32	O Barão veio e com um tiro certíssimo resolveu o	9	17	O Barão veio e com um tiro certíssimo resol-	Substituição	
	35	agarradinho, caiu no mar, donde foi salvo por Pedrinho –		20	sempre com o visconde a ele agarrado, caiu no mar,	Substituição	
16	3	dos braços e das pernas, salgadíssimo, todo roído pelos peixes	9	24	nado dos braços e das pernas, salgadinho, todo	Substituição	
				25	roído pelos peixes – e guardou aquele tóco em sua	Substituição	
	4	– e guardou-o em sua canastrinha com a ideia de um dia	26	canastra com a ideia de um dia restaura-lo	Substituição		
	30	quanto a boneca se dirigia para a horta. Por que? Porque	10	24	a horta. Por que a horta? Porque no fofó dos can-	Adição	
18	31	na terra fofa dos canteiros da horta era mais facil abrir um	12	10	– É, sim, Nastacia. Tanto que já arranjou	Omissão	
	21	– É, sim, Nastacia. Tanto é que já arranjou a biblia-		18	pois um visconde que sabia tudo e agora acaba de	Adição	
19	8	genuidade o doutor, como quem diz: "Está gostando dos	14	19	fazer um protestante, até sinto um frio na pa-	Substituição	
	10	daqueles botões, sabem o que o estúpido frango fez? Avan-		2	maior ingenuidade o sabugo, como quem diz:	Omissão	
20	8	zinho batesse apressado, enquanto suas mãos tremulas fecha	15	5	o que o frango fez? Avançou de bicadas con-	Substituição	
	9	vam o fraque de xadrez, em defesa dos oito botões restantes.		29	sado, enquanto, com as mãos trêmulas, ele fechava o	Substituição	
21	15	que só comem carne, ele não liga a menor importancia, nem	16	4	só comem carne, ele não dá a menor importancia,	Substituição	
	6	cocaras no ultimo degrau da escada,		12	çada tambem se reunira ali. Pedrinho, de cocoras	Substituição	
	20	jauva madura. Ha brejauva, ou brejau		24	exatinha esta côr de brejauva madura. Há bre-	Omissão	
	21	ba, lá na sua Africa?		25	jauba, lá na sua Africa?	Substituição	
22	24	vingstone – mas porque essa historia de	17	27	africano, respondeu o dr. Livingstone – mas por	Omissão	
	21	e você nem desconfia que haja um milhão de coisas lá escri-		28	que essa historia de caviuna ou cabiuna, brejauva	Substituição	
	27	nhos como você, quando crianças – mas ficaram sabios pelo		33	desconfia que haja um milhão de coisas escritas	Adição	
	28	estudo e pela meditação.		6	ças – mas ficaram sabios com a idade, o estudo e	Substituição	
26	31	sei, bem, bem, bem, o que é. Conte vóvó – e retomou	22	7	a meditação.	Omissão	
	18	certo grupo de estrelas. Esta constelação do Cruzeiro é a		11	mas eu não sei, bem, bem, o que é. Conte, vóvó –	Omissão	
28	25	Centaurio – e pronto! Você descobriu a constelação do	24	14	telação quer dizer um grupo de estrelas. Esta	Substituição	
29	18	mais imaginação que a Emilia...	25	16	tauro – e pronto! Você terá achado a constelação	Adição	
30	12	no, porque é uma ave das zonas	26	10	suem ainda mais imaginação do que a Emilia...	Substituição	
	33	o,ilno nojaf erojues e enb 'eoiu		26	Tucano ou qualquer bicho das zonas quentes, pro-	Composição	
	34	E a tal Cabeleira de Bere-		27	– E a tal Cabeleira de Berenice, que a se-	Adição	
31	22	uma gatinha, vou botar o nome de Berenice...	27	20	nhora falou tanto outro dia? quis saber Pedrinho.	Adição	
	26	Tipografica, etc. E ha as de nome poetico, como essa		26	eu tiver uma gatinha, vou botar-lhe o nome de	Adição	
34	27	Cabeleira de Berenice, a da Pomba de Noé, a dos Cães de	30	6	ha as de nome poetico, como essa da Cabeleira de	Substituição	
	5	ventou tambem o termometro e outras coisas, diz a vóvó.		7	Um danado! Inventou tambem o termometro e	Omissão	
35	33	não se contentou. Quis tambem consultar tia Nastacia.	31	7	mais coisas.	Adição	
	31	que viu na Lua, apontou o telescopio para uma estrela.		7	tar tia Nastacia lá na cozinha.	Adição	
36	5	– A Grande Ursa não é estrela daqui, Emilia. Eu já	32	12	uma estrela qualquer.	Substituição	
38	2	vocês caçoam. É uma ideia muito boa que tive...	34	21	lia. Vóvó já disse. Você está nos bobendo, gri-	Adição	
	6	Pensou, pensou e afinal, resolveu-se.		7	disser vocês caçoam. É uma ideia muito boa que	Adição	
	18	– Nada, boba! respondeu o menino. É que levanta-		8	eu tive...	Omissão	
	23	uma pitada de rapé. Será daquele que o coronel Teodo-		13	afinal,	Omissão	
	24	rico usa?		27	– Nada, boba! Que peça havia de ser? É que	Adição	
			33	que o coronel Teodorico, compadre de dona Benta,	Adição		

ANEXO J. Cotejo entre os testemunhos G e I (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)			Testemunho I (1947)			Classificação da variante
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
39	1	sejo de ver se a marca é boa – e isso dizendo tomou o pó	35	14	e assim falando tomou o pó que o menino lhe apres-	Substituição
	7	voando pelo espaço com a velocidade da luz.		21	velocidade quase da luz.	Adição
	10	a abrir os olhos. No começo nada viram. Tudo aquilo em-		25	Tudo muito embaralhado. Por fim as coisas se	Omissão
	14	de crateras de vulcões extintos. Todos voltaram a si, menos		29	de crateras de vulcões extintos. Todos haviam	Substituição
	16	dia aspirava o pó de pirlimpimpim, lazia escarrapachada no		30	voltado a si, menos Nastacia. A pobre negra, que	Substituição
41	20	– É a Lua ou não, doutor?	38	32	pirlimpimpim, estava escarrapachada no chão, com	Substituição
	26	conde pudesse varar a imensidão do espaço. Alem disso ,		7	– É a Lua ou não, doutor Livingstone?	Adição
	42	5		lá na Terra decidem as coisas .	14	dão do espaço. Alem de que – para onde é que
6		Não havendo outro meio de se saírem daquela incerteza,		29	Lua. É assim que os homens lá na Terra decidem a	Substituição
17		– Tres votos para a Lua e um voto para a Terra! gri-		30	escolha dos presidentes: pela contagem dos	
24	Jorge a cavalo, sempre ocupado em espetar com sua lança o	31	narizes .			
44	9	atraído pela Terra e ficou a girar em torno dela .	39	32	Não havendo outro meio de saírem daquela	Omissão
	21	que lá na Terra. Um quilo lá de Terra pesa aqui 154 gra-		12	– Tres narizes a favor da Lua e um a	Substituição
	46	Nesse momento um novo bufo soou. Todos voltaram-se		13	favor da Terra! gritou Pedrinho. A Lua ganhou.	
47	30	– Vamos! gritava ela. Mexa-se! Ra-	20	lo, sempre ocupado em espetar na sua lança, o dra-	Substituição	
49	8	zando atropeladamente quantas rezas sabia.	27	seu redor	Substituição	
	20	um biscoitinho de polvilho dos que derretem na boca.	41	8	da Terra pesa saqui 154 gramas. Eu, por exemplo,	Substituição
	5	tal de Cirano de Bergerac, que por lá andou e escreveu uma	42	22	Apesar dessas palavras , novo bufo soou. Todos	Substituição
50	6	obra celebre. E agora aparecia todo um grupo de creatu-	44	14	– Vamos! gritava ela. Mova-se! Raciocine e fuja...	Substituição
	8	E com imenso prazer o santo começou a indagar de tudo –	47	12	te quantas orações sabia.	Substituição
	32	dessa armadura de guerreiro. Santos de camisolão e porre-	27	leguas como se fossem uns biscoitinhos de polvi-	Substituição	
	51	34	em redor de outro planeta .	15	de Bergerac, que por lá andou e escreveu a res-	Adição
55	1	tes. Falou no Mar da Serenidade, no Mar das Crises , no	16	peito uma obra celebre. E agora apareciam aque-	Substituição	
56	9	– Os Mares, por exemplo, disse ele , não são mares, são	17	las criaturas – duas crianças, uma negra velha,		
	10	imensas florestas das plantas que existem aqui.	18	uma bonequinha... Foi com imenso prazer que	Adição	
57	21	quer saber das horas é só olhar para a Terra e ver que terras	49	14	gão e dessa tremenda e bonita armadura de guer-	Adição
	22	vêm aparecendo em seu giro sem fim .	50	12	em redor de outro.	Omissão
	23	Naquele momento a face que a Terra exibia era exata-	53	12	no Mar da Serenidade, no Mar dos Humores , no	Substituição
	24	mente a de maior interesse para os meninos . Lá estava bem	54	11	– Os mares, por exemplo, parecem mares	Omissão
58	5	guai, Chile, Perú, Bolívia, etc. Está vendo uma cobra de		12	vistos lá da Terra; mas não são mares, sim imen-	Adição
	6	sombra e luz que vara o continente de ponta a ponta, com		19	para a Terra em seu giro sem fim e ver que conti-	
	9	grande cordilheira cheia de picos de neves eternas. E lá em		20	nentes vão aparecendo .	Ordem
	11	rica Central... Aqueles pontinhos de outra côr na imensi-		21	Naquele momento a face que a Terra exibia	Omissão
	12	dão escura são as ilhas – Cuba e tantas outras...	22	estava completamente escura, porque era dia de		
60	25	tapa . Mas São Jorge acalmou-a e, chamando Emília, po-la	23	eclipse do Sol. Mas, depois de findo o eclipse,	Adição	
	26	ao colo e alisou-lhe a cabeça.	23	quando o Sol voltou a iluminar a Terra, os meni-		
67	9	Todos riram-se, menos São Jorge, que não entendia	25	nos se regalaram . Lá estava bem visível.	Substituição	
			59	32	mando Emília para o seu colo, alisou-lhe a cabeça.	Substituição
72	21	existente desde os começos	67	10	Todos riram-se, menos São Jorge, que não enten-	Substituição
			72	27	deu aquele negocio de latas.	Substituição
73	2	como o espaço é infinito, e os cometas são inumeros, ninguém	73	6	monia universal" e existe desde os começos do mun-	Adição
74	2	pulo até Marte e os outros planetas. Quero muito conhe-	74	10	que como o espaço é infinito, e os cometas não são	Omissão

ANEXO J. Cotejo entre os testemunhos G e I (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)			Testemunho I (1947)			Classificação da variante	
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
77	5	– “Graças a Galileu, meu filho. Graças ao filho da lu-	78	19	– “Graças a Galileu, meu filho. Graças ao	Adição	Omissão
	6	neta astronômica que Galileu inventou, nós daqui enxergamos		20	telescopio , filho da luneta que Galileu inventou,		
79	25	caso dos canais de Marte e dos marcianos eram os que mais	81	13	de Marte e dos marcianos era o que mais o in-	Substituição	Substituição
80	2	ta em seus conjuntos . Puseram-se a prestar atenção às coisas		22	floresta em seu conjunto . Eles puseram-se a		
82	71	ção, e ansiosos por fugir daquele misterioso planeta. Pelo	82	17	a descrição, e ansiosos por fugirem daquele miste-	Substituição	Substituição
83	7	lia saísse com o seu lampeirismo por esse mundo desconhe-	84	7	que Emilia saísse com o seu lampeirismo por este	Substituição	Substituição
84	12	rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com	85	19	lam. E sabem o que o rei está dizendo? Está dizen-	Composição	Omissão
	13	rei está dizendo? Está dizendo a um cara de crocotó (com		20	do a um cara de crocotó (com certeza um ministro)		
85	28	e começou a martelar as peças mais delicadas, quebrando ou	86	28	de martelo e começou a martelar as peças delicadas,	Substituição	Adição
86	8	boneca percebeu que daquele mato não sairia coelho, isto é,	12	saia mais coelho, isto é, que já não havia perigo de			
	14	si e foi dar parte ao rei dos estranhos acontecimentos,	88	18	voltou a si e foi dar parte ao rei dos exquisitos acon-	Substituição	Substituição
88	8	não queria dizer “feito de leite”, como se fazem os queijos e	90	17	como são os queijos e requeijões, e sim que	Substituição	Omissão
91	3	Sol – e ocê sabe, Emilia, quantas vezes a massa do nosso	94	18	e sabe, Emilia, quantas vezes a massa do nosso	Substituição	Substituição
	23	dois! dividiu-se em dois cometas paralelos , cada qual com		6	se em dois cometas de orbitas paralelas , cada qual		
93	24	seu “nucleo”, ou cabeça, e as respectivas caudas .	97	7	com o seu “nucleo”, ou cabeça, e a respectiva	Substituição	Substituição
				8	cauda .		
94	19	– Já seil gritou Emilia. Caiu-lhe na cabeça um desses	98	9	um dos 160 mil pedaços do Biela...	Substituição	Substituição
95	1	Muitas outras coisas ainda disse Pedrinho sobre os		27	Muitas outras coisas ainda disse o menino sobre os		
	2	metas. Só parou quando viu Narizinho bocejar – e então	29	os cometas. Só parou quando viu Emilia bocejar	Substituição	Substituição	
	27	– Achei uma das inconhas! gritou ela. Vou leva-la de	99	24	– Achei uma das duplas! gritou ela. Vou	Substituição	Substituição
96	2	fez lembrar do Burro Falante. Ele com certeza está engan-	100	2	nho, e me fez lembrar do Burro Falante. Com	Omissão	Substituição
	4	como malucos girando pelos espaços, e o meio de descobrir		3	certeza está enganchado na cauda dum desses gran-		
	5	o burro é um só: saímos em procura dele montados em ou-	101	4	espaços; e o meio de o acharmos é um só: saímos	Substituição	Substituição
97	12	esfregou no nariz do cometa uma boa pitada de pó de pir-	102	23	tada do pó de pirlimpimpim.	Substituição	Substituição
98	10	treinada em nossas maravilhas que não ha em que não acre-	102	12	está tão treinada em nossas maravilhas que não há	Substituição	Substituição
			13	nada em que não acredite. E tia Nastacia tambem.			
99	19	– Não se esqueça de me avisar , Pedrinho , quando pas-	103	28	– Não se esqueça de me chamar a atenção	Substituição	Omissão
	25	– Isso não! contestou Emilia . A lira sem-		29	quando passarmos perto da Cabeleira de Bereni-		
	29	moedas na gaveta e entre elas uma lira bem redondinha .	104	1	– Isso não! contestou a boneca . A lira sem-	Substituição	Substituição
100	29	se arrumarem no espaço – como		6	bem redonda .	Substituição	Substituição
	30	voltarem para casa? E Narizinho	33	se arrumariam no espaço – como voltariam para	Substituição	Substituição	
101	28	de atração do cometa grande estava puxando para ele o come-	106	3	xando para si o cometinha. Era talvez por isso	Substituição	Substituição
106	17	Veja que galanteza. Narizinho! Louro que nem macela, de	112	4	a asa. Está desmaiado. Olha que galanteza!	Substituição	Omissão
	21	Teve vontade de come-lo, como quem come um docinho		9	come um doce cristalizado.		
107	19	coíce numa mosca. Minha historia é essa. Agora conte-nos	114	16	Nossa historia é essa. Agora conte-nos a sua.	Substituição	Substituição
109	8	Lá na Terra mostrarei o que é capim, o que é flor, o que é	115	31	mostrarei o que é capim, o que é milho , o que é	Adição	Ordem
	28	voar, vão em caixões cheios de flores para os cemiterios .		32	flor, o que é arvore, o que é tudo. Não tenha		
110	5	o que era. Enquanto Emilia desfazia o embrulho, a menina	117	21	rem viram “anjinhos” – mas em vez de voar, vão	Substituição	Substituição
	9	ocê, disse a boneca oferecendo a bala ao anjinho. Descon-		22	para os cemiterios em caixões cheios de flores . Na-		
	11	bala e por prevenção “ trusse ” esta no bolso. Tome.	6	era. Enquanto a boneca desfazia o embrulho, a	Substituição	Substituição	
			10	para você, disse Emilia oferecendo a bala ao na-	Substituição	Substituição	
			12	guem que merecesse uma bala e por prevenção	Substituição	Substituição	
			13	vim com esta no bolso.	Substituição	Substituição	
112	5	– E é, Pedrinho! respondeu a menina. Um anjinho dos	119	1	– E é de fato um anjo , respondeu a menina.	Adição	Omissão
114	11	culavel. São quiréras de planetas. São os guaruzinhos das	121	32	incalculavel. São quiréras de planetas. São gua-	Omissão	Omissão

ANEXO J. Cotejo entre os testemunhos G e I (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)			Testemunho I (1947)			Classificação da variante		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto			
115	1	– Nada mais canja , menina. A mesma pergunta fiz á	122	29	– Nada mais facil , menina. A mesma per-	Substituição		
	22	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 322 dias – era	123	21	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 332	Substituição		
	26	havia entendido perfeitamente .		26	dade, pois havia entendido mesmo .	Substituição		
	29	Elas também andam girando pelo espaço. Mas como estão		29	te fixas. Elas também andam voando pelo espaço.	Substituição		
	32	– Quando vóvó começa a falar desse planeta até parece		2	até fica que nem a Emília. Diz que é o maior	Substituição		
33	a Emília. Diz que é o maior assombro dos ceus , uma beleza	3	dó ceu , uma beleza que nem em sonhos podemos		Omissão	Substituição		
116	4	– Dez, sim, e tres delas mais proximas do que a nossa	7		– Dez, sim e tres delas mais proximas de	Adição		
	5	Lua é próxima da Terra. E eu tenho aqui em meu cader-	8	Saturno do que a nossa Lua o é da Terra. E eu	Substituição			
	8	– Não precisava explicar. Quem não adivinha isso ?	12	nha semelhante coisa ?	Substituição			
	14	berrou Emília, que estava com o anjo adormecido no colo.	18	finhas! adivinhou Emília, que estava com o anjo	Substituição			
	16	que a Lua da Terra, confirmou Pedrinho. Que beleza não	21	Saturno do que a Lua o é da Terra, confirmou Pe-	Adição			
	17	deve ser, hein? Uma lua só no céu da noite já é tão bonito,	22	drinho. Que beleza não deve ser, hein? Uma lua no céu	Omissão			
	117	1	– Ah, vóvó explicou muito bem, respondeu Pedrinho.	30	– Ah, vóvó explicou tudo muito bem. Como	Adição		
21		metro de espessura. Pois se guardasse essa proporção, sabe	31	ela sabe! Esses aneis são tres, ou um só dividido	Adição			
23		quilometros – vóvó já fez a conta. Mas a espessura do disco	22	milimetro de espessura. Pois nessa proporção,	Substituição			
24		é só de 60 quilometros. Logo, o disco é proporcionalmente	25	Mas a espessura do disco de Saturno é só de 60 qui-	Adição			
118	3	– O mais interessante que vóvó me contou, disse ele ,	9	– O mais interessante que vóvó me contou,	Omissão			
	4	foi o que os sabios imaginam da vida em Saturno. Tudo é	10	foi o que os sabios imaginam da vida em Saturno.	Substituição			
	32	– Então, disse ela , os saturninos ainda têm mais croco-	10	– Isso quer dizer que os saturninos ainda têm	Substituição			
119	25	Querida ser saturnino. Que delicia, hein? O dia inteiro com	128	10	sado da Terra. Querida ser saturnino. Delícia	Substituição		
122	13	longe um do outro . Por fim acertaram o jogo.	131	10	– Isso quer dizer que os saturninos ainda têm	Omissão		
123	19	O saturnino virou o telecrocotó em certa direção e	132	26	O saturnino virou o telecrocotó em certo ru-	Substituição		
124	22	universo, o que falou da vida em	133	26	universo, o que falou a respeito de Sirio e outras es-	Substituição		
125	8	vezes mais. Dona Benta, por exemplo, não viverá lá na	134	10	Benta, por exemplo, não viverá na Terra mais que	Omissão		
	14	ainda muito pouco evoluídos, seres muito rudimentares. Não		17	dos, seres bastante rudimentares. Não passam de	Substituição		
	24	Com o pouco peso que tinham , a coisa seria facilima e deli-		30	sentiam , a coisa seria facilima e deliciosa – e pu-	Substituição		
	31	O burro sentiu uma vontade imensa de aceitar o con-	135	6	o convite . Nunca havia brincado em toda a sua	Substituição		
32	selho . Nunca havia brincado em toda a sua vida e a oca-	137		19	indicava . Encontrou a pobre negra fritando boli-	Substituição		
10	Narizinho foi correndo á cratera que o santo indicou ,		20	nhos, mas com o ar mais descolado desta vida.	Adição			
128	11	Encontrou a pobre negra fritando bolinhos com o ar mais	138	20	– Dragão que urra não morde, bobona! São	Substituição		
3	– Dragão que urra não morde, boba! disse a menina .	21		Jorge afirma que é mais manso que um cordeiro.	Omissão			
4	Diz São Jorge que é mais manso que um cordeiro.	139		4	está ali. E é um bom garfo, sabe? Comeu uma	Adição		
16	– Coitado! suspirou a negra. Santo bom está ali. É		5	panqueca que eu fiz e lambeu os beiços que nem o	Adição			
130	14	Burro Falante. Ninguém ouviu o que disseram, mas o caso	139	26	que disseram, mas o caso é que Emília voltou com	Substituição		
	15	foi que Emília voltou com um embrulhinho muito mal feito.		140	25	paina, o pote d'água, ajudou Emília.	Substituição	
13	pote d'água, acrescentou Emília.	27	E lá fora há os animais, a vaca mocha, o Burro Fa-		Adição			
15	fora os animais, a vaca mocha, o Burro Falante, o senhor	142	1		– "Você também, Emília, consolou-a dona Benta . Nun-	Substituição		
9	– "Você também, Emília, consolou-a dona Benta . Nun-		3	– "Você também, está claro, porque nunca	Omissão			
11	inteligente do que você .		28	menores, como aqui o do tio Barnabé. Os sate-	Adição			
33	aqui o do tio Barnabé.		29	lites .	Substituição			
133	7	– "E você, Pedrinho, é Marte, o mais brigão . E tia	143	5	– "E você, Pedrinho, é Marte, o mais valente .	Substituição		
	17	talvez, um sistema planetario.		16	telescópio, é também um sol com, talvez, o seu sis-	Substituição		
	25	de todos nós por aqui – nós, planetas; nós, plantas; nós, bi-		26	deles. O Sol é o pai de todos nós aqui – nós pla-	Omissão		
134	28	sensação no mundo científico . Numerosos artigos foram pu-	145	4	saram a maior sensação no mundo da ciencia . Nu-	Substituição		
135	1	ainda estavam nisso, quando foi inaugurado o enormissimo		14	gigantesco telescópio de Palomar, na California.	Substituição		
5	logo descobrir o misterio das perturbações celestes: os famo-	17		potentissimo oculo de alcance puderam eles des-	Substituição			
139	8	– Estou sem cozinheira. Sentem-se por aqui enquanto	149	9	– Estou sem cozinheira. Sentem-se por aul en-	Composição		

ANEXO J. Cotejo entre os testemunhos G e I (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)			Testemunho I (1947)			Classificação da variante
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto	
140	16	– Crocotó é uma coisa que a gente não sabe bem o	150	19	– Crocotó é uma coisa que a gente não sabe	Omissão
				20	o que é. Crocotó é tudo que sai para fora de	
141	30	– Só fazendo calculos, Pedrinho, lembrou a menina.		9	– Só fazendo calculos astronomicos , lembrou a menina.	Adição
	5	– Em 1758! Halley previu isso por meio de calculos.	152	20	– Em 1759! Halley previu isso por meio de	Substituição
	12	ponto indicado e no ano que ele disse – 1758 . Só que em		28	disse – 1759 . Só que em vez de aparecer em	Substituição
	16	rece de 76 em 76 anos.		32	só aparece de setenta e tantos em setenta e tantos	Substituição Adição
	24	tatalino na matemática. Depois de 1758 outros astronomicos		9	de 1759 outros astronomicos calcularam que o cometa	Substituição
	25	calcularam que o cometa ia aparecer de novo no dia 24 de	153	10	ia aparecer de novo em 1835 e a 24 de maio de 1910.	Adição Substituição
	28	– Apareceu, sim. Vóvó o viu muito bem. Mas apa-		12	– Apareceu, sim. Vóvó o viu muito bem quan-	Substituição
	29	receu no dia 6 de maio. O erro foi ainda menor – só de 18		13	do apareceu em 1910 , no dia 6 de maio. O erro foi	Adição
144	21	mou a menina. E foi espiar. “Chi, Pedrinho!” disse ela .	155	11	Pedrinho! A sala de jantar está cheia de corpos	Omissão
	14	– E essa criança linda? perguntou ele apontando.	156	11	– E essa criança linda? perguntou, apon-	Omissão
	22	Narizinho. É um anjo – é um anjo de asa quebrada – a		21	vóvó! gritou Narizinho. É um anjo de asa quebra-	Omissão
	4	sorriso, a boneca empertigou-se toda e desceu a lenha .		9	toda e replicou :	Substituição
	18	Emilia pôs as mãos na cintura e disse :	157	25	Emilia pôs as mãos na cintura.	Omissão
	22	coruja? Pouco se me dá que os senhores acreditem ou não		30	dá que os senhores acreditem ou não que estive-	Adição
	23	que estivemos na Via Latea. Estivemos e acabou-se. E		31	mos ou não estivemos na Via Latea. Estivemos e	
147	8	mesa e, sem mais explicação , retirou-se da sala, seguido dos	158	19	ergueu-se da mesa e, sem mais explicações , retirou-	Substituição
	5	andando – e tropeçou na vaca mocha, sempre deitada no	159	5	tropeçou na vaca mocha, ali deitada, e caiu um	Substituição Omissão
	6	mesmo lugar, caindo um grande tombo no chão.				
	14	Os meninos tinham tanta coisa a contar, que mesmo de-		3	Os meninos tinham tanta coisa a contar, que	Omissão
				4	depois de tomado o café ainda ficaram na mesa	
	19	trelas e cometas novinhos, calcule! E, por falar nisso, Emilia ,	160	10	vinhos, calcule! E, por falar nisso, onde estão as	Ordem
	20	onde estão as estrelinhas que você trouxe?		11	estrelinhas que você trouxe, Emilia?	
	29	panto de dona Benta também tirou do bolso mais estrelas –		20	e com grande espanto da vóvó também tirou do	Substituição
	15	mãos na toimeira foi ver o que a patroa queria .	161	10	de lavar as mãos na bica foi ver o que a patroa	Substituição
	21	– Nem queira saber, sinhá! disse ela . De manhãzinha, naquele		11	desejava .	Substituição
	35	– Por que? Que ideia...		17	– Nem queira saber, sinhá! Crêdo! De	Substituição
			162	1	– Por que?	Omissão
	4	é uma danada, avançou na frente e esfregou o tal pó ma-		5	E então Emilia, que é uma danada, avançou sem	Substituição
				6	medo e esfregou o tal pó magico no nariz do burro.	
	30	tinha do dragão. Que bicho feio, sinhá! Dava cada zurro		5	medo que tinha do dragão. Que bicho feio, crêdo!	Substituição
	3	aneis no dedo – sinhá acredita?	164	11	tal mundo que tem aneis no dedo – será possível?	Substituição
	19	– Está claro, disse dona Benta . Desde que é anjo, tem		29	– Está claro. Desde que é anjo, tem que ser	Omissão
	20	que ser bom.		27	bom e bem comportado .	Adição
	28	pois reaparecia furiosa.	165	5	tos depois reapareceu furiosa.	Substituição
	30	go sura que deu outro péga no dr. “Livinsto” e comeu o resto		7	o frango sura que deu outro pega no protestante	Substituição

ANEXO K. Cotejo entre os testemunhos I e J (filtro variantes idênticas)

Testemunho I (1947)			Testemunho J (1948)		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto
4	8	SÓ VOLTA NO COMEÇO DE MAIO.	8	5	SÓ VOLTA NO COMEÇO DE MAIO.
9	24	nado dos braços e das pernas, salgadinho, todo	13	17	na cabeça, depenado dos braços e das pernas, salgadinho,
12	10	– É, sim, Nastacia. Tanto que já arranjou	15	29	– É, sim, Nastacia. Tanto que já arranjou
16	12	çada também se reunira ali. Pedrinho, de cocoras	19	12	reunira ali. Pedrinho, de cocoras no ultimo degrau da es-
26	26	– E a tal Cabeleira de Berenice, que a se-	29	10	– E a tal Cabeleira de Berenice, que a senhora falou
34	10	levantamos muito cedo para assistirmos ao nascer	36	23	tarmos muito cedo para assistirmos ao nascer do sol e agora
78	19	– “Graças a Galileu, meu filho. Graças ao	76	11	– “Graças a Galileu, meu filho. Graças ao telesco-
78	20	telescópio, filho da luneta que Galileu inventou,	76	12	pio, filho da luneta que Galileu inventou, nós daqui enxer-
85	19	lam. E sabem o que o rei está dizendo? Está dicen-	82	17	o que o rei está dizendo? Está dizendo a um cara de
85	20	do a um cara de crocotó (com certeza um ministro)	82	18	crocotó (com certeza um ministro) que o planeta foi inva-
101	23	tada do pó de pirlimpimpim.	96	8	esfregou no nariz do cometa uma boa pitada do pó de pir-
104	6	bem redonda.	98	34	veta e entre elas uma lira bem redonda.
117	13	vim com esta no bolso. Tome. O anjinho tomou	110	14	bala e por prevenção vim com esta no bolso. Tome.
121	32	incalculavel. São quiréras de planetas. São gua-	114	29	culavel. São quiréras de planetas. São os guarúsinhos
123	21	– era Venus. Outro ia e vinha em 1 ano e 332	116	9	e 332 dias – era Marte. Outro ia e vinha em 11 anos e
124	8	Saturno do que a nossa Lua o é da Terra. E eu	116	25	Lua o é da Terra. E eu tenho aqui em meu cader-
124	21	Saturno do que a Lua o é da Terra, confirmou Pe-	117	1	do que a Lua o é da Terra, confirmou Pedrinho. Que beleza
156	11	– E essa criança linda? perguntou, apon-	144	7	– E essa criança linda? perguntou, apontando.
162	1	– Por que?	148	31	– Por que?

ANEXO L. Cotejo entre os testemunhos G e J (filtro linha)

Testemunho G (1945)		Testemunho J (1948)		Classificação da variante
Página	Linha	Página	Linha	
12	14	8	13	Substituição
12	26	8	26	Omissão
15	24	13	6	Substituição Substituição
18	28	16	4	Adição
19	20	16	31	Substituição
20	14	18	14	Substituição
21	34	20	8	Substituição
22	3	20	12	Substituição
22	15	20	24	Omissão
22	21	20	30	Adição
		20	31	
24	29	23	15	Substituição
24	30			Substituição
26	9	25	4	Omissão Substituição
27	19	26	11	Substituição
28	19	27	8	Omissão
30	14	28	31	Substituição
31	28	30	4	Adição
31	33	30	11	Omissão
35	10	33	13	Substituição
35	16	33	19	Substituição
37	13	35	13	Omissão
37	27	35	27	Omissão
38	18	36	22	Omissão Adição Substituição
38	19	36	23	
38	28	36	32	Substituição
40	1	37	27	Substituição
40	12	38	6	Omissão
41	27	40	2	Substituição
43	4	41	13	Substituição
43	20	41	21	Omissão
43	21			
43	22			
44	21	42	17	Substituição
44	30	42	26	Omissão
45	11	43	4	Adição
45	12			
45	19	43	8	Omissão
46	35	44	18	Omissão
47	33	45	8	Adição
52	2	49	33	Omissão
52	3	49		

(cont.)

ANEXO L. Cotejo entre os testemunhos G e J (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)			Testemunho J (1948)			Classificação da variante		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto			
54	15	– Nesse caso, quantos dias de 24 horas tem o ano aqui?	51	29	– Neste caso, quantos dias de 24 horas tem o ano	Substituição		
56	9	– Os Mares, por exemplo, disse ele , não são mares, são	53	13	– Os Mares, por exemplo, não são mares, são imen-	Omissão		
56	16	tão diferentes que são dos da Terra. Isso de 15 em 15 dias	53	19	qui, de tão diferentes dos nossos lá da Terra. Isso de 15	Omissão	Adição	
56	30	– Por falar em cratera, como há disso por aqui! obser-	54	1	– Por falar em cratera, como há disso aqui! obser-	Omissão		
59	21	cobriu que a famosa Rússia devia ser numas terras muito des-	57	9	descobriu que a famosa Rússia devia ser numas terras quasi	Substituição		
60	2	e ele volta para cima da gente.	57	24	gente joga e ele volta e vem cair em cima da gente.	Adição		
60	21	– Pois existe , continuou Emilia sempre com	58	10	– Pois está , continuou Emilia sempre com o olho em	Substituição		
62	7	punho – e lá no céu aquela enorme "lua" quatro vezes do	59	23	vezes o tamanho do sol – tudo isso era mais que bastante	Substituição		
74	5	– Pois até anel esse diabo tem? É algum dragão?				Omissão		
74	7	que era, prometeu contar tudo na volta.	73	2	que era Saturno , prometeu contar tudo na volta.	Adição		
74	14	– Tudo pronto? perguntou.	73	9	– Tudo arrumado? perguntou.	Substituição		
76	32	– e apontou para o cedrão do pasto. Veja . Não há na-	76	3	belezas como aquela – e apontou para o cedrão do pasto.	Omissão		
80	10	via verdes, e as formas não lembravam as plantas da Terra .	79	7	via verdes, e as formas não lembravam as nossas plantas.	Omissão		
82	3	mãos, maiores e menores; e no lugar em que devia ser a cara	80	4	devia ter a cara há mais crocotos – tudo muito diferente	Substituição		
86	14	si e foi dar parte ao rei dos estranhos acontecimentos.	85	4	a si e foi dar parte ao rei dos prodigiosos acontecimentos.	Substituição		
87	24	meninos enxergavam no céu, Emilia veio com a asneiri-				Substituição		
87	25	nha do costume. Estavam na varanda, por uma noite muito	86	5	com as asneirinhas do costume. Estavam na va-	Substituição		
91	19	ser "massa mundica" e não massa cosmica .	90	17	ser "massa mundica".	Omissão		
91	25	graudas sobre outras, tal qual lá no Sítio pulava dum cupim	90	23	graudas sobre as outras, tal qual lá no Sítio pulava dum	Adição		
93	1	– E' a forma dos balões dirigíveis ou daqueles bolinhos	91	20	– E' a forma dos balões dirigíveis ou daqueles bolos	Substituição		
93	2	compridos que Nastacia faz . Os cometas passam muito	91	21	ovais que Nastacia costuma fazer . Os cometas passam.	Substituição		
93	9	ta-se 1 bilhão e 300 milhões de leguas! Quando chega no	91	29	Quando chega ao extremo da elipse, sente-se tão enrege-	Substituição		
93	14	girasse sempre á distancia em que a Terra gira , porque então teria	92	2	girasse sempre á mesma distancia, porque então teria um	Adição	Omissão	
93	32	– Depois decorreram diversos periodos de seis anos e	92	21	– Depois decorreram uns tantos periodos de 6 anos	Substituição		
95	2	metas. Só parou quando viu Narizinho bocejar – e então	93	28	cometas. Só parou quando viu a boneca bocejar – e	Substituição		
95	13	– Que é hipótese, Pedrinho? perguntou Emilia. Dona	94	6	– Que é hipótese? perguntou Emilia num bocejo .	Adição		
95	32	no meu cavalinho sem rabo? e sem esperar resposta arran-	94	25	ta no meu cavalicoque sem rabo? e sem esperar resposta	Substituição		
96	1	– Você falou em cavalo, Emilia, disse Pedrinho, e me	94	29	– Por falar em cavalo, Emilia – e o nosso Burro	Omissão	Adição	Ordem
96	2	fez lembrar do Burro Falante. Ele com certeza está engan-	94	30	Falante? Pobre conselheiro!... Está com certeza en-	Substituição		
96	4	como malucos girando pelos espaços, e o meio de descobrir				Substituição		
96	5	o burro é um só: saímos em procura dele montados em ou-	94	33	descobri-lo é um só: saímos todos em sua procura, mon-	Substituição		
96	7	aqui encontremos um cometa já crescidote que nos aguenta	95	1	E' possível que encontremos aqui um cometa já cresci-	Ordem		
97	9	montou de novo e berrou para Pedrinho:	96	5	Depois montou de novo e:	Omissão		
98	28	importante ser criança do que ser uns homens de bigodes	98	5	importante ser criança do que uns homens de bigodes	Omissão		
99	16	Todos se admiravam da sabedora de Pedrinho. Parece	98	22	Todos se admiravam da sabedora de Pedrinho. Pa-	Substituição		
99	22	– E aquela lá longe é a constelação da Lira, conti-	98	23	recia saber de cór todas as estrelas do céu. Em certo	Substituição		
99	25	– Isso não! contestou Emilia. A lira sem-	98	28	– E aquilo lá longe é a constelação da Lira, conti-	Substituição		
99	28	– Essa eu não engulo! A lira sempre foi redonda.	98	31	– Essa eu não engulo! A lira sempre foi redonda.	Substituição		
99	28	– Sim, sim, insistiu a bobinha . Dona Benta tem varias	98	33	– Sim, sim. Dona Benta tem varias moedas na ga-	Omissão		
99	31	– Boba! A lira dessa constelação não é a lira moeda	99	2	– Boba! A lira dessa constelação não é lira moeda	Omissão		

ANEXO L. Cotejo entre os testemunhos G e J (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)		Testemunho J (1948)		Classificação da variante			
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto		
100	2	cando a lira"? quis saber a boneca.	99	7	– E não se pode dizer "tocando a lira" , como se diz	Adição	Omissão
			99	8	"tocando violino"?		
100	20	– Acuda! berrou Narizinho	99	19	– Acudam! berrou Narizinho na maior aflição. Pe-	Substituição	
101	5	nenhuma. É ficarmos agarradinhas a este cometa e deixar-	99	34	nenhuma. E' ficarmos agarradinhas a este cometa e dei-	Substituição	
101	6	mo-lo correr pelo espaço até que se canse e pare. Depois	99	35	xarmos que ele corra pelo espaço até que se canse e pare.	Substituição	
101	24	cauda avançando na direção do delas. Pelo jeito os dois	100	18	iam os dois encontrar-se e chocar-se – e ai do pequenino!	Ordem	
101	25	iam encontrar-se e chocar-se – e ao do pequenino! Nari-					
101	28	de atração do cometa grande estava puxando para ele o co-	100	21	que a força de atração do cometa grande estava puxando	Omissão	
101	29	metinha. Era talvez por isso que a velocidade aumentara	100	22	o cometinha. Era evidentemente por isso que a velocidade	Adição	
102	28	A boneca arregalou os olhos e esfregou-os.	101	23	A boneca esfregou os olhos.	Substituição	
103	11	falantes.	102	9	animais da Fabula.	Substituição	
104	19	burro? perguntou Emilia.	104	12	– E esta com fome, senhor burro?	Omissão	
106	3	nova naquelas alturas.	105	10	criança naquelas alturas.	Omissão	
106	17	Veja que galanteza, Narizinho! Louro que nem macela, de	105	25	maiado. Olhe que galanteza, Narizinho! Louro que nem	Substituição	
106	21	Teve vontade de come-lo, como quem come um docinho	105	29	Teve vontade de come-lo, como quem come um bombom	Substituição	
109	20	que o anjo não percebesse: "Épé mapaispis buporripinhopo	109	18	para que o anjo não percebesse: "Épé mapaispis bupur-	Substituição	
109	21	dopo quepe opo prinpicipicepe Espescapamapadopo." (É	109	19	ripinhopo dopo quepe opo prinpicipipepe Espescapama-	Substituição	
110	3	bruilhinho em papel de seda que lá guardara no dia da partida	110	6	bruilhinho de papel de seda que lá guardara no dia da	Substituição	
110	16	– É sua, bobinho! disse Emilia. Ponha na boca e	110	19	– E' sua, bobinho! disse Emilia. Ponha-a na boca e	Adição	
111	12	– Como sabe que é o cometa de Halley? duvidou a	111	19	– Como sabe que estamos no cometa de Halley? du-	Substituição	
112	4	anjinho...	111	30	Parece um anjo...	Substituição	
112	21	havia passado pela sua imaginação.	112	6	lhe havia passado pela imaginação.	Adição	Omissão
120	4	no, mas antes disso consultaram o Burro Falante.	121	4	Saturno, mas antes disso consultaram o Burro.	Omissão	
			121	5	– Sim. Honremos aos mais velhos foi a sua	Adição	
			121	6	resposta.	Adição	
123	4	tinham telecocotós. São os tais teleolhos...	123	29	eles tinham telecocotós.	Omissão	
123	31	deixarem uma tão boa creatura largada sozinha naquele pla-	124	23	crime deixarem uma tão boa vóvó largada sozinha naquele	Substituição	
128	5	aqui. Continua tão boba como no primeiro dia. E não	128	9	tuma, nem consegue dominar o medo que tem do dragão. Já	Omissão	Substituição
128	7	quei que o meu dragão é o que há de inofensivo, mas de	128	10	lhe expliquei o que o meu dragão é o que há de inofensivo,	Adição	
128	33	– E o dragão? Como se tem arrumado com o dragão?	129	1	– E o dragão? Como se tem arrumado com ele?	Substituição	
131	10	com meu consentimento. Há aqui estes objetos caseiros –	131	19	minhas terras, com o meu consentimento. Há aqui estes	Adição	
131	32	Dona Benta sorriu de gosto diante da esperteza do neto.	132	15	Dona Benta sorriu de gosto diante da esperteza de	Substituição	
			132	16	seu neto.		
133	9	a vaca mocha – sempre lá fora, já mais longe aqui do	133	28	é a vaca mocha – sempre lá fora, já longe aqui do	Omissão	
133	32	tentar a grande aventura, com o fim de ver com os proprios	134	17	tentar a grande aventura, com o fim de verem com os pro-	Substituição	
134	13	um satelitezinho pernudo!...	134	31	como um astro pernudo!...	Substituição	
134	22	perninhas, braços e chapéu de explorador africano, com fiti-	135	5	redondo, tinha pernas, braços e chapéu de explorador	Substituição	
135	5	logo descobrir o misterio das perturbações celestes: os famo-	135	23	de alcance puderam descobrir o misterio das pertur-	Omissão	
135	7	Enquanto isso, a pobre vóvó suspirava sentidamente lá	135	26	Enquanto isso, a pobre vóvó suspirava sentidamente	Omissão	
			135	27	em sua redinha da sala de jantar. Seus amados netos ha-		
138	32	mões gritou:	138	17	pulmões gritou na direção do ceu:	Adição	
139	16	altura da cabeça.	138	34	altura do queixo.	Substituição	

(cont.)

ANEXO L. Cotejo entre os testemunhos G e J (filtro linha) (cont.)

Testemunho G (1945)			Testemunho J (1948)			Classificação da variante		
Página	Linha	Texto	Página	Linha	Texto			
140	13	– A Emilia gosta de usar termos de suas invenção e ás	139	13	– Emilia gosta de usar termos de suas invenção e	Omissão		
141	3	– Essa mesma? quis saber Emilia, apontando para a	140	8	– Essa mesma que usa aqui?	Omissão	Adição	
141	4	lança no colo do santo.						
142	32	menino...	142	5	garoto.	Substituição		
144	13	e o anjinho desceram no pasto, perto do cupim gran-	143	4	tacia e o anjo aterrissaram no pasto, perto do	Substituição		
145	18	oculos e olhou, e com o maior dos espantos deu com a ma-	144	11	pôs os oculos e olhou, e no maior dos espantos deu com	Substituição		
146	4	sorriso, a boneca empertigou-se toda e desceu a lenha.	144	33	aquele sorriso, a boneca empertigou-se toda e redarguiu:	Substituição		
146	29	admitir que você insulte em nossa casa estes lumiares da	145	26	posso admitir que você insulte em nossa casa tamanhos	Substituição		
148	9	– Passe muito bem, seu cara de coruja que comeu	146	22	– Passe muito bem, seu cara de coruja seca!...	Substituição		
148	10	amora!...						
149	10	– Este mundo está perdido! dizia ela. Quando eu ha-	148	6	iria eu pensar que até santos e anjos haviam de comer	Substituição		
149	11	via de pensar que até os santos e os anjos						
149	21	– Nem queira saber, sinhá! disse ela. De manhãzinha,	148	16	– Nem queira saber, sinhá! Bem de manhãzinha,	Omissão	Adição	
150	2	tambem. Mas o tal bicho, que era verde, avançou para o	149	2	Mas o tal bicho, que era verde, adiantou-se para o	Substituição		
150	22	pondeu e disse que eu ficava só por uns dias – e fiquei, sinhá	149	24	dias – fiquei, sinhá, fiquei feito cozinheira de São Jorge.	Omissão		
151	29	– Não foi nada de grave, sinhá, disse ela. Foi o fran-	152	3	– Não foi nada de grave, sinhá. Foi aquele tal	Omissão		